



Teófilo Braga

TEÓFILO
BRAGA

Teófilo Braga nasceu em Ponta Delgada a 24 de Fevereiro de 1843. Historiador e poeta, pensador e político, a sua individualidade é a mais alta individualidade mental portuguesa do século XIX. Discípulo da Filosofia Positiva, membro do Comité Positivo Oriental, Teó-

filo é o documento vivo do valor dessa Filosofia, da tenacidade que só ela é capaz de produzir, da resignação serena e humana que só ela é capaz de criar, e da coerência sistemática que só nela se encontra. Poeta, tem a *Visão dos Tempos*, poema, pela conceção e pelo alcance filosófico, superior à tentativa de Hugo, a *Lenda dos Séculos*. Os sonetos de amor esparsos por esses quatro longos volumes, alguns trechos, como a *Sphinge*, *Ondina do lago*, são mesmo, na fármā, belezas. Sociólogo, tem, como obra especialista, o *Sistema de Sociologia* que é pouco conhecido porque o público português prefere a sociologia pataqueira. Historiador, tem a *História da Universidade*, obra monumental que só por si marcaria um homem, e a patriótica *História da Literatura* que só tem paridade, pelo seu alcance nacional, nos *Lusíadas*. Político, tem os seus opúsculos, as suas conferências, os seus discursos. E em milhares e milhares de páginas que nos deixa, não há uma página de retórica. Figura assombrosa, num país de palradouros.

TEÓFILO BRAGA

História popular de Portugal ... no prelo

Visão dos Tempos

<i>Epopeia da Humanidade</i> (Edição integral) 4 vol. br. \$840, enc.	\$820
<i>Bodas de Ouro na Literatura</i> (1858 a 1908). Versões poliglotas da Visão dos Tempos, br. \$60, enc.	\$80

Alma portuguesa

Rapsódias da grande Epopeia dum pequeno Povo

<i>Viriato</i> , Narrativa epo-histórica. 1 v. br. \$60, enc.	\$80
<i>Frei Gil de Santarém</i> (Fausto português), 1 vol. br. \$60, enc.	\$80
<i>Os Dóze de Inglaterra</i> (Poema), 1 vol. br. \$50, enc.	\$70
<i>Gomes Freire</i> (drama histórico), 1 vol. br. \$60, enc.	\$80
<i>D. Inês de Castro</i> no prelo	

História da Literatura portuguesa

<i>Introdução e Teoria da História da Literatura portuguesa</i> , 1 vol. br. \$70, enc.	\$90
<i>Bernardim Ribeiro e o Bucolicismo</i> , 1 vol. br. \$70, enc.	\$90
<i>Gil Vicente e as origens do Teatro nacional</i> , 1 vol. br. \$80, enc.	1\$00
<i>Escola de Gil Vicente e o desenvolvimento do Teatro nacional</i> , 1 vol. br. \$80, enc.	1\$00
<i>Sá de Miranda e a Escola italiana</i> , 1 vol. br. \$70, enc.	\$90
<i>Jamões — Vida e Época</i> , 1 grosso vol. br. 1\$20, enc.	1\$45
— <i>Obra</i> (Bibliografia camoniana), 1 vol. br. 1\$20, enc.	1\$45
<i>Camões e o Sentimento nacional</i> , 1 vol. br. \$60, enc.	\$80
<i>A Arcádia lusitana</i> , 1 v. br. 1\$00, enc.	1\$25
<i>Filinto e os Dissidentes da Arcádia</i> , 1 vol. br. 1\$20, enc.	1\$45



OBRAS

COMPLETAS

I

POESIA

PORTO — TYP. DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA

Cancella Velha, 70

OBRAS POETICAS COMPLETAS

VISÃO DOS TEMPOS

EPOPÉA DA HUMANIDADE

POR

THEOPHILO BRAGA

EDIÇÃO INTEGRAL

TOMO I

CYCLO DA FATALIDADE



PORTO

Livraria Internacional de Ernesto Chardron

Casa editora

M. LUGAN, SUCCESSOR

1894

Todos os direitos reservados

A

THEOPHILO E MARIA DA GRAÇA

Anima tendamus ad illos

*Encerrado Ugolino em negra torre
Escuta os filhos, sob a acerba púa
Da fome: — A carne que nos déste, é tua,
D'estes restos de vida te soccorre... .*

*E vós, filhos! após um o outro morre!
Hora tremenda, incomportavel, crua!
Como reflecte o aziago mar a lua,
Vossa imagem à mente anciada ocorre;*

*E me perguntam com dorido pranto:
« Pois soubeste cercar-nos de amor tanto,
« Ah, não nos deixardás morrer de todo! »*

*Eu... fico-me pensando por que modo
Vença a lei bruta que da luz os priva,
E os torne à infinda vida subjectiva.*

AOS POETAS

DA

MAIOR DOR HUMANA

*Quando seguia os laboriosos trilhos
Da carreira da vida, — ignotas vias
Que nos conduzem á lethal estancia,
Entes queridos! malogrados filhos!
No meio das suaves alegrias
 Da descuidada infancia,
Como as flores, que esfolha uma rajada,
Como se obumbra a rutila alvorada,
Foi-vos a doce infancia decepada.*

*Lei bruta da materia! Ao vér-vos, frios
Na mudez da insensibilidade,
Clarão extinto por cruento norte,
Comprehendi no silencio e magestade
Do semblante inexpressivo — a Morte,
 E os mysterios sombrios
Que preoccupam sempre a humana raça,
Que entre prantos, qual bando de aves, passa
Impellida por tétrica ameaça.*

*A Morte! a Morte! como triumphar d'ella?
 Como transpór essa hórrida voragem,
 Sem que a faminta guela
 Para quem nasce — sempre escancarada,
 Não se atravesse à vida na passagem?
 Quanto melhor não fôra o nada! o nada!
 Livres d'esta miseria
 De uma lei cega e absurda da materia!
 Que trunca o genio, o amor e a união mais seria.*

*Na apathia moral que a dôr imprime,
 Submisso á dôr caiu inerte o Oriente,
 Qual cae o braço que acovarda um crime,
 E a Morte, a Morte como um bem aceita!
 Contra a morte, reage no Occidente
 A grande raça eleita
 Que busca na Sciencia outra firmeza,
 Surprehendendo as leis da natureza,
 Em que funda a intrepida defeza.*

★

*Ah! mas como vencer a lei da morte?
 Anciosa a mente do homem não descansa
 D'essa tragica lida!
 Não ha Religião que não conforte
 Com os sonhos da bemaventurança,
 Com esperanças de uma outra vida!
 E ao triste que succumbe, e ao que suspira
 Na illusão pavorosa em que delira,
 Embala-os phantastica mentira.*

— *Espirito immortal! — Pelas Escholas
Proclamam-te os philosophos austeros,
Do sér pondo patentes os dominios!*
 E nas miragens tolas,
Na amorosa ficção de Psyche e Eros,
Entretecem os vagos raciocinios
Dando ao homem privilegiada palma,
A elle — a immortalidade d'alma —
Com que o horror da destruição accalma!

A Morte! a Morte! estaca a dórr e a sciencia
Ante esta opaca e solida fronteira,
 Deixando o atroz problema!
Não succumbiu na lucta a consciencia:
 Ella achou a maneira
De condensar dos seculos no poema
A tradição ideal, emoção viva
Que prolonga a existencia subjectiva,
E torna real a esperança fugitiva.

*

Entes queridos! malogrados filhos!
Mortos quando irrompiam alegrias
 Da descuidada infancia;
Dos vossos olhos fulgirão os brilhos.
 E essa casta fragrancia
Que aureolára da vida os breves dias
Da jucunda, incipiente mocidade,
Achou na voz dos Poetas a piedade
Que vos torna immortaes na Humanidade.

PROEMIO

A vista synthetica da Historia universal, tomando cada raça, cada nação, como orgãos que foram produzindo o crescente dominio da consciencia sobre os instinctos, e das potencias moraes sobre as forças da natureza, estabelecendo a relação de continuidade do passado com o presente, tornou possivel a idealisação de todos esses progressos attingidos pelo esforço da vontade, como o thema da *Epopéa da Humanidade*, em que a solidariedade da especie se ilumina em uma grande synthese poetica.

É esta a definitiva phase da Arte, correlativa á transformação da Philosophia no fim do seculo XIX; cada systema philosophico tem alargado o ideal dos poetas, e é por esta intima relação que o valor das duas syntheses se aprecia com segurança. A Philosophia, que systematisou a Sociologia como o phenomeno em que mais se accentua a generalidade decrescente e a complicação crescente, ligando-o ás leis geraes do universo; que restabeleceu o encadeamento da Historia pela justa apreciação da Edade-média, e da acção da Egreja, bem como do criticis-

mo encyclopedista; que esclareceu a marcha da Revolução occidental desde o seculo XIII ao fim do seculo XVIII como a transição do regimen theocratico-feudal para a democracia, preliminar final para o estado normal da Sociocracia; que fundou a mutua dependencia dos tres phenomenos caracteristicos do nosso sér, *sentimentos, pensamentos e actos*, os quaes explicam todas as manifestações da existencia collectiva e individual,— essa Philosophia, dando a suprema preponderancia á parte affectiva, não podia deixar de sugerir á imaginação o grande quadro do triumpho da Humanidade, revelada no lyrismo do sentimento, no drama do conflicto dos interesses e ideias, e na Epopêa da sua inexgotavel actividade. Tal fôra o voto de Augusto Comte presagiando o advento da Epopêa nova resultante do acordo e acção commun dos estados do Occidente; o grande espirito formulou os contornos psychologicos, ou o fio subjectivo, que deve ligar através dos seculos e das luctas dos povos o drama objectivo da Historia. Sem este nexo subjectivo, implicito nos conflictos da Historia, esses quadros, por mais perfeitos e commoventes, ficariam sempre fragmentarios e artificialmente juxtapostos. O philosopho abriu o caminho aos poetas ¹.

¹ No *Systema de Politica positiva*, t. iv, pag. 482, traça Augusto Comte a estructura da Epopêa humana em quanto ao seu encadeamento psychologico, a que procuramos dar o relêvo poetico.

Através das fórmas sociaes, das constituições politicas, das crenças religiosas, das migrações das raças, das luctas internacionaes e das concepções mentaes, é possivel seguir o nexo subjectivo das impressões fundamentaes, que dirigiram os actos do homem. É o drama da Consciencia, de que a Historia é corpo e materia da Epopêa.

A impressão da Natureza, na sua phenomenaldade complexa, deixou o homem profundamente triste pelo contraste da immutabilidade dos astros com a instabilidade da vida individual, pela caducidade do momento sob a eternidade do tempo.

Porque morre o homem, quando elle se eleva á perfeição, ao amor, á protecção pelos fracos, ao sacrificio absoluto pelo dever?

Quem poderá vencer a Morte? vencer ao menos o Tempo? Eis o motivo de uma anciedade constante, o grande problema diversamente respondido pelas religiões, pelas aspirações da crença, pelos sonhos especulativos, que produziram a retrogradação do espirito e perturbaram a harmonia cerebral, levando-o da investigação das Leis para a contemplação das Causas.

O problema da morte reune em si todas as emoções da alma popular e toda a profundidade das especulações da philosophia. Comprehende-se como as religiões, baseando a sua theology sobre este problema, acharam o meio mais vehemente de proselytismo popular; e como as metaphysicas procuraram explicar o pela concepção da immortalidade

do espirito. Diante d'este facto abrupto, com que defrontam todos os nossos sentimentos, comprehende-se o movel que levou a imaginação dos povos a comprazerem-se com os sonhos e esperanças de outra vida além da sepultura, e como esses mythos espontaneos foram elaborados pelos instituidores da religião, pelos grandes poetas que o representaram na Arte universal, e pelos pensadores abstractos que o converteram em philosophias. É este o enigma da Sphinge, perante o qual tem passado a humanidade inteira, procurando resolvê-lo; é este o fio conductor, que no labyrintho da Historia unifica as raças, as nações e as altas individualidades, submissas ou revoltadas, mas vibrando sempre sobre essa nota em que se confundem o prazer e a dôr, a esperança e o desalento.

Vencer a Morte! é esse o mysterio dos Deuses, e d'esse mysterio tirou o corpo sacerdotal a base da sua força operando uma descensão mental do relativo para o absoluto. Tentaram interpretar esse segredo dos Deuses, e pelo perstigio do absoluto fetichico, polytheico e monotheico, formularam o dogma de outra vida além da campa, pintaram a existencia animica no *Amenti*, no *Walhala*, no *Svarga*, nos *Elysios*, illudindo a ardente anciedade do homem em prolongar a sua existencia, em restabelecer a harmonia perturbada.

O sentimento e a rasão procuram elevar-se gradualmente á unidade, diante da penosa impressão. O homem morre, mas o Sol prosegue no espaço alu-

miando infinitamente a immensidade; o Sol é pois a fonte da vida, e foi pela astrolatria que o homem julgou attingir a unidade moral. Quem podesse roubar uma faisca a esse fogo sagrado que se não apaga! Quando Prometheu accendeu o lume pela primeira vez na terra, o homem adquiriu alguma cousa da força dos Deuses. Mas a vida immortal? A anciadade precisava ser satisfeita, e sobre a aspiração incessante estabeleceu-se a theocracia como classe especulativa. Os Povos adoraram o Sol como fonte da vida, como o Deus unico da riqueza e da felicidade. O Sol ergue-se eternamente do Oriente; é lá que existe o manancial de todos esses bens. Para lá emigram os Bactrios e os Hindus, procurando o refugio e a existencia immortal. Foi, obedecendo a esse impulso instinctivo, que muitos outros povos procuraram o Oriente, como conta a lenda dos *Argonautas*; lá, procuraram o reinado sacerdotal do *Preste João das Indias*; lá, collocaram os normandos o *Campo do Immortal*; lá, sonharam os Anglo-Saxões o *Prado do Filho de Deus*; os crentes do Islam a *Fonte da Vida* e o *Propheta Verdejante*; os Cavalleiros errantes da Edade-média da Europa o vaso sagrado do *Santo Graal*, transformação dos sonhos do Millennium, e por ultimo os Portuguezes, através do *Mar Tenebroso*, dobraram o Cabo da Boa-Esperança confiados em chegarem ao berço do Sol.

N'esta lucta e migração constante o homem tomou posse da terra, mas nunca a lei fatal da instabilidade da vida deixou de preoccupá-lo. Os pro-

prios Deuses que adorava, obedecem tambem á lei da morte, resurgindo successivamente para volverem a este circulo eterno de instabilidade. A paixão de *Osiris*, renova-se em *Mithra*, em *Zagreus*, em *Attys* e *Adonis*, em *Thammuz* e *Baccho*, em *Baldur* e *Jesus Christo*, e o seu triumpho sobre as forças malignas só começa pelo soffrimento da morte,—o *Consummatum est*, da lenda evangelica. Toda essa tragedia dolorosa da paixão dos deuses egypcios, syro-phénicios, medo-persas e helleno-italicos generalisou-se em fórmas cultuaes e na sancção moral que adormentou os chamados Povos do Livro com o perstígio da letra sobre o espirito.

Como vencer a Morte? Os antigos heroes, que afirmaram de uma maneira suprehendente a sua força, procuraram tambem esse segredo da immortalidade. Banhavam-se na agua que lhes tornava invulneravel o corpo; mas, como na malha que se rompe, tinham sempre um ponto desprotegido, e pelo accidente secundario morriam prematuramente *Achilles*, *Sigurd*, *Roland* e *Arthur*. O heroë das vetustissimas tradições da Chaldéa *Nanrutu*, sentindo-se doente procura na confluente dos dois Rios o patriarcha Xisurthos (*Hasis-Adra*, ou *Ahasvero*) para lhe revelar o dom da immortalidade que recebera dos deuses. E essa figura do Patriarcha immortal que apparece na imaginação dos povos, foi vista pelas tribus da Arabia sob o nome de *Kheder*, o propheta desconhecido, que quando torna a passar pelos mesmos sitios, onde eram cidades, acha um

deserto ou um fundo de mar como evidenciando a lei evolutiva das cousas. Viram-no tambem os povos da Grecia na figura de *Glauco*, o genio maritimo, e a Europa christã viu-o na figura de *Ahasverus* e de *Malco*, com o dom da immortalidade não como um favor dos Deuses mas como um castigo. Nas lendas de Alexandre, o heroe hellenico vae tambem ao Oriente procurar a *Fonte da Vida*, porque sente fugir-lhe o alento para a realisação da sua audaciosa empreza. O que era a essencia dos dogmas tornou-se o argumento das Epopéas nacionaes.

As Religiões não poderam explicar o mysterio dos Deuses no sacrificio doloroso; e os heroes não conseguiram apesar da sua immensa coragem, vencer a Morte. Os sabios pensaram por seu turno n'esse problema insolvel; nos secretos e aturados estudos procuraram a *Panacéa universal*, e o *Elixir da longa vida*. Fausto, na impotencia da comprehensão relativa, retrográda para o absoluto, pactúa com o Mal, e entrega-se comtanto que se lhe remoce a existencia.

É depois d'estas longas decepções que a concepção do systema solar e da sua acção thermo-dynamica imprimem á Civilisação humana dois aspectos fundamentaes. À concepção de um passado feliz e decadencia successiva do homem, contrapõe-se o conhecimento positivo de um passado de luctas com a natureza e a creação progressiva da ordem social. Para o genio oriental, o homem é formado por Deus, collocado em um paraíso, decae da dignidade da ori-

gem, e pelo sacrificio de um Mediador é resgatado; tal é a these ainda dominante de toda a moral theologica. Eis a *Synthese ficticia*.

O genio occidental é dominado pela especulação scientifica, elevando-se o homem na escala animal, attingindo a consciencia e submettendo ao seu serviço as forças da Natureza, assegura o seu triumpho sobre as fatalidades cosmicas. Se as Religiões do Oriente impuzeram a Divindade sobre a annullação do homem, a cultura scientifica do Occidente opéra a supremacia consciente da Humanidade. Tal foi a expansão especulativa da Grecia e do polytheismo social de Roma, cujo ideal perturbado pelo regimen catholico-feudal se restabelece laboriosamente pela Revolução do Occidente, em que o perstigio da immobilidade divina é supplantado pela affirmação da actividade humana. O universalismo hellenico e romano, renovado pela solidariedade moral e industrial das nações modernas, manifesta-se como um sentimento ideal e ao mesmo tempo real. A Humanidade é proclamada por S. Paulo, pelo imperador Adriano, por Santo Agostinho, Amaury de Chartres, Joachim de Flores, Abailard, Dante, Anselmo de Cantorbery, Pascal, Prior, Price, Preestley, Turgot, Kant, Lessing, Condorcet e Augusto Comte. Os poetas, nas epopéas eternas, áquelles que serviram a justiça deram-lhes a immortalidade subjectiva do espirito, perpetuaram-lhes a existencia na memoria tradicional dos povos; foram-os *da lei da morte libertando*, como com tanta verdade exprimiu Camões.

E quando o mundo parecia exausto de crença e de coragem, a revelação da Humanidade apparece como o sentimento por via do qual o individuo realisa a aspiração da immortalidade. Assim como os individuos, as nações tambem sobrevivem segundo foram orgãos servindo ao advento da Humanidade como uma nova potencia do universo. A existencia individual é contingente; vive-se pela especie, amando, para sobreviver na existencia subjectiva d'esse Sér real e ideal. A morte foi vencida pelo amor. E a antiguidade quasi apagada revive na continuidade humana com um vigor mais intenso: *Senectus mundi, juventus seculi!* como disse Bacon.

Eis o argumento da Epopéa moderna, em que se realisa o accordo da imaginação e da rasão, que caracterisa a harmonia ou unidade mental, e em que se representa a alliança quebrada entre o Oriente e o Occidente.

Na longa lucta de seculos a quem pertencerá a palma triumphal? O *mundo oriental* impoz á Europa a tradição biblica, a theocracia papal, o culto orgiastico da paixão e o intolerantismo catholico, as aristocracias familistas e as realezas militares, enfim a Imaginação prevalecendo sobre a Rasão.

De outro lado o *mundo occidental*, com o livre-exame, as communas, as ligas, federações, e trabalho livre do proletariado criando a esphera civil, faz prevalecer o regimen da observação, conduzindo a Rasão á disciplina scientifica e á synthese philosophica. Coube o triumpho á Occiden-

talidade, proclamada nas tres mais bellas Epopéas historicas.

Os grandes poetas, que idealisaram as tres edades da Civilisação polytheica, monotheica e critica (Antiguidade greco-romana, Edade-média e tempos modernos), prepararam a transição para que um novo sentimento esthetic dësse fórmula pittoresca ao ideal da Humanidade e á aspiração ao advento da edade normal. A *Eneida* corresponde á incorporação juridica dos Povos do Occidente simultanea com a queda do patriciado guerreiro; Virgilio synthetisou a acção definitiva de Roma, no hemistychio — *Pacis imponere morem*. Substituida a direcção imperial pela intervenção papal, a *Divina Comedia* corresponde á unificação das consciencias pela disciplina catholica, e á autonomia civil das novas nacionalidades que repelliam o dominio temporal da Egreja.

Os *Lusiadas* elaboraram-se ao terminarem as hostilidades guerreiras da Cavalleria feudal, e no inicio da éra pacifica do trabalho, pela posse pacifica do planeta, na circumducção do globo, e começo do concurso affectivo para a subordinação da Natureza pela direcção espiritual da Sciencia.

Ás tres bellas epopéas historicas deve succeder-se a Epopéa philosophica da Humanidade, como a sentiu Herder, como Hegel e Comte a esboçaram, como Quinet e Michelet a conceberam, como está no espírito de uma éra nova que começa dirigida por um sublime ideal. A epopéa da Humanidade, não tem sómente por fim o consagrar todas as Civi-

lisações do passado, conciliando-as na obra da solidariedade que produziram; não visa a proclamar o triumpho do presente, pela supremacia da razão sobre as forças da matéria, pela liberdade sobre o prestígio da tradição; compete-lhe dar corpo, universalizar a esplendida Utopia do futuro, a que Augusto Comte chamou a idade normal, e que Herder estabelece com um vigoroso argumento de deducção: « Se lançarmos um olhar para traz, se notarmos que todos os seres inferiores parecem dirigir-se para a forma humana; que, de mais a mais, não achamos no homem senão o primeiro germen apenas esboçado do que elle deve ser no seu destino real, é então necessário convir que o homem, seja por que modo ou por que via fôr, deve elevar-se a um destino mais alto, ou então, que toda a connexão ou plano da natureza, não passam de sonho e engano ». Se o homem se separou da animalidade, a que está ligado morfologicamente, às forças que o transformaram subsistem, e sob a acção d'ellas, é hoje apenas o esboço do organismo superior que realizará a existência normal, afectiva, especulativa e prática, tanto individual como collectiva.

CANTO PRELIMINAR

CARACTERISANDO SUCCESSIVAMENTE TODAS AS PHASES
DA EXISTENCIA PREPARATORIA

ELENCO PHILOSOPHICO

DO

CANTO PRELIMINAR

I

Evocação

(PRELUDIOS ÉPICO, LYRICO E DRAMATICO)

A antiga *Invocação* ás entidades ficticias transforma-se na Epopéa da Historia em uma *Evocação*, em que o passado revivendo á luz da scienza apresenta á idealisaçao poetica o spectaculo pittoresco de uma resurreição. E assim como as tradições da Grecia foram elaboradas systematicamente pelos Diorthuntes em uma Epopéa nacional, as tradições da Humanidade constituirão um novo elemento esthetico dispostas de maneira que façam sentir como esse supremo ideal foi revelado pelos genios superiores. Edgar Quinet dá uma fórmula pittoresca a este pensamento em que os grandes Poetas são os Diorthuntes da Humanidade: «Sejam quaes forem as luctas do futuro, todos, juntamente de mãos dadas (Dante, Shakespeare, Racine, Corneille, Voltaire, Calderon, Goethe) se apresentarão entre as fileiras inimigas, como as Sabinas entre os exercitos do Latium, para lembrar aos povos enfurecidos uns contra os outros, que elles fazem parte de uma mesma Cidade, de uma mesma Familia, que o seu parentesco não tolerá aquelle divorcio e que é uma guerra impia a guerra de irmãos contra irmãos». (*Gen. des Relig.*, 409). Seguindo a ideia de João Paulo Ri-

chter, que relacionou as fórmas da poesia com as épocas da historia, a *Epopéa* é a consagração do passado, o *Lyrismo* exprime os sentimentos do presente, o *Drama* esboça as crises que determinam o futuro. A *Evocação* do poema da Humanidade caracteriza por estes tres preludios a intenção artistica.

II

A Linguagem dos Mythos

Série de poematos em que se desvenda através das impressões subjectivas, expressas nos Mythos primordiaes conservados nas primitivas civilisações, a interpretação da realidade, como esboço espontaneo da unidade cerebral, consignada no Genesis: *Erat autem terra labii unius et sermonem eorundem.*

Estes vestigios historicos mais ou menos desconnexos na sua objectividade, coordenam-se segundo a sua expressão dos estados psychologicos da Humanidade. Propriamente a Historia, na sua mais justa comprehensão, é como diz J. Baissac: «É a consciencia da especie presente, uma como psychologia da humanidade».

I. O cahos das Edades

Quadro em que se contrapõe ás energias cosmicas uma nova força, a aggregação social, com que o homem funda a ordem, a paz e o domínio da consciencia.

II. As folhas da Sybilla

Depois de descripta no *Cahos das Edades*, ou esboço rudimentar do mundo moral, a criação da ordem, por meio de instituições politicas, religiosas, artisticas e economicas, a revelação da Sybilla consiste no vaticinio de uma edade consciente da Humanidade, a qual só lhe pôde advir ao reunir as folhas dispersas do Passado, modificando o presente pelo conhecimento das suas origens.

III. Paraíso perdido

Periodo da exclusiva preponderancia das concepções subjectivas, que começa a dissolver-se pela relatividade experimental, prevalecendo contudo a preocupação perturbadora da contemplação das causas.

IV. O primeiro amigo

Estabelecimento da cooperação da animalidade inferior com o homem pela sympathia característica dos vertebrados, móvel orgânico da domesticidade, e impulso latente da solidariedade animal.

V. O Fogo sagrado

Primeira revelação pelo fogo cultural da ára, de um outro fogo mais immaterial e elevado, a Intelligencia, acordada pela bebida fermentada do sacrifício, destilada da arvore—o Haoma, e por ella mesma perturbada na allucinação orgiástica.

VI. O Bétylo

Época da vida pastoral em conflito com os elementos dispersos do nomadismo ou a Vida da Caça, de que é vestígio persistente a lenda do Cacador eterno.

VII. Nectar e Necros

A vida agrícola, em conflito com as tribus pastorais, dando lugar à estabilidade social, inicia o sacrifício sanguinário de um pastor à divindade tellurica, ou assenta os muros defensivos da Cidade sobre a cabeça da vítima. O sangue e a morte tornam-se o prazer e o privilégio dos Deuses.

VIII. A Canção de Lemeck

Reminiscência remota das tribus metallúrgicas, em que a guerra se desenvolve pela descoberta das armas de bronze, dando também origem ao rapto das mulheres e à instituição da polygamia.

IX. Quando as pedras falavam

Systematisação da ordem pelo estabelecimento da Propriedade (*Pirus, Petrafita*); e da auctoridade da Lei concretizada na Realeza patriarcal (*Basileus*); e pela fixação da sciencia sacerdotal nos tijolos e obeliscos (*cuneiformes e hierogliphicos*).

X. O Centauro

Transição da inconsciência animal para a observação desprevenida da Natureza, anterior a todo o Fetichismo; é a iniciação da actividade

especulativa fóra do Sacerdocio, e amaldiçoada como o livre-pensamento. Da consideração da forma circular derivam-se os principaes instrumentos da industria e as primeiras especulações da natureza. Chiron é a mythificação hellenica da mão.

XI. A columna de Fogo

A vida domestica ou da Familia, com o seu culto do Lar e dos Antepassados, prepara a vida commum da Cidade, e a labareda (Vesta, vestibulo), torna-se essa luz do Prytaneo, que accende o sentimento altruista na dedicação pela Patria.

XII. Os Deltas

Assim como os deltas se formaram por um sedimento prolongando, até se tornarem pontos defensivos da cultura humana, assim também essa cultura accumulada desde um passado immemorial constitui os primeiros fócos das Civilisações isoladas, que outras raças universalisaram.

XIII. Babel

Baralham-se nas planicies da Media, turanianos, semitas, arias e chamitas, mas da confusão das Linguis, que fez com que se não entendessem, resulta a revelação historica da filiação e do itinerario das Raças humanas através do tempo; foram essas linguis o material da construção dos monumentos imperecíveis dos *Vedas*, do *Avesta*, do *Genesis*, etc., que testemunharam a unidade da consciencia humana.

Escreve Humboldt: «O estudo comparativo das Linguis mostranos como raças separadas por vastos paizes, são contudo unidas entre si, e originarias de uma mesma região; descobre-nos a direcção e o caminho das antigas migrações». (*Cosmos*, t. II, p. 130; trad. Galusky).

XIV. O Escudo

O riso, que nas épocas de grande actividade critica (Erasmo, Rabelais, d'Hutten) coadjuvou a emancipação do espirito contra o perstigio dos Symbolos, deu ao genio hellenico essa precocidade com que se elevou á synthese philosophica.

XV. A Montanha

Fusão dos elementos sociaes, aristocraticos e plebeus, sempre antagonistas e separados na Cidade quadrada (Filhos de Deus) e na Ci-

dade-asylo (Filhos dos Homens); esta fusão realiza-se pelo universalismo religioso, e especialmente pelo Dircito generalisado por via da Equidade.

XVI. O Pantheon

Roma, pela incorporação militar dos diferentes povos, abriga no mesmo templo os Deuses das raças inimigas, impondo acima dos antagonismos religiosos um sentimento mais real — a unidade civil.

XVII. Nascitur Ordo

Terminam as unificações religiosas, como impotentes para conduzirem o homem á edade normal ou da sociocracia; começa o sentimento de Humanidade modificando n'esse espirito a Lei civil.

XVIII. Nirvana

Podem-se attingir os mais altos progressos moraes pela simples emoção sentimental; porém, se a vontade não foi suggerida pela rasão, cae-se na apathia. Tal é o ponto essencial que separa as Civilizações do Oriente e do Ocidente.

XIX. O grande Calvario

Os povos que abandonaram a contemplação da Natureza, pela especulação dos seus Livros sagrados, cãem na esterilidade improgressiva, e por onde passam deixam a desolação, como se vê nos territórios que ocuparam os Semitas.

XX. O Raio

Quando na Europa a consciencia se emancipava pela critica do obscurantismo dos dogmas theologicos, o Catholicismo estendia-se para a America pela imposição dos morticinios nas raças barbaras. Era a impotencia das noções absolutas diante da rasão.

XXI. Primus in orbe fecit Deus timor

Persistencia do caracter selvagem sob a emoção infantil, revelando como a impressão do terror, ou do desconhecido, sugeriu a noção de causa, figurada nos Deuses da Theocracia.

XXII. O lago

Allegoria do estado de subjectividade do espirito, em que as aparenncias prevalecendo sobre a realidade produzem a retrogradação mental e social.

XXIII. Lux eterna

Todas as vezes que a Europa retrocedeu na sua civilisação, foi sempre a Grecia o fóco d'onde irradiaram todas as Renascenças, como a do seculo vii, propagada pelos Arabes, a do seculo XIII e do seculo XVI, e ainda no primeiro quartel do seculo XIX com as revoluções liberaes e autonomia dos pequenos estados.

VISÃO DOS TEMPOS

EPOPÉA DA HUMANIDADE

Não basta dizer: O homem sente e reflecte. A crescentae: o homem move-se no tempo, de geração em geração.

QUINET, *Création*, I, 343.

O Tempo! o Tempo! Em meio d'este oceano
Revolto, escuro, lamentoso, triste,
Sem margem que se aviste,
E nos envolve insano,
O momento presente é a jangada
Onde a existencia vae arrebatada.

No desalento mudo da impotencia,
No impeto invencivel da corrente,
O momento presente
Suggére á consciencia
Como rapido e unico consolo
O olhar em róda, de um a outro pólo.

Contemplando este immenso mar amargo
Onde rugem eternas tempestades,
A Visão das Edades
Sobre o horisonte largo
Completa-se pela harmonia equórea,
Fundo rumor, concerto ideal — a Historia.

I

EVOCAÇÃO

Este poder de locomoção através das épocas, cis aqui um traço que só pertence ao homem, e o separa profundamente da natureza viva...

QUINET.

Para lá da penumbra veneranda
Da augusta Edade de ouro dos poetas,
E de uma tradição vetusta que anda
Do mundo social recuando as métas ;
Que o Egypto e Chaldêa ao provir manda
D'envolta em mythos e noções concretas,
Quantas raças, imperios e estados
Existiram, — no olvido sepultados !

Que gerações, que inconsciente lida,
 Perdidas do passado na neblina!
 Da cinza fria ao áquilo esparzida,
 E do terror das épocas divinas,
 Como fazer surgir á luz, á vida,
 No solo recalcado e das ruinas,
 Um mundo já no esquecimento immerso,
 Que foi da grei humana o fragil berço ?

Uma tuba estridente e clangorosa
 Fará ranger dos tumulos as lagens?
 Conforme conta a lenda religiosa
 Em um tropel de tetricas visagens
 Dos mortos surge a turba pavorosa?
 Do céo cáem os astros?... As miragens
 Do grande e amargo Dia do Juizo
 Esvaem-se diante de um sorriso.

Da tradição sacerdotal, agora
 O perstigio tremendo esvae-se! A Scienza,
 Nova tuba magnifica e sonora,
 Acorda a adormentada intelligencia;
 Do espirito as forças revigóra,
 Dá plena claridade á consciencia,
 E dos homens primévos as ossadas
 Levanta das geologicas camadas!

Poder de evocação! esplendida obra,
 Como ponte lançada nos abyssmos,
 Ao véo dos templos rasga cada dobra,
 Recompondo os latentes atavismos:
 Mostra um sér, que na associação redobra
 O esforço com que affronta os cataclysmos,
 Nas mudanças dos vastos continentes,
 Da flora e fáuna e oceanicas correntes!

Ei! o Homem! ao fim de milhões de annos
 De uma lucta tenaz contra as leis brutas
 Da Natureza, e contra os mil enganos
 Dos Dogmas — essas venenosas fructas,
 E do sangrento arbitrio dos tyrannos...
 Abandonando as taciturnas grutas,
 Cria um mundo, pela harmonia erecto,
 Da razão, da vontade e do affecto.

N'esta hora, creador audaz, sublime,
 É o homem! Um gesto seu levanta
 As gerações que o esquecimento opprime,
 As gerações que a dôr mortal supplanta!
 Achando a lei atávica as redime,
 Dá-lhes de uma Sybilla a voz que canta,
 E a novo Juizo vem depôr a esmo
 Como o Homem é obra de si mesmo.

Diante das ossadas resequidas
 Das cavernas, e dos calháos lascados
 Do silex, com que mãos pouco instruidas
 Contra os monstros se armaram de machados,
 Ante ornatos de bronze, ante as jazidas
 Sobre troncos, que a fogo estão cortados,
 Resurge o sér, que na mudez luctará,
 E da animalidade se separa!

Das Civilisações o informe esboço
 No remoto passado desvendando,
 A Scienzia olha o tellurico destroço,
 Incomprehensiveis mythos penetrando;
 Rompe das trévas o lethal colosso,
 Leis cosmicas e psychicas ligando,
 E dos labios da Sphinge o riso incerto
 É apôs tres mil annos — livro aberto.

As Columnas sieniticas, gigantes,
Os Pilones e Hypogeos estupendos
Dos Templos, e Pyramides distantes,
Repetem eccos, vibram sons tremendos
Das degradadas castas soluçantes,
Que da materia aos vórtices horrendos
Levadas, como a poeira no ár avança,
Soltaram gritos de terror e esperança.

Surgem debaixo dos areaes ardentes
Cidades mortas! Nineveh; as Chimeras;
Bibliotheças inteiras! Surprehendentes
Jeroglyphicos fallam de outras éras!
Que espectaculos novos, imponentes,
Evocação sem maldições severas,
Que á lei da morte oppõe viva a memoria
N'esta resurreição mental da Historia.

É como vara magica a Sciencia!
Mostrando ao espirito a Visão suprema
Das Edades, abre a éra da Consciencia,
Convérte a realidade n'um poema.
Cada sér, povo ou raça, que a existencia
Cumpriu, da evolução sob essa algema,
Triumpha agora da Fatalidade
Tornando-se immortal na Humanidade.

PRELUDIO LYRICO

CARMEN SECULARE

1. A voz da Tradição

As Ménades sedentas
O corpo despedaçam
Ao mavioso Orpheo !
Dos restos do cadaver, que perpassam
E se afundam nas ondas somnolentas
Do manso mar Egeo,
Do Poeta a cabeça appareceu
Sonorosa, boiando sobre as vagas...
Maravilha, que espanta !
E de ilha em ilha, e por longíquas plagas,
Como harpa eólica ás virações descanta,
Ou Mémnon ante os raios matutinos,
Vae soltando a cabeça ignotos hymnos.

Orpheo ! bem representas
As gerações que passam,
Da miserrima e triste Humanidade !
São a Morte e a Dôr, que a despedaçam
Quaes Ménades sedentas
Na dolorosa, atroz fatalidade !

Ao cahir na voragem de outra edade,
 A multidão plangente que baquêa,
 Como animada Lyra,
 Dos seus ais faz a eterna melopéa,
 Onde geme e suspira
 A existencia de cada geração
 No infindo carme — a voz da Tradição.

2. Elaboração ideal

E como o que trabalha
 O metal na fornalha
 Para a adaga de indomitos combates,
 Foi essa voz suprema
 Da Tradição o thema
 Elaborado por antigos Vates.

Compuzeram o *Hymno*
 Com tal poder divino,
 Que dava convergencia ás emoções !
 Fórmase a *Epopéa*,
 Synthetisando a ideia
 De uma querida Patria entre as nações.

Com o progresso dá-se
 A lucta em cada classe,
 Dos interesses no social conflicto !
 Das paixões se urde a trama
 Aonde exprime o *Drama*
 Da consciencia individual o grito.

Mélica

Como os trabalhadores
 Quando volvem á tarde da campina,
 Enxugando os suóres,
 Cad'um o canto afina
 No limiar da choça pequenina;

Tal succedia outr'ora
 Quando os Richis, os velhos venerandos,
 Saudaram a aurora,
 Os ventos frescos, brandos,
 Que as nuvens levam, como bois em bandos.

Saudaram as trevas,
 Quando o terror os páramos povôa;
 E as nortadas sévas,
 Quando de noite atrôa
 Rouco trovão, que na floresta eccôa.

Boa palavra é laço
 Que une em torno do lar as almas ledas !
 E espalha pelo espaço
 O medo ás horas tredas !
 Bem vindos, pois, oh canticos dos Vedas.

Essas vozes amigas
 Das Familias os vinculos apertem !
 E as piedosas cantigas
 Em côro se concertem,
 E o concurso affectivo hoje despertem.

Epos e Gestas

Fundas rivalidades
 Separam entre si, na Grecia antiga,
 N'uma acerada briga
 As activas, mais inclytas Cidades !
 E o rancor, que feroz as dilacéra,
 Que nume o convertera
 N'um sentimento nacional, fraterno,
 Que deu á Grecia o esplendor eterno ?

A magia dos rogos
 Dos Aédos hellenicos se escuta ;
 Interrompendo a lucta,
 Aos Olympicos e Neméos Jogos
 Alegre concorria a turba attenta !
 Eis nas almas se alenta
 Da Patria grega a concepção suprema
 Retratada no homérico Poema.

Em volta do Thymele

Na tragedia antiga o Côro
 N'um canto ingente e sonoro
 Revelava á multidão :
 Como o Heroe,
 Nas vascas de atroz paixão,
 Mudo foi
 Impellido pela Sorte
 Para a morte.

E quando serenamente
O Heroe se tem retirado
Para succumbir calado,
Eis, plangente
Ao tablado,
Em quanto além se cumpria
O implacavel Destino,
Vem o Côro entoar um Hymno
De harmonia
Sacrosanta,
Saudando a Fatalidade,
Pelo triumpho, que espanta,
Da Justiça e da Verdade!

Oh Poetas! sois as vozes
Do Côro sonoro e ingente
Do Drama da Humanidade.
Das atrozes,
Crúas fórmas
Que entre a gente
Revestem a dôr e o mal
Das raças na hostilidade,
Revelaes ideaes normas
Definindo o Sér moral.

Pelo trajecto da Historia
Formaes o Côro sentido,
Que vem em santo alarido
Junto ao cipo
Da mysteriosa inscripção,
Desvendar á multidão
A memoria,
O parentesco de Oedipo!

Mostraes aos povos da terra,
Como os dilacera a guerra,

Fazendo com que o combate
 De odio eterno
 Se converta no resgate
 Da dura fatalidade,
 Em doce abraço fraterno
 No seio da Humanidade.

3. **Synthese affectiva**

Vós, que a visão infinda, subjectiva,
 Tendes da convulsão latente, activa
 Da Materia que eternamente evolve
 Do Cahos a que volve;
 Que através do passado estranho, escuro
 Visaes o alvor remoto do futuro,
 Sendo o Verbo da nova inspiração
 Amaes a Tradição...

Oh! bem mais do que os Hymnos da Familia
 Do Ária antigo entoados na vigilia,
 Quando deram concordia e unidade
 À commun sociedade;
 Melhor que o canto heroico dos Rhapsodos,
 Que um sentimento imprime aos Gregos todos,
 Por quem se vive e morre — a doce Patria,
 Por mais que a Arte idolátre-a...

Vós, Poetas, tecei na hodierna edade
 A estrophe ao Poema da Humanidade,
 Das nações pela marcha consciente
 Formando uma só gente!
 Moral, Religiões, Arte, Sciencia,
 De cada canto tornem-se a cadencia
 Em que se esboce a synthese suprema
 Do novo e grande Poema.



N'este vôo, das Edades na voragem,
 Seja a Poesia universal linguagem,
 Com que a Especie no homem se revele
 Solidaria como elle;
 Da sublime eloquencia como prova
 Hade entender essa linguagem nova,
 Sem conhecer nação, raça ou fronteira,
 A Humanidade inteira.

4. Clarté de tout

(*Verbo ineffavel*)

Em certa occasião,
 Fôra o bardo saxão
 Cédmon, com paixão
 Fazer a Sam Basilio uma visita.

Tanto a mente se agita,
 Com bondade infinita
 Fallando o Bispo a lingua ideal de Athenas!

Das palavras serenas
 Entende o Bardo apenas
 Vagos sons que dão luz ao pensamento.

É sem milagre o evento ;
 Ineffavel momento
 Em que entendeu o barbaro o Doutor !

Fallára com amor
 O Santo, em seu fervor
 Com tanta uncção e com suavidade,

Na doce Caridade
Da confraternidade,
Que da escravidão os homens tira!

Quem hoje, assim ouvira
Novo cantico á Lyra,
Idealisando a unidade humana!

De ti, Poesia, emana
Ainda a voz soberana
Dos que têm a revelação ideal
Da concordia final.

5. Canticum novum

Quando Orpheo ás mãos morre das Bacchantes
Pelo furor insano
Cae a Lyra nas vagas espumantes,
Mar abaixo, até ir dar ao oceano !
N'essa Lyra perdida
No Oceano das Edades
Pulsa o thema da vida,
A resonancia do ideal humano,
Que alarga e abate os muros das Cidades.
Poetas ! desferi esse instrumento
Que harmonisa a Rasão e o Sentimento.

6. Arte moderna

Petrarcha, pensativo, apaixonado
Pelos remotos, largos horisontes,
Sobe ao Monte-Ventoso ;
Da alta cima avistava-se esboçado
Surprehendente, para lá dos montes
Um quadro magestoso :

Serpêa em baixo o Rhodano; e distante
 Entre Marselha e Aigues-Mortes brilha
 O mar vasto, azulado!
 E como uma muralha forte, diante,
 Da alpina cordilheira a enorme trilha
 Se alastrá do outro lado.

Então o Poeta, concentrado, absorto
 Ante a visão esplendida, sózinho
 Nas mudas solidões,
 Abre ao acaso, para seu conforto
 Um livro que o acompanha, de Agostinho
 Piedosas *Confissões*.

Abre ao acaso o livro e lê, nas sanhas
 De uma edade de embustes insoffridos,
 Que o espirito consomem:
 «Como os homens admiram as montanhas,
 O oceano, e as estrelas! esquecidos
 De si proprios... do homem!»

Teve Petrarcha, então, n'esse momento
 A revelação intima, suprema,
 Da Arte a víride palma!
 Os mysterios do humano sentimento
 Pulsam com vida em cada nota ou poema
 Do Amor, synthese da alma.

Acclara-se a visão indefinida;
 Já do mundo moral se alarga as metas,
 Tem nova corda a Lyra!
 Cantae o assumpto eterno, o ideal da vida,
 Alentae-vos, Philosophos, Poetas
 Ante a animada Pyra.

A Pyra, que arde ha seculos sem conta,
Que as gerações transmittem, perpassando,
 De uma a outra edade,
É essa luz, que a lei da morte affronta
O horizonte da vida illuminando,
 Saudae a Humanidade.

PRELUDIO ÉPICO

OS DIORTHUNTES

1. O ideal de Patria

Na Grecia, outr'ora, todas as Cidades
Concorriam ás festas Pan-Hellenias
 Com Jogos e Cantores !
E na trégua dos mutuos rancores,
Na suspensão das animosidades,
Inventavam as mais galhardas venias,
 Nas festas Pan-Hellenias.

Das familias patriarchaes ouviam
As narrativas das heroicas lendas,
 E de um modo espontaneo,
Ampliava-se o foco do Prytaneo,
E á synthese da Patria convergiam
Tribus hostis, por affectivas sendas
 Ouvindo heroicas lendas !

Das Pan-Hellenias penetrando o intuito,
Solon, instituidor civil da Grecia,
 Mandou que os soltos Cantos
Dos Aédos, ouvidos entre espantos,
E recitados n'um tropel fortuito
Sigam um élo ideal,— a peripecia
 Da tradição da Grecia.

Pela ordem dos Cantos, os Rhapsodos
D'Hellade ás gentes dão o sentimento
Nacional de unidade!
Desde esse dia, então, cada Cidade
Cada Familia, cada tribu, todos
Têm de uma Patria o vivo pensamento
De um mesmo sentimento.

Como os Cantos, — em ordem de combate.
Unida e forte n'um commum esforço
Pôde a Grecia sublime
Sustar de hordas da Persia o brutal crime,
Dando ás nações futuras o resgate,
Talhando o despotismo pelo dorso,
N'esse commum esforço.

2. O Grande-Sér

Como a Grecia, no tempo hodierno a França
Declarando os Direitos do Homem, viéra
De uma nova éra
Iniciar dos Povos a alliança !
Fazer sentir ante as nações da terra
A dura iniquidade
De uma perpetua guerra,
De odiosa, esteril briga !
Fazer sentir ante as nações da terra
No grande festival da Humanidade
O laço fraternal que a especie liga.

Então da Europa os povos concorreram
Ao Jubileu supremo com seus Cantos,
Fervorosos e santos,
E a solidariedade perceberam,

Essa intima unidade presentida
 Através da distancia
 Das edades passadas,
 Mas sempre prevertida;
 Essa intima unidade presentida
 Sob a pressão hostil da intolerancia,
 Sob os odios das raças exploradas.

Em quanto Hera dormia, Herácles forte
 Pousa a bocca no peito descoberto,
 Suga o leite, e liberto
 Achou-se assim o heroe da lei da morte!
 O Grande-Sér ignoto, a Humanidade
 Tem como Hera, a dêa
 Da eterna mocidade,
 O perenne conforto
 Que o Grande-Sér moral, a Humanidade
 Concede ao luctador quando cae morto
 Na agitação de luminosa ideia.

Todos aquelles que através do cáhos
 De luctas cruentas, de egoismos brutos,
 Embora diminutos,
 Sentiram contra mil instintos máos
 Os impetos saudaveis de Justiça,
 Raiou-lhes sobre a fronte
 A luz consoladora
 Que as almas enfeitiça;
 E os impetos saudaveis da Justiça
 Lhes desvendam no tetrico horizonte
 O alvor da Humanidade, immensa aurora.

Sér ideal e real, de ti dimana
 Tudo o que nos eleva e transfigura,
 Unica Criatura
 Que o fim marca á genésica semana!

Fóco de amor, das almas convergencia,
 Vens como a Boa-nova
 Ha tanto desejada
 Pela augusta immanencia,
 Fóco de amor, das almas convergencia
 És na interior visão a intensa prova
 Da unidade moral sempre quebrada.

Os Sabios, os Philosophos, os Poetas
 Vêm chamados ao secular Concilio,
 Diorthuntes do exilio,
 Trazem das raças Tradições completas
 Para a revelação da Humanidade!
 De cada raça o Poema
 É na Epopêa santa
 De Paz e de Verdade,
 Ante a revelação da Humanidade,
 Um episodio lucido que encanta
 Na eterna Gesta ou synthese suprema.

3. Côro dos Sabios

Contra o diluvio dos enormes rios,
 Que se alastram com o impeto de oceanos,
 Contra incursões de indomitos tyrannos,
 Que o sangue espalham impassiveis, frios,
 Babylonia, opulenta e assaltada,
 Erguera fortes e invenciveis muros
 Da Asia deserta nas soildões tamanhas.
 Alicerceis seguros
 Se excavam pelo esforço de estrangeiros ;
 E a grandiosa muralha alevantada
 Desafia os imperios altaneiros,
 No seio unindo as raças mais extranhas!

Assim a Humanidade, contra o assalto
 Das forças da tremenda natureza,
 E dos dogmas sensuaes na morbideza
 Edificou bem alto
 Cidadella onde a especie fraternisa,
 Unindo o mais remoto parentesco,
 Um Poema gigantesco :
 Mythos da lucta, aonde idealisa
 As leis do Cosmos, que lhe fôra adverso,
 Em quanto ella era um Sér passivo, inerte,
 Até que em poder novo se converte,
 Factor consciente da ordem do universo.

Cada raça, na migração constante
 Da terra, é como aquelles peregrinos
 Que ao passarem com santos desatinos,
 Lidavam noite e dia
 Na construcçao da Cathedral gigante !
 D'esta fórmã se erguera
 Em Strasburgo a excelsa maravilha !
 Cada raça passando de éra em éra
 Foi construindo aquella eterna Lyra
 Onde absorta dedilha,
 Onde gemendo, a si mesmo inspira
 A par da actividade
 Pensamento de solidariedade.

E essa Lyra, afinada ao movimento
 Dos planetas que observa nos espaços,
 Foi construida como que aos pedaços,
 Sem odio, nem alarde:
 Ora, os muros cyclopicos ! mais tarde
 De Ellora lavra o infindo pavimento ;

As alas das Sphinges alevanta,
 E n'essa actividade
 Á funeral Pyramide que espanta
 Do Parthénon lhe liga a magestade,
 Do Capitolio a inclyta imponencia !
 E nos blocos graniticos escreve
 O nome das Nações, a quem se atreve
 A subjugar á bruta violencia.

E n'um preludio de suave rogo
 A Lyra modulou, serena e pura
 De antigos Vedas os sagrados Hymnos,
 E os altos Mysterios Eleusinos
 Que vem da Agricultura ;
 Da crente Saga o ecco do passado !
 Cantou a lenda magica do Fogo
 Que Prometheu achou piedoso e ousado.
 Fez cada raça a estrophe do Poema
 Onde a Justiça vem impôr-se aos odios
 Que os combates criaram !
 As Civilisações são episodios
 Que definem o lemma
 Da Epopêa que os séculos dictaram.

4. Côro dos Philosophos

Na confusão e no tropel das raças,
 No orgulho das nações,
 Em sedentos embates de egoismos,
 No furor das intolerantes crenças
 De vãs Religiões ;
 E d'entre o estertor de mil desgraças
 Dos cosmicos, medonhos cataclysmos...

Ouvem-se vibrações,
 Melodias suspensas
 De vaga suavidade,
 Eccoarem nas gehenas da Historia,
 Como um nimbo de luz, de amor, de gloria
 Que esboça o Grande-Sér, a Humanidade.

Pascal :

Na confusão e no tropel, as Raças
 Que se alastram como uma onda ingente,
 Vêm do Passado, doloridas, lassas,
 Trazer o embate ás ribas do Presente.

N'este quadro de horror a dôr se accalma,
 Vendo que sempre vivo
 O esforço collectivo
 Não se perde, e subsiste na nossa alma.

Leibnitz :

Nos sedentos combates do egoísmo
 Que tornam o Presente odioso, escuro,
 Sofre-se a dôr, o anciado paroxismo
 Da gestação latente do Futuro.

Que importa, quando a arvore definha
 Sobre uma terra sáfara, mesquinha,
 Se ella é o humus fecundo
 Para o germen de um mundo ?

Condorcet:

No furor das intolerantes crenças
Uma emoção, um sentimento novo
Nos leva a equiparar tribus immensas
Constituindo no tempo um mesmo Povo.

Comte:

No proceloso oceano das edades
Busca o homem, na inconsciente lucta
O destino normal, definitivo!

Eis no horizonte infindas claridades,
Uma harmonia intima se escuta
Entre o mundo real e o subjectivo.

Homem! és immortal, quando me lembro
Que apesar da lethal caducidade,
Vivendo para outrem, ficas membro
Do Grande-Sér ideal — a Humanidade!

PRELUDIO DRAMATICO

OS MAGNA SONATURUM

1. A missão dos Poetas

Mananciaes da vida

Do ignoto planalto verdejante,
Bafejado por ventos frescos, puros,
Onde os Arias, nos seculos escuros
De uma edade distante,
Á divinisação da Natureza
Se elevaram, co'espírito submerso
Nas emoções de lucida clareza
Da synthese espontanea do universo;

D'esse planalto, onde a Arte symbolisa
Da nobre raça as emoções, os brios,
Como de fontes vivas se deslisa
A corrente de quatro enormes rios...
Rios, não com que a terra se sacia,
Que fecundam o vicejante vall',
Mas os rios da arrojada phantasia
Que trasborda na enchente do Ideal...

*

Dos *Vedas* e do *Avesta* os doces hymnos,
 Do *Ramdyana* e *Shah-Nameh* os cantos,
 Eternamente correm crystalinos
 Limpidos, sacrosantos !

Passam tribus, derrocam-se cidades,
 Fusionam-se as egoistas castas,
 Sem crentes vão cahindo as Divindades,
 E as classes theocraticas nefastas.

E quanto mais o homem sobrevive
 N'esta lucta em que tudo se renova,
 Que o desalento de vigor o prive
 Ao atiral-o á cova ;
 Se a migração pelo deserto augmenta
 A sêde incomportavel que o devora,
 Elle na mais atribulada hora
 Á margem d'esses grandes Rios se assenta :

D'esses Rios na serena confluencia
 Das emoções sublimes do passado,
 Vê-se seguro, como em val fechado
 A todas as tristezas da existencia !
 Oh correntes caudaes do sentimento,
 Como os rios da immortalidade
 Onde os heroes se banham, daes o alento
 Da vida em haustos puros de verdade.

A Fonte de Jouvence

Quando se sente o espirito alquebrado,
 Em desalento, afflito,
 Nas argucias dos dogmas enleiado,
 Na transição da sociedade gasta,
 E de interesses burguezes no conflicto,
 Que dos ideaes esplendidos afasta ;

Quando o progresso material arrasta,
 E imprime á criatura
 Uma caducidade prematura,
 Que faz sorrir do heroísmo e da virtude,
 Apontando o ideal como loucura,
 E para quem o dia de hoje basta;

Oh, quem podesse achar na vacuidade
 D'este aureo ataúde
 O infinito horizonte,
 A fresca aragem da espontaneidade!
 Tragos longos beber na eterna fonte
 Da viva, ardente, alegre juventude!

O vigor da paixão, a luz da ideia,
 E a santa ingenuidade,
 Ao contacto da antiga heroicidade,
 Tudo outra vez no espirito se ateia,
 E sente-se melhor a Humanidade
 Lendo os cantos da *Illiada* e *Odysséa*.

Como oásis, ou encantadas ilhas
 N'um pélago agitado,
 Ostentam-se essas duas maravilhas
 Que vêm do remotissimo passado,
 E são, do desalento no agro transe
 Mananciaes da Fonte de Jouvence.

Voz da Fraternidade

Na lucta dos Romanos,
 Oscos, Umbrios, Etruscos,
 N'uma guerra sem fim que os dilacéra,
 Iam passando os annos
 N'esses assaltos bruscos,
 A vér o que do Latio se apodéra.

Cansadas de ruinas,
 Ao campo do combate
 Vão, movidas pelo poder do affecto,
 As mulheres sabinas,
 E terminam o embate
 Amaldiçoando o fraticidio abjecto.

N'esta perpetua lucta
 Em que anda a Humanidade,
 Para o futuro abrindo novas rótas,
 Voz tranquilla se escuta,
 Voz de Fraternidade
 No fragor dos triumphos e derrotas.

De quem é esta voz ?
 Doce canto que ensinas
 A concordia na humana consciencia ?
 Oh Poetas ! sois vós,
 Como outr'ora as Sabinas,
 Que daes aos sentimentos convergencia.

No concerto gigante
 D'este côro de Paz e de Verdade,
 Como as constellações do Occidente
 De fúlgidos clarões,
 E no concurso ardente
 De tres enormes Civilisações,
 Cantaram d'esse amor Virgilio e Dante,
 E do homem a audaz actividade
 Inspirava Camões.

2. Virgilio:

Quando, depois de horrisona borrasca
Alastrando por sobre a terra os mares,
Em convulsões do solo, os monumentos
Mais inclytos desabam; aos rumores
Do estampido dos ventos e dos raios,
Como em colapso do tremendo esforço,
Fica em mudez inerte a Natureza!
No lethargo de tal serenidade,
O silencio profundo e pavoroso
O precursor se torna da bonança!

Eis tres seculos gastos em combates,
Nas guerras com que o mundo devastaram
Os successores de Alexandre, as hostes
De Pyrrho e de Agáthocles, sangrentas,
E os mercenarios víis da alta Carthago!
Dilacerada a Italia pelas hordas
Que o odio exploram entre Sylla e Mario,
E que o duello rancoroso acirram
Entre Pompeu e a ambição de Cesar;
Dá-se uma trégua de lethal cansaço!
O mundo cae na morbida apathia,
Um momento de paz suspenso aguarda.

*

A vaga aspiração das consciencias
Expréssa a voz do Oraculo sagrado,
Que resôa n'um templo da Toscana.
De Sylla as canibaes carnificinas
Do advento da Edade nova ao mundo
Não deixaram ouvir-se o estranho annuncio!

Quando Cesar, imita no Occidente
 Os audaciosos sonhos de Alexandre,
 D'essa esperança o augusto vaticinio
 Inda outra vez o Oraculo repete.

Que nova Edade é esta ? Porventura
 Renova-se no mundo a Edade de ouro ?
 Ou volve a Italia ao sceptro de Saturno ?
 Vejo, pela primeira vez, em Roma,
 Sob Octavio, fechado o templo a Jano !
 Eil-o, o imponente symbolo da trégua,
 No geral apaziguamento do orbe.

Fallou verdade o Oraculo toscano !

*

Sobre o horisonte das Nações hodiernas
 Que nova Edade é esta que ora se abre ?
 Roma, a patria das Leis, jungiu os povos ;
 Religiões, mysterios do passado,
 Seus Deuses têm no Pantheon erectos,
 Em um cahos divino confundidos !
 As Leis tomam por base a Natureza ;
 O escravo no transe das torturas
 Do espirito proclama a liberdade,
 E tu, Cleantho, a labutar, ensinas :
 « Como o Amor, doce nexo da Familia,
 « Da Cidade, onde é vinculo suave,
 « Converte-se no Amor santo do mundo
 « Onde o homem não fica estranho ao homem ! »

Pretores ! Comprehendeis o sentimento
 Pondo a par do Direito a Equidade,
 Que nos infunde a Paz, sublime trégua,
 Precursora da grande Edade nova !

*

Não é, não, uma raça estranha de homens
 Que da face da terra toma posse;
 Não é um Deus-Menino — Attys, Adonis,
 Mithra ou Sabasius, que das nuvens desce,
 Da expiação no doce e sensual pranto,
 Dictando ás gentes a fraternidade!
 Voz clangorosa eccou pelo Occidente:
 « O grande Pan morreu! » Com elle eis morto
 O principio divino nas consciencias;
 E esta morte, a que pávido o orbe assiste,
 É um élo no circulo dos tempos,
 Da Edade nova a norma hoje revela!
 Do futuro eis a base da concordia:
 O Dever, como fonte do Direito,
 Perante o Grande-Sér — a Humanidade.

*

Vaga noção d'esta entidade abstracta,
 Stoicos! accentuaes em vosso exemplo;
 Sómente o Poeta, nuncio da Ordem nova
 Hade ouvir-se nos seculos vindouros,
 Depois que o estulto devaneio acabe
 Das multidões que um Salvador esperam.
 Vates! tecei da nova Edade o poema,
 E enquanto Roma impõe a Paz ao orbe,
Deus in nobis! cantae a Humanidade.

3. **Dante:**

Depois de ter deixado a companhia,
 Ao sair da mansão de sombra e dôres,
 De Virgilio, o querido mestre e guia;

Mestre, que do passado os esplendores
 Me faz sentir, com que a alma se conforta;
 Guia, pois do porvir mostra os alvores;

Á serena morada me transporta
 Dos lucidos espiritos videntes,
 Aquelle Amor, em que anda a mente absorta.

Ali, envolto em nimbos resplendentes
 Vi da Calabria o obscuro e pobre monge,
 No vulto a mansidão, passos cadentes:

O bom Joachim de Flores. Inda longe
 Com um livro que traz posto nos braços,
 D'onde irradia luz, que me compunge;

Disse-me então: « Detem, Poeta, os passos ;
 « N'este livro, a que devo as amarguras,
 « Consolações quiz dar a animos lassos.

« Divagava eu no claustro ermo, ás escuras,
 « Nas calmas da Calabria, meditando
 « Se eram cumpridas já as Escripturas ;

« Ouço um leve frémito ! Foi quando,
 « Como aura salutar que subtil passa,
 « Sobre os labios senti um toque brando.

« Tocou-me os labios mysteriosa taça ;
 « Ante os olhos se ostenta a visão clara
 « Que no Passado e no Porvir se passa :

« == Oh Poeta ! Na ascensão que fazes, rara,
 « Do Inferno ao Purgatorio e Paraiso,
 « Edades da Consciencia humana encara.

« Eu, da Consciencia edades tres diviso ;
« Bem percebes este encadeamento
« Na trilogia do supremo Juizo.

« Da Lei ao rigoroso cumprimento
« Primeiramente as almas vem chamadas :
« No terror tem a Ordem fundamento.

« Dura *Fatalidade!* Outras camadas
« Tem a Paixão do Justo; n'essa *lucta*
« Pela Prudencia são disciplinadas.

« Outros virão mais tarde ; e sem disputa
« Tem na contemplação a *Liberdade*,
« E a voz do Amor universal se escuta. ==

« Oh Poeta ! Foi n'essa hora e soledade
« Em que, ao tocar a taça, vi o mundo
« Do primeiro terror volver á Edade.

« Ao Sceptro oppõe-se o Baculo iracundo,
« Do Poder temporal, duello hodierno,
« Cruza-se a Espada e o Verbo, jogo immundo.

« Hade o Evangelho vir a ser eterno
« Quando una os Povos na Humanidade
« Do Amor universal laço fraterno.

« De um carcer' fui lançado á escuridade ;
« Como heretico é-me o silencio imposto ;
« E esta auréola ungiu-me em santidade.

« Deixa-me, oh Poeta, illuminar-te o rosto :
« Da Edade da Paixão soffrendo as dôres,
« Tens do Evangelho eterno o ante-gosto ».

Quando me achei em meio dos horrores
Que retalham a bella Italia a ferro,
E vi da Egreja o orgulho e os rancores;

Não senti a agonia do desterro;
Do Amor universal a potestade
Deu-me alento dos odios contra o afférro,
No sofrimento pela Liberdade.

4. Camões :

A noite era de calma. Pelo oceano,
Nas alturas do Cabo das Tormentas,
Vinha a Náo Santa Clara a todo o panno;
As riquezas que trago, são sedentas
Saudades, esperanças, dôce engano
De vir morrer na Patria! Como lentas,
Na saudade que amarga me pungia,
Correm as horas d'esta travessia!

Contemplava sereno e merencorio
Phosphorescencias da onda arrebentada
Contra o fronteiro enorme promontorio,
Espalhando luz vaga de alvorada,
Que aos contornos do Cabo Tormentorio
Dava a figura tétrica, alongada
Como um gigante pelos mares fóra,
Cuja falla era o vento, a onda sonora!

Oh, não, que eu das procellas o horror tema;
Mas vi com realidade essa figura
De Adamastor, que vive do meu Poema
Na sentida e inda não vista estructura!

Do Tenebroso Mar traçando o emblema,
Mal pensava eu que a rapida pintura
Se ergueria ante mim, dizendo cousa
Que só entende o Poeta que tudo ousa:

« Vae, Cantor! annuncia nos teus versos
« Que do Mar Tenebroso acaba a lenda!
« Esse Mar, que com impetos adversos
« Aos Phenicios audazes fecha a senda;
« Esse Mar, que ao vigor dos Lusos térsos
« Os ultimos cancéllos lhes desvenda,
« Para abrirem perante a Humanidade
« Campo mais vasto no orbe á actividade.

« Das antigas Charybdes e Scylla
« Symplégades, maritimos mysterios
« Com que o medo as coragens aniquila,
« Ante a Sciencia cairam taes imperios!
« Magalhães, meteoro que desfila,
« Do planeta circumda os hemispherios!
« Para quê, de hoje em diante, este cansaço
« De embarçar á Humanidade o passo?

« Hoje, em vez de terrores e ameaças
« De naufragios, mortes e lamentos,
« Fomes cruentas, miseras desgraças,
« Vaticinadas com rancor aos ventos,
« Eu hoje vos saúdo, oh gentes lassas
« Que sem saber, seguís os lineamentos,
« Servindo mais a Patria do que a gloria,
« Da evolução esplendida da Historia.

« A ti, Cantor das Navegações grandes,
« Tambem venho saudar-te na passagem!
« Que importa, que á desgraça vergado andes,
« Vindo encontrar ao termo da viagem

« Odios, invejas, sem que nunca abrandes

« Injustiças, dos genios homenagem ?

« Que roubados os versos teus na corte,

« No catre do hospital aches a morte ?

« Que importa ? se o Pregão eterno levas

« Do immorredouro nome glorioso

« Da Patria, por quem soffres ancias sévas,

« A que, em Mediterraneo assombroso

« Converteu esse antigo Mar de Trevas,

« Que o velho mundo encara temeroso,

« Sendo as margens de um lado Africa, Europa,

« Nas Americas ambas do outro tópa !

« Se o pequeno Mediterraneo teve,

« Como nas margens de um ingente lago,

« As Civilisações que mal conteve

« Do Egypto, Phenicia, e de Carthago,

« Da Grecia, astro que fulge intenso e breve,

« E de Roma, das gentes duro estrago ;

« N'esta orla de um maior Mediterraneo

« Que fóco á cultura abre-se espontaneo ?

« Então, em vez de guerras dos Estados

« Uns contra os outros, na brutal fereza

« Destruidos, mesquinhos, atrazados,

« Brotará a pacifica riqueza !

« Os productos da Industria são trocados,

« Rasgando ao velho mundo a estreiteza !

« D'este Mediterraneo sobre a borda

« Á Paz perpetua a Humanidade acorda.

« Se as Civilisações velhas se apagam

« Nos seculos, como isolados pharos,

« Novos fachos de luz a terra alagam,

« Imperecíveis, sendo menos raros ;

« E de um ao outro pólo se propagam
 « Succedendo-se vívidos, mais claros,
 « Activando o concurso consciente
 « Sobre o Mediterraneo do Occidente !

« Vae, Poeta ! Crê na visão futura,
 « Que te compensa das acerbas ruinas ;
 « Na Patria, achas tristeza vil, escura,
 « Hâode ir na servidão rojar-se as Quinas ;
 « Mas, perenne na historia, ella fulgura
 « Entre as Nações fecundas, peregrinas,
 « Patria iniciadora da grande Era
 « Da Paz, que ha tanto a Humanidade espera ».

*

Era a noite de calma. Em largo esteiro
 A Náo segue cortando a onda mansa ;
 No promontorio asperrimo, fronteiro
 Clarão austral diaphana luz lança,
 Como que tendo a intuição, primeiro,
 Que implicita contem : *Boa Esperança !*
 E comprehendi, que o meu Pregão paterno,
 Cantando a nova Edade é que era eterno.

5. Os insubmissos

Byron, Goëthe, Victor Hugo

Envolto em cerrada tréva,
 A luctar árca por árca,
 De Israel o patriarcha
 Contra o Anjo se subleva !
 Da lucta a desegualdade
 Contra a ethérea entidade

Na remota solidão,
A coragem não lhe abate,
Mas d'esse estranho combate
Ficou-lhe a deformação.

É sempre assim o Poeta ;
Quando, tremenda, o assalta
A realidade concreta,
Escala a barreira alta,
Que o horizonte lhe cerra !
E quando na escura guerra
Attinge a ideal visão,
Como o antigo patriarcha,
No espírito traz a marca
Da luta na solidão.

Quantos ficam deformados
Na pugna sinistra e cruel,
Em que o phantastico El
Toca-os por todos os lados !
Ao concerto vem chamados
Da augusta concordia humana
Erguendo os Córros sentidos !
Libertos da luta insana,
Sois, embora não vencidos,
Chamados — não escolhidos !

CRESCENDO E RINFORZANDO

O Psalterio

(Como a harmonia da Edade theocratica)

(*Modo Lydio*)

Como aura que bafeja o rijo tronco
Depois da tempestade,
Quando era o homem impetuoso e bronco
Pulsei da Divindade!
Dominei-lhe a vontade,
Como victima o trouxe complacente
Ao altar, que banhou com sangue quente
Na theocratica edade!

Suave allivio sente
Trémulo o rei Saúl, em anciedade,
De David nas canções !
Com melodias consolei o crente,
Ao definir chimerica entidade
Dos dogmas nas ficções.

A Flauta

(Como a harmonia da Edade guerreira)

(Modo phrygio)

Ah! se os Deuses dispensam a graça,
 Como allega o theologicº arcâno,
 Isso mesmo pratica o tyranno
 No favor de um capricho que passa.

É por isso, que a Flauta estridente
 Incitando sensuaes dithyrambos,
 Sacerdocio e Imperio impõe, ambos
 Á consciencia do pávido crente.

Fiz irmãos dos irmãos vis escravos!
 Protegendo dos fracos a vida,
 Na defesa da terra invadida
 Vim a unir as fileiras dos bravos.

A Lyra

(Como a harmonia da concordia civil ou democratica)

(Modo dorico)

O poeta Simonides, perdido
 No fragor da medonha tempestade,
 Quasi a afundar-se a doce Lyra toca!
 Surge um delfim do mar na immensidade,
 Tomou-o sobre o dorso, e seduzido
 Vóga! em terra sollicito o colloca.

É essa Lyra, que a concordia dita
 Da vida social nas tempestades,
 Unindo o fraco ao fraco que trabalha !
 À magia dos sons o odio dormita ;
 Portentosa elevanta-se a muralha
 Em que esplendem seguras as Cidades.

A Lyra deu á Lei o doce threno,
 A palavra que liga, sacrosanta,
 De cada corda a magica potencia !
 Das tres cordas da Lyra o som que encanta
 Entre as vontades faz o accordo pleno,
 A Ordem vem da mutua dependencia.

Uma fibra, á *Familia* dá o amplexo
 Do espontaneo amor, ideal, risonho,
 Onde, flébil, a infancia altiva faz-se !
 Outra fibra á *Cidade* impõe o nexo,
 Dos interesses; e outra cria o sonho
 Da Humanidade, que das *Patrias* nasce.

E emquanto o espirito adormenta
 O Psalterio, dos dogmas na apathia;
 Emquanto a Flauta, estrídula, violenta
 Allucinando a crédula rudeza,
 Para os ritos da sacrosanta orgia
 Arrasta a multidão em furia accesa;

Das tres cordas da Lyra a consonancia
 Bem representa a intima harmonia
 Que no homem moral ha desde muito!
 Em sublime concerto a *Ideia* allia
 Do *Sentimento* na preponderancia,
 Ambos á *Acção* determinando o intuito.

Da Natureza é o homem triumphante;
Do mysterioso seio as forças tira
Que submette servís á obediencia!
De cada Edade a estrophe dominante
Solte em côro o Psalterio, a Flauta, a Lyra
Na harmonia suprema da Consciencia.

*

No concurso dos Poetas do deserto,
Pendurava-se escripto em Letras de ouro,
 Como eterno thesouro
 Á adoração aberto,
Nas paredes da Caba sacrosanta
A Canção que melhor o Amor decanta.

Ao fim de tantos seculos de lucta
Attinge o homem na visão da Historia
 O fio que perscruta
 Da solidariedade!
A Terra é o templo, onde se expõe á gloria
O Kassideh do ideal da Humanidade.

II

A LINGUAGEM DOS MYTHOS

(POEMA)

Tudo quanto nos orbes vive e existe
Do turbilhão sidereo na miragem,
Traduz um pensamento alegre ou triste...
Ah, nem só a palavra é linguagem.

Como as letras de um livro, são as fórmas
Em que a materia eterna se desdobra;
E a consciencia presente o Verbo, as normas
Que segue a evolução na lenta obra.

Quem sabe perceber, ler o sentido
Das cores e da luz? da immensidão?
Dos symbolos na augusta escuridão
O segredo das gerações perdido?

Bem vinda a Poesia! Eil-a a Sibylla,
 Que do porvir a aspiração exprime;
 Ergue o passado, e como em fria argilla,
 Insuffla vida a sua voz sublime.

Como bafagens de soidões remotas
 Passam levando os ignorados gritos,
 Harpa animada, recompõe as notas
 Da visão interior expressa em mythos.

I

O Cahos das Edades

Do cahos do universo a ordem se apodéra !
 Findada a Creação, na tellurica esphera
 Um outro cahos surge! um cahos mais profundo,
 Onde as forças moraes elaboram um mundo ;
 Vibrações sensoriaes,— prazeres, amarguras
 Trazem no ignoto embryão Sociedades futuras !
 Esses germens, que vem latentes, confundidos
 Das Raças no tropel, no impulso dos sentidos,
 Deixam aparecer indistintos esboços,
 Menos corpo do que alma, estupendos colossos,
 Que se alastram na terra — Estados e Imperios,
 Os Deuses immortaes, os cultuaes Mysterios ;
 Cada Instituição, que activa se desdobra,
 Desde a Lei dura até á artistica obra,
 São no cahos estranho a viva realidade
 D'este *Fiat* audaz do Sér — a Humanidade,
 Que segue a evolução da vasta trajectoria
 Desde a vida animal ao limiar da Historia.

II

As Folhas da Sibylla

Quem descer do Passado ao phantastico val,
 Em seu caminho encontra — a Arvore universal,
 Cujos ramos cobrindo o céo etherco, vasto
 Aos Deuses dava assento e delicioso pasto!
 Do cépo vigoroso a especie foi nascida,
 Pois firmemente creu na Arvore da Vida,
 E do Bem e do Mal teve o conhecimento
 Conforme agita a folha o Oraculo do vento.

D'essa Arvore goteja o Soma inebriante,
 Fez-se a Cruz, d'onde emana a Graça edificante;
 Sob a ramagem larga e viridente cópa,
 Viveram raças d'Asia, d'Africa e Europa,
 E as nações da terra ao passarem debaixo,
 Accenderam ali o seu primeiro facho;
 Ou á saudavel sombra, aquella sombra enorme
 Cada tribu que passa um longo sonno dorme,
 Onde tem as visões do terror da partida
 E os sonhos ideaes de que se tece a vida.

Tem do *Gdokeréna* o Iran reminiscencia:
 N'elle Ormuz encerrou a *seiva* da existencia.
 Dos Vedas sôa no ár sacratissimo hymno
 Saúdando *Skambhá*, o symbolo divino
 Da vida universal! O *Ilpa*, o *Kalpadruma*
 Em que inda crê o Hindu, na gangética bruma!
 E do sonho dormido aquella sombra augusta
 Revive no Occidente a lembrança vetusta:
 Forte recordaçao d'esses primévos annos;
Irminsul abrigou a raça dos Germanos.

Soberbo, o *Iggdrasil*, vertendo eterno favo,
 Cobrindo no nevoeiro o povo Scandinavo,
 Tres raizes lançou ao tempo, fortemente:
 O Passado, o Porvir, líames do Presente;
 E em volta d'esse tronco, illeso ante as procellas,
 Com mysterioso ár se assentam tres Donzelas:
 Entretecendo á vida o destino secreto,
 Pensamento e Acção, sob influxos do Affecto.

Da Arvore universal desprende-se a folhagem
 Pelos ventos do céo; escapam da voragem
 As que vem do Iran, e da árida Chaldêa,
 Do Egypto longévo e da crente Judêa;
 Quantas folhas o tempo estraga em sua furia?
 Da Phenicia o que resta? o que resta da Etruria?
 Cada dispersa folha um Genesis revela,
 De uma lucta sem fim, que a Consciencia sélla,
 Ascendendo á Rasão — da vida emocional,
 E da Graça divina — á Justiça social.

*

Quando a velha Sibylla era escutada em Cumas,
 D'estas folhas colheu attentamente algumas,
 Lendo-as vaticinou o advento de outra Edade
 Do esplendido Porvir, que ostenta á Humanidade:
 « Se estas folhas reunir, dispersas e a esmo,
 O homem conhecerá — que é obra de si mesmo.
 Como outr'ora o Argonauta achou o Vellocino,
 O Homem será então senhor do seu destino:
 Das passadas ficções rompe o magico cinto,
 E tece o fio que o traz fóra do Labyrinto,
 A través do fragor das luctas do presente
 Attingindo consciente
 A plena Edade de ouro, essa normal Edade
 Na harmonia feliz da Paz e da Verdade! »

III

Paraiso perdido

(*Judeia*)

Era o homem feliz na edade primitiva :
Via o mundo através da imagem subjectiva,
Que da realidade exalta a retentiva.

Como quem vê á flôr do lago transparente
Brilhar palhetas de ouro ao clarão do oriente,
Espelhava-se o mundo assim n'aquelle mente.

Do universo a existencia á sua identifica ;
Dos thesouros ideaes a alma sente mais rica ;
Na ditosa illusão inebriado fica.

Reconstruindo o mundo á sua propria imagem,
Deu expressão moral á luz, á paizagem,
Vida ás pedras, á planta, ás cousas linguagem.

Vê despontar no céo com doce riso a Aurora,
Segui-a o Sol jocundo, o moço que a namora ;
E aquelle creaçao com singeleza adora !

N'esse estado comprehende as vozes da procella,
O destino que leva uma cadente estrella,
Ou que gigante no ár as nuvens encastella.

Para elle, tem tudo emoção, soffrimento :
Geme a floresta ! o mar ruge como em lamento ;
E a tacita montanha esconde o pensamento.

Doce allucinação n'este aspecto indeciso !
Convivio universal, n'um perenne sorriso
Que no horizonte azul confina o Paraíso.

Homem ! foste feliz na primordial edade ;
Encheste do teu sér fecundo a immensidão,
Concebendo a Materia em plena actividade.

Pouco a pouco se foi desvanecendo o sonho :
As cousas vão perdendo o aspecto risonho,
E impõe da realidade o contacto medonho.

Eis que a Rasão acorda ! e esse sonho bonito
Esvae-se ! A vida é a lucta ; o canto faz-se grito !
O espirito acha a Lei, mas sente-se proscripto.

Presente que ha perdido um vago Paraíso !
Cada objecto que vê, lhe perturba o juizo
Um enigma, um mysterio, um temeroso aviso.

Se o passado compára, observa o seu desdouro :
Já nem tudo o que luz se lhe ostenta como ouro ;
Quando contempla, fórmula o mysterioso agouro.

O Eden symbolisa a visão intuitiva ;
Teve a culpa a Rasão ! da inconsciencia o priva,
O Homem emocional da lenda primitiva.

Na dança cultual violento se allucina ;
Das cousas que mais teme o Fetiche imagina,
E cae na embriaguez de uma Causa divina.

IV

O primeiro amigo

(Judeia)

Misero, Adão, do paraíso expulso,
Vae affrontando as neves, as rajadas
Com incertas passadas.

E quando avança, na afflictão convulso,
Mostra-se cada flôr cheia de espinhos,
E os animaes, daminhos!

Emanações febris lançam os lagos,
Por entre as relvas silvam as serpentes,
Os areaes são ardentes.

Cerra-se o horizonte; e nimbos vagos
São fendidos dos raios pelos dardos,
Aos pés surgem os cardos.

Entre os cactos as carnes dilacéra;
Cáem ante elle em podridão os fructos,
Fogem de espanto os brutos.

A noite é sem estrellas, fria, austéra;
Esfalfado transpõe subindo a custo
Cerro escalvado, adusto.

E ao vêr sua mulher que succumbia,
Sente o peso da maldição que o aterra,
Repellido da terra!

Em tanto desamparo Adão dizia:
 « Onde haverá um sér que á dôr me falle ? »
 Não se ouve ecco no valle.

« Onde haverá um ente compungido,
 « Que na lucta me ajude de vontade
 « Contra a Fatalidade ? »

Junto a si distinguiu flébil gemido ;
 Repara ; encontra afadigado cão,
 Que lhe lambia a mão.

Rojando-se-lhe aos pés com humildade,
 Parecia dizer no mudo gesto,
 No olhar doce e mésto :

— Acceita, acceita esta unica amizade ! —
 E desde aquella hora, e desde essa éra,
 O animal com o homem coopéra
 Na domesticidade.

V

O Fogo sagrado

(Iran)

Vendo amedrontado,
 N'um súpplice rogo,
 Crepitar o Fogo
 Intacto e sagrado
 Em cima do altar ;
 A esse calor,
 Com que afugenta
 Da noite o terror,

E a féra sedenta
Que vem farejar ;
Na trépida mente
Interroga o crente,
Da préce na pausa
Que a exame induz:
« Qual será a causa
« D'esta santa Luz ? »

« De que fonte ignota
« Desvendando a treva,
« Sublime a luz brota ? »
Eis Agni se eleva,
Como alvo cordeiro,
Ao alto remonta
Subtil, sem cansaço ;
No ár prazenteiro
Ao crente lhe aponta,
E vem revelar :
Que do Sol a chamma
Inundando o espaço
É que viva inflamma
Essa labareda
Que refulge ledá
Em cima do altar.

Baixa a noite treda,
Já o Sol se esconde
Sem se vér aonde !
Vem milhões de estrellas
Dando claridade,
Que faz gosto o vél-as
Pela immensidade !
Ancia vehemente
O ignoto produz ;

Interroga o crente
Da préce na pausa:
«Qual será a causa
«D'esta nova Luz?»

Do altar diante
Contemplando fica;
Do inebriante
Licor do Haôma
Espalhando o aroma,
Mudo sacrificia!
Pelos labios passa
Ineffavel taça,
Outro Fogo ateia
Quando a medo prova
Gotas do licor!
Luz etherea, nova
Sua mente baça
Subito, incendeia,
Corre em cada veia
Vívido calor.

Calor que suscita
Intima alegria,
Visão infinita,
Da ordem das cousas
Verdade e poesia!
Espirito que ousas
Ter a Luz mais bella
Com que tu te inundas
De ideias fecundas,
Que o mundo revela;
D'esse ignoto Fogo
Que appareceu tarde,

O leve clarão
Ateado logo
Para sempre arde
Em ti — a Rasão.

Oh divino Haôma,
Bebido ao pé da ára,
N'esse teu aroma
Com que suavidade
Ao homem revelas
Mais que a das estrelas
Luz intensa — a clara
Racionalidade !

VI

O Bétylo

(Chaldêa)

Quem poderá saber onde existe o Poema
Do Grande Caçador de que o Genesis falla ?
O temivel Nembrot, que lá na edade extrema
 Onde a historia se cala,
Do olvido secular transpoz a escura valla ?

Nembrot errante andava
Dos monstros subjugando a sanha crua, altiva ;
 E encostado á aljava,
As tribus congregou em lucta defensiva,
E as Cidades allia á voz federativa.

Quem poderá saber onde o Poema existe ?
Do Grande Caçador o que é que elle dizia ?
Phrase vaga e incerta, hoje apenas subsiste
 Que um clarão irradia
Nas sombras do passado, onde a evoca a Poesia.

*

Tinha passado já a dolorosa edade,
 Essa edade sem nome
 Em que vagava triste a pobre humanidade
 Ao capricho da fome !
 Sobre a face da terra em duro nomadismo,
 Sem do bruto animal ter excavado o abysmo.

Acordando a rasão no combate da vida,
 Fôra a caça o recurso, a caça na floresta,
 Junto á rocha fendida,
 No fragoso alcantil, e dentro em furna mésta,
 Onde a aguçada flecha
 Varados sobre o chão o urso e o condor deixa.

D'essa edade dolente
 Em que o susto a velar constantemente obriga,
 O humilímo sér humano, paciente,
 Domina os animaes pela fraterna liga :
 Faz-se pastor ! e o boi, o cavallo, domados
 Submettem-se ao seu guia em busca de outros prados.

Dos Pastores a raça
 O temivel Nembrot encontra vagabundo,
 Absorvido na caça !
 Estranha apparição ! vestigio de outro mundo,
 Seguem-no a medo, a vér onde é que o velho pára,
 Pasmados como a funda a sua mão dispára.

Perguntaram-lhe, então :

— Oh Grande Caçador,

Que desfilas veloz, estranha apparição !
 E te entranhas na selva a sós, e sem pavor ;
 Tu deves conhecer estupendos segredos,
 Que a Natureza oculta a nós com frios medos ?

Alenta-nos o Sol ! É o Sol quem nos guia
 Quando vamos andando em busca de outros prados !

Como a nossa alegria,
 É elle quem alegra e nos aumenta os gados.
 Muitas vezes o Sol de nós esconde a face
 No nevoeiro denso, e o terror n'alma nace.

Muitas vezes o Sol, sem que o terror nos quebre,
 Dardejando cruel, ferino nos devora

Com consumpção e febre !

Oh, dize sem demora :

Conhecerás talvez que duro sacrifício
 O Sol exigirá para nos ser propicio ?

*

Nembrot ergueu-se altivo, encostando-se á aljava :

— Oh raça degradada ! é justo esse castigo,

Pois trocaes o viver errante e sem abrigo

Vencendo a fera brava,

Pelo sonno sensual em meio dos rebanhos,

Bebendo em vez do sangue o leite dado aos anhos.

Mas enquanto existir da geração exticta

Nembrot, ultimo resto,

Da tribu caçadora hade ser o protesto,

Embora essa ruina entre vós ninguem sinta.

Quereis saber de mim como esse Deus se aplaca ?

Vinde ao monte d'além ! Vêde a nuvem opaca.

*

Partem os maioraes do gado com Nembrot;
 Ao alcantil do monte
 Chegando, vibra no ár com a funda uma mó,
 Arremessa o calhão contra a nuvem de fronte.
 Uma fita de luz o cariz do ár fende,
 E rubra, na amplidão do céo azul esplende.

Pelos abertos céos rouco trovão ribomba,
 Immersos no terror ajoelham com espanto ;
 E com perstigio tanto,
 Da raça pastoral Nembrot soberbo zomba,
 Ouvindo os maioraes bradar nos cantos seus :
 « Oh Grande Caçador ante a face de Deus ! »

— Vêde ! Até Deus chegou da minha funda a pedra,
 D'ella o Fogo nasceu, e a viva claridade !
 Sempre o rebanho medra,
 E a tribu pastoral, se áquellea Divindade,
 Que no trovão vos falla, erguerdes como ára
 A pedra, que o trovão dos céos precipitára. —

Da Pedra fez-se o altar, onde repelle a treva
 Chamma cultual luzindo ;
 No Bétylo, que a tribu a toda a parte leva,
 E venéra, com oleo aromatico ungindo,
 São, mudas, degoladas
 Com as facas de silex as victimas votadas.

*

Cansados os Pastores
 De hecatombes crueis áquelle Deus occulto,
 Da colera sem fim supplicam-lhe o indulto ;
 Não corre o sangue mais ; mas o Deus dos terrores
 No seu atroz prazer só aplacado fica
 Quando, um dia, a si proprio o Filho sacrificia.

Como uma estrella errante afundada no espaço
 Deixa um rasto de luz na ephemera passagem,
 Dos tempos na voragem
 Ao perder-se Nembrot, seguindo aos leões o traço,
 Ficou entre as nações, a miragem, a voz
 Da carreira sem fim do Caçador feroz.

VII

Nectar e Necros

(Aram)

Erecto, exclama o Patriarcha antigo :
 « A Terra é Mãe, e dá-nos o sustento,
 « Nas cavernas a sombra, o doce abrigo...
 « Da Mãe o filho ignora o sofrimento !

« Nós rasgamos-lhe os seios com o arado,
 « Arrancando-lhe os vicejantes fructos ;
 « E quando a neve occulta o Sol, que é nado,
 « Ninguem chora da Terra os tristes luctos !

*

« Oh Terra-Mãe ! Forçoso é aplacal-a
 « Com sacrificio ! a culpa tem resgate ;
 « Que victimá agradavel será ? Falla !
 « Um sér vivo no teu altar se mate ».

*

Um outro velho Patriarcha adverte:
 « Quem arranca da Terra as verdes leivas,
 « Justo será, se n'esses seios verte
 « O sangue, que provém de tantas seivas.

« Seja o sangue dos vis zagaes immundos
 « Que a Terra deixam erma, sem cultura,
 « E impellindo os rebanhos vagabundos
 « Devastam d'estas veigas a verdura.

« Sacrifique-se á Terra, á Mãe divina
 « Dos que as seáras tratam, protectora,
 « O errante pastor, que contamina
 « O ocio sensual, e não a adora ».

*

Da tribu Qainita entre os trigueiros
 Homens do campo, pelo sol crestados,
 Da cõr da Terra, a qual dias inteiros
 Revolvem pelo sulco dos arados,

Plano entre elles se inventa
 De batalha sangrenta :

« Quando os homens da tribu de Habál, louros
 « Ás lagoas trouxerem as manadas,
 « A beber, tendo á frente os ruivos touros,
 « Vamos sobre elles com mangoáes e enxadas ;
 « No altar se sacrifique
 « Quem prisioneiro fique ! »

*

E d'este odio de raças truculento
O primitivo fraticidio surge !
O sacrificio horrido, sangrento,
O dogma o justifica, o culto o urge.

A queixa proferida sob o manto
Que a fronte cobre á victima em Supplicio,
Ficou a Supplica, o dolente canto
Que acompanha o solemne Sacrificio.

Quando a victima exala muda a vida
Na Ara presa, vergada ao duro córte,
O sangue era dos Deuses a bebida,
O doce Nectar do prazer da morte.

Entre as gentes espalha-se a vindicta,
Ficou o Fraticidio consagrado :
« Quem ferir o soberbo Qainíta
« Será por sete vezes castigado ! »

A Raça que arroteia e agriculta,
Na defeza ligando o que trabalha,
A cabeça do morto Irmão sepulta
Da Cidade debaixo da muralha.

Da Ara do fraterno sacrificio
Cada velha Cidade se nomêa,
Dando á marcha da Historia duro inicio
As laboriosas tribus da Aramêa.

VIII

A Canção de Lemek

(Assyria)

Que séculos esteve o Ferro amaldiçoado !
 Sidéros foi dos céos por castigo arrojado ;
 E á raça fabril, que o tinha martellado,
 Instrumento do mal, trouxe-a a misero estado.

Essa raça feroz, que trabalhava o Ferro,
 Da força fez um Deus ! e, consciente do seu erro
 Escondia-se a traz do escalvado cérro,
 De rapinas e morte usando com afférro.

Era o seu Deus a força ! e com arma homicida,
 Que o fogo vence e a rocha, essa raça temida
 Da vindicta pessoal fez o goso da vida,
 E da guerra sem tregua a gloriosa lida.

Ás tribus pastoraes roubava cada dia
 Os gados. Atacando o que no val vivia
 Agricultando a terra, a ferro lhe exigia
 As mulheres gentis em vil polygamia.

*

Entre Adah e Çillah, as mulheres formosas
 Que Lemek raptou ás tribus laboriosas
 De Qain e de Habal, com phrases orgulhosas
 Lhes diz : « Ora, escutae cantigas sonorosas :

« O deus que a dura tribu Qainita adora,
 « Prometeu ao seu chefe, ante a ára santa, outr'ora :
 « — Se a ferir o teu corpo alguem ousado fôra
 « — Sete vezes terá castigo, sem demora. —

« O meu Deus, que me vinga, é esta férrea espada !
 « Se um homem me ferir, — na terra ensanguentada
 « Vezes sete caírão setenta homens por nada,
 « E se criança fôr, será arrebentada ».

A Canção de Lemek eccou de edade em edade ;
 Dos Cabiras desfez-se a sangrenta cidade,
 Perdeu-se a comprehensão da hedionda crueldade,
 Quando o Ferro serviu a Paz e a Liberdade.

E o Canto, que inventára ao bater da bigorna,
 Que a todo o que o escuta o terror n'alma entorna,
 Em nenia funeral mudou-se, e triste adorna
 A marcha do heroe que á Terra mãe se torna.

IX

Quando as Pedras fallavam

(Chaldêa)

Sobre um sólo que ardentes calmas fendem,
 Amolda o homem por sua mão o barro,
 Nos ignorados deltas da Chaldêa:
 Templos, palacios, torreões esplendem,
 A sepulchral pyramide campêa.

Bem como Prometheu que anima a argilla,
 Amolda o homem por sua mão o barro,
 Sem precisar ao céo roubar o fogo;
 Communicando-lhe a vital favila,
 Fal-o exprimir a imprecação e o rogo !

E combinando o cunho que lhe imprime,
Amolda o homem por sua mão o barro
Á expressão do ingenuo sofrimento;
No tijolo retem canção sublime,
E a impressão primordial do firmamento.

Com o poder que ás pedras deu a falla,
Amolda o homem por sua mão o barro,
Tira tambem do nada o Deus que adora;
Sobre o altar verte o sangue e a rasão cala,
Perdeu assim a audacia creadora.

X

O Centauro

(Hellade)

Sobre a encosta do Pélion, mudo, hirsuto,
Deitado ao sol, contempla o horisonte
Centauro informe, esse anthropoide bruto,
Já testemunha da ternaria edade!
E da encosta do verdejante monte
Olha, absorto em bestial passividade,
 Esplendido, defronte
Olha, absorto em bestial passividade.
O sol a declinar na immensidate.

O que se passa na inerte mente?
 Que ruidos o embalam?
Como em sonhos estranhas cousas fallam,
Fecundando a ideia incipiente?
Como o armento á entrada do aprisco,
Juntam-se as nuvens no horisonte em faixa,
 Do sol rubro que baixa,
Eis se destaca o luminoso disco!

Chiron fitou-o deslumbrado; e pasma
 Ante a redonda e nitida figura!
 Quanto mais olha, mais se entusiasma;
 E desde aquelle dia,
 Reproduzir o circulo procura,
 Tirando o pensamento da apathia.

Quando um dia o nevoeiro os áres turva
 O Centauro, na intrépida rudeza,
 Traça do Iris a graciosa curva,
 Compara a ella o céo, a natureza:
 E á medida que pensa,
 Por sobre a relva lisa da planura,
 Por sobre os areiaes da praia immensa
 Reproduzir o circulo procura.

Achou a linha, que o fascina tanto,
 Essa figura bella!
 Estimulado pelo ignoto encanto,
 Que fórmas n'esse typo remodéla!
 Ninguem a audacia creadora sonda!
 Pelo influxo da fórmā sobre a ideia,
 Faz a gruta redonda,
 E do anthropoide o homem desenleia.

Quando outras fórmas tenta,
 Acha o Arco, a invencivel flecha,
 Com que ataca de longe as grandes feras!
 O Terebrátor e o seu giro inventa,
 Que produziu o Fogo n'outras éras.
 Mas quanto mais emprehende,
 No devaneio em que cahir se deixa,
 Sente de cada vez as mãos mais déstras;
 Acha o Escudo de pélles, que o defende,
 E o Disco das athleticas palestras.

Na magica figura que o fascina,
 Como immerso lá dentro,
 Chiron, sente um mysterio! determina
 O ponto gerador da curva — o Centro.

Ah, como a Historia toda
 Da sociedade humana
 Se esboça, desde que se achou a Roda,
 E o Carro, que transporta a caravana!

Já na vida pacifica fabrica
 O Moinho, a que junge a aza do vento;
 E do traballo material isento
 Para a cogitação liberto fica.
 Na corôa do monte assenta o burgo,
 Na Machina submette a Natureza!
 Da primitiva, bestial rudeza,
 O Centauro se torna um Demiurgo.

Livre um dia do muscular cansaço,
 Pôde o cerebro, na abstracção vehemente,
 Descortinar do Circulo no traço
 A divisão geometrica immanente.
 Como o senso adivinha,
 Deduzindo os poderes d'essa linha
 Que d'ahi tira a orientação no espaço!
 Ah, quem dirá ao vél-a,
 Que ao homem, por esforços seculares,
 Ella marca a distancia a cada estrella,
 Dirigindo-o através dos mares!

Chiron, o mestre, que a pulsar a lança
 Ao bravo Achilles na montanha ensina;
 Que ao homem contra a morte dá a esperança,
 Quando a Asclépios descobre a Medicina;

E que aos Lapithas na carreira alcança,
 Os subjuga e domina,
 Tu és a Mão do homem, que o redime,
 E de que a Grecia fez mytho sublime.

XI

A Columna de Fogo*(Israel)*

Quando o Povo escolhido
 Caminhava perdido
 Nos poentos desertos, com afan ;
 Caíndo a noite, logo
 A Columna de Fogo
 Ia-o guiando para Canaam !

Assim a Humanidade
 Vagava, n'outra edade,
 Nos páramos da inconsciencia animal ;
 E o Fogo, na vigilia,
 Sobre o altar da Familia,
 Tira-a do abysmo da emoção brutal.

Elle é Agni propicio
 Afugentando o vicio
 Da vida errante, egoista de ladrão ;
 É Vesta pudibunda,
 Perpetua, no lar funda
 Entre o par conjugal a união.

*

Do Fogo a santidade
 Constitue a Cidade,
 Dando um nexo ás Familias, espontaneo !

A labareda accesa
 Lembra o pacto — a defeza —
 Na concordia affectiva do Prytaneo.

Pelo Fogo que accende,
 O homem comprehende
 Que luz mais alta fulge-lhe na mente!
 Com essa luz ethérea
 Submettendo a Materia,
 A terra é a seus pés throno imponente.

Eis do Fogo a columna
 Desvendando a lacuna,
 Que ha apôs a Familia e a Cidade!
 Nos conflictos da vida
 Á Terra promettida
 Nos guia, pelo ideal da Humanidade.

XII

Os Deltas

(Egypto)

Na extensão desolada
 Do deserto areiento,
 A corrente caudal do Nilo, esbelta,
 Despeja-se no mar, acarretando
 As terras das montanhas
 Da longinqua Ethiopia.

Vae-se depositando
 Aquella immensa copia
 De uma areia com impeto arrastada,
 Formando ao fim de seculos o assento
 De um verdejante Delta,
 Berço de altas façanhas.

Nas continuas torrentes
 Do tempo incalculavel,
 É como um fluxo a existencia humana:
 Baldêa-se da morte na voragem,
 Mas apôs si deixando
 Inconscientes vestigios,

 Impressos na passagem
 Por excelso prodigio
 De Civilisações — Deltas ingentes
 D'onde a Poesia, a Industria, a Sciencia emana,
 E o costume brando
 Que a ordem fez estavel.

XIII

Babel

(Babylonia)

Como as aguas que vêm dos pincaros dos montes
 Se alastram da planicie aos vastos horisontes,
 E n'um revolto lago em tropel se concentram,
 Nas planuras da Média extranhas raças entram :
 Os Chaldeus; o Assyrio, elemento semita ;
 Vem as tribus de Cham, de origem nembrodita ;
 Com os Persas, a flôr da familia aryana,
 Os Medas, sempre hostis, da estirpe turana.
 E fallando entre si linguas as mais diversas,
 Formam a enorme enchente estas raças dispersas,
 Que pela vez primeira acharam-se em contacto !

Para se consagrar federativo pacto,
 Um Symbolo commum á multidão ocorre :
 Tenta-se a construcçao de uma altissima Torre,
 Um templo de degráos á concordia votado.
 Faltando a convergencia, é o esforço baldado ;

Não se pôde entender ninguem n'esse trabalho,
 Torna-se arma de guerra o constructivo malho !
 Os Deuses são hostis ! como expressão de Oráculo
 As Linguas á união das raças são obstaculo ;
 E nos hymnos cultuaes separam essas gentes
 Que se afastam com odio, em guerras permanentes.

Melhor do que a missão dos Templos colossaes,
 Das Pyramides frias, mudas, sepulchraes,
 Do cyclópico audaz megalithico muro,
 Essas Linguas a expôr vieram no futuro :
 Das Raças sobre a terra o longo itinerario,
 A mutua filiação do grupo solitario,
 Mostrando pelo idioma a progressiva gente
 Ante o destino irmãos no Oriente e Occidente.

De culto e de poesia ante este firmamento,
 As Linguas, expressão do mesmo sentimento,
 Foram os materiaes, com que altas se construem
 Torres que não têm fim, que aos seculos não rúem,
 — O *Genesis*, o *Avesta*, a *Illiada*, os *Vedas*,
Dos Mortos o Ritual, Nanrutu e os Eddas, —
 Ante os quaes cada povo, isolado no espaço,
 Orgão da Humanidade, une-o um mesmo abraço.

XIV

O Escudo

(Grecia)

Contra a pressão de intolerantes cultos
 Da sacerdotal casta exploradora,
 Com dogmas e mysterios vãos, occultos,
 Que o poder da rasão sempre minora ;

Contra o perstigio da Entidade etherea,
 Que o milagre antepõe ás Leis eternas,
 E pelo dom da graça, absurda leria,
 Dá Elysios e escuridões avernas ;

Contra arbitrio de Reis, e contra tudo
 Que o sér humano avilta, — com juizo,
 Oh Grecia ! triumphaste erguendo o escudo
 Sereno, e inabalavel de um sorriso.

XV

A Montanha

(Lacio)

I

N'um profundo rancor, e da lucta cansados,
 Páram os dois Irmãos, para sempre afastados ;
 Cada um busca assento, e o seguro abrigo
 Na corôa de um monte, onde espreita o inimigo,
 Vendo correr em baixo um rio torvo e forte,
 Que entre os dois mais accende esta sêde de morte.

No Monte Palatino, os dictames primeiros
 Proclama audacioso o chefe aos companheiros :

« Os que entrarem aqui, com filhos e mulheres
 « São eguaes entre si no goso dos poderes ;
 « Dos seus campos trarão uma moita de terra,
 « Com que erguido um quadrado, o sacrario se encerra,
 « Ante o qual, em commum, se concelebra o culto.
 « Da muralha em redor, quem morre é lá sepulto ;
 « Todos entre si são os donos da Cidade,
 « Com poder de eleição do Rei á dignidade,

« E quem vier depois, sejam ricos ou bravos,
 « Nossos servos serão, clientes ou escravos ! »

Quem ao appêlo vem, ao Monte Palatino
 Com familia e gado, incerto ou peregrino,
 Á Cidade elevanta inviolavel muralha,
 Que já ninguem transpõe, sem que a lethal mortalha,
 Ou da escravidão a dura gargalheira
 Dê segurança eterna á Cidade altaneira.

II

Eis do fronteiro monte, em cima do Aventino
 Proclama o outro chefe um pregão com mais tino :

« Fraco ou forte que venha aqui, de longe ou perto,
 « Foragido, a Cidade é amplo Asylo aberto,
 « Que muralhas não tem em sua redondeza !
 « De todos a união é que faz a defeza.
 « Homem ! sem distincção aqui és recebido.
 « Nunca o escravo ao senhor será restituído,
 « Nem ao créder se entrega aquelle que lhe deve,
 « Nem prender o assassino aqui o Juiz se atreve ! »

Um odio secular, fundas hostilidades,
 Assim se estabelece entre as duas Cidades,
 Fonte d'essa aversão perpetua, absoluta
 De Patricios e Plebe em implacavel lucta.

III

Aconteceu, porém, dentro da Cidade alta
 Que cinge o Palatino, ha de mulheres falta !
 O Rei patriarchal, dos anciãos no conselho,
 Pede urgente remedio; algum d'entre elles dô-lh'o.
 Lembram-se convidar, ao som das doçaínhas
 Para um grande arraial as aldeias vizinhas.

Os ranchos vem subindo o monte nos esconços,
 Para vêr descobrir o altar do Deus Consus;
 No festival ruido, em meio do apparato,
 Cada mancebo audaz, apaixonado, o rapto
 Faz nas moças do val, da que mais o attendera!

Cumpriu-se o plano bem. Começa uma nova éra:
 Cresce a populaçāo em numero e bravura,
 E já do Palatino alarga-se a cintura
 Incorporando a si as Cidades da Italia!
 Sem ter quem no valor e na prudencia eguale-a,
 Roma estende o dominio ao mundo conhecido,
 Assenta o grande Imperio universal, temido
 Da Força pela espada, e da Lei pelo Codigo,
 Os privilegios seus concedendo-os, pródigo!

IV

Mas da Cidade erecta em frente ao Palatino
 Qual será no porvir o secreto destino?

Nos privilegios seus, Roma a antiga se fecha;
 Ergue o Pomerium, fóra o Aventino deixa;
 Com soberbo desdem afasta o bairro infame,
 Sem que aos actos cultuaes aquella gente chame,
 Repellida de todo o politico interesse!
 A multidão obscura ali ingente cresce;
 Desvalidos da sorte, os torpes, vagabundos
 Refugio certo tem n'esses beccos immundos;
 Mas que estranho porvir, que imprevisto destino
 Estava reservado á turba do Aventino?

Decerto que os Annaes dos templos davam conta
 Do esplendido porvir, que na Historia se aponta,
 Velando do Aventino o estupendo mysterio!
 Os rotos e os nús tomam posse do Imperio;

E o Patriciado extingue-se ante a Plebe,
Que em vez de Armas e Leis, outras normas concebe ;
No fervor da expansão todo o orbe domina !

Os crédulos, d'ali trazem nova doutrina,
E vão allucinando a horda proletaria,
Com Dogma communista e Fé equalitaria
Com que prompto se espalha ardente o Christianismo !
Ergue-se a *Multitudo ingens* d'esse abysmo
Meridional de Roma, e irrompe audaz, ufana
Pela Porta Capena, e Via Ostia, Appiana,
Onde se elaborou a Egreja nascente
E a *loucura da Cruz*, que assalta toda a gente.
Homens broncos, boçaes tornavam-se prophetas,
Hieródulas sensuaes fizeram-se Agapetas ;
E os escravos vis, que ha na abjecta cidade
Sonham perante o Christo a completa Egualdade,
Contrapondo á Justiça a Graça que os attrae,
E aos Chefes temporaes, no céo o eterno Pae !

Da Cidade de Deus em lucta com a terrena,
Sem tréguas, é a Historia a terrivel arena ;
Porque a nova doutrina ora evangelisada
Entre paes e irmãos veiu metter a espada.

XVI

O Pantheon

(Roma)

Roma ! Oh nova Babel do Occidente,
Ao passarem sob o Arco triumphal,
N'uma fila magnifica, imponente,
As submissas Nações,

Sobre as áras de um templo universal
 Por ti são abrigados
 Os Deuses dos paizes conquistados
 Na confusão das mil Religiões!

Unificando os Povos inimigos,
 Deste ás Linguas, com tantas diferenças,
 A expressão civil da Egualdade,
 N'um cahos confundindo as Religiões!
 E dos Dogmas antigos,
 Em vez do esteril vínculo das crenças,
 A concordia suprema da Cidade
 Ás oppostas Nações.

Apaga-se ante a força do Direito
 De tantas theologias o vestigio,
 Vive e expande-se o humano sentimento
 Da terra entre as Nações!
 O Carmen Legis faz o homem perfeito,
 De todo perde o célico perstigio,
 De cada rito o estranho sacramento
 Na confusão das mil Religiões.

E os odios da egoista raça ou casta,
 Aniquila a Equidade, e os absorve,
 Espontanea fundando uma alliance
 Que aproxima as Nações!
 A terra é para o homem já mais vasta,
 A Egualdade civil abrange o orbe,
 E no Pantheon, como uma jaula, lança
 Vetustos monstros das Religiões.

XVII

Nascitur Ordo

(Roma)

I

Extinctis Diis

Destruição completa
 Sobre os Templos de Isis e Serápis,
 O Senado decreta !
 Assim se cumpra como o inscreve o lapis.

Diante das columnas consagradas
 De tantas gerações no estiolamento,
 De abobadas vastíssimas lavradas,
 Que abafam com terror o pensamento,
 Da arte hieratica aos prodigios bellos,
 Não ousam os obreiros
 Erguer os camartellos,
 Dando os golpes primeiros !

D'aquellas divindades ultrajadas,
 Da ira que fulmina,
 Pavor santo os domina
 Derrocando os hypogeos e arcadas.

*

Mas sobre os Templos de Isis e Serápis
 O Senado decreta
 Destruição completa !
 Assim se cumpra como o inscreve o lapis.

Austero, Paulo Emilio
 Lança mão de um martello,
 E invocando da Lei o forte auxilio,
 À primeira pancada
 Quebra o florão mais bello
 De granitica e esculptural arcada!

Ficaram as tremendas Divindades
 Inertes e passivas;
 Nenhuma o Consul rispida fulmina!
 Sacerdotal ficção das potestades
 Esvae-se, como as nuvens fugitivas,
 A humana Lei deroga a Lei divina.

II

Successit Humanitas

Cremôna assaltam, roubam a cidade
 Os bandidos de Antonio Primus, bravos,
 E em vez da costumada mortandade
 Dos pobres habitantes,
 Em almoéda os põem como escravos.

Ninguem vem, como de antes,
 Para comprar aquella inerme gente
 Da roubada cidade!
 Pela primeira vez... É suprehendente!
 Os escravos não acham compradores!
 Este cancro da antiga sociedade
 Cae de per si, e abdicam os senhores
 Das usuaes violencias,
 Porque a clara noção da Humanidade
 Surgia, alumiendo as consciencias.

XVIII

Nirvâna

(India)

I

O bom rei Prayaedési
 As doutrinas de Buddha
 Abraça com fervor !
 E em vez da vã ascése,
 Com poder regio escuda
 Esses dogmas de amor !

O humilde sramâna
 A proteger convida
 As santas leis moraes :
 A Egualdade humana,
 E inviolavel a Vida,
 Dogmas fundamentaes.

O grande Rei dedica
 A sua auctoridade
 Das duas leis á acção !
 Extatico não fica,
 O amor da humanidade
 Impõe á admiraçao :

Doze columnas bellas
 Foram alevantadas
 Sob o azul dos céos ;
 E em cada face d'ellas
 As doutrinas gravadas
 Da religião sem Deus.

Na ultima columna
Liam-se as claras normas
De alta veneração
Para todas as fórmulas
Com que se coaduna
O ideal da Religião.

E que ninguem professe
Que este ou aquelle culto
É mais puro e melhor!
Opinião de estulto!
Só é proficia a mésse
Da harmonia e do amor!

Para a alma a esmola,
Cerimonias externas,
Não valem o bem real
Que tanto nos consola,
Em intuições internas,
A perfeição moral!

E sem fazer-se alarde
Da excelsa primazia
De uma absoluta fé,
Cada um respeito guarde,
Áquillo em que outro fia,
Áquillo em que outro crê!

II

Porque não transformou a alta doutrina
O mundo em paraíso terreal,
Aproximando a sociedade humana
Da Edade normal?

Porque a lugubre ideia do Nirvâna,
 A miragem mental,
 Ao homem a apathia lhe propina ;
 Quebra-lhe a energia,
 Considerando a acção, a vida um mal.
 A existencia é tragico poema,
 A Morte é a alvorada
 De um infinito dia,
 Na ventura suprema
 Da absorpção do Nada.

Como no areal movente
 Se enterra a caravana
 Que fugindo aos leões e ao simun passa :
 Apathico, dormente,
 N'um sonho com que a si mesmo se engana,
 Olhando a vida como atroz desgraça
 Immerge-se o Oriente
 No vacuo do Nirvâna.

XIX

O grande Calvario*(Europa occidental)*

A Natureza é sempre a mãe piedosa !
 Ao homem, filho ingrato
 Que a vê como madrasta,
 Foi outr'ora encantado talisman
 De perstigio divino :
 N'uma miragem vasta,
 Complexa, mysteriosa
 Do mundo aberto, lato,
 Da vida na manhã,
 Revelava o recondito destino !

Indo dos ferteis valles á procura,
 Via a tribu, que emigra,
 Ao perpassar o vento
 Arrebatando as folhas do arvoredo,
 Elas guiarem-na em seu passo audaz !
 Que o sabio em vão denigra,
 Ao guardar dos Papyros a escriptura
 De hieratico segredo,
 Esta ingenua união do sentimento
 Que o homem com a Natureza faz !

*

Foram as folhas mortas
 Dos Codices, que eternamente á letra
 O espirito algemaram,
 Na immobildade
 Da lei divina e da humana lei !
 E os primévos Fetiches revelaram
 Como a vida penetra
 As cousas todas do universo, absortas
 N'uma constante e plena actividade,
 Ás concepções da creadora grei !

Mas quando a Natureza, o ingrato filho
 Julgou materia inerte,
 Da letra ao empêcilio
 Submetteu-se, sem mais pedir conselho
 Á tendencia benefica e solerte
 Da Natureza-mãe !
 Como as mumias que longa fita enlaça,
 Pela Biblia e Koran, pelo Evangelho,
 Tristes Povos do Livro, manietados,
 Foram desorientados
 Mantendo odios de raça
 Por esse mundo além !

Desolada esterilidade espalham,
Como ventos contrarios
Passando sobre a terra :
Uns frementes batalham,
N'uma devastação
Que as nações cultas, pávidas aterra !
Sombrios, solitarios
Outros caem do Logos na abstracção,
Nos sonhos transcendentes.

Em quanto aquelles passam entre as gentes
Como bando disperso
Alentados na ideia :
De Iahveh a eleição...

As cimas viridentes
Que se alcançam de Tunis á Judéa,
E de Genova a Athenas ;
Que circumdando vêm
Do Mar Mediterraneo o santo berço
Das Civilisações suprehendentes ;
Com o espirito em negridão immerso
Esses *Povos do Livro*, em tantas penas
Da negação da Natureza-mãe,
Miserrimos sectarios,
Transformaram em safaros Calvários !

XX

O raio

(Germania)

Um relampago intenso
Fulgiu rapidamente
No horisonte da Europa ;
Rasga o nevoeiro denso,
Frio sudario, ingente;
A triste e funebre ópa,
Que em toda a Edade-média
Poz nas almas a acédia.

Que luz tamanha ! D'oncde
Irrompe essa faúla
Vivo clarão que passa ?
Á excommunhão responde,
Este incendio da Bulla
De Wittemberg na praça !
Lutherô rompe os élos
Dos lethaes pesadelos.

O que a Egreja perdia
Do espiritual dominio,
Ganha em barbaridade ;
E n'esse mesmo mez,
Tremendo morticinio
No Mexico fazia
Com santa cruealdade
O hespanhol Cortez !

XXI

Primus in orbe Deus fecit timor

Vêde-a brincar, a criança! espontaneo folguedo.
 Deu-lhe para tingir a face avelludada
 Com a sangrenta cõr de uma baga esmagada,
 Que arrancára da moita e triturou com o dedo.

Se não lembra o selvagem emotivo e ledo
 Quando inventou a vil tatuagem desvairada!
 Viu-se a criança então; não se conhece, e brada
 Hirta de horror, sósinha, em convulsões de medo.

Que verdade em tudo isto! É lei do atavismo:
 Assim a Humanidade um dia forma o Deus,
 Composto das paixões e sentimentos seus.

Vendo essa obra, aterrou-a o vago symbolismo;
 Quer aplacar o Nume, e do fervor no accesso
 Ergue o altar onde immola a razão e o progresso.

XXII

O Lago

Na margem do lago brincava a criança!
 O azul da atmosphera nas aguas reflecte
 Um céo vago e fundo, como uma esperança
 Que o corpo attrahindo mil gosos promette.

Brincava a criança na margem do lago!
 Do sol as arestas subtils, scintillantes,
 Thesouros occultos, que ostenta algum mago,
 Nas aguas refulgem, sem fim, deslumbrantes.

Na margem do lago a criança brincava!
 A brisa perpassa ligeira, gemente,
 N'um doce susurro, suave embalava
 As aguas, qual seio materno indolente.

Criança ! brincava do lago na margem !
 Quer vêr de mais perto esse céo tão azul,
 Tomar as arestas da luz na voragem,
 Dormir embalada com as auras do sul...

E o corpo attrahido da alegre criança
 Revolve-se, e immerge no fundo do lago;
 Nas aguas que a brisa dolente embalança
 O sonmo frio dorme, lethargico, aziago.

*

Era a criança a Ieda Humanidade ;
 Seduziram-na imagens reflexivas
 Do mundo exterior na inanidade,
 Que se imprimem na phantasia vivas !

Deslumbrada pelas ficções se lança,
 Ante o aspecto multímodo do mundo,
 Das Religiões no pélago profundo
 A Humanidade, como a ideal criança.

XXIII

Lux eterna

(Renascenças)

Emquanto sobre a margem do Hellesponto,
 Além, por entre a escuridão opáca
 De procellosa noite, se destaca
 De uma luz frouxa o scintillante ponto;

Olhos fitos na tenue claridade
Que de longe se avista e mal se apaga,
Leandro, o louco amante, affronta a vaga,
A corrente voraz e a tempestade !

Vae, n'uma lucta desegual, sem medo,
Ermo, transpondo o horrifíco elemento ;
Seguro, porque o guia um pensamento,
Forte, do amor de Hero no segredo.

Mas, que ? Quando uma noite o doudo amante
A voz que o chama na sua alma escuta,
Se arroja ás ondas, e com as ondas lucta,
O vento apaga-lhe o fanal distante...

*

Foste, oh Héllade, assim ! Emquanto ardia
No horisonte a luz da liberdade,
Sentindo o immenso amor da Humanidade,
Creaste a Scienzia, a Arte e a Poesia !

De vez extinto esse fulgor divino,
Foste na historia como um corpo morto ;
Comtigo a Humanidade, não sem porto,
Fluctuava ao som de agua, sem destino.

PARTE I

CYCLO DA FATALIDADE

IDEALISAÇÃO DA UNIDADE CEREBRAL
(ACCORDO ENTRE A SUBJECTIVIDADE E A OBJECTIVIDADE)
A QUAL QUANDO PERTURBADA
PRODUZ A RETROGRADAÇÃO, ALTERANDO O ESTADO SYNTHETICO,
ISTO É, CONDUZINDO DA LEI PARA A CAUSA

ELENCO PHILOSOPHICO

DO

CYCLO DA FATALIDADE

Tomando o conhecimento da continuidade historica e a consciencia da solidariedade humana como o objecto mais elevado para a idealisação artistica, sobretudo na forma da Epopéa, naturalmente esta composição poetica deve apresentar as mesmas divisões ou estadios da marcha historica da Humanidade. A esse periodo de inconsciencia, em que a especie desconhece a immutabilidade das leis naturaes e é supplantada por ellas; em que não sabe determinar a relação entre a realidade do mundo exterior e as suas impressões subjectivas; e em que as instituições sociaes não nascem de um pacto voluntario mas de um automatismo e pratica consuetudinaria que chega a harmonisar-se em um consensus tacito; a este periodo ante-historico, que se continua nas populações e raças inferiores e nas persistencias das grandes Civilisações, é ao que aqui designamos como *Cyclo da Fatalidade*.

Os esforços progressivos com que a Humanidade venceu um grande numero de fatalidades cosmicas, e se apropriou das leis naturaes pela industria e pela sciencia, constituem um como combate que tende para a affirmação da consciencia, que se eleva aos primeiros esboços da *Synthese philosophica*. Tal é o *Cyclo da Lucta*, em que cada raça e cada civilisação se succedem n'este vórtice do tempo, contribuindo com as descobertas empiricas e principios moraes privativos do seu genio.

A necessidade de demolir as construções tradicionaes do passado, como as fórmas religiosas, os privilegios familistas, as hostilidades nacionaes e mil outros erros transmitidos automaticamente nos costumes, levam a intelligencia individual á revolta, ao estado mental da duvida, ao emprego do criterio negativo sem o qual não poderia desembaraçar-se para formar uma concepção positiva do universo, e deduzir do passado humano a situação normal e definitiva do futuro. Por esta emancipação da consciencia, para que o espirito propende, constituem todos os esforços o *Cyclo da Liberdade*. Taes são na Epopéa humana as tres divisões fundamentaes da Historia, em que á narrativa corresponde a idealisação da lucta da liberdade contra a fatalidade. Littré formulou pittorescamente esta synthese: «Quando as raças humanas se espalharam sobre a Terra, era incerto se o imperio d'ella lhes pertenceria; quando luctavam entre si pelo solo, pelas aguas, pela conquista, era incerto se resultaria d'isto sómente sociedades divididas, cotonadas e inimigas. Hoje a terra está conquistada, e a humanidade absorve pouco a pouco as sociedades parciaes e impelle-as para um fim commun».

A Tradição

Ode em que se procura exprimir o sentimento da continuidade humana como força que liga o presente com o passado e que conserva todos os progressos adquiridos. A *Tradição*, invocada como um poder perstigioso com que se impunham as instituições que exploraram o conservantismo ou a estabilidade social, é espiritualizada pela Arte, tornando-a impulsiva e aproveitando-se d'ella como de um thema sympathico por meio do qual universaliza o novo e profundo sentimento da solidariedade da especie implicita na noção de Humanidade. Quinet, que previu a necessidade da Epopéa humana, exprime lucidamente esta transformação: «As Tradições locaes, que se contradiziam e luctavam entre si quando estavam subordinadas ás fórmas individuaes da consciencia de uma raça, libertadas d'este nexo, recuperarão o seu desenvolvimento e a sua ordem natural na consciencia poetica da propria humanidade. — E agora, que um homem disponha dos annaes da humanidade, como Homero dispunha dos que pertenciam ao povo grego, que, para unidade escolha a unidade da historia e da natureza, que elle aproxime os s̄cres reaes através dos seculos, na via maravilhosa do infinito, que estas scenas se succedam e encadeiem, não mais nas trevas do inferno, do purgatorio ou do paraíso da Edade-média, mas em um espaço tão illimitado, brilhando com uma luz mais completa, elle terá attingido a fórmula da Epopéa no mundo moderno. Menos acabada nos

seus contornos do que os poemas homéricos, excedel-os-ha em grandeza e em elevação. A sua missão é destacar dos véos mysticos da Comedia divina, do Paraíso perdido, e dos livros santos do Christianismo o lado real da Humanidade, como a *Illiada* destacou a figura grega do sistema das epopéias symbolicas dos Acheanos e dos Pelasgos ». (*Gen. des Relig.*, pag. 437).

A TRADIÇÃO

(Pean)

I

Como a taça do velho rei de Thule
Que os apagados annos revigora,
 E na extrema hora
Elle arrojou ao mar com mão tremente,
Antes de se afundar na onda plangente
 Sem que outro labio a oscule,
 Ou bafo que a macule,
Por momentos fluctua na alva espuma:

Assim as gerações uma após uma
Levadas á voragem das edades,
Arrojam sobre o pélago fremente
Do tempo, que as impelle ao olvido, ao nada,
 Uma Taça dourada
Erguida nas angustias, nas saudades,
— A Tradição — o mysterioso favo
Que encerra o goso e dôr, da vida o travo.

*

II

É largo oceano o tempo! Ondas sobre ondas
 São n'elle as gerações, despojos frios
 De revoltos azares
 No seu destino vario!
 D'esse bárathro ao imo não vão sondas;
 São como os grandes rios
 Que vão perder-se no arenoso estuario,
 Ou torrentes caudaes em fundos mares!

Ah! não é só a vida o que se finda!
 Nem ancias, nem pezares!
 O que é que resta ainda
 De quanto rio, e mares que mais resta
 Além da mole de areiaes — ruinas
 Feitas de arestas soltas, diamantinas?
 Devastação funesta
 Confundindo os detritos de outros sérbes,
 Sérbes estranhos, que evocou a Terra,
 A mãe fecunda que devora os filhos
 Buscando á perfeição ignota os trilhos,
 Quebrando pela morte o typo em que érra.

De tantas gerações, baixeiis submersos,
 Das Civilisações mudas, vetustas,
 Alguma cousa resta, e persistente
 Como esses areiaes diamantinos:
 São os eccos dispersos
 Dos sacrosantos hymnos,
 Das queixas doloridas e augustas
 Da alma ingenua e crente

Nas divinas chimeras,
E do combate humano!
Tal é a infinda Tradição das éras,
Lotus pairando em agitado oceano.

III

Bem vinda a Tradição! esboço errante
Que sempre em busca andas
De um espirito novo;
Transmigras do passado; ao porvir mandas
Mais ardor ao combate audaz, pujante,
Em que um povo succede a outro povo!
Surgindo da voragem,
Lá d'onde igual ao bruto elle se erguera,
Vens ao homem trazer-lhe mais coragem
E ensinar-lhe o jogo
Com que derrube a fera,
E revelar-lhe a produçao do Fogo!

Ao fabricar a clava e o montante,
E a Cidade lacustre,
Inesgotavel força o homem cobra!
E transmittindo o lustre
D'esse triumpho ovante,
Da conquista do Prometheu captivo,
Dos recursos de Tvásthár e de Hephaestos,
Que os deuses equalaram na sua obra,
Os dominios do homem são mais vastos,
O vôo da intelligencia é mais altivo.

Oh Tradição ! consciencia
 Tu nos déste no frigido negrume
 Em que andámos de rojos !
 De cada arranco guardas o queixume,
 De cada passo a intrepida experienzia,
 Pois que accumulas todos os despojos !

IV

Como aquelle que vae atravessando
 Doentio deserto interminavel,
 De dia sob as oppressivas calmas,
 De noite sob um céo gelido e opaco,
 Busca as pégadas que o atalho avivam,
 E a luz polar que a cerração obumbral:
 Bem hajas, Tradição ! senha sagrada
 Que as tribus do universo entre si trocam
 Desmembradas nas migrações longinquas,
 Nas luctas canibaes das fortes raças,
 Conhecendo-se irmãs emfim um dia !

Oh Tradição ! O que é que tu fizeste
 De antigos Deuses ? transformaste-os todos :
 Em vez de aterradores simulacros
 Fizeste Heroes que morrem, vindicando
 No combate da vida — a Liberdade !
 Intolerantes dogmas sanguinarios
 Embebem de odios a Familia humana ;
 Algum culto ha do que outro mais divino ?
 Não tem por germen primordial o Mytho,
 Quando a mente buscou dar fórm'a outr'ora
 Aos sonhos do Ideal que a inebriavam ?
 Tu nos guardaste as bases da concordia !

Ao som fascinador dos vagos cantos
 Soubeste conduzir a mente do homem
 Do torpor animal em que era immersa,
 Ás contemplações altas, deslumbrantes,
 E a pôr a força racional em obra !
 Tu foste a Lyra quando á Lei deu fórmâ.
 O sacroso verbo de hierophantes,
 A linguagem dos hymnos sonorosos,
 As estrophes vehementes da poesia,
 Perderam o terror do augurio santo,
 E dos povos malditos e de escravos
 São a expressão do sentimento livre !

Oh Tradição ! És sempre e sempre amada.
 Sem ti o homem fôra estranho ao homem
 No páramo dos tempos ! solitario,
 Quem lhe diria d'onde tinha vindo ?
 Nos radicaes primévos da linguagem
 Conhece cada povo o intimo esforço,
 Que lhe fixou a relação das cousas ;
 Contra aversões de raça, que separam,
 No furor de invasões e de destroços,
 Na marcha ascensional do pensamento
 A mesma aspiração identificas !

V

Oh Tradição ! oh alma das edades,
 Das audaciosas raças que fundaram
 As Civilisações com o seu sangue,
 E se extinguiram, como os grandes rios
 Que deixam limos d'onde brota a vida,
 És o rastro perenne, alveo immenso
 Por onde turbulentas deslisaram !
 Trouxeste-nos os Vedas, o Avesta,

As concepções primeiras do universo;
 Trouxeste-nos os étos das batalhas
 De Báratha, do apaixonado Râma,
 As façanhas de Rustem e de Achilles,
 De Sigurd, de Roland, de Vainamónen,
 Ensinando esse ardor por onde as raças,
 Como os rios metaes, se o fogo os liga,
 Fortes se tornam, duras e altivas!

Perpetuando ao bravo a vida, o exemplo,
 Arthur, o Cid, Antar e Barba Roxa
 Vivem envoltos na penumbra eterna
 D'onde os evocas, sempre á lucta promptos.
 Quando a força brutal esmaga os povos,
 Soltando as vozes dos coraes gigantes,
 As vozes dos oppressos que respiram
 Nas vastas Epopéas da revolta,
 Pelo espirito os tornas invenciveis!

VI

Oh Tradição! Heroes e Deuses passam;
 Como a névoa de ignoto continente
 Ou aroma de uma encantada ilha,
 Ao rude, ao servo, ao misero acompanhas
 Alentando o trabalho; — e assentada
 A luar, do tugurio humilde á porta,
 Embalas a innocencia das crianças.
 Da materia algum atomo se perde?
 Nenhum! Tudo se evolve e se transforma
 Desde a attracção universal á vida.
 Da energia moral és persistencia!
 Na lentidão dos seculos — escuras
 Forças do mal viciaram teu perstigio,
 Embaraçando ao pensamento o vôo!

Recebendo o vigor de cada edade,
 Lotus que encerra os germens do futuro,
 Fecundam-te auras de aspirações novas,
 Porque a Sciencia te determina o intuito,
 Elo espontaneo da concordia humana.

VII

Ignota mão lançando ao mar profundo
 Revoltoso, iracundo,
 Taça dourada que o abysmo engole,
 Ouviu-se um brado como de lamentos,
 Como rajada que a floresta assole,
 Retroar pelo mundo,
 Eccoando aos quatro ventos:

— Quem de vós? bravos, que affrontaes a morte,
 Se atreverá a mergulhar no abysmo?
 Quem, destemido e forte,
 Affrontará o aziago paroxismo
 Descendo á profundeza
 Do golfão, onde a vida é froixa e lassa,
 E nos traga outra vez, á luz, illesa
 A preciosa Taça?

A multidão contempla muda, anciosa...

D'entre a turba, o Poeta que tudo ousa,
 O Poeta ouvindo o audaz pregão, avança;
 Vence o medo a esperança,
 E nas bordas do abysmo instantes pousa;
 Encara-o como o gladiador as feras!
 E para o fundo, rapido, deslisa,
 Buscando a Taça ideal que synthetisa
 A Tradição das primitivas éras!

A multidão contempla entristecida !

E o Poeta surgindo da jazida
Do tenebroso abysmo, á luz revoca
 A Taça ahi perdida,
Essa Taça, que os labios d'Esdras toca,
Quando elle, ao regressar do captiveiro
De Babylonia, o texto em vão procura
 Da Sagrada Escriptura,
 E lh'o revela inteiro !

Oh Taça de ouro ! quanto aroma exhalas,
De uma Edade divina ha muito extinta !
 Com que poesia fallas
 A coração que sinta !
A Tradição patriarchal penetras,
Os Dogmas de Iahveh, cantos de guerra,
 Com que ainda na terra
 Israel sobrevive,
Na mente de Esdras tudo então revive
Illuminando as apagadas letras.

A multidão contempla ! absorta scisma :

O Poeta no pélago se abysma
Do Passado, remota escuridade !
A Taça que infundia a heroicidade,
O sacrificio aos bravos, de lá tira !
Era o Santo Graal ! Cymbio que inspira
A perfeição ao Cavalleiro errante
 Da Patria na defesa,
Na galhardia pela ideal amante ;
E da Taça encantada com surpreza
O effluvio subtil se diffundia
Da coragem, do amor e da poesia.

A multidão contempla a sós, tremendo...

Surge outra vez o Poeta á luz, trazendo
Taça que fez dos fracos a alliança
Nas Symposias bebendo,
Dando á Nemesis a pessoal vingança!
E para segurança
D'aquelle pacto novo,
Por essa Taça, ainda em Roma o povo,
O grande povo eleito,
O Temetum libava,
E a garantia civica firmava
N'um eterno Direito.

É essa mesma Taça
Que nas Ghilds germanicas desperta
O fraternal abraço que as enlaça!
E pela Liberdade as põe alérta!
É ella que as concerta
Na liga contra a senhorial ameaça.

E disse a multidão no assombro e pasmo:

— Oh Poeta! Oh Poeta, é santo o entusiasmo
Com que mergulhas no golfão das éras:
A Taça da concordia, que trouxeras,
Nos alentou com divinaes chimeras,
Com fervor de sublime heroicidade,
Com as luctas da vida e liberdade!
De tudo o vago aroma em si encerra:
E a todos nós, nações, raças da terra,
Unifica na mesma Humanidade.

CANTO PRIMEIRO

DESCENSÃO MENTAL E MORAL DO RELATIVO
PARA O ABSOLUTO

ELENÇO PHILOSOPHICO

DO

CANTO PRIMEIRO

Depois dos poematos fragmentarios, que na sua fórmā de quadros representam o syncretismo das Tradições humanas, o primeiro Canto da Epopēa philosophica deve fundar-se sobre uma tentativa de systematisaçāo. Tomando portanto o estado de subjectividade como predominante na consciencia humana em éras remotas, as emoções perante a Natureza physica foram para ella uma realidade, uma plena criaçāo. Maine de Biran caracterisou este estado, que se representa completamente pela Poesia: «O homem não se separou de repente dos objectos das suas representações; existe inteiramente fóra de si; a natureza é elle, e elle é a Natureza». O modo d'estas representações da Natureza differe segundo as raças e as civilisações; esse estado de criaçāo subjectiva manifesta-se pela fórmā de *Cosmogonias* ou concepções do mundo, organisadas não por via do raciocinio, mas por meio das analogias, como notou Darmesteter. Umas Cosmogonias foram a resultante da unificação dos pensamentos com as imagens em *Symbolos*; tal é a concepção da Terra, Demeter, como um symbolo feminino. Outras Cosmogonias derivaram do predominio do pensamento sobre as imagens, ou o *Trope*, como se vê na intenção da Parabola, e na abstracção das forças da Natureza reveladas pelos phenomenos do Céo. Por ultimo as Cosmogonias dissolvem-se em *Mythos* ou o desenvolvimento das imagens na Poesia (*hymnos* e *epopēas*), nas fórmas cultuaes (*Mysterios* ou

dramas hieraticos) e nos systemas philosophicos (Theologias e Metaphysicas). Tal é o espirito implicito nos poemetas agrupados na *Trindade natural*, idealisando a Terra, o Espaço e o Homem, segundo o emocionismo que operou a transformação da noção relativa na absoluta do Grande-Fetiche, do Grande-Meio e do Grande-Sér.

A Trindade natural

I. Demeter ou a revelação pela Mulher

A Terra, tendo em si o mysterio da Vida e da Morte, criando ao seu seio todos os sérres e sendo ao mesmo tempo a sua sepultura, é o primeiro problema da intelligencia. É comprehendida como uma energia feminina, a Grande Deusa-mãe. A Mulher tem d'ella o dom prophetico, nas Vestaes, Pythias, Sibyllas e Alirunas; e como a Terra, a mulher constituiu a primeira sociedade anandrica ou hetairista, e iniciou a vida sedentaria da Agricultura. N'este novo estado, é a Deusa-mãe que revela a lei da união conjugal, nas Thesmophorias; e pelo drama da maternidade dolorosa, a mulher eleva-se á Trindade affectiva de *Esposa, Mãe e Filha*. O homem, saindo do nomadismo, e pela sua união com a terra, cria essa outra trindade social da *Família, Pátria e Nacionalidade*.

II. O Céo ou a revelação pela Luz

O Espaço, antes de atrahir o homem á occupação pelo cosmopolitismo das migrações, provocou a contemplação do Céo, onde a luz do Sol, e durante a noite a luz da Lua, se alternam estimulando as primeiras especulações mentaes. O phenomeno do apparecimento e desapparecimento da Lua, suggeria a concepção do tempo (*karanas*, as phases lunares, d'onde *Kronos*, segundo Curtius). D'essa regularidade achada veiu o nome do Mez (*mas*, o mensurador, e *Masa*, os doze mezes do anno hebdomadario) e a disciplina social da Semana, que se reflecte no mytho theologico dos sete dias da Creação. D'esta influencia pratica resultou o antagonismo entre o *culto solar* e o *culto lunar*, que se manifesta nas guerras tradicionaes dos Kuru e Pandu da epopéa india, até ao triumpho da doutrina buddica apoiada sobre o culto lunar, em que Sandracottos (*chandra-gupta*, o protegido da Lua) destroe o regimen da desigualdade das castas. Reconheceu-se por fim a necessidade de harmonisar o *culto lunar* com o *solar*, e foi essa a missão dos primitivos instituidores, Thot e Manu, que conseguiram a divisão do circulo celeste ou Ecliptica nas doze partes correspondentes á evolução lunar.

A contemplação do Sol, apenas levava ao contraste entre o dia e a noite, constituindo para o homem o drama da lucta entre a Luz e as Trevas. Sobre este thema formaram-se espontaneamente os Hymnos domesticos, d'entre os quacs os Richis escolheram os que mythificavam a Aurora, o Sol, o Fogo do lar, o Vento, que se desenvolveram em narrativas épicas e novelescas; nas concepções religiosas do Dualismo, ou a lucta do Bem e do Mal, e nas especulações messianicas da Redempção.

No poemeto, o antagonismo das duas civilisações é representado pela decadencia do culto lunar dos antigos reis-astrologos da Chaldéa, que chegaram a comprehendêr o mysterio dos doux grandes rios que inundavam as planuras da Mesopotamia, e pelo triumpho de Cyro (*Kurus*) que conquista Babylonia desviando o Euphrates do seu leito.

III. Carmen ou a revelação pela Palavra

A voz do Espaço, ouvida no trovão, no rumor da floresta e das aguas é como um mensageiro do céo. O homem imita esses sons, dá o nome ás cousas, como um novo creador, e sente-se com o poder da Invocação, na prece, com que actua na vontade dos deuses.. A Oração é a propria divindade, o *Verbo*, das altas concepções sacerdotaes. É a palavra que vôa (*Pheme=Fama*); é a palavra que moralisa (*Parabola, Fabula*); é a palavra immutavel que prende aos dogmas, mas tambem é a palavra que liberta na critica philosophica.

Kheder

A fórmula da lenda koranica do Propheta desconhecido (*Khidhr*) percorrendo o mundo durante seculos, e nptando as transformações dos logares por onde tinha passado, exprime de um modo pittoresco a ideia da continuidade humana formulada por Pascal: «toute la suite des hommes pendant le cours de tant de siècles, doit être considerée comme un même homme qui subsiste toujours, et qui apprend sans cesse». O genio poetico dos povos deu-lhe representação nas lendas de Xisuthros, Malco, Ahasverus, Glauco, elevando-se espontaneamente pela occupação da terra e pelas migrações á ideia da evolução.

A TRINDADE NATURAL

Rerum ignarus imagine gaudet.

I

DEMÉTER

or

A revelação pela Mulher

Começa o mez das flôres ! Vão as brumas
Dispersas pelo ár; as auras mansas
Vêm alentar a natureza triste !

Doce calor assiste
Das arvores nas franças,
Das aguas nas espumas.

Eis se recamam de verdura os prados ;
Tambem todos os germens sepultados.
Que a terra tem no imo seio, agora
Pullulam reflorindo,
Como desponta lindo
O primo alvor da aurora !

Oh Mysterio patente!
 Desde o primeiro dia
 Que o homem vago, aério
 Sentiu surgir em sua rude mente
 A ancia de comprehendêr esse mysterio
 Da vida e morte, que ante os olhos via;

Logo disse comsigo,
 N'uma intuição certa
 Embora inconsciente:
 « Dos séres todos, quanto vive e sente,
 A terra é o berço e sepultura aberta,
 E a quanto sente e vive dá abrigo! »

E contemplando ledo
 A graça encantadora
 Que vae por val e serra,
 Teve a sincera crença: « A Terra, a Terra
 Da vida e morte em si guarda o segredo
 N'esta energia occulta e creadora! »

N'esta energia creadora e occulta
 Existe o quer que é de feminino,
 Na gestação de immenso devaneio!
 Oh Terra! Oh grande Mãe! n'esse teu seio
 Vimos á vida, e elle nos sepulta;
 Homens e Deuses têm igual destino!

Homens e Deuses têm a mesma sorte;
 Terra-Mãe, quando os povos te adoraram
 Puzeram tréguas ás sangrentas lidas!
 Os Poetas antigos o cantaram:
 — No mesmo seio existe a Vida e Morte,
 Irmãs gémeas de um germen concebidas.

Eleusis

Das cidades remotas, opulentas
 D'Asia Menor, do vasto Egypto e Italia,
 Das Ilhas todas do Mediterraneo,
 Da Grecia inteira, partem peregrinos ;
 Vão a Eleusis, á capital sagrada,
 Como um tropel de alegres Corybantes,
 Que ao som dos sistros descem as montanhas.
 Religiosa vertigem, que se espalha !
 Em Eleusis celebra-se o Mysterio
 Da Grande Deusa, a Terra-Mãe ! Eleusis,
 Por esse culto é o templo do universo.

Quem sabe o que se passa no atrio augusto ?
 O que uma vez assiste, silencioso
 Ao quadro immenso do Mysterio — guarda
 Um juramento eterno de segredo ;
 Não tem sobre elle a morte um poder pleno,
 O sôpro que o anima ao empereo vôa.
 Todos anceiam penetrar no templo,
 Comprehender essa antithese terrivel,
 O mysterio da Vida e Morte, unidas
 Da Terra-Mãe na synthese divina.

Eil-o o côro dos Mystes se atropella,
 Para escutar a voz de Hierophante.

PRIMEIRA INICIAÇÃO

Proclama o Hierophante da collina :

« Quem se banhou nas aguas do Illyssus,
 E ás bordas do mar se mundifica,
 Cumpra o *Catharmos*, confessando os erros

Os mais occultos que haja commettido ;
 Coés, o sacerdote absolve a todos !
 Mas quem derramou sangue ; quem violado
 Tenha as leis da concordia que une os homens,
 Esse, ainda que seja o rei da terra
 Mais prepotente, altivo e temeroso,
 Os Mysterios de Eleusis não contempla !
 A grande Mãe dos Deuses os fulmina ».

Da multidão os Mystes se destacam ;
 Vêm coroados de myrtos, e caminham
 Entre alaridos, com accessos fachos,
 Ao longo dos hypogeos tenebrosos
 Cantando hymno estridente, que hallucina.

Cheio de uncção o Hierophante falla
 Ao grupo amedrontado, que contempla
 Um antro immenso, algar soturno e frio
 D'onde emanam vapores que embriagam,
 Que a mente lhe povoam de mil sonhos !
 De quando em quando sentem-se rumores
 De latente vulcão, imagem do Hades,
 E as sobrepostas rochas embalançam.
 O Hierophante lentamente narra :

GAEA

« Surgiu a Terra do revolto Cahos
 Aos páramos do espaço arremessada ;
 Da rubra incandescencia arrefecendo,
 Como á nudeza que um véo alvo guarda,
 Era envolta n'um nimbo de vapores.
 Os raios fendem essas nuvens densas,
 Liquefazem-se, e sobre a terra cáem
 Formando os mares tepidos e largos.

Os impetos de enormes cataclysmos
 Serão acaso convulsões sem plano ?
 Oh Terra ! eras então viva energia,
 Gaea, a deusa trazendo no seu ventre
 O esboço de quanto sente e vive,
 Filhos de um mesmo sôpro — Homens e Deuses !

Para que rolam turbulentas ondas
 Corroendo da terra as crustas ? traçam
 Relêvos dos futuros continentes.
 As convulsões do interior do globo,
 Abrem-lhe grandes fendas ; entram aguas
 Produzindo explosões, que alevantaram
 Inacessíveis, vastas cordilheiras !
 Que busca a natureza n'este embate ?
 Que equilibrio procuram tantas forças ?

Nas cristas das montanhas, perpassando
 Ventos humidos, frios se congelam ;
 Eis que as neves eternas se accumulam
 Alimentando os gigantescos rios,
 E os detritos dos valles mais fecundos.

Para que sér, mysterioso ainda,
 A Natureza cuidadosa fórmá
 Com ternura de mãe o doce berço ?

À superficie das viscosas aguas
 As cellulas vibrateis se elaboram,
 Os elementos carbonados criam
 Da vida vegetal o esboço vago,
 Do animado sér os rudimentos.
 Sente-se que ha na Natureza intuito.

Qual será, Gaea ? A série se desdobra
 Dos vegetaes : sem elles não viriam
 Os organismos vivos, que ascenderam
 Como em escada mystica até o Homem.

Ei-lo, que chega enfim, — o esperado
 Tantos millenios ha ! o Homem surge
 Da Natureza como nova força,
 Da evolução universal — consciencia !
 A Terra transformou-se como em leito,
 Um leito de noivado, onde recebe
 O mysterioso par, que um dia a adora.

Da fórmula parcellar e fragmentaria
 De archipelagos e ilhas, onde a vida
 E os typos animaes 'stão comprimidos,
 A Terra lentamente se ergue e escôa
 Das aguas de um immenso mar dormente,
 Continentaes contornos lineando.

E n'esses continentes as planuras
 A herbivoros darão os prados verdes,
 Ao carnivoro a preza ; e os desertos
 Para as nómadas raças ! Aos camellos
 Os páramos remotos ; os esteppes
 Aos cavallos ; ao gamo e cabra os montes ;
 As florestas gigantes e espessas
 Ao elephante, aos fortes rhinoceros ;
 Á girafa os oásis ; vergeis frescos
 Aos lentos bois ; os rios de agua doce
 Ao pesado hyppopotamo !

E muito antes
 D'este delirio organico da vida,
 A Terra, ao emergir das aguas, traça

Dos altaneiros montes as arestas,
 As espinhas dorsaes dos continentes !
 Cabeças, onze, os Alpes apresentam,
 São como ilhas que um dia se reunem ;
 São as vertebras da central Europa !
 O Jura se elevanta, e com os Alpes
 Fórmá um golfo, que em lento e longo esforço
 Vae arrancando ás aguas. Mar interno,
 Que o vasto val do Rhodano cobria,
 A Baviera e a Panonia, eil-o se escôa
 Ao seu definitivo alveo ; ainda
 Esse Mediterraneo se confunde
 Com o Indiatico mar, cobrindo o Egypto,
 Ainda não preso no grandioso estuário.
 Então a Asia Menor estava unida
 Ao territorio que ha de ser a Grecia,
 E na Italia os segmentos se divisam
 Truncados, onde se erguem no futuro
 Roma, a patria das Leis, Florença a da Arte !
 Pelo isthmo de Tunis se encadêa
 A Africa á Europa. E a terra firme
 Alarga-se do Ural á Inglaterra,
 Á Hespanha, e o Atlantico transpondo
 Toca as duas Americas !

Tal era

O mundo terciario, a activa edade
 De uma lucta em que as aguas vão recuando
 Á medida que a Terra lenta emerge
 Como o berço de novos organismos.
 De Gaea essa energia se transmitte
 Aos grandes monstros ; animaes que trepam
 Aos rochedos e arvores, o solo
 Vão revolvendo, e os errantes bandos
 Atacando-os na atroz voracidade.

As especies são como o esboço vago
 Dos animaes que hão de ajudar um dia
 N'esta lucta tenaz da vida — o Homem:

Eil-o o Hipparium, o monstro intermediario
 Ao cavallo e ao asno ; o Anthrocotherium
 Gigantesco, que preludia o porco;
 Eil-o dos Anoplotheriuns o grupo,
 Dos pachydermes accentuando a fóрма,
 Tentáme do trapir e rhinoceros !
 Ao cão, eil-o antecede o galecynos ;
 Emfim, na gestação dos fortes monstros,
 Traz Gaea o Mastodont, o Megatherium,
 O Dinothereum colossal, terrivel
 O precursor valente do elephante.

As gazellas, antilopes, girafas
 Pela Attica percorrem ; e era Athenas
 Do deserto africano exigua parte!
 Onde o Parthenon se ergueria altivo,
 Os Hippariums em bandos retouçavam ;
 E nos futuros bosques de Colonna
 Em vez do suave rouxinol dos poetas,
 Do Macharadon rangem as maxillas.
 Do Sunium, no sagrado promontorio
 Onde procissões mysticas convergem,
 Onde Platão contempla ideaes sublimes,
 O Dinothereum vaga em feroz lucta.

Ó Gaea ! Foi a lucta, a sanha ardente
 Nos continentaes plainos, que define
 As fórmas animaes : se no Oceano
 As caudas homeocercas se prolongam
 E as fortes barbatanas, — sobre a terra

A garra, a pata, a perna é que triumpham
 Na carreira, no assalto, no combate !
 E o que sagaz espia, esse na lucta
 Dá força ao braço armado, e a mão realisa
 A acção de uma vontade intelligente !

Com esplendor as plantas desabrocham
 Como em festa; vem matizar o berço
 D'esse esperado Sér, que em si resume
 Do universo a energia na Consciencia !
 A par de enormes animaes, se espandem
 As dicotyledoneas estupendas,
 Os arvoredos das folhagens amplas,
 Os palmares, os corpulentos robles,
 A figueira, a nogueira, o cedro branco,
 O côco, e no seu viço e abundancia
 A esbelta flôr de luxuriantes côres,
 De aromas com effluvios que inebriam,
 Embalsamando as tepidas bafagens.

E durante este immensuravel tempo
 Torna-se a terra montanhosa, enrugam-na
 Ingremes cordilheiras; lá se alastram
 Os planaltos vastissimos, seguros !
 N'esses planaltos, longe das florestas
 Onde tripudiam quadrumanos,
 Foi ahí, que esse Sér meditativo
 Ergueu os olhos para o céo fitando
 O espaço azul, infindo, incomprehensivel;
 E desde então, em marcha audaz erecto,
 Avançando tomou da terra posse,
 E ás brutas forças, que o retêm e cercam,
 Submette-as, co'a rasão, ao seu imperio !

Quem não te ha de adorar, Gaea? em teu seio
 As energias cosmicas trabalham;

E como a femea, que presente o germen
 Fecundado, prepara carinhosa
 Ao ente que ha de vir, o doce ninho,
 Oh Terra-mãe, formaste o berço do Homem. »

E em quanto a multidão dos Mystes canta
 Um hymno á Terra, a Grande-mãe, no fundo
 Do templo immenso, nitido apparece
 O fulgor deslumbrante do Arco Iris !
 A turba fica extactica, assombrada.
 Como se produziu tal maravilha ?
 Que significa o Symbolo sublime ?

SEGUNDA INICIAÇÃO

Pela mão do Hierophante, ás áras
 Chega a sacerdotisa; aos crentes falla :

— Contemplemos a bella Mensageira,
 Que fez a augusta união do Céo e Terra
 No doce laço do hymeneu eterno !

RHÉA

Sêcca e árida a Terra, era selvagem
 Nas cegas energias; nuvens negras
 Cobriam-na como um sudario frio.
 Rasga as nuvens o raio, as chuvas cáem,
 No seio d'ella embebem-se, e fecunda
 Esse obumbrado kteis o Deus do raio.
 Que fórmas vegetaes a Terra cria !
 Que delirio de vida trasbordando
 Dos animaes em não sonhados typos !

E como o raio fere os celos cumes
 Das montanhas alcantiladas, o Homem
 Preferiu as encostas das montanhas;
 Fundou ahi cidades, defendidas
 Das chuvas torrenciaes, das bruscas cheias!
 No coruto dos montes ergue altares
 A Rhéa! ainda brilham sobre o Ida,
 Em Sipyle, no Dindymo e no Tmolos,
 Na Phrygia, na Bithynia e Berecyntho.

Nos valles fundos, que energia pulsa
 N'uma vegetação luxuriante!
 E as tribus que apascentam seus armentos
 Nas escuras cavernas têm abrigo.
 Uma pedra do céo cahira entre ellas,
 Chamaram-lhe Cybele, e adoraram-na;
 Em volta d'ella agregam-se conformes
 Na divisão dos prados! Representa
 Essa Pedra focal, paz e concordia,
 O Symbolo da união do Céo e Terra.

Os Montanhões disseram :

— N'esses valles

Vivem lá em baixo tribus opulentas;
 Têm terras ferteis; prados vicejantes,
 E rebanhos sem conta! Guerra a ellas,
 Occupemos os productivos campos!
 Mas ainda melhor que essas riquezas
 Guardam a Pedra que do céo cahira,
 O penhor da união do Céo e Terra,
 É a Pedra focal! Ella é que as une,
 Fecundo talisman dos seus rebanhos.
 Vamos roubar-lhe a Pedra de Cybele! —

E desceram aos valles, como outr'ora
 Foram buscar Hellena os reis argivos.
 As povoações nos valles sedentarias
 Vendo o perigo de imprevista ameaça,
 Para dentro de um Delta inacessivel
 Transportaram rebanhos e mulheres,
 Confiam-lhes a guarda e mesmo o culto
 D'essa Pedra focal, symbolo santo,
 O penhor da união do Céo e Terra.

Das montanhas, famelicos desceram ;
 Foi um combate encarniçado ! As tribus
 Que vem dos cerros, brandem as espadas
 De bronze reluzente ; aos áres lançam
 Calhaus rolados, que arremeça a funda !
 Venceram os pastores n'un assalto.

Foi no extremo da sangrenta lide
 Que os montanhões, sedentos das riquezas,
 Viram fulgindo no ar o Arco Iris !

— « A Terra-Mãe nos deu este triumpho ! —
 E lançaram-se ao chão, tocando a terra
 Com as mãos, como a seio carinhoso.

CYBELE

Os vencidos e escravos exclamaram :
 — « A Terra-Mãe nós todos adoramos !
 Seja um penhor de paz Cybele agora.

Vão a Pedra focal buscar ao Delta ;
 Vem n'un carro ladeado de donzelas,
 Um côro de bellezas deslumbrantes,
 Pythias, Vestaes, Sibyllas, Ali-runas,
 Quanto ha de feminino e mysterioso
 Que tem o dom propheticoo da Terra.

E disseram: — Se a Terra-Mãe nos une
 Na mesma adoração, juntem-se as tribus.
 Sobre a Pedra focal uma uncção de oleo
 Se derrame, com flôres e perfumes,
 Da concordia social Symbolo santo.
 Á imagem d'ella os Terminus se façam
 Que d'ora em diante a propriedade fixem;
 Seja essa Pedra o soberano assento
 Do chefe eleito que governe a todos,
 Quando em roda e de pé falle o conselho.

Ao serviço do culto consagradas
 As virgens ficam, no inviolavel culto!

Mensageira, uma d'ellas foi ao Delta
 Dar aviso ás mulheres — bem podiam
 Outra vez regressar para os seus campos.
 Temendo uma traição dos vencedores
 Não quizeram voltar; tinham entre ellas
 Fundado uma Hetairêa: Uma rainha,
 Virgem, eleita fôra, que governa
 As mulheres, que os prados agricultam.

TERCEIRA INICIAÇÃO

Proclama o Hierophante:

— Alto mysterio,
 Do homem e mulher a união se ostenta.
 Só pôde estar presente, quem provado
 Tenha a sacramental Collação pura;
 Bebido o hydromel de aroma ethereo,
 E durante cinco annos meditado
 Sobre as iniciações da Epoptêa!

Da multidão destacam-se iniciados
 Vestidos de alvas chlamydes; e em côro
 Vêm as Mäes de familia, ás quaes compete
 Cumprir os ritos mysticos, e augustos
 Pela Sacerdotisa presididas.

Tocheiros colossaes de marmore ardem
 Derramando uma intensa claridade;
 N'esse momento um rancho de crianças,
 Como um tropel de Amores, vem ladeando,
 Entre flôres que espalham, aureo Carro
 Com a Pedra focal. Parou; em roda,
 N'uma dansa sensual, vertiginosa,
 Volteam as donzellias doudamente.
 No fervor da Corêa grupos de homens
 Apparecem, e cada um abraça
 Seu par e beija-o, e comsigo o rapta.

Era a dansa das Noivas terminada
 Em volta do penedo; principia
 O grande Drama mimico: simula
 O fim da Sociedade hetairista,
 Do marido e mulher a união completa:

AS FESTAS SAKÉAS

Via-se o valle esplendido do Kimme;
 Ali um Delta verde, immenso e bello
 Pelo Halys formado; o mesmo rio
 Das incursões dos barbaros defende-o.
 Não entram lá as hordas turbulentas
 Que andam errantes, sempre em Iatrocínio,
 Para além da montanha do Cimbárión.

Não podendo roubar impune os gados,
 De vez em quando, occultos entre os juncos
 Da ribeira, raptavam a donzella
 Que vinha encher a talha descuidada.

N'esse valle do Kimme, defendido
 Pelos charcos e lodo onde se somme
 Para sempre quem pouse o pé incauto
 No tapiz verde da planura, — habitam
 Mulheres; só mulheres! ellas cavam
 A terra negra, fazem sementeiras,
 Apascentam rebanhos, e as lâs fiam.
 De todas tem Chalciope o governo,
 As guerreiras freneticas dirige,
 Quando as abala o instincto defensivo!
 Já cansadas do nomadismo bruto
 Da vida pastoral, ellas fundaram
 O Lar, a estavel pedra, onde arde o fogo,
 A perpetuidade da familia!

Sobre a outra vertente de Cimbárlion
 De Gher a forte raça andava errante
 Na região do Caspio ao Tanais: vive
 Da caça, e em luctas, pastoreando os touros
 Que subjugam na rapida carreira.
 Em cada anno, ao entrar da primavera,
 Quando alegre revive a Natureza,
 A feminina povoação do Kimme
 Deixa o valle; ao planalto do Cimbárlion
 Vae á Pedra focal, á Mãe-Cybele,
 Ungir com oleos, coroar de flôres.
 Com os bravos de Gher passam dous mezes,
 Entre dansas freneticas, lascivas.
 São as festas Sakéas: Entre as dansas,
 Nas claras noites perfumadas, quentes

É que a mulher escolhe o homem, esse
Por quem será vencida na carreira,
Na lucta, e subtilissimos enigmas !

Quando este jubileu de amor findava,
As barracas então se desmantelam :
Os homens tornam para a vida errante,
As mulheres regressam para o valle
Ao trabalho da terra, sedentario.

Como a terra no seio seu germina
A semente, que em fructos se desdobra
E opulenta se adorna, imagem santa
D'essa fecundidade — a hora chega
Em que as mulheres trazem do festivo
Amor o dôce, o encantado fructo !

Se a criança é varão, na adolescencia
Será entregue ao pae; que heroico siga
A vida errante, a vida de combate !
Se é menina, ao chegar da graça á edade,
Quando tiver o dom da formosura,
A ella a escolha de ir tambem ás festas
Nas ruidosas Sakêas do Cimbártion,
Das outras Mães no mesmo rancho alegre ;
Ou consagrada então á Virgindade
Ella entrará no côro das Donzelas,
Mantendo accessa a sacrosanta Pyra,
Do fogo de Éstia o generoso culto.

Eram essas as Virgens, que ditavam
Os Oraculos na floresta espessa ;
Que sabiam as Runas mysteriosas
Dos triumphos nas guerras e amores,
Dos thesouros e dos dragões alados !

Ellas eram as Volas, Barrigenas,
Conhecedoras do futuro incerto;
Eram Sibyllas inspiradas, liam
A ruina de imperios e do mundo.
Mulheres fortes eram essas Virgens,
Valkiries invenciveis! apertadas
Pelo cinto da Castidade, o emblema
De uma soberania encantadora,
Supplantam todos os heroes na lucta.

Só desligando o cinto são vencidas;
Assim fôra Brunhild, o Edda o conta.

Era Chalciópe uma Virgem forte,
Em todo o vall' do Kimme a rainha !
Pelo côro das Virgens se rodêa,
Das Virgens que o sagrado fogo acceso
Da Cidade conservam, reverentes.

Chalciópe consulta o côro, e disse:

— Temos á porta a festa das Sakêas.
Já todas as mulheres se preparam,
Banham-se e tratam dos adornos, galas,
Para subirem ao Cimbárión, ledas,
Para escolherem árdidos mancebos,
Robustos e audazes! Eu, rainha,
Tenho de acompanhar as Mães á festa ;
E Virgem, luctarei de corpo a corpo,
Triumpharei por força ou pela astucia !
Mas da tribu de Gher o rei é bello,
Audaz, robusto ! Se me vence, eu fico
Mulher d'elle, á vontade do seu mando !

Quem me ha de succeder? D'entre vós todas
 Será aquella que melhor explique
 Mysterios de Deméter, mãe piedosa,
 A paixão dolorosa, que a hallucina.

Então juntam-se as Mães dos lares todos,
 Para ouvirem Astélope, cantando
 Da grande-mãe Deméter, quando outr'ora
 Estava unida ao Céo, e as aguas do alto
 Fecundaram-lhe o seio exuberante,
 Até que chega á angustia incomparavel
 Quando perde Coré, a filha amada,
 A semente, que o rego fundo encobre
 Que torna á luz na floração estiva.

Antiope, que ambicionava o cinto
 Da realeza feminina, acode
 A tomar parte na sublime lucta.
 Cantou a Terra como a intacta Virgem,
 Era Artemis de torres coroada...

Qual d'ellas ficará rainha? A sorte
 Fica entregue ao destino do combate.

Ei!-o chegado o mez da primavera;
 No Cimbáron as festas principiam.
 Com a tunica branca se reveste
 Chalciópe; o barrete ponteagudo
 Ao modo scytha dá-lhe um ar terrivel;
 No braço alvo de neve enfia a pelta,
 Na dextra vibra a hacha de dois gumes.
 Sobe a montanha! N'essa noite ardente
 As festas proromperam. Á barraca
 De Chalciópe chega o rei da tribu
 De Gher, o mais gentil dos homens fortes.

Vem prestar-lhe homenagem : Ella sente
 A chamma do olhar com que a contempla !
 Como Thamestry diante de Alexandre,
 Da Virgindade o cinto ella desata ;
 Lançaram-se nos braços um do outro.

Ao outro dia, quando interrogaram
 Astélope e Antiope, a qual d'ellas
 Compete de ora em diante a realeza,
 Chalciópe abraçada ao que esposára,
 Gherum, o rei da tribu, brada ao povo :

— *Cada mulher de hoje em diante pôde*
Fazer como eu : e seja até á morte
Companheira fiel do homem que escolha !

E desde aquelle instante os pares juram
 Junto á Pedra focal união eterna.
 A sociedade entrou em bases novas,
 No reducto invencivel da familia,
 Onde o affecto reduplica a força
 Na batalha terrivel da existencia.

Findára o Drama mimico imponente
 Da festa das Sakêas ; Iniciados,
 Ao som dos sistros do santuario, prestam
 De inviolavel segredo juramento !

DEMÉTER

Em procissão solemne vem o Arado ;
 Fazem sulcos com elle sobre a Terra !
 Uma Mulher formosa, do regaço
 Tira trigo ás mãos cheias, logo o espalha
 Na terra, e sobre as Noivas que a acompanham !

As tocheiras do templo se apagaram;
 Descem os véos do ádito sagrado,
 E escutam-se uns lamentos lancinantes:
 É Deméter, a mãe atribulada,
 Que perdeu sua filha: Hades lh'a rouba
 Para o mundo subterreo, frio e escuro.

Pouco a pouco uma aurora transparece;
 É luz do Olympo; faz-se a claridade,
 Deméter busca a filha, olhando em roda,
 Reconhece Coré, vê-a da terra
 Resurgir, é do trigo a espiga loira!

Enormes alaridos de alegria
 Soltam os Mystes! Ouvem-se estrondosas
 Musicas triumphaes que entusiasmam.
 Começa o Paradosis: cada crente
 Apresenta-se á Communhão, trazendo
 Uma espiga de trigo sobre o peito!

Fazem agora a festa das Colheitas;
 E cada par, marido e mulher, chegam
 Ao altar de Deméter; as primicias
 Das searas risonhos offerecem.
 Ali juntam as mãos e o corpo estreitam
 N'um mesmo laço conjugal, e juram
 Sobre a Pedra focal a Lei do Themnos:

— « Venerar Pae e Mãe! Á Divindade
 Offerecer dos campos as primicias!
 Tratar os animaes com piedade;
 Sobre vós choverão bençãos propicias ».

Terminou o Mysterio. Sae de Eleusis
 A multidão dos Mystes; entre todos
 Parentesco moral subsiste agora;
 Todos sabem que vérga a força bruta
 Ante o poder do espirito que eleva.

Assim o Homem, pela união consagra
 Com a Mulher, o lar e a familia;
 Quando se uniu á Terra, fecundando-a
 Com o suor do seu trabalho activo,
 E lhe confiou á guarda outro thesouro,
 As sepulturas de seus paes, criava
 A patria, a Patria por quem vive e morre!
 Sobre essa terra o sangue seu derrama,
 Defendendo-lhe os muros, vindicando
 A Liberdade ahi. Terra da Patria!
 És um sér vivo — a Nacionalidade —
 Que sobrevive ao tempo e ás ruinas,
 A vibração moral que as almas une!

Mulher! Mulher, pela missão criadora
 Eil-a identica á Terra, a Mãe divina;
 No Mysterio eleusinio representa
 A Trindade affectiva sobre a terra:
 É *Isis*, typo da divina Esposa,
 É *Deméter*, Maria, a Mãe chorosa,
 É *Coré*, Filha, a Virgem impolluta,
 Realisando o Symbolo mais bello,
 Figura ideal e real da Humanidade
 Que vence a Lei da morte irrevogavel.

II

O CÉO

OU

A revelação pela Luz

I

O Delta de Sennaar

N'uma immensa bacia fluvial,
 Errante o homem lá se fortifica
 Contra a crueza dos bestiaes combates,
 Perto do mar, na terra fertil, rica
 De alluviões, que vão formando o val
 Do Tigre e do Euphrates!

Erguendo ao alto o olhar contemplativo
 D'esse asylo na paz imperturbavel,
 Ahi achou o homem primitivo
 Uma suave e igual temperatura,
 Como um berço saudavel
 De abundancia segura.

E através da azulada transparencia,
 Nas serenas miragens
 Que lhe vem despertar a intelligencia,
 Pôde inventar os symbolos e imagens
 Com que ás vagas ideias corpo veste,
 E o orientam no páramo celeste.

Pôde medir na mente o espaço immenso
 Que a cada hora prescruta;
 Fixar o tempo n'essa aéria téla !
 Criando os ritos do social consenso,
 Até que um dia pôde o braço em lucta
 Vencer a Natureza e submettel-a.

II

Junto a si, pela viride planura
 Vê espontaneo germinar o trigo ;
 Corre livre á ventura
 Nos prados que se alastram ante os olhos ,
 Sem temer o perigo
 Dos monstros, nem das plantas com abrolhos.

Por aquella extensão ferace e aberta
 Descuidados rebanhos pastorêa
 Sob o docel do céo limpidio e claro ;
 E na mente — a ideia
 O brilho das estrellas lhe desperta
 Fulguração vivaz de intimo pharo.

E na visão do firmamento infindo
 Acompanhando os luminosos rastros
 Da festival aurora,
 Enleva-o a chimera encantadora
 De ir todo o seu destino confundindo
 No mysterioso influxo de mil astros.

Emocional impulso
 Levou-o para o céo a erguer a frente !
 Ei-lo, obedece á ideia que o agita !
 A consciencia acorda ! então, convulso
 Medita a sós na luz, luz infinita
 Que elle tambem sentia em si latente.

III

O mysterio dos douos rios

Como ilha coberta de verdura,
 Pelo invio syro-arabe deserto
 E o Kurdistam ficaste resguardada,
 Oh terra abençoada,
 Que fizeste do homem a cultura,
 Quando ia errante no seu passo incerto.

Como amplo Delta, é bem que o defendas
 Contra o assalto de ursos ;
 Do Tigre e Euphrates — chéas estupendas
 Quando caudaes irrompem dos seus cursos,
 Levam aos zagaes pávidos as tendas,
 Os rebanhos, e todos seus recursos.

Oh quem sabe o mysterio d'esses rios ?
 As aguas vão na célebre corrente
 Fecundando os baldios
 Prodigiosamente !
 Mas cada charco exala, pestilente,
 Miasmas, febre, raiva, calafrios...

Quem terá o poder entre essa raça ?
 Quem erguerá sobre tal gente o sceptro ?
 — Só quem vencer o spectro
 Da cheia diluvial que irrompe e passa ! —
 E aos Chefes no poder pleno investiu-os
 O mysterio dos dois gigantes rios.

IV

Quando ignoradas tribus penetraram
Nas campinas de Sennaar, fundaram
N'esse berço encantado de abundancia

Numerosas cidades :
Entre Calach e Resen a distancia
É pouca ; além campêa Chalané
Em liga federal com Nineveh,
Ereck e os Accádes.

E quem seguir á região mais baixa
Encontra Ur, a antiga,
A mais velha cidade da Chaldêa !
Larsam forte profliga
Contra ella ; e formando extensa faixa
De povoações châa,
Logo adiante depara
Com Uruk, Nipur e com Sippára.

Ahi, os Témilos são torres erguidas
Sobre a nevoa das humidas planuras ;
Passam fitando absortos as alturas
Os Arimaspes, horas esquecidas.
Contemplando a extensão do firmamento
Sob o céo estrellado da Chaldêa,
Preoccupa-os a ideia
De achar do Oceano ethereo o movimento
E os influxos sombrios
D'oncde o mysterio dos dois grandes rios.

V

Os navegadores do Occidente

Entre Ur e Larsam, lá desde a prisca edade
Existia uma funda e atroz rivalidade,
Sobre qual era a mais veneranda cidade
E sobre as outras tem maior auctoridade.
Os velhos annaes de Ur nos tijolos escriptos,
As inscripções que estão nos duros monolithos,
A voz da tradição dos poeticos mythos,
Dão primazia a Ur em eloquentes gritos :
Ur, primeira cidade erecta na Chaldéa,
Quando o homem errante entre os juncaes vaguêa,
E ainda dos dois rios a repentina chêa
Tudo devasta, e o sol as pestes incendeia.

Ufanava-se Ur de ter mantido o imperio
Sobre as tribus, enquanto os reis com poder serio
Desvendavam os céos n'um grande planisperio
E das cheias caudaes sabiam o mysterio !
E foram com certeza os Reis-sacerdotaes
Que ensinaram a erguer os diques, e os canaes
Fizeram irromper por meio de areaes
Fertilisando a terra e os seccos matagaes.
Um templo em Ur se ergueu sobre as altas encostas,
De torres colossaes seis vezes sobrepostas,
Com terrassos em volta e escadas amplas postas
Nas muralhas que têm hieraticas respostas.
Era o templo de Sin, um templo erguido á Lua;
As tribus junto a elle assentam a ordem sua,
E pela previsao do eclipse insinua
Como o oceano celeste e o vasto mar estúia.
Não possue Sin o dom da bebida que torna
A existencia immortal, e em languidez morna

Em tudo o que floresce a seiva viva entorna,
 E com sonhos sensuaes a noite amena adorna?
 Mas quem trouxe á Chaldêa um tão profundo culto?
 Referem annaes d'Ur esse successo occulto:

Um dia sobe o curso ao Euphrates um vulto,
 Como um peixe no aspecto, apparencia de inculto;
 Era um homem do mar, trazia companheiros
 Que seguem do oceano ignorados esteiros,
 Audazes como elle, e assim aventureiros
 E vão de terra em terra aos confins derradeiros.
 Trazia armas de bronze aquella extranya gente,
 Vinham de um ignorado e occulto continente
 Lá onde o sol se afunda, aonde é o Occidente,
 São Atlantes talvez, que arribam casualmente.
 Oannes era o nome a esse chefe dado,
 E d'esse nome é — homem — seu significado;
 Vinha á popa do barco e ao leme assentado,
 De manto até aos pés, de conchas coroado.
 Foi elle quem em Ur deu aos homens governo,
 Dos astros ensinou o seu curso superno;
 E a tornar no barro o pensamento eterno,
 E a fundir o bronze, e a vencer o inverno.
 Tribus d'alta Chaldêa erravam bestialmente,
 Ur converteu-se então, quasi que de repente
 Na séde federal das cidades, florente,
 Ao impulso feliz dos homens do Occidente.

Quando Larsam do bronze alcançou o segredo,
 Contra Ur se insurgiu:

« De Sin não temos medo;
 Dos homens do Occidente elle é symbolo tredo,
 Que traz pelo terror o povo em jugo quedo.
 Somos filhos do Sol; da região escura
 Aonde o Sol encontra a sua sepultura

Veiu Oannes, aquell' que a ordem inaugura,
 E os numeros inventa e a sua lei procura.
 Ensinou a prevêr quando a Lua se apaga,
 E quando a grande chéa irrompe e tudo estraga,
 E a voz da maldição, do esconjuro e da praga,
 No terrivel poder da palavra aziaga,
 Seja Ur combatida, e seu Templo arrasado!
 Seja a Samas, ao Sol, mais alto alevantado
 Outro templo onde esteja aureo disco arvorado,
 No dorso de leões tendo o throno assentado.
 O Oriente quebra a servil dependencia
 Que lhe trouxe o Occidente á laia de sciencia;
 Nas religiões quer enthusiasmo, ardencia,
 Quer na soberania imperio, omnipotencia! »

E em quanto sabiamente esses Reis-constructores
 Fitam á noite o céo, contemplando os fulgores
 De estrellas mil, sondando os influxos melhores,
 Não chegam até lá da guerra estes rumores.
 Elles sabem prevêr as estações do anno,
 E do curso solar os dias sem engano,
 Os eclipses da lua, equinocios, o arcano
 Da precessão — ligado a cataclysмо insano...
 Furiosamente foi Ur um dia assaltada,
 O povo de Larsam deixou-a devastada;
 O seu templo de Ulbar é uma derrocada,
 E a adoração de Sin eis de todo acabada.
 Eil-o o templo de Ulbar ardendo todo em chhammas,
 Dansam com phrenesim os que adoram a Samas;
 Ur, n'essa hora fatal é que a vingança chamas,
 Imprecação tremenda ao ar torvo proclamas:

« Ha de um dia Larsam tambem ter equal hora,
 « Sob o jugo cahirá de um rei que o Sol adora,
 « E a Chaldéa feliz não mais será senhora
 « Vindo calcal-a escrava outra raça invasora».

VI

A orgia sagrada de Babylonia

Compriu-se a imprecação horrenda, escura:
Larsam foi conquistada! Chamurágas,
Rei sanguinario, fel-a tributaria
Da opulenta e altiva Babylonia,
A capital suprema da Chaldêa.
Ahi se ergueu o templo incomparavel
De Samas, — é Marduk o excelso nome;
Torreões sobrepostos quasi entestam
Com as nuvens; revestem-lhe as paredes
Figuras, inscripções de fino esmalte;
Por dentro são abobadas travadas,
Capellas, onde existem leitos de ouro;
N'um obelisco terminal fulgura
Disco luzente consagrado a Samas.
Babylonia! a esse templo esplendoroso
Concorrem da Asia inteira as caravanias;
Que arraial de riqueza e louca festa!
O Sol do outono é o joven Deus que morre,
Em prantos, alaridos commoventes;
No equinocio estival já resuscita!
O Sol variando as estações do anno,
Traça ao drama da vida este contorno.
Pela crença dominas, Babylonia!

Da natureza ambiente o encanto, a graça
Influem n'alma languidez suave,
Um deliquio que faz scismar na morte,
Como fascinação que attrae a somno
D'onde não mais se acorda á lucta, á vida.
Oh sonho voluptuoso do Oriente,

Cercam-te como um vaporoso nimbo
 As hallucinações de ardentes cultos,
 As lagrimas das crédulas mulheres
 Lamentando a paixão do Deus que morre!
 Embriaguez da dôr! Thammuz, Adonis,
 Pairam nos hymnos sensuaes, vehementes
 Como aroma que as almas enlouquece,
 Na febre dos mais cálidos desejos.

Quando irrompe o calor da primavera
 E inunda a luz serena o aberto espaço,
 E os germens innumeros do seio
 Da terra esplendem bellos, vicejantes,
 D'esse sonho da morte a Natureza
 Acordava!

Era a festa em Babylonía.
 O povo sobe ao alto dos outeiros,
 À sombra dos loureiros consagrados
 A doce sombra acolhe peregrinos
 Que entre fumo de incenso e nardo libam
 O delicioso mosto das palmeiras,
 E occultos na folhagem, ao ruido
 Da agua corrente e amoroso arrulho
 Das pombas, offertadas sobre as áras,
 Entre beijos sequiosos de volupia
 Adoram o poder mysterioso
 Que fecunda e reanima a Natureza!

Babylonía! sentiste essa doença
 Que contagiou a existencia e o mundo
 De um desejo sem fim, incomprehensivel:
 Soffrer por goso pelo ideal da morte!

De Zarpanit ao Templo ao som do kínor
 Seguem as hieródulas dansando;

A prostituição torna-se santa,
 A virgindade é entregue em sacrificio
 Ao appetite vago do estrangeiro.
 O par sexual exprime e symbolisa
 A concepção ideal da Divindade :
 Samas, o Sol, no curso seu diurno
 É o esposo de Istar ; Astarte, Aschera
 São a imagem do eterno feminino,
 São como um fogo que incendeia o sangue
 Que se propaga aos povos do Occidente !

VII

A Pedra angular do Templo

Mas, a maldição de Ur era implacavel.
 Os duros reis de Ninevêh assentam
 Seu throno em Babylonia ; e, dia a dia,
 Vêm exercitos fortes de outras raças
 Que o Sol adoram, para conquistal-a !
 Contra a ameaça permanente armado,
 O rei Kurigalzu manda á procura
 Dos descendentes que inda em Ur existam
 Dos velhos Arimaspes : quer ouvil-os,
 Saber como a ameaça atroz conjure
 Da maldição terrivel que Ur lançára !

Responderam os velhos sacerdotes,
 Estirpe de esquecidos Arimaspes :

« — A guerra e a conquista são castigos.
 Nossos avós de Súmir e de Accadia
 Da observação da Lua derivaram
 Toda a sciencia que lhes deu a força
 Para vencer as chèas impetuosas

Do Tigre e do Euphrates ! Fecundaram
 Pela obra dos canaes toda a Chaldéa,
 E sobre as bordas dos valentes diques
 Fizeram brotar renques de palmeiras.
 Riqueza e segurança eram as bases
 Em que assentava aquelle antigo imperio !
 Foi o culto de Sin substituido
 Pelo culto de Samas ; e seu Templo,
 Esse templo de Ulbar, desmoronado !
 Ahi, sob os escombros venerandos
 Deve estar uma Pedra, em cada face
 Tem inscripção symbolica esculpida...
 Talvez se leia ahi a Lei fecunda
 Que restitua a Babylonia a gloria.
 Procurae essa Pedra onde se encerra
 A Lei que Oannes revelou ás tribus,
 Quando vagavam na Chaldéa errantes ».

O rei Kurigalzu, que em Babylonia
 Impera com grandeza, audaz procede
 Na excavaçao de Ulbar, buscando a Pedra.
 Não se encontra o thesouro desejado.

VIII

Mas, a maldição de Ur era implacavel.

Nabucodonosor, sempre invencivel,
 Quer deixar Babylonia defendida
 Eternamente, após a sua morte.
 Milhões de escravos, que das guerras trouxe,
 Revolvem no rigor lethal das calmas
 As ruinas de Ulbar ; em vão procuram
 A Pedra sacrosanta, de que falla
 Tradição vaga de feliz edade.

IX

Quanto mais prepotentes reis sucedem,
 Mais se empenhavam n'essa descoberta
 Da lapide sagrada! Era debalde.
Por fim o austero rei Nabunahid
 Ao vêr de novo o imperio ameaçado,
 Preoccupa-o a sorte do seu throno,
 E o destino de Balsaçar, seu filho.
 Ás fronteiras de Babylonia chegam
 Exercitos; attraem-nos riquezas.
 Mas como resistir-lhes? Quem esquece
 A maldição vibrada em Ur um dia?

Chamou Nabunahid os sacerdotes
 Descendentes de antigos Arimaspes;
 Pede que ali revelem com franqueza
 Se ha feito alguma offensa á divindade?
 Ou d'elle exija uma expiação grande,
 Com que segure o ameaçado throno
 Onde quer vêr já assentado o filho.

Nabunahid então foi conduzido
 Tacitamente ao alto de uma torre,
 Torre de sete andares, d'onde alcança
 De Babylonia o amplissimo circuito.
 A noite era serena, uma aura fresca
 Branda perpassa; não se escuta o ruido
 Da corrente do Euphrates; no silencio
 D'aquella hora, surgia no horizonte
 A Lua argentea e bella por encanto.

Fallou pausado um d'esses sacerdotes:

— Foram estas planuras n'outras éras
 Pantanos doentios, que acoutavam

As feras e os ladrões. A activa raça
 Que dominou as chéas dos dois rios,
 O mysterio das aguas penetrará
 Com observar a acção que exerce a Lua.
 Adoraram a Lua, sér divino,
 Manu, o deus mais velho da Chaldéa,
 Nome esquecido... O templo em Ur erecto
 O alto templo de Ulbar foi arrasado.
 Reina o culto do Sol; mas desde a morte
 De Nabukadrezar, o rei excelso
 De Babylonia, o imperio que era espanto
 E o principal poder do mundo inteiro,
 Precipitou-se em decadencia ignava.

Como Larsam tambem cár Babylonias;
 Contra a ruina aziaga, inevitavel
 Ha um remedio só: Restaurar prompto
 O culto antigo de Ur, culto da Lua!
 Que importa hoje, que sobre o vasto imperio
 Se adore Samas, quando o rijo Persa
 Que a cada instante nos assalta, adora
 O Sol, conforme os Magos o revelam?

X

O fim de Babylonias

O rei Nabunahid anda aterrado
 Com a medonha prophecia! ordena
 Que se restaurem todos os santuarios
 Consagrados a Sin. De novo erige
 Um templo enorme em Chalané á Lua;
 Nos alicerces da soberba obra
 Por sua mão enterra a chapa de ouro
 Onde mandou gravar a ardente prece:

«Salvae Nabunahid, de Babylonias
 «Hoje rei; oh, salvae-o por piedade!

« Pequei contra tua alta divindade !
 « Uma larga existencia me concede.
 « A sorte de meu filho dá-me insomnia :
 « Defende-o do mal, o mal impede
 « Contra este filho, Balsaçar querido,
 « Primogenito e herdeiro !
 « Inflamma-lhe o sentido
 « Para que adore em ti o Deus primeiro ».

Nabunahid imita os reis passados ;
 Nas ruinas do templo de Uíbar busca
 Essa Pedra angular, misteriosa ;
 O exercito aguerrido inteiro emprega
 A revolver o solo ; e quando em meio
 Seguia a excavação, ligeira nuvem
 Obumbla o Sol, o ar é irrespiravel,
 Uma bafagem quente se elevanta
 Dos desertos que cingem a Chaldéa.
 Poeira espessa escureceu o dia !
 Nas azas do uragão vem o aguaceiro
 Diluvial, tremendo, que desaba,
 E inundando os cavoucos das ruinas
 Afoga ahi os miserios obreiros.

Não desanima o rei; elle commanda
 Os obreiros na excavação; por vezes
 Irrompem jactos de agua... mas triumpha.
 Ao fim já de alguns mezes sóa o grito,
 Grito de espanto e jubilo !

Apparece

Sob o alicerce mais profundo, a Pedra.
 Meteorica, negra, sobre a face
 D'essa Pedra, ahi via-se esculpida
 Uma mão apontando tres palavras :

MANU — TIKLAT — PHIRAT.

Eil-o, o mysterio...



XI

De Babylonia em todo o imperio ordena
 Nabunahid as mais ruidosas festas ;
 Renovam-se as Sakêas desvairadas,
 Vão ante o altar de Sin phallagogias,
 E no atrio dos templos as donzellias
 Prostituem-se ao grado do estrangeiro.
 No palacio real illuminado
 Nabunahid á mesa do banquete,
 Crendo estavel o Imperio, no alto throno
 Senta a seu lado Balsaçar querido.
 Manda trazer a Pedra sacrosanta.
 Os sacerdotes reverentes trazem-lh'a ;
 Sobre ella entorna um oleo perfumado,
 E exige que as palavras interpretem :

« MANU é o deus lunar, deus soberano,
 « De Sin o nome nunca proferido.
 « Ensinou o mysterio dos dois rios
 « O TIKLAT e o PHRAT ; e esta a causa
 « Foi da grandeza e força da Chaldêa ».

N'este momento Balsaçar levanta
 Um calix de ouro, trasbordando o *haoma*
 Que symbolisa Sin em seu influxo ;
 Bebeu saudando o Imperio inabalavel !
 E quando em cada calix dos convivas
 Espuma o *haoma* branco, entra na sala
 Daniel, um captivo israelita,
 Brada aterrado com pavor de morte :

— Cyro entrou na cidade! a soldadesca
 Passa á espada a gente que anda em festa ;

Transpoz o rio a vâo, mudando o leito
Longe d'aqui...

Atalha-o o alarido
Da multidão! o horror, o pasmo, o assombro,
Os ais da cannibal carnificina!
Quando á torre quadrada Cyro chega,
Aonde Balsaçar se banqueteava,
Dos quatro cantos rompem labaredas;
Morrem lá dentro todos, preferindo
A morte, a morte ao captiveiro ignobil.

Babylonia cahiu! Cyro era oriundo
Dos Kuros, os heroes d'além dos montes,
Dos Kuros triumphantes, que talharam
Os Panduídi pallidos, sectarios
Da adoração da Lua...

A Asia repelle

O progressivo influxo do Occidente;
Arrojou-se á phantastica miragem
Dos cultos sensuaes, vertiginosos,
Á abjecção do despotico dominio!
E esses dois ventos morbidos e estereis
Religiões e Imperios, quantas vezes
Soprando a escravidão e a demencia
Assaltarão a Europa? estranha peste
Que a rasão mata e apaga a dignidade!

Babylonia, a deserta, a alta cidade
Rica, opulenta, a capital do mundo,
Sonho maravilhoso do passado,
Ficou o areal safaro onde vagam
Rudes zagaes minados pela febre
Dos pantanos que as grandes chêas deixam.
A maldição da ruina foi o olvido
Do mysterio dos dois gigantes rios!

III

CARMEN

OU

A revelação pela Palavra

India! oh berço fragrante e alumiado
 Por um céo azulado!
 Quando os Aryas fugindo ao odio, aos males
 Entraram em teus valles,
 Que paz encontram! Que abundancia e enlevos
 Dos verdes prados na amplidão serena,
 E dos bosques longevos
 Na sombra augusta, amena!

Na segurança de alterosos montes
 Guardando os horisontes!
 No susurro dormente das ribeiras
 Correndo entre palmeiras!
 Valles de Kachemir, de encanto novo,
 Veigas elysias de Kophés, não tristes,
 Vós tão placidos vistes
 O idyllio social de um livre povo.

India! oh leito de morbidez e graça!
 N'uma contemplação ideal, tranquilla,
 Saudando o Céo e a lucida favilla,
 A aura leve que passa
 E o sol que alto rutila:

Dos labios do Arya irrompe um santo Hymno
 Na emoção do espectaculo divino;
 A mente anda-lhe assim surprehendida
 Ante as fórmas esplendidas da vida!

Cada passo que avanças com espanto
 Da Báctria ao Indus, do Panjab ao Ganges,
 Ou quando as raças barbaras constranges,
 Inventas novo Canto
 Com que os évos abranges!
 Como união das tribus manifesta
 Guardam o Canto os eccos da floresta;
 E os eccos formam a harmonia ledia
 De um côro puro e sacrosanto — o Veda.

India! oh throno de magicos perstigios,
 Em teu seio debatem-se inda os éstos
 Das energias cosmicas, os restos
 De iniciaes prodigios!

A par de tremendissimos destroços
 A vida e morte; formações e ruinas,
 Que creações phantasticas animas
 De estupendos colossos!

Eras, pobre Arya, como folha solta
 Que vae perdida na aza da tormenta,
 N'essa terra de calma atroz, sedenta,
 Por enchentes revolta!

Como te uniste ao mysterioso solo,
 Arya! encontrando ahi o teu consolo?
 E como a exuberante seiva insana
 Não afogou esta alta flôr humana?

India! sepulchro onde os lethaes effluvios
 Trazem febre que prostra e adormenta!
 E das torrentes os caudaes diluvios
 Vão do valle á collina
 Lançando d'entre os juncos,
 Aonde estava occulta, onça sangrenta,
 Que no rumor e luz que a hallucina
 Mostra os dentes aduncos!

Ao abysmar-te no enervante seio
 Em que as vontades quebra e faz o escravo,
 Como venceste, oh Arya, o devaneio
 Que te submette exangue,
 A ti audaz e bravo?

Onde os signaes da lucta e do teu sangue?
 Não gravaste inscripções sobre os rochedos,
 Testificando aos seculos vindouros
 Da morte os laços tredos
 Quebrados sem agouros.

Não levantaste os gigantescos blocos
 Fechando dentro em muros as cidades;
 Nem esculpiste Esphinges sobre os sócos
 Do lapideo escombro;
 Nem Templo ás Divindades!

Ficou dispersa no ar a Voz do assombro;
 E o berço, o leito, o throno e o sepulchro
 Aonde o que é mais duro se escalavra,
 Guardaram a primicia
 Do Hymno doce e pulchro:
 Poder incomparavel da Palavra!

Oh Genesis poetico ! oh delicia !
Eis do passado o véo espesso afasta,
Como um nevoeiro pela aragem branda,
 O som dos vagos Hymnos !
Como dos Cantos a magia basta
Para unir as familias e as tribus,
 E como o empyreo anda
Povoando-se de ideaes séres divinos !

Oh Palavra potente e creadora,
 Que pintaste a Aurora
 Das cōres mais jocundas !
A par da Natureza a Ordem fundas,
Do Genesis social : Amor, bondade,
Dever — vinculos só da Humanidade !

E a Palavra que as lagrimas enxuga
Quando a modula affectuosa bocca,
A Palavra que o Deus ignoto invoca
Á vontade do crente o Deus subjuga !
 Que ao valente desarme
 Da Lei o augusto Carme !

A miragem da Natureza imprime
Na Palavra a illusão de um sonho — o Yoga !
N'um lethifero somno a mente yoga,
 E não mais se redime
Do nevoeiro dos Dogmas que o afoga,
Da mentira do phantasiado prisma
Onde o Arya se absorve, perde e abysma.

PARTE PRIMEIRA

I

Entre as luctas dos Reis do Madhyadeça,
 Deçadharma, o que impera em Amaganda,
 É sempre o medianeiro da concordia;
 Bem conhece que os odios que os separam
 Dão força ás raças barbaras que os cercam.
 Junto do grande Rei, e a toda a parte
 O acompanha um sabio, um Purohita
 Que tem dos Hymnos védicos a força:
 Sabe Hymnos taes que dão felicidade,
 Ventura no amor, riqueza e gloria!
 Pelos conselhos de Purohita, pôde
 Deçadharma imperar pela brandura.

De repente eis que as castas degradadas
 Dos Maghadas, dos Djallas, dos Danávas
 Unem-se aos Dacyus duros, sanguinarios,
 Os de pelle amarella, vis e astutos,
 N'um assalto a Amaganda!

O rei consulta

O austero Purohita, que responde:

— Ah! não temas, senhor, a força bruta
 D'essas raças abjectas; só se movem
 Pela avidez; não as seduz a gloria!
 De uma cousa me temo! é das mulheres
 D'essa pallida raça, carinhosas,
 De uma ternura que desvaira e prende,
 Dengues, submissas, mas sensuaes que matam.
 Quem olha para ellas, quem nos braços
 Lhes cahiu, cae n'um pelago sem fundo!
 Hão de os Reis do Madhyadeça as tribus
 Vencer dos torpes, réfecedes Anasa;

Mas a raça dos Aryas não resiste,
Não conserva a pureza da alta estirpe
Ante a mulher mongólica...

« Mas, como

Dos Djallas, dos Maghadas colligados
Resistir n'este instante a assalto brusco ?

Responde ao Rei o Purohita, prompto:

— Tendes dois Reis vizinhos...

« Que se odeiam;

Dynastias rivaes, inconciliaveis!

— Que importa! Se eu prometto aqui trazel-os
Em soccorro, e atrahidos ao triumpho!
São moços; pôde a gloria n'elles tanto.

II

No campo da batalha se encontraram
Aquellos Reis rivaes. Como é formoso
Himançu, descendente incomparavel
De antigos reis de Pratchithan, da altiva
Dynastia lunar! Que gentileza
Em Suryançar, em linha recta oriundo
Dos Reis de Ayodhiá, os reis solares.

Frente a frente um do outro se conhecem;
De seus antepassados o odio herdado
De subito avivou-se! Nem percebem
Que as hordas inimigas se avisinham,
Que os envolvem a todos, e os destroçam.
Crê Deçadharma rotas as fileiras,
E Amaganda levada a ferro e fogo...

Chamou o Purohita:

« N'esta angustia
 Como reunir dos dois rivaes o esforço,
 Na mesma guerra contra as brutas raças ?
 — É tão facil! Concede me acompanhe
 A tua doce e encantadora filha,
 A bella Samadhi; ante seu rogo
 Quem ousa resistir? Que peito nobre
 Deixará de curvar-se a tanta graça ?

III

Oh poder da candura e ingenuidade!
 Mimosa, Samadhi ante os guerreiros,
 Sem proferir as magicas palavras
 Que o Purohita lhe ensinára, vence
 A vontade dos dois, de tal maneira
 Que alli juram a morte ou a victoria.

Samadhi era linda como a corça
 Que salta no Himavat, e como a aurora
 Mensageira do sol que tudo alegra!
 E logo a valentia se avigora
 Nos dois Reis contra a força
 Que se avista da horda bruta e negra.

Os dois rivaes no odio aos paes herdado,
 São rivaes no amor! Juraram ambos
 De Samadhi obter a mão de esposa.
 Proferiu Suryançar:

— A minha espada
 Ha de arrojar á morte em debandada
 Quanto bando inimigo
 Os reinos de teu pae ponha em perigo !

É pouco ainda a minha audaz promessa:
 Hei de a teus pés lançar a vil cabeça
 Do rei de Arushka, esse de nariz chato!
 E após o desbarato,
 E do triumpho na alegria louca
 Oh dá-me então o sim, da tua bocca.

Himançu proclamou:
 — Em ti, rainha
 De um throno cimentado na victoria,
 A magestade brilha!
 A maior gloria minha,
 A invejavel gloria,
 Vencedor na batalha e a ti submisso,
 Será trazer-te escrava a propria filha
 Do rei de Arushka para o teu serviço.

Ella te ha de vestir no banho á sesta,
 Pôr-te o diadema que tua fronte touca,
 Joias no collo de uma alvura casta;
 E a mim, a mim só resta
 A mim, a mim me basta
 Ouvir o sim, um sim de tua bocca.

IV

O ruido das hordas ensurdece!
 Tudo se apresta para o prêlio ardente,
 Como Indra, faz ruir na immensidade
 O ribombo do raio que arremessará
 D'encontro a Vrita, que lhe rouba as vaccas,
 As nuvens brancas que a rajada leva.
 A batalha celeste é o modelo
 D'esta lucta campal: Indra, Agni, Trita
 Atacam os ladrões Çambára, Çushna,
 Ahi, Vala, Namuci, e vencem sempre!

Vós sois assim, oh Reis do Madhyadeça :
 O Arya nobre calca aos pés os Dacyus
 E lança-os fóra do Panjab ao Ganges.
 Atroz foi o recontro. Deçadharma
 Anda assombrado da pujança e garbo
 Dos dois jovens heroes, que em galhardia
 Pensam ganhar de Samadhi o agrado.

Os Maghadas já vão largando o campo,
 Correm em debandada os Djalla infames ;
 Sómente o rei de Arushka audaz resiste.
 Os seus corceis são rapidos, sem medo
 Que ardis tece nas fugas e emboscadas !
 Não lhe valem astacias; ante o peso
 Dos esquadrões dos tres monarchas, foge ;
 Seguem-no perto, e rapido se escapa,
 Vão sobre Arushka onde elle se concentra,
 Põem cérco á cidade, e sem demora
 Para o assalto novas forças juntam.

V

Á viva força Arushka foi tomada.
 Lembrou-se Suryançar do que jurára ;
 Na confusão do morticinio busca
 O forte rei ! Duello nunca visto.
 Quem vencerá ? Mas pôde o amor tanto...
 N'esse embate sem trégua cae por terra
 O forte rei de Arushka atravessado
 De lado a lado, e logo entre as fileiras
 Passa ovante levando-lhe a cabeça
 Já na ponta da espada ao alto erguida
 Suryançar, o trophéo que promettera !
 Dar-lhe-ha Samadhi a mão de esposa ?

Rompe Himançu impavido entre as chamas
 Vae ao palacio em busca da princeza
 Que ha de entregar a Samadhi escrava !
 Penetra em corredores tortuosos
 Por entre fumo, e encontra n'um terrasso
 A princeza Kali...

Á vista d'ella
 Estaca; ao solo prende-o força estranha !

Fallou-lhe; ella responde com brandura.
 Que submissa expressão que tudo vence,
 Que olhar que infiltra sensual veneno !
 Tem a flexuosidade da serpente,
 A seducção da luz na mariposa,
 A morbidez de um canto que adormenta.
 As labaredas já tocam-na quasi :

— Oh, vem! és minha...

« Tua ?

— Minha escrava.

« Sim, por amor; a ti só me entregava.
 Não vens para salvar-me ?

— E a levar-te...

Abraçou-o: « Comtigo em toda a parte ».

Aquelle feminino odor embriaga;
 Ai de quem chega d'esse abysmo á borda.
 O guerreiro gentil não se recorda
 De um juramento feito sobre a adaga.
 Leva Kali por entre a labareda;
 Kali, meiga, em seus braços lhe segreda:

« Para que vamos para a morte unidos ? »
 E no meio dos ruidos

Da multidão minaz que se atropella,
 E os rumores da floresta eguala,
 Unindo a face bella
 Á do ardente Himançu, a mansa falla,
 A maciez da pelle, a vista sonsa,
 Tendo no olhar a crisperção da onça,
 Invencivel parece!
 De que serve a bravura? Elle emmudece.

Volveu Kali:

« Além, ha uma gruta
 N'esse palmar, incognito recinto;
 Ninguem conhece o immenso labyrintho
 Onde um regato a murmurar se escuta,
 Ha fôfas relvas, solidões propicias... »

A escrava ordena em tacitas caricias.

Himançu obedece; ella entra adiante
 Do labyrintho na solidão muda;
 A falla de Kali é mais vibrante,
 E casualmente o collo se desnuda;
 Ingenua, sem adornos
 Tem de uma deusa os nitidos contornos.

Elle beijou-a.

« És meu! »

Prende-a nos braços.

Kali volve mimosa e compassiva:
 « De um pae, de um throno a sorte em vão me priva,
 Feliz escrava seguirei teus passos.
 Porque me abraças com ternura tanta? »
 O principe a reclina sobre a relva,
 E como o atito de aves entre a selva,
 Sôam os beijos que na face planta.

Kali detem-no:

« Eu sei que em breve a morte
 Ha de acolher-me; é certo o seu resgate...
 Este effluvio subtil a dôr me abate!
 — Unâmos n'um amplexo a nossa sorte!
 Volve o guerreiro; e com a mão que escalda
 Afastava uma ambula pequena
 De não vista esmeralda,
 Que dos seios lhe pende e a envenena.

Tocou-lhe com a mão nos seios bellos,
 A loucura se apossa d'elle todo;
 No phrenesim de indomitos anhelos
 Deixa pouсадa a mão, e d'esse modo
 Fóra de si, vencido, inerte, lasso,
 N'um desejo que o peito sobrepuja:
 — Juntos morramos n'um infindo abraço,
 Comtanto que este goso me não fuja!

« Como o morrer é doce... »
 Volve Kali n'um languido suspiro!
 Caíndo inerte, flascida, um vampiro
 Que essa alma absorve em invencivel posse.

N'um famélico beijo se enlaçaram,
 N'um extasis de goso e de ventura
 Um só instante dura
 Seculos de emoção que não sonharam.
 No delirio e cansaço se dilata
 O peito; qual dos dois é mais amante?
 E n'esse mesmo instante
 Tão unico da vida
 O veneno subtil os arrebata,
 A bocca e face de um ao outro unida.

VI

Não regressa do campo da batalha
 Himançu; ficou morto entre as cohortes
 Que foram destroçadas? A promessa
 Que elle fizera a Samadhi, a morte
 Não lh'a deixou cumprir?

Pelo seu lado
 Suryançar corre alegre e radiante.
 Já não teme o rival; crê com certeza
 De Samadhi possuir a mão de esposa.
 Triumphalmente ao outro dia entrava
 Em Amaganda; traz na sua espada
 A cabeça do rei de Arushka, e altivo
 Vem depôl-a diante da princeza.
 Que ignota maldição lhe foi vibrada!
 N'um pé, de leve fere a propria adaga;
 Não reparou, em intervallo de horas
 Um calafrio o acommette, a vista
 Enubla-se, fallecem-lhe os sentidos!
 Era a gangrena a corromper o sangue.

E quando Samadhi anciada chora
 A morte do guerreiro inesperada,
 Sôa a nova de ter-se achado o corpo
 Do garboso Himançu: estava unido
 Ao corpo de Kali, que elle jurára
 Trazel-a escrava... Ah como uma serpente
 Que se enrosca e estrangula, a escrava fôra!

VII

Deçadharma ajuntou ao seu imperio
 A cidade de Arushka; mas sombrio

Fallou-lhe o Purohita:

— Vãos triumphos

Esse da força bruta ! Ha outras forças
 Bem mais difficeis de vencer. A sorte
 Que segue o homem desde o berço á tumba
 Tem de ser conjurada. E as mulheres
 D'essa pallida raça, seductoras
 Que destroem do Arya a estirpe pura,
 Como afastal-as d'ante o olhar faminto ?
 Olha o caso dos reis teus aliados !

Deçadharma responde:

« Tu, que sabes,
 Oh santo Purohita, Hymnos sublimes
 Que dão fortuna e benção, tu me dize
 Que remedio darei a tantos males ?
 — Confia o reino a Samadhi e parte,
 Vem consultar commigo um Richi cego
 Que vive em penitencia solitario
 Dentro de um bosque secular, no delta
 Da confluente do Yamuna e Ganges.
 Elle sabe a Oração omnipotente
 A Gayatri, e a nós ha de ensinal-a.

PARTE SEGUNDA

VIII

Á confluente onde era o eremiterio
 Os forasteiros chegam. Commovia
 Aquelle quadro intimo : a essa hora
 Estava o Richi cego, em volta os filhos,
 Cantando os Hymnos santos transmittidos
 De geração em geração de poetas.

*

Vieram receber os peregrinos,
Prestar-lhes agasalho affectuoso.
Fallou o Richi cego e venerando :

— Bem sei o que vos traz; ha em vossa alma
O desejo de um outro nascimento
Pela iniciação. E com certeza
É o Dvidja duas vezes nado.
N'este retiro placido, vós ambos
Descansareis das calmas, das jornadas,
Fareis as ablucções no Ganges puro,
E sabereis o mystico sentido
Dos Hymnos santos que a memoria guarda.

IX

Passados dias, torna o Richi cego,
Tendo ouvido narrar a historiia triste
Dos Reis do Madhyadeça desgraçados:

— Junto do Oxus viviam tribus Aryas
Em alliança fraterna: uns pastoreando
Os seus rebanhos pelas varzeas bellas;
Outros a fertil terra agricultavam.
A Luz etherea que o espaço inunda
E anima a Natureza e a faz visivel,
Suscitou-lhes a adoração e o culto.
E meditando d'essa Luz na essencia,
A bebida do Soma inebriante
Exaltou-lhes a ardente phantasia,
Arrastou-os ao odio inconciliavel:
— Essa Luz que nós vemos e adoramos
Devas brilhante, ella é a pura essencia
Do espirito! o que o nega é mentiroso!
Proclama o Arya pastoral.

O Bactrio

Brada altaneiro : — Ha outra Luz mais pura !
 Ella é o proprio espirito, *Abura*,
 Sem brilho material tudo illumina. —

O Arya pastoral á vida errante
 Lançou-se; leva adiante os seus rebanhos,
 E vae incerto, vae transpondo os montes,
 A busca de um refugio; entra ao acaso
 Do Septashindu n'esses ferteis valles,
 E assenta ahi o lar tranquillo. Accende
 Cada familia o fogo, e os patriarchas
 Cantam a *Agni* seus primeiros Hymnos.
Agni, o Fogo material cantaram
 Como uma incarnação da Luz celeste !
 E deslumbrados pela estranha vista
 D'esse clarão que nos seduz e encanta
 Celebraram os lucidos aspectos
 Como séres divinos: *Uscha*, a Aurora;
Varuna, o Céo vasto e estrellado;
 Os dois *Açvins*, o alvor da madrugada,
 E o lampejo ultimo do dia;
Surya, o nome do Sol que a vida alenta !
 E n'essa paz imperturbavel, o Arya
 Invoca as apparencias luminosas
 Improvisando os Hymnos primitivos
 Que as familias uniram.

Foi um sonho
 De ventura o viver do Septashindu ;
 Tres seculos de paz, rapido instante.

*

Assaltam o Arya um dia as raças brutas,
 Os indigenas dos narizes chatos,

Os de pelle amarella ! Os Patriarchas
 Repellem-nos á força, e vão descendo
 Pelo curso do Indo até entrarem
 No rico e immenso val do Madhyadeça !
 Que mundo de esplendor e florescencia,
 Fechado pelo rio sagrado — o Ganges !
 Os guerreiros não mais depõem armas
 Para bater os Dasyus, na defeza
 Dos que a terra trabalham — os Vaiçyas.
 Cada guerreiro a si rei se proclama,
 Contribuições exige; entre si luctam,
 Tristes rivalidades que os destróem !
 Salvam o Arya outra vez seus Hymnos.
 Os Purohitas, homens bons que guardam
 Da tradição oral os Hymnos santos,
 Junto dos Reis dominam-lhe as vontades,
 Conciliam discordias, e revelam
 A palavra que leva o Heroe á morte,
Pheme! o canto que eternisa a Fama.

*

Do Madhyadeça as tribus vão descendo
 Até chegar ao Ganges, vencedoras !
 No esplendor d'aquella Natureza
 Que diferença do sereno clima
 Do Septashindu, placido e suave.
 Aqui o céo se enubla, o raio o corta,
 A tempestade rue quasi instantanea ;
 As chuvas são diluvios ; impetuosas
 As chéas. São as feras desconformes ;
 E quando irrompe o Sol no azul do espaço
 Deixa o calor da torrida fornalha.
 Ao Purorita o povo crente pede
 Que lhe salve as colheitas, os rebanhos,
 Recitando-lhe os consagrados Hymnos

Que guardam na memoria. Elles cantaram
 De *Surya* os Hymnos rithmicos, sonoros,
 O Sol nas apparencias que deslumbram:
 Cantaram *Indra*, a acção que na atmosphera
 O astro exerce; *Aryáman*, o potente;
Savitri, o creador; *Mitra*, o amigo;
Bhaga, o afortunado! E cada nome
 De saudação é nova Divindade.
 Cantam tambem os ventos revoltosos,
Rudra! e *Vitra*, as nuvens negras, feias;
Vayu, o ar; *Prisni*, a terra escura.
 Assim os grandes poetas Gritsamáda,
 Dirghátamas, Gotâma e Viçvamitra
 Cantam Hymnos eternos, suprehendentes,
 Com que a luz objectiva consagraram!
 Os Rhibus juntam esses santos Hymnos
 Que levaram as tribus á concordia;
 Mas foi a paz das tribus momentanea.
 Os Reis só ouvem cantos de victoria
 Exaltando as batalhas em que entraram;
 E enlevados na intrepida conquista
 Fazem a escravidão em volta d'elles!

Mas será supplantada a força bruta
 Pelo poder do espirito, vergando
 Á mesma lei moral Kchátrya e Vaiçya.

Eis a revelação dos Richis cegos.
 No recondito eremiterio vivem
 Outros Richis, como eu, tambem privados
 Da luz material! e como eu, sabem
 Que inda mais do que a luz o som embala,
 Leva á contemplação a mente absorta.
 Cantam o monosyllabo sagrado
Aom! que a alma ao extasis levanta
 Muito acima da Luz, *Abura* ou *Devas*!

Vde, é a Voz com força creadora;
 Só quem contempla o mundo dentro d'alma,
 Na visão interior, percebe as vozes
 Que se entrecadenceiam no universo.
 O raio luminoso corta as nuvens,
 E pelo espaço longamente eccôam
 Ribombos do trovão, Voz mensageira
 Que annuncia a bonança! E quem contempla
 A amplidão sideral, se não aponta
 Esses sete Planetas? a harmonia
 Dos sete Sons, os *Swáras*, só alcança
 Quem percebe a harmonia das espheras.
 Vós bem sentis que o Rythmo influindo
 Na cadencia da Poesia, as *chandas*,
 Dirige a dansa cultual ante a ára!
 Eis o que é a *Gayatri*.

Voz humana,
 Quando ás cousas do mundo o nome déste,
 Tu foste creadora; e aos proprios Deuses,
Vagdevata! oh Palavra sacrosanta,
 Dás Nomes tendo a essencia do seu Nume.
 Tu pela Invocação os Deuses trazes
 Á vontade do crente submettido;
 Conjuras todo o mal! Na mente do homem,
 BRÁHMA é a expressão ideal, suprema
 Da concepção divina alheia a fórmas!
 D'ella derivam divindades, cultos.
 Cantem embora a Luz os velhos Hymnos,
 A Aurora, o Fogo, o Empyreo constellado,
 A força omnipotente só reside
 Na Voz que este poder de BRÁHMA encerra,
 Quando pela Oração da alma se evola!

Ligae-vos todos, oh cantores de Hymnos!
 Vencereis radjás, Kchatryas, Vaiçyas,
 Tereis aos pés as raças degradadas;

Separando entre si com odio as castas,
 Imperio inabalavel por millenios
 Pelo poder do espirito se exerce !
 Sabios Brahmanes ! colligae-vos todos. —

X

Assim fallára aos dois o Richi cego,
 Ensinando as Palavras mysteriosas
 Que hão ligar n'um corpo os que repetem
 Da tradição os ineffaveis Hymnos :
 « *Bhur, Bhuvah e Swar* — estas as senhas
 Que troquem entre si, symbolisando
 De Brahmanato o laço, a disciplina :
 São — os Hymnos, o Rito, a Melodia. »

.

XI

Como Viçvamitra, o rei piedoso
 Que o solio excelso troca pela sciencia
 Implicita nos Hymnos, equalado
 Aos mais potentes Richis, — Deçadharma
 Largou tambem seu throno, e só medita
 No poder da Oração, na voz de BRÁHMA !
 E dia a dia as mysticas Palavras
 Vão entre si ligando os Purohitas ;
 Os Canticos que a tradição repete
 Lá desde o Septashindu até ao Ganges,
 Formam o *Rik*, o *Sáman* e o *Yadhus*.

Entre si reverentes, vão guardando
 Como riqueza da orgulhosa Casta,
 Inalterados, mais de tres mil annos,
 De geração em geração os Hymnos !

Pelo espirito sobre o altivo Kchatrya,
 Sobre o Vaiçya, e sobre o abjecto Sudra,
 O Brahmâne, invocando em cada dia
 A Gayatri potente, exerce o mando.
 Para firmeza do triumpho immenso
 Exige o sacrificio do cavallo
 Á casta dos guerreiros: o *Açvaméda!*
 Ao Vaiçya passivo impõe-lhe a empreza:
 Vencer pela brandura e paciencia,
 Até tornar domestico, o Elephante.
 Concede ao Sudra o eleval-o a homem
 Se repetir um cantico dos Vedas.

XII

Oh Palavra que o espirito subjugas
 N'essas Biblias sacerdotaes á letra,
 Transmuda-te em Palavra que liberta !
 O pensamento audaz dissolve os Dogmas.
 Contradizendo os Vedas, tu, Kapila,
 Pela razão te elevas, proclamando
 Perante as Castas — a Egualdade humana !
 A Parabola simples impressiona
 A multidão, que os Deuses desampára ;
 E tornado o universo unico templo
 Um dia o proprio Verbo se faz Homem.

E a Palavra potente, creadora,
 A que pintava a Aurora
 Da côr a mais jocunda,
 A par da Natureza, a Ordem funda
 Do Genesis social: Amor, Bondade,
 Dever — vínculos só da Humanidade.

KHEDER

Na entrada festival da primavera,
Debaixo das palmeiras
Das campinas de Okazh,
Que sonho! que chimera!
Vêm da Arabia central tribus inteiras,
Vêm á maior das feiras;
Vêr tamanhas riquezas quanto apraz!

Um delirio! um espanto!

Não maravilham as riquezas tanto,
Quaes se mostram ao pasmo ;
Mais do que os seus enleios,
Mais que esses esplendores,
É ainda maior o enthúsiasmo
Dos poeticos torneios,
Phantasticos, brilhantes,
Dos exaltados improvisadores,
D'essas tribus errantes.

Que sonhos! que chimeras!

Mollemente deitados
Sobre tapetes de fio de ouro orlados,
Os Poetas do deserto
Entornando as crateras
Com os vinhos de Bosra perfumados,

Cantavam mil amores, aventuras
 Na carreira violenta
 Sobre as vastas planuras,
 Diante de uma multidão attenta
 Que os acclama de perto,
 De palmas n'um unanime concerto !

Sucedem-se as poesias !

Que bellos foram esses magos dias
 De vida exuberante,
 Em que o cantor de cada tribu errante
 Luctava pela gloria em mil porfias !
 Quando os guerreiros de certeiras setas,
 Premiando os Poetas
 De que applaudiam as canções mais bellas,
 Davam brancas gazellas
 Com vermelhos xaireis ;
 E as finas espadas
 Em duellos de morte bem provadas !
 E os rapidos corceis,
 Correndo dos desertos sobre a areia,
 Velozes como o raio ou como a ideia !

Dias sempre lembrados !

Da Arabia os seis Poetas afamados
 E sempre vencedores,
 Cujos cantos com fé foram guardados
 Na memoria de mil admiradores,
 De Okazh na grande feira estão este anno !
 Quando fallam abafam-se os rumores,
 De gente em volta d'elles ha um oceano.

E que noites serenas !

Ao frescor de aura suave que embalsama,
 Nas horas mais amenas,
 Os Poetas immortaes — Antára, Alkama,
 Imrulkeis e Achà, Lebyd, Nabiga,
 Luctam da harmonia em doce briga !

Oh Poetas queridos !

Eram das tribus a paixão e o pasmo,
 Vendo-os a vez primeira reunidos !
 E dos applausos n'esse entusiasmo
 Que atrevidas apostas ! que partidos !
 Do desafio poetico ao afan
 Um poeta partira
 Da côrte de Ghasan ;
 Outros vieram da alta côrte de Hira,
 Mantendo na disputa dos laureis
 Inda a rivalidade dos seus reis.

Sublime controversia !

Outros fogem da côrte ao ocio e inercia,
 A Okazh vêm contentes
 Ostentar da Poesia o ideal thesouro !
 Outros vinham da Persia,
 Trazem consigo esplendidos presentes
 E enormes vasos de ouro !

Pende o triumpho incerto !

Entre os seis grandes Poetas do deserto
 Mais um se achou, nunca até alli ouvido !
 Tambem — nunca a Irak tinha ido ;
 Vivera sempre livre no deserto.

Vêm todos para vê-lo...

Depois de ter cantado cada Poeta
 No sublime duello,
 Quando se ia a julgar qual era a prenda
 Que competia ao Kasideh mais bello,
 O cantor ignorado então enceta
 A mysteriosa lenda
 De Kheder, o korânico Propheta:

*

Houve um sér que sentiu a atroz caducidade
 Que ataca quanto existe inevitavelmente,
 A terra, os vegetaes e a animalidade.

De tudo quanto cae no vórtice absorvente,
 Viu na transformação a vida inextinguivel,
 Como de mão em mão se passa um facho ardente.

Procurando vencer da morte a lei terrivel,
 Tentou ir descobrir essa Fonte da Vida,
 Vir a ser immortal, triumphar do impossivel.

Era Kheder, o vulto estranho! e atrevida
 Do incognito propheta a audaciosa empreza,
 Que o leva pelo mundo em afanosa lida!

Kheder foi pelo mundo, em toda a redondeza
 Inquirindo um ancião que vive entre dois rios,
 Que ficou immortal, sem ser da morte presa.

Peregrinação dura! Os seculos sombrios
 Como a nuvem que passa, escôam-se em momentos;
 Da torrente da vida esváem-se os ciclos.

Viu a terra soffrer cataclysmos violentos,
E do bruto surgir o homem, sér que pensa,
Erguerem-se as nações em combates cruentos.

A civilisação vae a tornar-se extensa,
Presente-se o direito, a social harmonia;
De subito o clarão se muda em treva densa.

Kheder em sua róta infatigavel ia,
De paiz em paiz vendo a infinda mudança;
Na face leva impressa a tristeza sombria.

Da lucta universal o sér vivo descança
Na morte, seio aberto aonde a paz domina
O amor, a ambição, o odio e a vingança.

Os imperios que viu — hoje estão em ruina,
É mysteriosa Sphinge o monolitho bronco,
Onde antes fôra um mar ergue-se uma collina!

Com o tempo tornou-se em pedra o grosso tronco,
O valle verdejante está um mar profundo,
E em vez do rouxinol da vaga ouve-se o ronco.

E Kheder caminhando errante pelo mundo,
Ao passar por Dinkir tem de Nembrot o nome;
Em Israel Enok; é Xisuthros, segundo

A Grecia percebeu o vulto que se sóme
Andando até chegar á região do Occidente
Onde o Judeu Errante espalha o seu renome.

Ao passar na Lectonia, o antigo continente,
Viu combater-se ali os monstros quaternarios,
O mastodonte e o dinotherium valente.

O forte rhinocero, os pachydermes varios
 N'esse ponto commum que Asia e Africa liga,
 Têm duellos crueis, medonhos, sanguinarios!

Quando Kheder voltou ali, era outra a briga:
 Contra exigua peninsula o mar constante bate,
 Sedimento fluvial já contra o mar profliga.

E esta successão era como um combate
 De Neptuno e Athença entre si disputando
 O imperio do sólo! Eis da lucta o remate:

Da Acrópole no alto o Parthenon campeando,
 O symbolo da paz dos Numes nas querellas!
 E Kheder sem parar, mas pensativo, eis quando

Viu ir encosta acima um rancho de donzellias,
 Levam de flôres mil as suas cestas cheias,
 De Pallas triumphante ao templo; todas ellas

Vão alegres cantando! Era as Panathenêas,
 Que celebra Cecrópia, essa cidade-asylo!
 E Kheder pelo chão, inda via essas feias

Dos monstros primordiaes ossadas, o sigillo
 Que o povo um resto crê dos Cyclopes, Titans,
 Gorgones, Geryon e Pelops tudo aquillo.

Passada uma outra edade, e nos mesmos afans
 Kheder encontra erecta a cidade de Athenas,
 Onde ha a liberdade, as graças mais louçans.

D'Héllade vem ali as multidões serenas,
 Da realeza extincta e patriarchal edade
 Ouvir de Homero agora augustas cantilenaas.

Era Athenas então fóco da Liberdade,
D'Arte, da Poesia e Eloquencia sublime!
Mas o que ha que resista a atroz caducidade?

Ao passar outra vez, já toda a Attica opprime
O Macedonio astuto, a pessoal realeza,
Que o homem livre tem ante si como um crime!

E Alexandre inebriado em sonhos de grandeza,
Da religiosa orgia e cultos do Oriente,
Caminha para a morte ao acaso e incerteza,
Ao sorvedouro d'Asia atirou essa gente! »

Que sonho! que chimeras!
Um delirio! um encanto!
Dias sempre lembrados;
E continua o canto
D'essas remotas éras,
Dos seculos passados.

« Kheder entra na Europa em sua estranha róta;
Ás Gallias por um isthmo as britanicas ilhas
Unidas, ao passar rapidamente nota.

Não o assombram já tamanhas maravilhas,
Á Africa a Sicilia, a Berberia á Hespanha
Juntas, da Europa agora o archipelago trilhas!

Eis de Hercules o templo o mar fremente banha,
De Memphis á Pyramide avança em seu estrago!
Mas o tempo é mais forte em invisivel saña.

As ricas capitaeis de Utica e Carthago
Desfazem-se no pó quando outro imperio assoma;
E Kheder ao passar lançou-lhes olhar vago.

N'um continente novo impera altiva Roma,
Com orgulho se chama a Eterna Cidade,
E os povos e nações, gentes barbaras doma.

Instituições de paz, riqueza e liberdade
Prodigios de Arte, emfim tudo quanto está vendo,
Tornam um paraíso aqui da Humanidade.

E Kheder contemplando esse quadro estupendo,
Perguntou a si mesmo, e no intimo se dóe:
« Se tudo se transforma, ao cahos revolvendo,

« Se tudo pela acção do tempo se destróe,
« Sob implacavel mão que as cousas elabora,
« De que serve o luctar, se hoje é nada o que foi? »

Descansando afinal da romagem, n'essa hora,
Teve a revelação da consciencia austera,
A visão do porvir, ideal, consoladora!

« Alguma cousa existe estavel! Não se altera
« Da Natureza a lei, a implicita Verdade,
« Que vae oppondo a Scienzia á estolida chimera.

« Ha para a Consciencia outra estabilidade,
« Quando a noção do Justo impera sobre o egoismo,
« Na harmonia moral do bem e da equidade.

« Póde o universo então ruir n'um cataclysmo,
« Voltar a Natureza inteira ao cahos bruto,
« Impavido, em redor affrontando o abysmo,
« Tem no mundo moral o homem um reducto. »

O Poeta calou-se;
Não era o canto dôce
Para exaltar a emoção vibrante!
Mas quando triumphante
O proclamavam todos, longe e perto,
E corôas lhe dão,
Foge para a soildão
Do aspero deserto!

Quem era esse Poeta?
Era Omayá, por certo!
Pergunta a multidão anciada, inquieta,
Pasmada da epopéa antiga e sabia.
Dispersa a feira como o areial ao vento,
Mahomet escutando o canto attento,
Da missão de Islam teve o pensamento:
Unir em lei moral tribus da Arabia.

CANTO SEGUNDO

PERSTIGIO DO ABSOLUTO MONOTHEICO
POLYTHEICO E FETICHICO

ELENCO PHILOSOPHICO

DO

CANTO SEGUNDO

I

Os Séculos mudos

Representa o quadro da primeira época glaciaria no começo dos tempos quaternarios. O homem troglodita em luta de resistencia contra a natureza cosmica, chega ao conhecimento da necessidade de coope-ração para assegurar a estabilidade da especie. Por este concurso affectivo esboçam-se os instrumentos com que cada Raça contribue para se chegar á civilisação e á alliança federativa. E assim como se dá a differenciação das raças pela accão dos varios meios em que habitam e pela forma da sua actividade, criam-se tambem os odios implacaveis, obstando á mutua solidariedade pela intolerancia das concepções absolutas das religiões. As hostilidades prolongam-se até ás mais adiantadas épocas historicas, em que os povos ainda se desconhecem entre si, até que a Scienza vem descobrir as suas intimas relações anthropologicas e ethnicas.

II

A Chimera oppressiva

É o quadro do Homem na edade quaternaria em luta com a grande revolução cosmica da época diluviana, que subverteu a Athlantida. A raça forte dos *Asi*, que trabalham o bronze (*Aes*) ignorava o terror

religioso; as tradições theologicas ou sacerdotaes representam essa raça que se elevava pela actividade do seu empirismo, como inimigos dos Deuses (*Asuras*). Os *Asi* emigraram para o continente da Asia, ficando a preponderar a Theocracia pela exploração do terror do cataclysmo; os Japhetidas emigram para a Europa, fazendo-se sentir o antagonismo do genio do Occidente, que concebe a organisação e o progresso social sobre a base civil e democratica. Michelet indica o facto luminoso: « Questão capital, viva, de eterno interesse. O mais brilhante, o mais fecundo dos povos foi o Prometheu de si mesmo, ou foi elle ensinado, faceado pelo sacerdocio? Foi elle obra do sanctuario ou do livre genio humano? » (*Bible de l'Humanité*, pag. 157). A *Chimera oppressiva* relaciona-se com a tradição da iniciação de Solon no Egypto, vindo fundar em Athènas instituições sem terem por base a sancção sacerdotal, fundando o direito no dever de concurso prestado á collectividade.

III

Migração das Raças

Na separação dos Aryas da Bactriana e da Sogdiana, os que adoraram os *Devas* afundaram-se na India, e cahiram na immobildade das castas, na compressão moral da theocracia brahmanica e na apathia do Nirvana buddico. (Vid. *Carmen ou a Revelação pela Palavra*). Os que adoraram *Ahura* penetraram nos steppes ardentes da Persia, onde o estiogamento das plantas e a estiagem da agua levavam o homem a um grande mal estar, e á emoção de um pessimismo instinctivo. As devastações dos ladrões nocturnos de Turan e os assaltos das feras fortificam-no na crença de que ha no mundo uma força destructiva, que se contrabalança com o poder organisador: é o *Mal* (as trevas, o frio, a dor, a morte) que personifica em Satan ou Ahriman. Diz Quinet: « Tanto o extremo oriente parece immovel, mais estes povos Zends se agitam desde o berço. E com elles que o movimento da Historia começa, e que a Humanidade se lança n'esta agitação que não acabará mais». (*Gen. des Relig.*, pag. 229). Mas esses iniciadores não cahiram sobre a depressão da theocracia, porque esta foi absorvida pelas realezas militares, que fundaram a escravidão sob a fórmula armada e fizeram da conquista o prazer da devastação. É só pela manifestação do genio grego que o Arya apparece como a alta floração da Humanidade.

IV

A Sphinge

Idealisa-se a identificação do mundo com o homem, pela elevação gradativa dos conhecimentos cosmologicos sobre os psychologicos. O poema esboça as duas grandes Civilisações do Egypto e da Chaldéa, uma que inicia no mundo as leis da Geometria, a outra as leis da Arithmetic, sobre as quaes Pythagoras, discípulo do Collegio sacerdotal de Thebas, e mais tarde captivo em Babylonia, construiu a base da educação, ainda com um carácter theosophico. A Sphinge é o absoluto fetichico, muda diante das gerações que passam, e symbolizando o segredo ou problema dos Oráculos sacerdotae, o — *gnosti te auton*, por via do qual o homem mais tarde se liberta pela critica das illusões criadas pelas concepções subjectivas.

I

OS SECULOS MUDOS

(POEMA)

I

Prima Deorum Tellus

Oh Terra! Mãe primeira, uberrima placenta,
Quanto sente e se move a teus seios se alenta.
Antigas religiões, revelação do instineto,
Bem fizeram de ti o symbolo distincto
Da vital energia e da fecundidade,
Sublime incarnaçao de uma ideal divindade!
Nas convulsões do globo eras a Mãe do Abysmo,
Anah; a Virgem forte, Artemis. No hetairismo,
Que deu á sociedade a união espontanea,
Eras a Virgem-Mãe, Cybele, Isis, Urania;
Em ti se concentrava o humano sentimento,
Estimulo inicial do vago pensamento
Que se elevou do kteis á força creadora,
E absorto no teu seio em extasis te adora!

Atergatis, Belit, Juno, Rhêa ou Astarte,
Aphrodite, ou Maria, a mesma em toda a parte,
Hera ou Venus, — sincero o coração não erra,
Vós sois consagrações da Mãe fecunda — a Terra.

A Scienza em ti viu uma de infindas fórmas
Por onde vae seguindo a Materia essas normas
Da eterna oscillação nos varios movimentos,
Enchendo o espaço ethereo em seus agrupamentos.
Ao rasgar o teu seio achou na profundeza
Que eras a grande biblia aonde a natureza
Do Homem o passado ahi deixou escripto,
Vestigios de quem pensa impressos no granito.
Sim, és a biblia aberta, a de augusta verdade,
Onde inconcussa lei, lei da fatalidade
Não deixou falsear as impressões primeiras.
Oh Terra ! sejas tu das vibrações ligeiras
Da Materia, que importa ? o equilibrio mais fraco,
Centélha que se apaga e fica um globo opaco ;
Sejas tu a faísca esparsa pelo espaço,
Como chispa de um sol, frio, morto estilhaço,
Ao vacuo arremessado em potente ludibrio,
Que importa ? como os sóes achaste o equilibrio.
Tua existencia foi convulsão permanente,
Emquanto o teu calor se não tornou latente,
Emquanto não começa a união, o dualismo
De acto chimico contra o cego cataclysmo.
Assim teve principio a ordem : elementos
Desaggregados vão aos impulsos violentos
Obedecendo á força ignota — a affinidade ;
Como habil architecto actua a densidade ;
É lenta em seu mister, mas as forças subjuga :
Cordilheiras contorna á Terra em cada ruga,
As camadas assenta em baixo como andares,
E abre o estuario immenso para os mares.

Eis que um novo athleta entrou tambem na lucta.
 Que maravilhas faz com força diminuta!
 Que prodigios n'aquelle accão quasi insensivel!
 Elle põe na materia a força incoercivel,
 A forma organisada ou a cellula viva.
 E seguindo fecundo a obra evolutiva,
 Não conhece limite em sua occulta sciencia,
 Da Vida ha de elevar-se ainda á Consciencia.
 O Tempo! o Tempo, o Tempo, o Tempo nunca exhausto,
 É este o demiurgo, o Prometheu, o Fausto,
 Que vagaroso fez o tellurico berço
 D'onde o Homem surgiu, no animal immerso.

Oh Terra! eras baixel perdido pelo espaço,
 Reflectindo do sol em ti um brilho escasso,
 Na ronda sideral levada inconsciente;
 Geraste no teu flanco um sér intelligente,
 E na concentração da tua face escura
 Produz-se a luz da ideia, a luz mais alta e pura,
 A força, a vibração do altivo pensamento
 Que as constellações junge ás leis do movimento.

E como, oh Terra, como alfim te preparaste
 Para aos seios criar o filho que geraste,
 O filho debil, nú, em cuja incerta vida
 Tens mais luz estellar que a que tinhas perdida?
 Como o organismo chega á sua puberdade,
 Attingiste tambem a quaternaria edade,
 Veiu-te revestir camada miocene;
 No tellurico flanco agitação perenne!
 Os continentes já se achavam limitados
 Por correntes caudae e mares azulados.
 Sobre Africa estuava um revoltoso oceano,
 Areias do Sahará eram-lhe o fundo plano;
 Quão longe estava ainda esse abalo instantaneo
 Que entre Africa e Europa abre o Mediterraneo!

Athlantida ocupava o espaço; entre as ilhas
Canarias e Açor mede milhas e milhas.
As bacias do Caspio e do lago do Aral
Enche o mar que cobria os esteppes do Ural,
Grande braço de mar, que chega até ao Volga,
E nas faldas do Caucaso altaneiro folga.
Sob um manto de gelo a Europa quasi inteira,
Escandinavia, Irlanda, Escossia; e a geleira
Dos Alpes se alastrou por todo o Piemonte,
E fecha a Lombardia em frígido horizonte.
Do Rhodano a geleira unia-se á do Jura;
Os valles dos Balkans, em sua profundura
Carpathos, Pyreneos, e celsos Apeninos,
Estão cheios de gelo. Os brilhos diamantinos
Da luz crepuscular em reflexos deslumbram,
E a vida se elabora em tépida penumbra;
Como escudo defende a folha as cryptogamicas,
Das aguas no vae-vem balançam-se as agamicas,
E lichens, algas, vão entretecendo liames
Que da vida sustem os primeiros tentames.
O feto verde-negro ainda arborescente,
Com avidez absorve a humidade quente;
O lepidendron cresce, e cresce gigantesco!

Varre a face da Terra um vento aspero e fresco,
As aguas secca, agita, e do horizonte afasta
Os nimbos que o vapor no horizonte empasta;
Varre o vento do alto os vastos continentes,
Arrebata em tropel folhagens e sementes,
O primeiro signal da migração dos sérres!
A vida se desdobra em festivaes prazeres;
Sobre a putrefacção para ninguem immunda,
O germen se organisa e o germen se fecunda;
A morte a produzir mysteriosa a vida!
Do hulhifero terreno a crusta denegrida

Formou-a a submersão das florestas dos fetos;
 Dos monstros gigantéos, plesiosauros repletos
 As cycádeas gentis, abrigo e alimento,
 Das camadas do cré foram o sedimento.
 Á sombra do palmar vaguêa o elephante,
 Disputa-lhe a amplidão rhinocéro pujante,
 E tremendos reptis da Terra tomam posse.
 Recamam-se, entretanto, os lagos de agua dôce
 Com flores ideaes, avelludadas, raras,
 Nymphéas aos milhões, e aos milhões as charas;
 O mundo vegetal como n'um sonho bello
 Para a vida animal busca encantado élo.

Quando o homem se ergueu sobre a face da terra,
 E do primate bruto audacissimo aberra,
 Não era a Terra então sonhado Eden do mytho!
 Ia um combate atroz — da existencia o conflicto.
 Antes de apparecer o Homem já distinto,
 De todo o pachyderme estava quasi extinto;
 A hyena, o pangolin, onça e rhinoceronte
 Nas longas migrações buscam outro horisonte;
 O veado, o tapir, d'essas neves eternas
 Fogem, com elles vae o urso das cavernas.
 A vida era o luctar contra a fatalidade,
 Tinha o logar ao sol maior ferocidade,
 Mas do bruto vencia aquelle mais ladino!

Teve o Homem consciencia então do seu destino.

Quando o homem saiu do anthropoide bruto,
 Na vital concorrencia achou-se o mais astuto:
 Não deixa o odio mais que uma cousa se esqueça.
 — Mal! torna-te o meu bem! — a divisa foi essa,
 Que dirigiu o braço ao homem primitivo.
 E o Homem foi quebrando os grilhões de captivo

Que o jungiam ainda á bestialidade,
Quando o nexo encontrou da sociabilidade.

Oh Terra! já não és no infindo firmamento
Bago incerto de areia; — hoje ergue o pensamento
Sobre ti da Scienzia excelsa e grande torre,
D'onde o raciocinio os espaços percorre;
E das constellações recondita cadencia
Em ti vem reflectir, porque tens a Consciencia.

II

Os Trogloditas

Vem das bordas do mar, da humida caverna
Homens sahindo em bando; a fome é que os governa!
Cobertos de cabello e de pelles, armados
Trazem facas de pedra, os seixos são machados
Que vibram pelo ár, contra as feras sedentas,
Como o malho de Thor, nas procellas violentas.
Era a tribo sagaz dos fortes Adamitas,
Negrejando em tropel em retumbantes gritas;
Vem convocada ao som do buzio surdescente
Ao alarve festim da caça antecedente.
Acode cada um em saltos ou de rojos,
Repartindo entre si das feras os despojos.
Hyenas, javalis, ursos, rhinocerontes
Sobre a praia onde estão, alli formavam montes
D'onde vae escorrendo o sangue, que serpeia
Negro, tábido, abrindo um sulco pela areia,
Até purpurear das aguas a espuma.
A carne palpitante ainda quente fuma!
Vêem-se reluzir nas inertes maxillas
Os dentes. Ás mulheres, miseras ancillas,

Fascina-as a alvura, e lançam-lhes olhares,
De cubiça, almejando os lépidos collares.

Apenas raia o sol das aguas sobre o dorso,
Surge o chefe da tribu, audaz typo de esforço;
Entre saudações junto aos guerreiros passa,
Lançando ávido olhar sobre os montes de caça.
Troglos era o seu nome; ainda era elle criança
Foi-lhe este nome dado em signal da pujança
Com que atacava o urso occulto em uma tóca
E o matava ás mãos, mettendo-lh'as na bocca.
Costumava banhar-se em tepidas entranhas,
Fizeram-no temido emfim outras façanhas,
E sobre a tribu tendo um singular perstigio
A chefe se elevou sem inveja ou litigio!

Depois que Troglos fez dos animaes a conta
Alça a faca de silex; cada qual apronta
Sua lasca e começa a arrancar-lhes as pelles,
Cobrem o areial! Dardeja o sol sobre elles;
Sentados no mosqueado e flexivel tapete
Teve começo então o canibal banquete.
Um, mais faminto que habil, grossa posta arranca,
Outro de prompto esburga a dura ossada branca;
Troglos a parte faz a cada um, conforme
A audacia, a valentia, e indifferença enorme
Perante a morte e a dôr! No festival banquete
Reparte a cada um, segundo lhe compete.
As ossadas depois ficaram bem despidas!
As mulheres ali, vem dé medo transidas,
Com martellos de pedra, e com pobres aprestos
Do sangrento manjar aproveitar os restos.
Como o homem, não têm a insaciavel gula;
Vão com geito extrahindo aos ossos a medulla;
E porventura foi pelo repasto leve
Que as graças a mulher precocemente obteve,

E o farto pelo hirsuto ao corpo lhe cahira,
Domando com astucia a obcecada ira.
E em quanto a tribu jaz, dando risos alvares,
Mulheres vão formando alvissimos collares
Do alvéolo arrancando os esmaltados dentes.

Troglos, eis que desperta os que estavam dormentes,
Da forte digestão em uns colapsos absortos ;
Disse :

— « O melhor quinhão offertemos aos mortos ;
Aos mortos o primor da abundante caçada !
Jazem na escuridão da subterrea morada ;
Não podem lá correr, nem vibrar fortes dardos
Contra o bufalo em bando, ou contra os leopardos.
Já não podem luctar de frente com o touro.
Compete-nos a nós livral-os do desdouro !
Deram-nos os avós abrigo nas borrhascas,
Ensinando a tirar de uma pancada as lascas,
Escolhendo a cortante e dura pederneira.
Descobriram tambem a mais certa maneira
Com que um monstro feroz ante os pés se debelle,
E contra as brumas más nos agasalhe a pelle.
Deve-se aos mortos tudo ! elles foram errantes
Por frios glaciaes, por calmas offegantes,
Fugindo aos monstros crús, coitados, á procura
Da mais funda caverna horrenda mas segura.
Oh ! quem foi que nos deu o primeiro agasalho ?
Quem nos iniciou n'esta lei do trabalho,
Em lucta contra a fome, e sempre activa lucta,
N'uma liga que vence a natureza bruta ?
Os tumulos dos paes sejam piedosa ára
Ante a qual jure a tribu união fraterna e cara. »

Alevantou-se então estridente alarido,
A nenia funeral, costume transmittido,

Ao som da qual começa uma lugubre dansa;
 Pára só o que cae, porque aí ninguem cansa,
 A dansa é um combate em honra dos antigos,
 Simulando o assalto aos paternaes jazigos ;
 E o ultimo que fica em pé na audaz coréa
 Aos mortos, esse offerta a ára de dons chêa.

Quando a tribu acordou do lasso e longo sonno,
 Como se arroja o cão a um brado do dono,
 A tribu se elevanta. A tribu céreca attenta
 A Troglos que acenou, e esta falla accrescenta :

— « Sessenta vezes já o Caçador eterno
 A correr sem cansar pelo espaço superno,
 Tem empallidecido em froixa senectude,
 Tornando a refugir em viço e juventude:
 Ha outro tanto tempo, Adamitas, governo !
 Como sempre acontece ao Caçador eterno,
 Assalta-me a velhice; assalta, bem conheço,
 Mas como elle no mar não me rejuvenesço.
 É tempo de subir á rocha alcantilada
 E lançar-me de ali na voragem do nada.
 Ah! que não venha a morte a colher-me qual folha.
 É preciso que a tribu o novo chefe escolha;
 Seja o banquete de hoje a minha despedida.
 Mancebos ! cada qual com força destemida
 Se arroje pelo mundo, e uma acção intente
 Em que mostre o ardil, a audacia do valente.
 O que á tribu trouxer segurança e socego,
 É esse o chefe, e obtem das vontades o emprego ;
 De seus irmãos será senhor da vida e morte,
 É pae e defensor ; é lei, porque é mais forte. »

A rude imprecação ouviram os mais moços;
 As mulheres estão em vivos alvoroços

Provocando os donzeis a heroico desafio.
 Aos pontos cardeaes cada um se partiu,
 Ungido dos leões com as flascidas banhas,
 Levam facas de pedra; as clavas são tamanhas!
 Em quanto o arco agudo ao alto mostra a lua,
 Até que já redonda em páramos fluctua
 Como a bola de neve em alcantil alpino,
 Hade a tribu esperar esse bando ferino
 Dos mancebos que vão affrontar a ventura.
 Embrenham-se os donzeis na sombria espessura,
 Pelas cavernas dentro e pincaros alpestres,
 Por duros matagaes, labyrinthos silvestres.

Os fracos e senis, mulheres e crianças
 Ficaram aguardando em tremulas esperanças.
 Troglos então sereno á tribu repetia
 O feito que lhe dera esta supremacia:
 Era joven ainda, audaz entre os ousados;
 Perseguiam a tribu os leões esfaimados.
 Todos os dias vinha um leão mais ardilosso,
 Sempre matava alguem! ninguem por corajoso
 Sabe a pista seguir, vertiginosa, incerta;
 O Chefe, o mais antigo, andava sempre alerta.
 Baldado tudo! até, que uma jura medonha
 Fez:

« Matar o leão, ou morrer de vergonha! »
 O leão esperou, e frente a frete o ataca.
 Ao lacerar-lhe o ventre, eis se lhe quebra a faca.
 Depois de luctar cae, e o monstro o dilacera.
 Troglos tambem pensava em perseguir a fera,
 Mas emprehende entregal-a á tribu ainda viva!
 Procura a direcção da pégada furtiva:
 Abriu um grande fosso e o cobriu de ramos;
 Ás bordas lhe amarrou dois magnificos gamos.
 Logo ao cahir da noite ouviu um surdo estrondo,
 Precípite correu ao boqueirão redondo;

Lá dentro eccôa o urro enorme do destroço,
 Era o leão sangrento em convulsões no fosso !
 A tribu admirou tanto o novo estratagema
 Que a Troglos lhe deu logo o mando, e o diadema,
 Considerando o ardil igual á valentia.
 Fôra assim alcançada a alta soberania.
 Da pelle do leão, que a todos era espanto
 Fez para si a insignia, o magestoso manto.

Eram findados quasi os dias para a apósta ;
 Não assoma ninguem pelos visos da encosta.
 Espera-se com ancia o final da aventura !

Apparece por fim, de terrea catadura
 Esse filho de Kusch ! É dura a sua casta !
 Traz um cedro esgalhado e após si o arrasta.
 Saudaram-no, bem vindo ! Elle o cedro arremessa
 Para longe de si, quando a fallar começa :

— « Trepei ao alcantil do monte saxeo, bronco,
 Onde esta hacha cortou o esgalhado tronco ;
 É a primeira vez que o homem com machado
 Corta o cedro, até hoje a custo desraigado.
 Mas não basta saber cortar a dura trave
 Sem que a raiz no chão lentamente se excave ;
 Dos pincaros do monte as neves vem descendo,
 Vem pouco a pouco o valle horrificas enchendo,
 Nas cavernas nos fecha e morreremos todos.
 Importa ir enterrar essas traves nos lodos,
 Que nas margens estão do verdejante lago ;
 Das feras e do gelo ao temeroso estrago
 Ali se fundará o Asylo mais seguro.
 Se vier a realisar-se o aviso do futuro
 Chefe natural sou d'essa nova Cidade ! »

A tribu o saudou com pávida anciedade.

Outro dia regressa um moço — o Nembrodita;
Soltou a multidão alegre, immensa grita.
Arrastava apôs si mosqueada panthera :

— « Eu luctei frente a frente e a sós com a féra;
Sobre mim se arrojou, seguro-a com o braço,
As maxillas lhe esgalho e quebro o espinhaço.
(E atirou a fera á multidão fremente).
Reconheça-se Chefe o que fôr mais valente;
(E ao mostrar nas mãos as fundas mordeduras)
Dos chefes ficarão como as investiduras. »

Entre o filho de Kusch e o bravo Nembrodita
A tribu fica incerta, e temerosa hesita.

No mesmo dia chega um outro aventureiro,
Traz apôs si em braza um grosso trafoqueiro.
Nenhuma mão por mais ousada aquillo tóca,
E morde muito mais que do escorpião a bocca.
Da maravilha pasma a tribu, e do que via;
Com mysterioso ár falla o filho d'Ayria :

— « Entrei, entrei a medo em fechada floresta;
Voraz fogo do céo lá por dentro a infesta;
Aproximei-me e disse: Heide agarrar o fogo!
Á empreza audaciosa abalancei-me logo.
Vi o fogo a lavrar por sobre o arvoredo;
Como elle se alimenta alcancei o segredo.
Vi-o tambem lavrar pelas campinas razas;
Foi então que apanhei as coruscantes brazas.
Conheci que esse lume afugentava as feras,
Desfazia da noite as medonhas chimeras,
Fazia entrar do sol a luz pelas cavernas,
Sem os frios temer das rajadas hybernas.
De ter o Sol na terra achei o artificio;
Se vier a ser Chefe o culto tenha inicio

De conservar no lar o Fogo sempre acceso.
 De todo outro trabalho hade ficar illeso
 Quem na pedra focal guardar o fogo vivo!
 Aos anciãos não mais da existencia os privo;
 Onde houver fogo em lar acceso hade o seu brilho
 Ser o laço de amor entre pae, mãe e filho. »

Assombra a multidão o que vira e ouvia.
 Quer já proclamar chefe este filho d'Ayria;
 Troglos, como prudente, os impetos conteve,
 Para a tribu fallou, n'uma linguagem breve:
 — « Não são passados inda os assentados prazos;
 Outros moços virão contar-nos os seus casos,
 É crivel que acharão no mundo um novo trilho. »

De Turan surge presto o laborioso filho.
 Trazia um homem morto ás costas; sobre a terra
 Exâmome o deixou; a multidão se aterra
 Á espera de ouvir narrativas estranhas:

— « Montes, valles corri, transpuз altas montanhas;
 Guiado pela luz de uma estrella inconstante,
 Fui andando até dar n'um pincaro distante
 No tenebroso algar de um escaldado cérro;
 Uma raça medonha ali trabalha o ferro,
 E o recurva ao malho enquanto incandescente,
 • Tão forte como o raio ao homem faz potente.
 Cheguei-me a essa raça; eram homens pequenos,
 Entendem-se entre si por ignotos acenos.
 Ensinam-me a vergar aquelle metal duro,
 E já quando instruido a regressar procuro,
 Correram sobre mim; extenuado offégo,
 A morte querem dar-me, e peior, tornar-me cego,
 Para não descobrir o recondito asylo!
 Outros cegos ali em um rancho tranquillo
 Cantam do malho ao som cantilena soturna.
 Recorri ao ardil para saír da furna;

Pude esmagar em terra o homem que me guarda,
 Apoderei-me então da vibrante alabarda;
 Commigo eis os trophéos que são da audacia prova.
 Existe uma outra raça altiva, forte e nova.
 Ella vem sobre nós, roubemos-lhe o segredo
 Que invencivel a torna e não teremos medo. »

Assombrada ficou a tribo ouvindo aquillo.
 Onde ir achar agora um ignorado asylo ?
 Da terra já não é a unica senhora ;
 Bastava-lhe o luctar, combater a cada hora
 Contra a hyena, o jaguar, a onça, o rhinocero,
 Hoje no homem tem um monstro inda mais fero.
 O corpo do homem morto atesta as grandes iras
 Que a ferro hão de vingar os rigidos Cabiras.

A tribo com terror, estava impaciente
 De proclamar seu chefe o que era mais valente.
 Mas Troglos lhe fallou :

— « Vibrará minha clava
 A mão a mais arteira, ou a que fôr mais brava.
 Ao sitio onde o meu corpo inerte se despenha
 Seja acclamado chefe o que a buscal-a venha. »

Mas emquanto ali estão hesitando na escolha,
 Sentem passos além ! para lá tudo olha.
 Era o filho de Kemi, e falla sem alarde :

— « Minha empreza acabei ; cheguei talvez já tarde ;
 De bufalos seguindo as rapidas manadas,
 Após elles fui dar em verdes esplanadas
 Por onde vae correndo um rio aprazivel
 Que fecha um bello Delta, á féra inacessivel.
 As arvores de fructo, altissimas, florescem.
 O nevoeiro, o granizo ali nunca apparecem ;

Como em seio de mãe é o calor suave,
 Nem o rumor espanta uma canora ave!
 Se chefe me acclamar a tribu, eu bem quizera
 Guial-a para lá na sacra primavera,
 Liberta para sempre, isenta das cavernas,
 Dos famintos chacaes, das rajadas hybernas. »

Troglos fallou então com gestos compassados:

— « Só me resta morrer. Os prazos são findados
 Que se houve de correr a intrepida aventura.
 Dos que foram ninguem o regresso assegura.
 Dos que foram voltou sómente o Nembrodita,
 Com o filho de Kusch, o de Turan que o fita,
 Mais o filho de Kemi, e o filho d'Ayria;
 A um d'elles compete hoje a soberania.
 Vou-me a precipitar do alto do fraguedo,
 O escolhido chefe irá recolher cedo
 A clava com que altivo inda os monstros derribo ;
 Meus ossos juntará nos sepulchros da tribu. »

Levantou-se no ár estrondoso alarido,
 Na selva o chefe entrou, lá dentro anda perdido ;
 Tempo depois se viu negrejar n'um cabeço
 Do ingreme alcantil ; de lá faz o arremesso
 Com que no abysmo, ao fundo audaz se precipita.

Prorompe a multidão em retumbante grita.
 Proclamava-se o chefe! Um bando gritou logo :
 — Gloria ao filho de Ayria, o que nos trouxe o Fogo!
 Outros bradam com mais ardente entusiasmo :
 — O filho de Turan vence a todos com pasmo!
 Já conhecia o Fogo, e trouxe-nos o Ferro.

No meio do tropel sôou mais alto berro :
 — Gloria ao filho de Kusch, o de crespos cabellos,
 Que nos vem defender no diluvio dos gelos !

Elle sabe ligar entre si prancha a prancha,
Construir o baixel que a vaga não desmantha.

Contra o bando de Kusch outro bando se agita:
— Qual é o Caçador melhor que o Nembrodita?
Gloria a quem os leões derruba n'um relance,
Extingue-nos da fome o prolongado transe.

Que lucta desvairada entre os bandos se trava!
Pelo filho de Kemi inda ninguem fallava;
Um grupo indiferente á sangrenta refrega
Para o filho de Kemi apressado se chega:
— Seguimos-te hoje mesmo obedientes, com ancia
De ao sitio nos guiar da paz e da abundancia.
Desde hoje nunca mais haverá lei prescripta
Que obrigue aquelles dois, a Kusch e o Nembrodita.
Nunca mais se hade vêr fraternal harmonia
Dos filhos de Turan com os filhos de Ayria.
Afasta-nos d'aqui, oh tu de Kemi filho,
Para o paiz da paz, onde o Sol tem mais brilho,
Onde se adore o sol em canticos sonoros
Onde se erga o altar! Seremos a grey de Horus.

Emquanto os tres irmãos andam em lucta dura,
Partiu a horda; embrenha-se em selvas á procura
Do encantado paiz onde se perpetue.

Dos tres chefes então cada um veloz rue
A vêr se lésto obtem da primazia a clava;
E n'um sentido oposto um a um se embrenhava
Seguido do tropel do exaltado partido.
Sem a separação ter-se-iam destruido!

III

O Cataclysmo

Errante pelo mundo a tribu se desmembra;
 Do berço primordial quem é que inda se lembra?
 Onde a horda chegou bem pouco se deteve,
 Dia a dia o frio cresce, e vem descendo a neve.
 Fugindo para o sul vem bandos de elephantes,
 Rhinoceros, tapir e bufalos errantes,
 Como quem prompto escapa ao ríspido inimigo;
 Em outra região vão procurar abrigo.

Foje o homem tambem ás cortantes rajadas,
 Relembra com saudade as furnas retiradas
 D'onde cedo partiu por indomitas sanhas.
 Os gelos a descer do cimo das montanhas
 Deslizam pelos valles ocupando tudo,
 Carreando em tropel bloco e bloco desnudo;
 Dos promontorios vem escalvados do norte,
 O frio intenso traz comsigo o sonno e a morte!
 O homem tenta em vão rasgar o seio á terra,
 A caverna construe, mas a neve lhe cerra
 Ao vacillante passo o pávido horizonte!
 Accende o fogo, e alveja-lhe nitido defronte
 O gelo que caminha; o gelo de repente
 Que se roja e se alastrá, essa enorme Serpente
 Da região boreal, a escorregar sem bulha,
 As florestas encobre e os valles entulha,
 Transportando comsigo os altos promontorios,
 Os pincaros truncando aos montes mais notorios.
 Se a frigida Serpente a alguem de leve morde,
 Do invencivel sonno, ai quem ha que o acorde?
 Não ha senão fugir, romper em marchas rudes,
 Procurar o calor de ignotas altitudes.

Instantaneo se deu horrivel cataclysmo!
 Os mares boreaes vêm das fontes do abysmo;
 Rompeu o equilibrio a descensão dos gelos;
 Uma onda despeja os boreaes cancellos,
 E para o sul desloca o seu tremendo imperio;
 Transpõe o equador, submerge um hemispherio.
 Para sempre alagou primévos continentes!
 A Athlantida e Lemuria, e ignoradas gentes,
 Do vagalhão do norte envolveu-as a fragoa,
 Afundou-as no orco a cataracta de agua.
 Da estranha convulsão mal sentem o espanto!

Que continentes vão surgindo por encanto,
 Subitaneos erguendo os seus lodosos cimos,
 Promptos a elaborar a vida n'esses limos.
 Que novas formações nos largos estuarios
 Ali vão sotopôr veios sedimentarios,
 Cumulando o calcáreo em gigantescos cipos;
 As forças animaes produzem novos typos.
 São um seio vital as aguas, onde lento
 Hade o vibrátil cilio adquirir movimento;
 Cavam aos grandes rios essas margens esbeltas
 Construindo-lhe á fauce os verdejantes Deltas,
 De antigas tradições as Ilhas encantadas;
 O homem progrediu entrando em taes moradas.

Disseram entre si de Kusch os filhos:

— Preste

A Serpente do Inverno a nós rispida investe,
 Do gelo nos anneis quasi a terra circumda!
 Refugio nenhum dá a caverna mais funda.
 E como lhe fugir? Ao alto das montanhas
 Ondas se elevam já, de mil lados, tamanhas;
 Negrejam fóra de agua umas Ilhas; espanta
 Como inda estão de pé do golpho na garganta.

Façamos, pois convem, com os cedros da ilha
 Uma barca segura; a sua forte quilha
 Corta a vaga que cresce, e libertar-nos hade
 Do diluvio sem fim que a terra nos invade. —

Então Kusch mandou derrubar grossos troncos,
 Em quanto a cataracta atroava com roncos.
 A cheia cresce, alastrá; a barca já fluctua,
 Dos mortos animaes um montão grande estúia.
 Mandou tambem colher os troncos desraigados
 Bojando á tona d'água; e os mais alentados
 Sobre a vasa da praia ergueram uns taludes.
 Sobre estacas assentam-se choupanas rudes,
 Contra o fluxo crescente accolheram-se os vivos,
 Livres do assalto e horror dos monstros fugitivos.
 No indomito terror, na liga da anciedade
 Inconsciente se funda a primeira Cidade!
 D'ahi começou Kusch a observar os astros,
 Seu nascimento, occaso, e luminosos rastros,
 Do rutilante sol e da pallida Lua.
 Conta as revoluções, as phases uma a uma;
 Conseguiu descobrir o mez de trinta dias,
 O percurso da terra, e as horas fugidias,
 Marcar as estações, e nos fecundos ocios
 Achar a precessão d'esses dois equinocios!

Disse então Kusch aos seus, aos mais intelligentes :
 — Os filhos de Turan fizeram-se potentes
 Pelo segredo seu de trabalhar o Ferro;
 Segredo de mais força em mim, na mente encerro.
 Têm os filhos de Ayria outro poder — o Fogo,
 Pois fazem-no descer do céo á terra logo;
 Mas possuo eu tambem dos Astros o mysterio,
 Nossa a terra será de um ao outro hemispherio.
 Do segredo estudeae as santas profundezas
 Que nos guia da terra á posse das riquezas. —

Organisou o estudo o activo Sacerocio;
 O trabalho da tribu alimenta aquelle ocio
 Que contínuo contempla altos céos estrellados
 Tendo ás constellações os seus cursos marcados.
 Crescem cada vez mais as aguas impetuosas,
 E Kusch outra vez falla ás gentes temerosas:

— A Cidade está cheia, e quasi que trasborda,
 Na barca tem de entrar de prompto uma nova horda;
 Se alguem ha que se atreva ao governo da barca,
 Dos que hoje partem seja augusto patriarcha.

Respondeu-lhe Nuah, mas corajoso e ledo:

« Eu tambem aprendi dos astros o segredo;
 Que importa a cerração da Serpente do inverno,
 Se as vias sei achar pelo espaço superno! »

E a multidão que entrou na barca com pavor
 Deu por nome a Nuah — o *Peixe-Salvador*.
 Aonde irá surgir essa errante colonia?
 Que emporio fundará? Talvez Tyro? Sidonia?

Vem os filhos de Ayria a fugir lá das bordas
 Do temeroso Caspio, em turbulentas hordas,
 Procurando escapar á submersão das aguas;
 Em busca do calor affrontam rudes fragoas.
 Sobem de alta montanha ao cimo ingreme, a custo,
 E fazem d'essa altura asylo e templo augusto.
 Envolvia-se a terra em nevoeiro denso,
 Errantes vão fugindo áquelle frio intenso;
 A custo sobem já pelo escaldado flanco
 Do alteroso monte; a neve torna-o branco.

Era o excelso Pamir, o gigante dos montes;
 Quatro rios caudaes são as perennes fontes
 Que brotam do golfão de ignoradas cavernas
 Abrindo o curso, o alveo para as neves eternas.

Disseram entre si os que iam na vanguarda:
 « O sagrado Pamir dos frios nos resguarda! »
 E á medida que vão subindo as cumiadas,
 Menos rispidas são as cortantes rajadas,
 Dos gelos boreaes a flexa ninguem sente,
 É saudavel o ár, embalsamado e quente.
 Florescem no alcantil de asclípias os corymbos,
 Pairando-lhe ao sopé caliginosos nimbos,
 Cortados pelo raio a breves intervallos.
 Retumba pelo espaço o rumor dos abaios!
 No mais alto do céo destaca-se esplendente
 O Sol! e cada um, em terra, reverente
 Cheio de gratidão e de divina furia
 Adora o Sol prostrado ante o sublime Surya,
 Manancial de bens, de vida e de alegria
 D'onde o calor e a luz vem aos filhos de Ayria.

Accolhem-se tambem á Montanha sagrada
 Dispersos animaes em trépida manada,
 A vacca branca, o touro audacioso, iracundo,
 O elephante, o cão perspicaz e jocundo;
 O homem aceitou a imposta sociedade,
 Trazendo-os pouco a pouco á domesticidade.
 Do typo vertebrado o mesmo sofrimento
 Revelou pela dôr fraternal sentimento
 Perturbado na acção violenta dos meios.
 Cessam nos animaes do homem os receios.

Logo os filhos de Ayria ajuntam-se, clamando:
 « Nos trabalhos sem fim da nossa fuga, quando
 A Serpente do Inverno engulir-nos queria,
 O Fogo se extinguiu! a nossa companhia,

O Fogo que afugenta as carniceiras feras,
 O Fogo que desfaz as medonhas chiméras!
 O Surya divino aquenta-nos quaes brazas,
 Mas os ventos da noite, os terríveis Rakchisas
 Penetram-nos com dôr dos ossos á medula!
 Quem sabe ao céo tirar a lucida faúla?
 Ou fazer com que Surya a nós baixe o seu raio? »

Ergueu-se Paramantha, o ousado. Escutae-o:

« Eu roubarei ao céo esse sagrado Fogo!
 O rito que o produz, a supplica e o rogo
 Á tribo ensinarei como uma cousa santa. »

Duas varas cortou de uma arvor' Paramantha,
 Que vira incendiar-se ao vento na floresta;
 Esfrega uma na outra, aquella contra esta,
 E começa a luzir um ponto igneo, nitente,
 Que se ateia no altar subtil, incandescente.

O mysterio da luz, ou de Agni, teve inicio,
 A ceremonia expõe do novo sacrificio;
 Cada familia escuta enterneceda e leda
 Da eterna tradição a Sciencia do Veda!

Paramantha explicou o assombroso rito:
 « Seja em cada familia o permanente fito
 Conservar sempre acceso o Fogo! o Fogo é vida!
 A vida ás gerações vindouras transmittida.
 E como o pae e mãe ambos geram o filho,
 Tvástar e Araní, em Cruz, nos dão o brilho;
 Incarnaçao do Sol na terra — a labareda —
 Agni, o Mediador, a saudaçao do Veda! »

Antes que a tribu ao céo sua supplica mande,
 Faz ao Fogo do lar uma hecatombe grande,
 Entre amplexos cantando em grato desatino
 O loiro, o terno Agni, em sonoro hymno:

« Vêde como Agni brilha! Agora em volta d'elle
 Congrega-se a familia, os medos seus repelle.

Quem não te hade adorar,
 Sacro Fogo do lar?

Vêde como Agni brilha! Oh primeiro mysterio!
 Por ti o homem põe ao soffrimento imperio.

Sacro Fogo do lar,
 Quem não te hade adorar?

Vêde como Agni brilha! És tu que nos escutas
 Passadas tradições das incansaveis luctas.

Quem não te hade adorar
 Sacro Fogo do lar?

Vêde como Agni brilha! Ao céo as preces levas
 Afastando de nós os terrores das trevas;

Sacro Fogo do lar,
 Quem não te hade adorar?

Vêde como Agni brilha! alvissimo cordeiro;
 Gerou-te a Virgem-Mãe, e Tvástar carpinteiro;

Quem não te hade adorar,
 Sacro Fogo do lar?

Vêde como Agni brilha! e resplandece tanto!
 Aura que o bafeja é o Espírito Santo;

Sacro Fogo do lar,
 Quem não te hade adorar?

Vêde como Agni brilha! a vacca o alentára;
Em lucida espiral a chamma se ergue na ára.

Quem não te hade adorar,
Sacro Fogo do lar?

Vêde como Agni brilha! Oh Christna loiro e puro,
Tu farás a união dos homens no futuro;
Sacro Fogo do lar,
Como ensinas a amar! »

Dividem-se de Ayria os filhos em familias;
Uns conservam o Fogo em sagradas vigilias,
Com que as forças do mal, oh tribu crente, aplacas;
Uns trabalham a terra, outros guardam as vaccas.
Mas a terra por fim perdeu sua verdura;
Á tribu lhe ocorreu a tradição escura
De outr'ora, quando achou um logar de delicias
Esse filho de Kemi, e as novas propicias
Que alegre veiu dar, para ser chefe eleito:

« Sigamos para lá, prorompendo a direito!
Rompamos através do asperrimo deserto,
Para esse paiz de prados mil coberto,
Onde a flór verte mel e são dôces os fructos,
Onde os cerúleos céos são limpídos, enxutos;
Onde as aves gentis têm mais canoras vozes,
Onde entre os animaes não ha monstros ferozes
Que nos rebanhos dão com avidez insana!
Porventura hade ser alli a Sogdiana?
Lá onde, oh loiro Sol, nunca os rios estancas,
Onde pastam sem conta as vaccas gordas, brancas. »

Eis que os filhos de Ayria á grata visão cédem,
Já descem a montanha em busca de novo Eden;
Encontram no caminho a tribu numerosa
Que emigrava tambem incerta, aventurosa:

Conhecem-se de instinto irmãos, e como amigos
 Se abraçam para a lucta através dos perigos;
 Quando a entender-se vão, fallavam outra lingua!
 E empregavam signaes e symbolos á mingua.
 Como os filhos de Ayria, eram brancos na pelle,
 Entre elles a mulher era candida, imbellie,
 Conheciam do Fogo o magico segredo!
 Acharam-no batendo as lascas do rochedo
 Dos filhos de Turan contra as clavas de ferro.
 O Fogo os protegeu no infindo desterro,
 Sacrificam-lhe n'ára animaes, homens vivos;
 Pois essas gentes são Nembroditas altivos.

Logo **es** filhos de Ayria a entender-se tentam,
 Da Cobra-mãe do Inverno o emblema representam,
 Ao ár uma Serpente alçaram-lhes defronte.
 A tribu se prostrou sobre o flanco do monte,
 Como que se um vento instantaneo a derrube,
 Diante do seu deus adorando o Kerube.
 Póde tudo esse deus, vence a morte e os typhos!
 De antigas regiões contam por hieroglyphos
 Terriveis migrações através de palmares,
 Em lucta com leões, e em lucta com os mares.
 E emquanto a narrativa os dois povos ajunta
 D'Ayria a tribu fez esta estranha pergunta:

« Saberá por acaso o forte Nembrodita
 Onde o filho de Kemi e sua gente habita?
 Em que ponto da terra é esse Paraíso,
 Onde ha riqueza e paz, descanso, regosijo? »

Da tribu de Nembrot respondem os mais velhos:

« Não sabemos onde é! Em vão nossos artelhos
 Nos levam a transpôr os caudalosos rios,
 Cordilheiras sem fim, desfiladeiros frios,

De encontro aos vendavaes e ao rispido graniso,
 Não podémos chegar ao dôce Paraíso.
 Oh! não podémos, não! que só vence as procellas
 Quem como Kuch sabe o curso das estrellas,
 Conseguindo emendar da sua róta o erro.
 Oh, não podémos, não! só quem abranda o ferro,
 Dos filhos de Turan o vedado segredo,
 Esse hade triumphar dos monstros e do medo. »

Começam os d'Ayria a bradar com afan:
 « Vamos ao encontro nós dos filhos de Turan!
 O segredo que os fez temidos se lhes roube. »
 A multidão conter seu jubilo não soube.
 Os Nembroditas vão proseguindo outros rastros:..
 « Roubemos aos de Kuch o segredo dos astros! »
 Desceram o Pamir as duas grandes raças
 Unidas um instante; e temerosas traças
 Cada qual em sentido opposto vae seguindo:
 De Ayria os filhos vão descendo ao Septashindu,
 E os filhos de Nembrot, para oeste vão dar
 Ás planuras sem fim do fertil Sennaar.

N'aquelle immenso val que os Sete-Rios talham,
 Os filhos de Turan ignorados trabalham;
 Uns fundem os metaes, outros — agricultores
 Trocavam entre si productos dos labores,
 E ao fim de migrações e temerosas viagens
 A defeza os uniu da paz para as vantagens.
 Uns guardam dos metaes reconditos processos,
 Ocultos da caverna em lobregos recéssos,
 Operando do cobre e do estanho a liga,
 Que não vencida torna a espada e a loriga!
 Da sombra a lividez faz-lh'os rostos funéreos,
 Ocultos no imo ali dos jazigos minereos;
 Taes os Calybes são! a hirsuta catadura
 Contrasta na feição pacifica brandura;

Sabem vociferar tenebrosos agouros,
 Descobrir o assento aos vedados thesouros,
 E caldear em sangue as espadas terriveis
 Que tornam os Heroes immortaes, invenciveis.

O que a terra trabalha e com suor semeia,
 Ao homem bestial e mudo, ao Cadavrêa
 Associou a si com longa confiança ;
 A Terra, a Mãe-commum fizera esta alliança.

Ao descerem ao val do fertil Septashindu
 Vão os filhos de Ayria as seáras destruindo ;
 A taes raças impondo a condição de escravas,
 E o trabalho exigindo a elles como ignavas.
 Formam classe guerreira os Aryas mais valentes,
 Das armas o mister distingue os excellentes
 Que procuram vencer a dura, ignobil corja,
 Que nas cavernas vive e o ferro occulta forja !

Ninguem pôde alcançar o tremendo segredo ;
 Aos guerreiros espanta o cabírico medo,
 E esgotam o poder na atroz carnificina !
 Não podendo extinguir a raça peregrina,
 Cansado de lutar, de Ayria exclama o filho :
 « Raça dura e tenaz ! comvosco compartilho
 Os mysterios da Luz; mas ensinæs sem erro
 Como se funde o bronze e se recurva o ferro. »

Ouvindo aquillo, alguns dos filhos de Turan
 Mandaram á traiçao seu magico Atharvan,
 Revelar como o ferro e o bronze se fabríca.
 Ante o negro Atharvan o Arya sacrificia ;
 Mas um desapareceu no escuro da caverna,
 O outro a humanidade e o mundo governa.

Os Nembroditas vão em perpetuos combates
 Por todo o Sennaár té ao Delta do Euphrates ;
 No golfo encontram já cidades florescentes
 Com templos e canaes, policiadas gentes ;
 Ali raça de Kuch altiva e forte lida !
 Perguntam-lhes :

— Sabeis da Terra promettida ?
 Da que o filho de Kemi encontrou o caminho ?
 Vós que ousaes prevêr do céo o torvelinho,
 Que tendes definido o curso das estrellas,
 E podeis navegar através das procellas,
 Vós sabereis guiar a tal paiz, por certo ! —

— « Entre Kemi e nós ha o mar e o deserto,
 Esteppes, alcantis, distancias infinitas ;
 (Responde á nova grey a raça dos Kuschitas).
 Sobre um Delta fechado o povo dos Horshésu
 Ignorou o Diluvio, e permanece illeso !
 Ficae antes aqui; dos astros os segredos
 Revelados vos são, se esses combates tredos
 Entre Accad e Summir por vós tiverem termo.
 Os nómadas do norte abrigam-se n'esse ermo,
 E sanguinarios vem ao ruido das contendas
 Ás cidades trazer devastações tremendas ;
 As mulheres, o gado elles levam consigo.
 Nas nossas barcas só escapamos ao perigo. »

Então Nembrot correu as diversas Cidades,
 As que sofreram mais d'essas atrocidades,
 A todas lhes propoz uma mutua alliança !
 Respondeu Chalaneh :
 « Nós temos confiança,
 Que assim não somos mais devastados á mingua ;
 Embora ! mas quem pôde esquecer sua lingua ? »

Nipur tambem responde:

« A alliança acceitamos,
Mas nunca em tempo algum nosso Deus olvidamos. »

Erech devolveu:

« N'este sólo descança
O pó das gerações; não venha essa alliança
Arrancar-nos um dia a este chão sagrado.
Eis o tremendo mal que temos receiado. »

Respondeu Elassar:

« Nós entramos na Liga,
Se um juramento igual a todos nos obriga! »

As Cidades, Nembrot prudente confedéra,
E como o testemunho e signal da nova éra
Uma Torre se ergueu que com o céo defronta;
Cada angulo a Cidade da alliança aponta.
A Cidade que avista aquella enorme Torre
Tem certa a sua paz; sempre a liga a soccorre.
Nipur adora El, de Deus a Torre é porta;
O alicerce fundo um sepulchro o supporta,
Para honra de Erech, a cidade dos Mortos,
Que aos vivos sabe dar os perennaes confortos.
Chalaneh pretendeu conservar sua falla,
Mas quatro lados tem a Torre que as eguala;
E Elassar queria impôr o juramento,
Por isso o seu pendão é que fluctua ao vento.

Assim povos em lingua e cultos separados,
Por duras migrações, continuo, desvairados
Poderam comprehender da Liga o pensamento.
É da união Babel symbolo e monumento !

Os povos canibais já não descem do norte,
 Sobre Dinguir e Ur trazendo a ruina, a morte,
 Na Torre de Degráos creou a humanidade
 A ideal expressão da solidariedade.

IV

A Ira de Deus

Quem sabe desvendar nos Mythos a verdade?
 Linguagem que inventou a antiga humanidade,
 Quando ella ás emoções vibrava inconsciente!
 O véo sacerdotal cobre o que era patente
 Na candida nudez da concepção primeira,
 Tornando essa expressão frivola ou embusteira.
 Quando outr'ora na Media em vastos, ferteis planos
 Se encontram com Chaldeus prófugos Turanianos,
 E ao mando de Nembrot essas raças dispersas
 Dos Chamitas se vão ligar aos duros Persas,
 Esses povos rivaes em outros Deuses crentes,
 Com aversão de raça e linguas diferentes,
 Fundaram entre si, para mutua defesa
 Irmandade, immanente em sua natureza:
 A confederação de uma a outra Cidade!
 A Torre de Babel representa a unidade
 Que o homem presentiu em sua consciencia,
 Que o dogma escureceu, e que illumina a Scienza.
 Mas uma sombra immensa envolveu o passado;
 Do homem Religiões tinham-se apoderado,
 Como um polypo interno, em ramos absorventes,
 Fizeram da união a confusão das gentes,
 Do abraço de irmãos feroz rivalidade!

Quem sabe desvendar nos Mythos a verdade?

Babel se transformou nas mãos do Sacerocio,
 Symbolo da aversão, em monumento obnoxio,
 De quem se não entende e o rancor separa.
 A Cidade é que uniu os povos; foi a Ara
 Que as raças outra vez em maldição desmembra.
 Dos dogmas de terror quem é que se não lembra?
 Da terra as convulsões, os tremendos diluvios,
 Os pestilenciaes, deleterios effluvios,
 A lucta desegual com gigantescos brutos,
 Um mal, que estes maior, do homem os reductos
 Entra como de assalto, e a validez lhe tira!
 O susto deu-lhe um nome: era de Deus a Ira.
 Entre si os irmãos tornaram-se inimigos,
 Trucidam-se ante o altar, e construem jazigos
 Como quem tem horror á vida, á claridade;
 É o nome de Deus a voz da mortandade,
 Hallucina a razão em vertigem cruenta.
 Cada raça procura alçar-se mais sangrenta.
 São em nome de Deus as canibaes cruzadas,
 Da via ascensional perderam-se as péginas,
 Do longinquo porvir as veredas se somem,
 A Ira de Deus torna o homem lobo do homem.

No vasto Septashindu os Aryas famulentos
 Haviam assentado os seus acampamentos;
 A abundancia e a paz o numero lhes dobra!
 Conhecem dos metaes lavor secreto, a obra
 Com que podem vencer da fera a残酷de,
 Reduzil-a ao trabalho e á domesticidade!
 Embora o ocio lento o Arya altivo enerve,
 O pobre Cadraveya escravizado o serve,
 O Vrátya rasga a terra, e em cada verde combro
 O rebanho que pasce augmenta com assombro.

Como uma só familia alastrá-se a planura
 Com alegres casaes, onde reina a doçura.

Conserva-se no lar o Fogo scintillante,
 Qual benção perennal, risonha, fecundante
 Que liga em torno a si o pae, a mãe, os filhos,
 As vaccas e os bois, e os candidos novilhos.
 A tribu por costume antigo estabelece
 Que uma unica mulher cada homem tivesse;
 Que fossem das irmãs os irmãos protectores,
 Pois do armento munir tem continuos labores.
 Sempre ao cahir da noite, em serena vigilia
 Repetem-se em commun, no seio da familia
 Cantos tradicionaes, Hymnos que Agni accepta;
 Sôam grandes coraes nos tempos da colheita,
 O Arya annualmente a união celebra.
 Eis que um dia esta paz para sempre se quebra!
 Mas, qual seria pois, o movei, o incentivo,
 Que esse povo de irmãos o desune aversivo?

A Tribu contemplava o deslumbrante Fogo;
 Cada um canta o Hymno o mais vetusto, o rogo
 Que possue mais poder sobre esse Deus benigno.
 « É Agni! dizem uns, incarnação, o signo
 De Devas sobre a terra; a oração o alenta!
 Elle é o Mediador que as preces apresenta. »

E no santo entusiasmo Agni Deus se proclama.
 Outros no seu fervor cantaram:

« Essa chamma
 Que brilha sobre o altar, e ante os olhos fulgura,
 É a fonte da vida, o espirito, Ahura!
 A essencia do Deus esparsa em toda a parte. »
 Os cantores então luctaram com mais arte:
 Enthusiasmo febril nas frontes se divisa,
 Hymno apôs hymno ali cada um improvisa.
 A multidão escuta os hymnos melodiosos
 Attenta, embevecida em extáticos gosos;

No certame sem par nenhum partido toma.
Eis que se distribue aos que cantam o Soma,
Inebriante licor, votado ao sacrificio.
Cresce a hallucinação, o furor tem inicio,
A turba com pavor essa bebeda prova,
E impellida se achou para a doutrina nova.
Cantam com phrenesim, lançam ameaças sévas
Os que vêm no Fogo o luminoso Devas,
O que fulge nos céos e desce a nós da altura.
Na augusta adoração do espirito, de Ahura
Começa o desvario de um contra o outro bando.
O ataque rompeu; aqui, ali baqueando
Vão aos golpes que vibra a estranha dissidencia
Da substancia do Fogo e da divina Essencia.
A noite, a prostração susta a carnificina,
Mas prolonga-se mais essa Ira divina.
O matutino alvor no horizonte assoma,
Phantastico vapor do inebriante Soma
Repentino se esvae de escandecidas mentes;
Viram-se então no campo estendidos os crentes,
Cadaveres sem conta estão pela planura.

Ficaram de vencida os que adoram Ahura!
Fôra grande o desastre; as familias que restam
Os chefes convocando, á fuga já se aprestam;
Emigram para o Iran, as montanhas transpondo;
E para mais distancia os seus dogmas oppondo;
No povo que já tem d'Asia quasi o dominio
Entra a separação, rancor e morticinio;
Não o deixa avançar sacerdotal mentira,
Perpetuam de Deus por seculos a Ira.

Aos que sabem o curso e conta das estrelas,
Os Kuschitas tambem disseram:

« Vós, por ellas

Nos sabereis guiar á Terra promettida,
Onde é brando o calor e deliciosa a vida;
D'ella o filho de Kemi outr'ora nos fallará ».

Os Sacerdotes sós, reuniram-se ante uma ára,
Discutindo entre si pedido que os aterra:

— Como guiar o povo á promettida Terra?
Se o não fazemos já discordia entre elles lavra,
Perdemos o poder que temos na palavra;
No desespero seu para nós não trabalha,
E a morte ás suas mãos quem é que ousado atalha?

Alli se lembrou um d'aquelle sacerdotes,
Um que tinha da argucia incomparaveis dotes:

— Embrenhemos o povo inquieto no deserto,
Para as bandas de Aram, onde creia estar perto
Do sonhado paiz, a Terra promettida.
N'essa peregrinação se lhe esvairá a vida;
Que a geração vindoura inconsciente esqueça
A visão que hallucina, essa fatal promessa!

Outro disse:

— O poder sustenta-se com arte;
No culto divinal que o povo tome parte,
E em quanto elle esperar as festas cada anno
Nós vamos-lhe abrandando o seu furor insano.
O Sol do frio occaso e o Sol matutino
Na sua successão é symbolo divino
Para o homem sentir a evolução da vida,
A infancia jovial e a velhice descrida!
O Sol da quadra hyberna, o Sol do quente estio
Da natureza inteira a marcha reflectiu;
É o joven Heroe que morre e resuscita,
Eterna oscillação de uma força infinita!

A natureza chora a morte prematura.
 E com elle revive em esplendida verdura,
 Fazendo succeder á tristeza e aos prantos
 Alegrias sem fim, e os perennes cantos !
 O povo quer chorar e rir ! Faça-se-lhe isto ;
 Do joven-Deus Zagreus, Athys, Mithra ou do Christo
 Com compunção se chore o triste passamento ;
 Redobre-se a alegria em seu renascimento.
 As mulheres irão pelos montes chorando
 A paixão de Tammuz, em sacrificio dando
 Ao Deus, que os devora, os filhos do seu seio.
 O povo fica inerte em sensual enleio,
 Aguardando o porvir do vago vaticinio.
 Assim mantemos sempre o perpetuo dominio. —

Conhece o Synhedrim do alvitre o acerto :
 Uns á voz do seu Deus se embrenham no deserto,
 De Kemi ao paiz outros vão á fronteira,
 Levam da escravidão a ferrea gargalheira,
 E o culto d'esse Deus que morre e resuscita
 Ao vencido lhe impõe como raça maldita.
 Osiris e Typhon andam em lucta agora ;
 Moloch incandescente os crédulos devora ;
 É chorado Tammuz por pincaros distantes,
 E ficam para sempre essas tribus errantes
 Perseguidas sem dôr entre as nações da terra ;
 Ihaveh lhes insufflou na sua Ira a guerra.

Os Patési da Assyria, aquelles que fallavam
 D'esse terrivel Deus-Assur, com que animavam
 O povo a repellir as hordas das montanhas
 Trocaram entre si estas vozes estranhas :

— Eis o nosso poder, que já prestes se extingue,
 Se não houver de Assur quem a grandeza vingue ;

Assur, o Deus que guia o carro da batalha,
 Vae desapparecer do olvido na mortalha,
 Porque o povo não teme hoje as raças do norte!
 A Tetrápole o fez com sua liga forte.
 Entre elles reina a paz, cresce a nova doutrina
 Que harmonisou em Deus a força feminina.
 A Arte apparatosa espalha a allegoria,
 Vence a imaginação doida phallagogia,
 Magnificente Bel vae absorvendo tudo!
 Guarda o nosso poder hoje um unico escudo:
 Entre os Deuses da Ira ateêmos as chammas;
 Anah d'encontro a Bel, e Ud contra Samas.

Os que adoram Assur, bem comprehendem todos
 Que a sua salvação se faz por esses modos:

— Assur! o Deus da guerra, a guerra o glorifica,
 É-lhe a devastação oblata santa e rica;
 As cidades do sul na uberrima campina
 De longe estão chamando as tribus á rapina,
 Que experimentem de Assur a implacavel Ira;
 Lancemos-lhe no altar riquezas de Dingura. —

Outros clamam tambem:

— Já o poder não finda!
 Falta-nos escolher o forte Chefe ainda;
 Proclamaremos Rei o que fôr mais valente,
 Que ante a carnificina esteja indiferente;
 Aquelle que se achar com mais rancor na alma,
 A esse a sagrâção, a corôa e a palma.
 Sobre a terra será de Assur representante,
 Da vida disporá do povo a seu talante.

Cada chefe que aquelle estranho alvitre escuta,
 Precipite se lança á desvairada lucta,

Inventando no ardor grandes atrocidades;
 Vae-se n'uma incursão do sul contra as Cidades;
 Sippára baqueou, e a gente que inda vive
 Já transplantada foi para a crua Ninive.
 Caminham em tropel innumeros rebanhos,
 E os leões de bronze, e idолос tamanhos
 Todos de ouro massiço, aos templos arrancados,
 Por escravos sem conta aos hombros vão levados,
 Vergando ao peso enorme exhaustos e de rojos!
 Dynastias reaes vão n'aquelle despojos.
 Ante a espada de Assur não ha para onde emigre;
 Tinge o sangue a corrente impetuosa do Tigre.

Vem depois da campanha o hediondo banquete,
 N'elle se acclama o Rei, segundo Assur promette;
 Tapeta-se o arraial só de pelles humanas,
 Eis as truncadas mãos em grinaldas ufanas,
 E os corpos em montões no campo da batalha
 Fecham o grande circo em espessa muralha.
 Ao que melhor contar façanha canibal
 Chefe se acclamará da dynastia real;
 Os Patési lhe dão inteira obediencia,
 Comtanto que de Assur mantenha a independencia;
 E que em nome de Assur o sangue vivo corra,
 Para a gloria de Deus o mundo inteiro morra.

V

A lucta dos tres Irmãos

Entre as raças o odio é eterno! Atroz vingança!
 Um combate sem trégua, em que nenhuma cansa;
 Pela hallucinação da Chimera divina
 Esse rancor de irmãos mais cruel desatina,
 Quando a sacerdotal tradição foi escripta,
 E raça a raça atira o stigma de — maldita.

No papyro sagrado, ou sobre a fita extensa
 Mão sinistra traçou a terrivel sentença
 Que os conflictos da Historia implicitos contém :

*« Japhet porá o pé sobre a cerviz de Sem ;
 E os filhos de Cham serão os seus escravos ! »*

Esta semente de odio espalham ventos bravos ;
 Germinando vivaz de uma em outra edade
 Em covil de ladrões torna cada cidade.
 Aonde cada um dos tres Irmãos se tópa,
 Quer na Africa ou na Asia, e ainda na Europa,
 Juraram no seu odio o exterminio e morte,
 Tendo o imperio do mundo esse que fôr mais forte.
 Do Oraculo a voz espalhou-se entre as gentes,
 Levando o antagonismo aos mesmos continentes ;
 E aquelles tres Irmãos nascidos para a lucta
 Com monstros bestiaes e a Natureza bruta,
 Da colera divina aos ventos desvairados,
 Ficaram desde então com rancor separados !

Qual d'elles vencerá no duello, sem remorso ?

Sem jurou :

— De Japhet é baldado o esforço.
 Antes que elle o pé sobre a cerviz me assente,
 Primeiro eu o farei o servo humilde e crente
 Do jugo religioso e da ideia divina.
 Tenha embora Japhet a rasão que domina,
 A intelligencia clara, a moral mais austera,
 A livre consciencia... ante a vaga Chimera
 Elle será de Sem escravo espiritual !
 No seu imperio do orbe onde é a capital ?
 Jerusalem ou Roma ! aí terei meu solio,
 Aí, do meu ideal sustentará o espolio.

E como se elevanta o Cyclone tremendo
Das pampas no deserto, insano, revolvendo
Da America por sobre o continente largo,
O Atlantico transpõe, e como arranco amargo
Que em desespero enche o espaço, a immensidade,
Cospe a desolação, a ruina, a mortandade:
Tem da Asia o continente outros Cyclones seus,
Mais terríveis ainda! É o Vento de Deus,
Crédula exaltação, desvairamento louco,
Febril entusiasmo, a submissão do amouco
Por tudo quanto é ficção e maravilha!
Do sofrimento e morte a larga via trilha.
Esses Cyclones taes, percorrendo os dois mundos,
Dando a volta á terra em giros iracundos
Passam aniquilando as gerações activas,
Lançam-n'as na apathia e vagas perspectivas
Do sonho de outra vida, o delicioso engano!
Afogam-lh'a consciencia e o proprio sér humano.
As velhas religiões atrophiam o Oriente
Das raças na aversão; passando ao Occidente
Um'outra entre os Irmãos virá metter a espada!
Por ella a consciencia hade ser annullada;
E na lucta da carne e espirito, comsigo
Hade o homem reagir como proprio inimigo.

Viu longe no porvir, Sem! o jugo sacode,
Mas Japhet é audaz; no seu triumpho póde
Tomar posse da Terra afinal, onde impera.
Quando lá do central planalto elle descera,
Por deserto e por val acompanhando o curso
De intransitaveis rios, e quando em seu excuso
Como guia tomou o Sol que elle adorava,
Iranianos e Hindus, vendo que o sepultava
O Occidente, vão para o Oriente á procura
Do seu berço! Outra tribu a ignota sepultura

Vae buscando, e avança em migração inquieta.
Tal o Pelasgo, o Celta, o Scytha errante, o Geta,
Que se hão de desdobrar em Nações, os renovos
Da floração vivaz de tantos, tantos povos!
Os filhos de Japhet, do *Dogma* sob o nexo
Submeteram a Brâhma o social amplexo;
Pela força da *Espada* á Persia em sua insanía
Jungem a Media, o Egypto, a Babylonía, a Hireania,
A Lydia, a Parthia, a Assyria, imperios e cidades;
E conseguem tambem no *acordo das Vontades*
No Demos da planicie abrir o franco asylo
Fóco da liberdade e fraternal estylo.

Mas, entre os tres Irmãos os odios acabados,
Japhet é triumphante! E qual dos tres estados
Garantirá ao Arya o dominio do orbe?
Será o *Dogma*? Ainda em apathia o absorve.
Será a *Espada*? Ainda os egoismos explora.
E a *Confraternidade*? Essa risonha aurora
Rairá nas nações, n'um dia grande e puro.
Esse é o éden vindouro, o horisonte futuro,
Presentido através da lucta transitoria
Sobre que se entretce hoje a tela da Historia.

Na ocupação da Terra, o japhético filho
Que os Deuses adorava outr'ora n'esse brilho
Do Sol, a quem erguia oração plangitiva,
Um dia soube achar como do Sol deriva
A cosmica energia! O culto fez-se Sciencia,
E a credulidade autonoma consciencia!
Altivo em seu olhar, já o Sol não implora,
Do seu trabalho fel-o um instrumento agora,
Com que o mundo transforma, e co'a rasão impera
Desde que dissolveu a divina Chiméra.

Ao passar, descobrindo um novo continente,
Nos rochedos encontra o *Swástica* em frente,
Dos que adoram o Fogo o signal sacrosanto,
Vestigio de uma raça, impresso com espanto!
Oh Symbolo ideal da irmandade primeira,
Quando o Fogo do lar fez a união verdadeira
Da Familia e Cidade, em concordia fraterna!
O *Swástica* é a Cruz, que atêa guerra eterna
Entre o Oriente e Occidente, o barbaro e o culto.
Como ainda de Sem revive o odio insulto!
Japhet já não lhe calca a cerviz, por piedade,
Eleva-o até si, proclamando a Egualdade;
E a Cham, escravo, ensina a amar a Liberdade.

II

A CHIMERA OPPRESSIVA

(POEMA)

I

Continuamente em lucta
D'Attica as povoações se dilaceram!
 Essa colera bruta
 Que as desmembra e agita,
 Jámais vencer souberam.

Aquelle intimo mal Solon perscruta.
Solon, o archonte, as leis primeiras dita,
 E a discordia passa!
Da planicie as familias opulentas,
Das montanhas as tribus turbulentas
 Á união incita,
E aos da costa maritima congraça!

Previra em sua mente o sabio archonte
 Como a lei no costume se converte
 Pela estabilidade.
 Convocando as tres classes, diz solerte :
 « A lei, que hoje vos une em sociedade,
 Ninguem, ninguem a affronte !
 Jurare guardal-a contra o ardil e enganos,
 Pelo menos por tempo de dez annos.

Um mysterioso fito
 A viagem longinqua a mim me guia :
 Em dez annos estudarei de perto
 A Civilisação do antigo Egypto !
 Da paz na privilegiada terra
 Descobrirei por certo
 Que verdade alta encerra,
 Que possa vir um dia
 Fructificar aqui na alma grega !
 N'isto a rasão e meu ardor se emprega. »

Da lei de Solon, 'té ao seu regresso,
 Jurou manter o povo a auctoridade.
 Na vida mercantil, em outra edade
 Solon viajára, e vira que progresso
 No Egypto e na Asia tem cada cidade ;
 Como o costume immemorial conserva
 A ordem, a abundancia !
 Pela curiosidade
 Com que em Cànope fica, e attento observa,
 Dos Sacerdotes cae na vigilancia.

II

Os mercenarios jonicos a guarda
 Real dos Pharaós formam; a Armada
 Das velozes trirêmes, com que o Egypto
 Avassallava o Mar Mediterraneo,
 E a circumducção da Africa consegue,
 Engenheiros hellenos a construem.
 As feitorias gregas nas egypcias
 Cidades se alastravam; e no Imperio
 De Misraím, pelo terror da Persia,
 Quantas familias de Héllade se accolhem !

De Solon a cabeça dominante,
 De Saïs os argutos sacerdotes
 Notaram entre si. D'elle se acercam :

« Como um fóco de luz intenso e vivo
 « Tem o Egypto estendido os seus reflexos
 « Ás principaes aggremações humanas !
 « Aqui, Moysés, Pythagoras vieram,
 « Como de outras nações instituidores,
 « Receber da politica as doutrinas
 « Com que a civil concordia cimentaram.
 « Tambem tu, Solon, hoje attento, buscas
 « Da Sciencia de Thot-Trimegisto
 « Altas revelações, o nexo forte
 « Com que de Héllade as raças unifiques ? »

— É essa iniciação que aqui procuro.
 Eu dei Leis a um povo irrequieto ;
 Para a mutua 'defeza um pacto o liga,
 Sobre um sólo que foi commum asylo.

Falta ainda o consenso irrevogavel,
 Que funda a Ordem no costume firme,
 Condição immanente do progresso.
 N'esta cultura esplendida do Egypto
 Procuro attento, a sós, maravilhado,
 Onde a causa profunda, consciente,
 De uma estabilidade em tudo impressa,
 Nos caracteres de altos monolithos,
 Das colossaes Pyramides no intuito,
 E nas alas sem fim de Sphinges mudas.

O Hierophante maximo responde:

« És tu, por certo, um homem inspirado
 « Por Phtah ou por Ammon! Causa-me assombro
 « Como tu, sem perstigios ter de um dogma,
 « Sem nenhum religioso sacramento,
 « Sem a pressão de algum terror divino,
 « Sobre espíritos rudes imperaste,
 « Submettendo-as a uma Lei escripta
 « Tribus revoltas da nascente patria!
 « Oh, dize, em nome de que divindade
 « Legislaste para essa obscura Athenas!

— Pelo interesse as classes conciliando;
 Fazendo com que a Lei só tenha força
 Como expressão de todas as vontades.

Solon fallará, e logo o Hierophante
 Enfiado de terror, devolve prompto:

« Da construcçao social com base humana
 « Tu mesmo o lado fraco reconheces!
 « Tu na terra de Kem hoje procuras
 « O sublime poder que eterno liga
 « N'um grande Povo as tribus desmembradas

« Sobre os Nomos, que outr'ora as defenderam
 « Como em reducto pelo val do Nilo
 « Dos assaltos das hordas africanas,
 « Das incursões dos ávidos beduinos
 « Dos desertos da Arabia ! Povo excelsa,
 « Que Memphis fortifica, e depois Thebas ;
 « Sanificando o Delta, submettera
 « O rio a servil-o nas enchentes
 « Com que amontâa a agricola riqueza !
 « Tudo isto resultou da intelligencia
 « De uma classe pensante — o Sacerdocio,
 « Que em nome de recondita deidade
 « De Phtah, á lei sancção moral impunha,
 « Vinculo inquebrantavel da concordia.
 « Na terra é só possivel o governo,
 « Quando o Poder emana indiscutivel
 « Da vontade de um Deus — a Theocracia.
 « Ah, se os Reis militares com bravura
 « Desde Mena a Amosis se impuzeram,
 « Jazem em terra as fortes dynastias
 « Decahidas, extintas, que fundaram !
 « Concelebra-se a omnipotencia, a gloria
 « Dos reis, quando submissos instrumentos
 « Do Collegio sacerdotal supremo ! »

*

Solon ficára pensativo, absorto,
 Dominado pela impressão violenta
 Que infunde a auctoridade do Hierophante ;
 E pergunta :

— Pois como pôde impôr-se,
 Incutir-se no espirito o dominio ?
 Conserval-o submisso, realisando
 A unidade de um Povo pela crença ?

« Esse é o grande mysterio ! (lhe responde)
 « Essa a origem do Poder que temos !
 « Tu, como instituidor de um povo joven,
 « (Porque vós sois, oh Gregos, como crianças)
 « Bem mereces que o social arcano
 « Te seja revelado ! Para a Grecia
 « Levarás essa força sacrosanta
 « Que as leis torna immutaveis e perpetuas,
 « E os costumes define para sempre !
 « Vem commosco perante a deusa Sáti,
 « Visivel expressão da ideal Verdade,
 « Ouvirás o segredo que te assombra,
 « Com que se prende e unifica um povo. »

III

O Conselho sacerdotal, solemne,
 Achava-se reunido; era formado
 Por trinta Hierophantes dos Collegios
 De Thebas, de Hierápolis e Memphis.
 Longas chlamydes brancas os revestem ;
 E a mudez serena dos semblantes
 Impõe sublime e excelsa magestade,
 Áquelle tribunal, que incorruptivel
 Distribue a Justiça, desde o humilde
 Fellah ignavo até á realeza,
 Cujos actos pondera, quando baixam
 Aos sumptuosos sepulchraes hypogeos,
 Quando penetram nas regiões do Amênti.

Tinha o mais velho dos Hierophantes
 Sobre o peito cahido um collar de ouro,
 D'onde a imagem de Sáti pende, emblema,

Pittoresca expressão da ideal Verdade,
 Que, para o lado dos queixosos volta
 Se, em consciencia, a justiça lhe compete.

O Collegio sacerdotal guardava
 Vetustos, primitivos documentos
 De enormes e esquecidos cataclysmos,
 Chronologicas series de eclipses,
 Os problemas da hydraulica, os segredos
 Da medicina; o canon dos monarchas
 Pela memoria humana consagrados.

Volve a Solon o Sacerdote Magno
 Da imagem de Sáti o reflexo,
 Deslumbrando o olhar do sabio grego!
 Para junto de si, tacito o chama;
 E como a temeroso iniciado,
 Ao longo da ála immensa das Sphinges,
 Emquanto os outros Sacerdotes cantam
 O hymno a Osiris, leva-o silencioso;
 Para ao pé de um sienitico Obelisco.

Caracteres hieraticos negrejam
 No Obelisco esculpidos de alto a baixo,
 Que só elle conhece e interpreta...
 O Sacerdote leu attentamente:

« Eis de um Povo sem Deus a infanda historia!
 « Eu te desvendo a tradição medonha:
 « Assim verás como nasceu a crença
 « Na ficticia Entidade subjectiva,
 « A Chimera oppressiva e aterradora
 « Que nos deu o dominio das consciencias:

A submersão da Atlântida

Onde hoje tempestúa inquieto o Ponto Euxino,
 Esse mar tenebroso, a que uma extinta raça,
 N'um rumor peregrino
 De estranha maravilha,
 Chamára o Askhenaz, — existiu uma Ilha,
 Paiz dos Antes.... Baça,
 Confusa, obscura, triste
 Dos At-el-Antu a tradição persiste.

Então estava o mar de Azof e do Aral
 Ligado com o Caspio; e os gelos do norte
 Pairavam pelo areial
 Hoje steppes ardentes !
 E o scythico oceano enrolava frementes
 Ondas sobre ondas, forte,
 Circundando a grande Ilha a massa equorea infinda,
 Ogha chamada outr'ora, Oceano agora ainda.

Á Atlântida circumda o mar que a retalha
 Com internos canaes, arterias fecundantes
 Que servem de muralha,
 Defendendo-lhe as bordas
 Das brutas incursões, contra as canibais hordas;
 E em paz os habitantes
 Do archipelago vasto, em que ha sete Cidades,
 Se ligam entre si contra as hostilidades.

*

Dos soberbos Atlantes,
 Formava tres Nações essa raça altaneira:
 Por filhos de Aloeus designa-se a primeira,
 Vivendo em paz segura;

Os Alóades têm dos campos a cultura ;
 As malhadas do trigo inventaram tambem,
 A boa Iphimedêa, a terra, é sua mãe
 Que os liberta da fome.

A outra raça audaz de Iapétos tem nome,
 Dentro em barcas de couro anda de leste a oeste,
 Nenhuma geração ha que mais que ella préste,
 De luz expande rastros :

Dos filhos seus, descobre Atlas o curso aos astros ;
 Menoitos fixa as Leis nascidas do costume ;
 Prometheu molda o bronze, ao produzir o lume
 Como um sidereo fogo.

A par d'estes irmãos Epimetheus vem logo ;
 Pela brandura e paz, nos corações elle ousa
 Subjugar a paixão sexual, impetuosa,
 Dando ao casamento .

Indissoluvel laço ! á familia o alento
 Com que o abrigo do lar se torna templo augusto.
 Os Azes vem depois, povo bello e robusto,
 E de espíritos ledos ;

Ao fatídico azar buscando-lhe os segredos
 D'altas contemplações entregam-se ao encanto,
 Tentando alevantar á Natureza o manto,
 Vêr da machina as rodas.

Cruzavam-se entre si estas famílias todas ;
 Da árvor' do freixo diz cada uma ser nada !
 Do antigo nome d'Ask, da arvore sagrada,
 Vem os Eusk da Iberia.

Haverá n'esta crença uma explicação séria ?
 Egual preoccupação, aos Askenas da Phrygia,
 A essa origem vaga, a esta gente dirige-a,
 Na ideal genealogia.

Quem não sabe que o Fogo, outr'ora, o produzia
 A fricção entre si de dois ramos de freixo ?
 O Fogo foi da Vida o mysterioso entrecho,
 Da Familia alma quasi,
 E da Industria a base.

*

Esses soberbos Asi
 Não conhecem do céo as altas Divindades !
 E o supremo dom de harmonisar vontades
 Põem nos hymnos seus — Palavra cadenciada.

Ao romper da alvorada
 Sempre em cada familia era entoado um côro,
 Das mutuas affeições consagrando o decoro,
 E ao cahir da noite allivio do trabalho.

Por um e outro atalho
 Se ajuntam de uma selva immensa nas clareiras,
 Da concordia commum confessando-se herdeiras,
 Cada familia á voz dos velhos patriarchas.

Agrupam-se as comarcas
 Em redor de uma lança espetada na terra,
 Kaizos chamada ou Quir; o nome ainda encerra
 Sentido de Poder, no symbolo eloquente.

Vivia a forte gente
 Dos At-el-Antu, alegre e activa colmêa,
 Do trabalho industrial; e de riquezas chéa,
 Ignora a escravidão, porque as guerras detesta.

Os que brilham na festa
 Que em Us-Cárdia se faz, na capital entrando
 Tem de Gaizos o nome em honra do commando
 Da função social qualquer tempo exercida.

Ia ser destruida
 Dos Alóades esta ideal felicidade!
 Repellindo a noção de etherea Divindade,
 Provoca o humano senso a cólera divina.

Na cegueira os fulmina
 Dos Devas a vingança atroando nas alturas ;
 E a morada feliz dos soberbos Asuras,
 D'esses Rackch-Asas vis na memoria das gentes,
 Se afunda no golfão de crateras candentes.

*

Aproxima-se a hora horrenda do castigo !
 Eis prestes a rodar a chave dos abyssos ;
 Das grandes convulsões dos cegos cataclysmos
 Renova-se o perigo !
 Dos steppes do Norte avança truculento,
 O Scythico Oceano em vagas espumantes,
 Como para sorver, n'um aziago momento,
 O paiz dos Atlantes.

Na Cidade de Us-Gardia ajuntam-se os antigos ;
 Proclamam entre si :

« Grandes, feios perigos
 Caem sobre nós já ! Que faremos ? em breve
 O Oceano a grande Ilha a engulir se atreve !

N'este transe fallou um Patriarcha ás tribus ;
 Conhece as Tradições da Familia dos Rhibus,
 Da concordia social conserva os hymnos todos :

« Pela primeira vez, com piedosos modos,
 « Ao Oceano por nós seja sacrificada
 « Branca vacca, a melhor que haja em qualquer manada.

Ali responde Esunn :

« Quando um desastre assola
 « O Imperio de Kem, o chefe na ára immola
 « Um filho seu! um filho! aquelle mais querido! »

— Nunca! Nunca! — este grito é por mil proferido.
 Nunca a Terra, que a nós nos traz alimentados,
 E dos avós nos guarda os despojos sagrados,
 Terá por nossas mãos de sangue o atroz labeo!
 Se um invisivel Sér, nos mares ou no céo,
 Ou no imo da Terra em arrancos exangue
 Quer pela salvação de nossos filhos sangue,
 Se tem filhos tal Sér, a si os sacrifique,
 E a estupida sanha, absurdo glorifique.

Tal fallou Prometheu. De prompto conhecendo
 Que implacavel avança o desastre tremendo,
 Imperioso volve :

« Entrae em vossas barcas,
 « Aos braços exigi vigor, forças não parcias;
 « Para os montes de Khogh, que vêdes no horisonte
 « Eil-o o Asylo! remae com destemida fronte.
 « Os raios, os parceis, os diluvios escuros
 « N'estas barcas de couro affrontemos seguros. »

*

Nas barcas entram já as Familias dos Asi;
 Sobre a enchente que alaga a Ilha e a cobre quasi,
 Cada chefe de tribu em audaz singradura
 A montanha do Cauc impavido procura.

Eram chefes Nuah, Xisuthros, Deucalião,
Oghyges, Belgemer, Vaiswata, Dwyan,
Que fundaram depois Nações civilisadas.

Navegam através das brumas mais cerradas ;
E cada um foi ter da Cordilheira á falda,
E das ondas do Oceano abrigam-se na espalda.

Inda não cobrem bem as aguas a grande Ilha
Da Atlantida, eis se eleva e pelo espaço brilha
De fogo um torreão ! de enxofre o ár inunda
Um subtereo vulcão em que a Ilha se afunda.
Da horrenda convulsão ficaram produzidos
O Stromboli, o Ethna, e mais vulcões perdidos ;
E pelo Mar Egeo, surgem como capellos
D'ondas, ilhas gentis de Cimolos, de Melos,
Thermia, Delos e Thera e Siphnos ! Insanos
Vão vagalhões de fogo aos campos Phlageanos.
E d'este cataclysmo atroz da natureza
A Atlantida se abysma em ouca profundeza,
De um Mar Negro, que irrompe a juntar-se instantaneo
Para um porvir grandioso ao Mar Mediterraneo.

IV

Tudo isto lêra pávido o Hierophante
Em caracteres sacros esculpidos
Na pedra de Obelisco. Solon ouve
Entre pasmo e assombro essas memorias
Já desde trinta seculos guardadas !
Misterioso o Hierophante explica
Da horrenda catastrophe o sentido
Da submersão da Atlantida lendaria :

« Vê! do nome dos Ases foragidos
« Do oceanico diluvio, ainda hoje
« É de Khogh a montanha conhecida,
« D'essas tribus dos Cauc-Ases primévos.
« Depois de despejada a massa de aguas
« Para o Mediterraneo, novas tribus
« D'essa fecunda Raça audaz e bella
« Do mar de Azof para além passaram,
« Occupando o ignorado continente
« Da Asia, o mais vasto, assim denominado.
« Outras tribus alastram-se na Europa,
« Os Asi da remota Scandinavia,
« Que fundaram de Asgard a alta cidade ;
« E de Gomer as hordas dos Cimerios
« Kymris, Gauls, os Kelts, os Sicambros.
« Dispersaram-se da Montanha-asylo
« Com o nome de Gog a grey, que occupam
« Do Caucaso á Meótida Lagoa,
« Para além do Mar Caspio até á India.
« Timoratos, na encosta da montanha
« Como pastores os Iases ficam.
« É documento o nome: os Isha, do Indus,
« Anses dos Godos, As d'entre os Alanos,
« Os Cimbros da Propónтиda ou Hessi,
« Todos da Raça superior conservam
« Signal de uma unidade desmembrada
« Da Atlantida no enorme cataclysmo.

« Deves, Solon, instituidor de um povo,
« Alta interpretação guardar do caso :
« Na raça dos Alóades, valentes,
« Transformava-se a terra pela industria ;
« Amontoaram riquezas, descuidados,
« Do sobrenatural terror libertos.
« Que força é esta que subverte a Ilha ?

« A submersão da Atlantida suggere
 « De um castigo divino o sentimento.
 « Como aplacar a cólera celeste ?
 « Onde accolher-se a misera criatura ?

 « No espirito dos velhos Patriarchs,
 « Entre os Richis se espalha como crença,
 « A Chimera oppressiva de um ignoto
 « Poder que chamam Deus, Aesir ! e fundam
 « Com o nome de Ahura um culto, a base
 « Da Theocracia dos potentes Magos.
 « Por punição da colera divina
 « Os especulativos Sacerdotes
 « Explicando o oceanico diluvio,
 « Na profunda impressão da realidade
 « Do sobrenatural a noção formam,
 « Com que aos dogmas os povos algemaram.
 « Das Familias os Hymnos se reunem
 « Transmittidos piedosos na memoria
 « Dos Rhibus, classe ao culto consagrada,
 « Que o seu poder cimenta no perstigio
 « Com que domina os povos a Palavra. »

Para Solon ergue o Hierophante os olhos,
 Concluindo com intima ironia :

« Debalde a sociedade se sustenta
 « Se as Leis que a regem, pelo Sacerdocio
 « Não forem sancctionadas ! Força bruta,
 « Que vales ante o imperio de uma ideia ?
 « O poder que ha na terra, o mais completo,
 « É a Theocracia ! Ella domina
 « Com o perstigio da inicial Chimera.
 « Sem a forte emoção do ignoto, como
 « Xisuthros, Deucalião e Vaiswata,
 « Oghyges e Dwyan, conseguiram

« Tornar submissas as errantes tribus,
 « Trazel-as á creaçao social da Ordem ? »

V

Solon ouvira attento e contristado
 A revelação brusca do Hierophante,
 Por onde observa como a crença nasce
 De um phenomeno cosmico que aterra,
 Prodigio sobrenatural, que a mente
 Desvaira e arranca aos dados objectivos.
 Dominando a chimerica miragem
 A Entidade theurgica se esboça ;
 O Sacerdocio em dogmas a define,
 E na sombra do templo assenta o imperio.

*

Como o Sabio da Jonia se recorda
 Da Patria amada, de Héllade saudosa !
 — Acceitará a Grecia a Theocracia ? —
 Impossivel ! Dos céos as leis não baixam
 Ali; nascem do acordo das vontades !
 Da Chimera oppressiva das vetustas
 Tradições do estupendo cataclysmo
 Fará Mythos, Rhapsodias, Epopéas,
 Que a unidade social ao povo infundem.

Dos objectivos dados o estudo,
 O critico juizo,
 Levam a Grecia á concepção da Sciencia !
 Dão-lhe o eterno, emancipador sorriso,
 Invencivel escudo,
 Em que se apoia a humana consciencia.

III

MIGRAÇÃO DAS RACAS

(POEMA)

Como se vê cahir da arvore as sementes
E se alastram no val, dos montes nas arestas,
Que o vento arroja ao longe em espessas florestas,
Vão as Raças enchendo os vastos continentes.

Os Povos separou a voz da Divindade!
Vagando cada um pela amplidão deserta,
Foi — na lucta da vida — á grande descoberta
Que um dia as hade unir perante a Humanidade.

Dos Aryas desprendeu os mais virentes ramos,
Rivaes, como entre si o Deus Ahura e Devas ;
Vão rompendo através das brumas e das trevas,
Até reconquistar a luz de que gosamos.

Tal como a primavera espalha o enxame novo
 Que vae buscando o mel pela campina agreste,
 Pelo curso do Sol avança leste a oeste,
 Seguindo para a luz o progressivo Povo.

Segue o curso do Sol! e coleando os montes,
 Ao longe a desfilar pelos esconsos valles,
 Passa as ribas do mar, e contra incertos males
 Acha em si mais valor, busca ideaes horisontes.

O Arya n'essa marcha em que entra no Occidente
 Traz o culto do lar, traz a monogamia,
 A Tradição de d'onde emana alta Poesia,
 Do genesis da Sciencia encontrou a nascente.

E como em cada ramo a floração se espande,
 O Povo que do berço oriental se esquece,
 Comprehendendo o mundo — a si mesmo conhece;
 Fructifica a invenção n'aquelle raça grande.

Assim dos Aryas bróta essa força espontanea
 Que da extensão da terra a posse ousada toma !
 Brilhante surge a Grecia, altiva se ergue Roma,
 A Hisperia, a Bretanha, as Gallias, a Germania.

O que é que a Grecia traz? O sentimento da Arte,
 Pela emoção do Bello o accordo da vontade;
 Á expressão ideal, que vence em toda a parte,
 Liga a Sciencia, em que funda a unanimidade.

E Roma? Roma traz a noção da Justiça,
 Com que consegue unir as inimigas raças!
 Da Lyra que era a Lei afina as cordas lassas,
 Á civica virtude as palmas dá na liça.

Que vem trazer o Celta ? Amor e esperança,
 A suave illusão da immortalidade,
 Que inspira para vida e morte uma alliança
 No conflicto vital — fraterna heroicidade.

O que traz o Germano ? Irrompe em violencia
 · No impulso de audaz, fero individualismo ;
 Derruba a Auctoridade, e n'esse cataclysmo
 Comsigo os germens traz da nova independencia.

Cada povo vibrou o grito de anciedade,
 Esse grito de Ajax, dos Deuses contra a Ira !
 A Tradição longeva á Historia o transmittira,
 No ecco hoje se sente a voz da Humanidade.

Quem é que hade afinar da Lyra as quatro cordas,
 Que Povo hade fazer a synthese suprema
 D'estas elevações, da Consciencia o poema ?
 D'este oceano de amor quem tocará as bordas ?

I

O Nazir

Passada a iniciação, Solon pergunta
 Ao sapiente Hierophante:
 — Como posso
 Ir estudar a Religião da Persia ?
 Sei que o grandioso Imperio se avisinha
 Da Grecia, e porventura um dia tenta
 Avassallar a minha patria amada. —

Achou o Hierophante luminosa
 Aquella previsão ; a sós lhe explica :

« A Persépolis vae, bem conhecida
 De Istakhar pelo sacro nome
 Que entre os Magos lhe dão ! É lá o fóco
 Da Tradição nacional; com pompa
 Tem a Realeza ali a investidura.
 Guardam-se lá os magicos thesouros,
 Reliquias puras dos antepassados;
 Ali as assembléas religiosas
 Congregam sempre os Magos! Os Mysterios
 Da alta contemplação da Natureza
 Ahi ser-te-hão sómente revelados.
 Comprehenderás de um Povo a energia
 Que um Dogma lhe suggere — o Dualismo,
 N'essa lucta sem fim dos dois principios:
 O Bem e o Mal no seu conflicto eterno! »

Sempre a pensar na patria, nas discordias
 Entre Jonios e Doricos, na Grecia,
 Solon pergunta:

— Poderei, acaso,
 Eu, estrangeiro e peregrino, aos Magos
 Captar a confiança ?

« Como a Persia,
 Professa um Dualismo igual o Egypto
 No combate de Typhon e Osiris!
 Entre nós e os que sabem os mysterios
 De Ormuzd e Ahriman existem laços
 De doutrina e benevolencia mutua.
 Tu levarás um Talisman contigo;
 Elle hade abrir-te todas as cavernas
 Ainda as mais profundas, onde o Fogo
 Se concelebra em mysterioso culto.
 Vendo-te os Magos, vêm ao teu encontro,
 Ao teu claro juizo desvendando
 Dos Livros santos o intimo sentido. »

Entrega a Solon uma *Estrella de ouro*
 O Hierophante: é o Nazir secreto!
 Só pôde usal-a quem aos gráos ascende
 Da perfeição moral, mystica ascése:

« Prende essa *Estrella de ouro* sobre a fronte
 Ao entrar de Persépolis no templo!
 Os Sacerdotes todos te circumdam.
 Um dos Mestres Perfeitos te proclamam
 Entre os Magos do Iran! A *Estrella de ouro*
 De Zeretoschtro interpreta o nome;
 Por isso hão de mostrar-te os Livros santos
 Do Propheta, o iniciador excelso!
 Verás o Iran na candida pureza,
 Da assimilação Meda separada. »

II

O Vaso Mystico

Solon partiu; entre uma caravana
 Que seguia por Canaam, caminha
 De feira em feira, extranhos usos vendo.
 Chega ás terras de Naphta, ali encontra
 Do Fogo os templos, os primeiros Dadgas.

Facil lhe foi d'ahi, acompanhado
 De peregrinos, ir seguindo a via
 Que a Persépolis leva.

Logo á entrada

De uma caverna funda, aonde ardia
 A labareda na ára, permanente,
 Solon com o Nazir cingiu a fronte;
A Estrella de ouro brilha coruscante.

O côro dos discipulos — Hosbeds,
 De Solon se acercaram, e submissos
 Conduziram-no ao som de um canto grave
 Ao imo da caverna, dando accesso
 Até junto aos Mobeds, Mestres santos.
 De Solon a mudez exprime o pasmo ;
 Mas a figura intelligente infunde
 Sympathia, confiança; elle é um sabio!
 Aos penetraes do sanctuario o guiam,
 Onde se diz que está guardado o Vaso
 De um mystico licor, denominado
 A *Bebida de Salvação!* Contemplam
 N'ella o *Espelho do Mundo* a sós os Magos.
 Do mysterioso Vaso é Dscham o nome.
 Dos muros de Istakhar sob o alicerce
 Fóra encontrado outr'ora! Em volta d'elle,
 Destur-Mobeds, Mestres mais perfeitos
 Meditam silenciosos noite e dia.

O mais velho dos Mestres viu na fronte
 De Solon o Nazir brilhar... caminha
 Ao seu encontro, e reverente falla :

« De Hierápoles vens, do mais augusto
 Dos Collegios sacerdotaes do Egypto ?
 — De lá venho, mas sou da Grecia filho;
 Nas Civilisações do mundo busco
 Uma iniciação social, segura
 Para os Povos da Attica! O segredo
 Da estabilidade o Egypto deu-m'o.
 Venho hoje procurar no Imperio persa
 O que faz com que um povo seja forte,
 E alargue pelo orbe a acção potente.

Prompto o Mago supremo lhe replica:

« Eu guardo a Tradição d'esse primeiro
 Iniciador da sociedade — Heomo,
 Que como irmãos, sob a Arvore da Vida,
 Soube ajuntar-nos, e nos deu o trago
 De um sagrado licor que a rasão abre
 Desvendando o universo, e contra a morte
 Da sua Lei tremenda nos liberta!
 Foi n'um Mystico Vaso recolhido,
 Sim, no Dscham esse liquido sagrado,
 Sôma, Nectar, Amrita ou Ambrosia...
 Heroes e Semideuses pelo mundo
 O graal buscam em vão! Aqui se guarda.
 Tu provando da celestial bebida,
 Penetrarás reconditas verdades
 Que se contêm no Zend, o Livro escripto
 Por mão de Zeretoschtro! Terminadas
 As expiações, leremos n'esse Livro. »

III

Muitos dias se passam, concentrado
 Solon n'uma meditação profunda!
 Que noites de vigilia sobre as fragas
 Observando os contrastes temerosos
 Dos dias e das noites; os aspectos
 Dos esteppes estereis e a belleza
 De edênicos jardins; a vida austera
 Dos trabalhos agricolas, serenos
 Das povoações do Iran; e as duras hordas
 Dos ladrões de Turan, que tudo estragam!
 Tudo isto á compreħensão levava Solon
 Do intimo Dualismo, que reflectem
 A Religião e a Constituição persa.

Deu o Mago supremo ao iniciado
 A provar do licor inebriante

D'esse Mysticó Vaso, e a luz da mente
 Do instituidor hellenico se apossa !
 Purificando as mãos no Fogo, elle abre
 O ideal thesouro dos antepassados,
 Volvendo e lendo as mysteriosas folhas
 De Zeretoschtro no assombroso Livro.
 Narram-se ali as migrações das Raças,
 E como os territorios, e o encontro
 De outros povos as fórmas determinam
 Da vida social....

Solon escuta

Inaudita revelação, o quadro
 Do remoto passado humano. Á Grecia
 Qual d'essas fórmas convirá, que a eleve
 Á perfeição moral? que um dia influa
 Sobre a marcha feliz da Humanidade?
 Os velhos textos zends ia lendo
 Com sorrisos de compunção o Mago:

Primeiras Folhas do Vendidad

« Olha da Tradição o livro aberto,
 O Naçkha ! Ainda nenhum olhar profano
 O viu jámais, nem pôde comprehendel-⁹.
 Tem do passado a alma, o sentimento;
 Contém germens do esplendido futuro,
 Da branca raça dos excelsos Aryas,
 Desde a vida isolada das Familias
 Até constituirem Nações grandes
 Sacerdotaes, guerreiras, no Oriente !
 Tu, do Occidente filho, comprehendes
 O destino dos ignorados povos
 D'essa parte da terra, onde desmaia
 O Sol e lá no mar se afunda ! Escuta,
 Verás como o contraste em tudo impéra :

I

Airyana Vaéja

Sobre o planalto do Pamir, outr'ora,
 Entre os rios do Oxus e Iaxarte,
 O homem branco fôra
 Buscar refugio um dia,
 Quando por toda a parte
 A Terra inteira em convulsões tremia.

No centro
 De circumvallação ou Paraiso,
 Lá dentro
 Defendido dos grandes cataclismos,
 Da chuva de granizo
 Que despejava a fonte dos abyssmos,
 Ali constituiram-se as Familias
 Independentes ;
 E reverentes,
 Nas primeiras vigilias,
 Cantaram Hymnos crentes.

Tem cada casa á frente sua a eira,
 Um poço de agua fresca,
 E arvore altaneira
 De sombra pittoresca.

De vegetaes se nutrem ! que fartura !
 Mas n'essa faina dura
 Com que a terra se ataca
 Das colheitas após o intervallo,
 Já trabalham domesticos — a vacca,
 O cavallo !

Serve-lhe o cão de guarda vigilante.

Tinham provado já o inebriante,
O fermentado líquido do *Homa*,
A bebida
Que á face rubra assoma,
E dá luz um momento;
Por isso chamam-lhe a *Arvore da Vida*.

Ha para os velhos o acatamento;
E para os mortos,
Do suave culto
Na piedade de um doce pensamento
Andam absortos.
Dos Patriarchas a obediencia
Tem na lei vulto.

N'esta idyllica e simples existencia
Que inconsciente vivia
E que alegre disfructa,
Vendo na successão da noite e dia,
Na luz crepuscular após a treva,
Na Natureza esta continua lucta,
A concepção se eleva
De um eterno, antagonico Dualismo
Entre o Mal e o Bem — Devas e Ahura!
Do seu subjectivismo
Concepção prematura.

Surya é adorado
No seu fulgor intenso,
Sem outro igual a esse!
E o empyreo estrellado, aberto, immenso
Como a universal Arvore parece,
Cobrindo a terra inteira, a immensidade,
E dando abrigo a cada divindade!

Que Arvore bonita,
 Na amplidão infinita,
 Quando esplende fugaz
 Clarão vivo do raio!

Aquella celeste Arvore se imita
 Na Arvore de Maio,
 Em volta a qual se faz
 A assembléa do Povo, a synagoria!
 Era ali que a memoria
 Do dever se avivava;
 Sagrado tanque ali junto se excava,
 Fonte santa
 Que a pujança
 Torna pura.

Vivia-se n'aquella segurança,
 Tanta,
 Que leva á inconsciencia da ventura.
 Mas que frios,
 Repentinos invadem o planalto!
 Os dois rios
 Gelaram! é terrivel o assalto
 Da Serpente
 Do Inverno,
 Que as povoações aperta duramente.

São tamanhos
 Os revezes!
 Outo mezes
 Apascentar não podem os rebanhos.
 Falta o calor superno.

Morrem á fome, e congelados morrem.
 Do Arani se soccorrem:

Friccionando os ramos
 Produziram o Fogo,
 O fructo prohibido,
 Por meio do habil jogo,
 Da Arvore universal então colhido !

Aterrado e aéreo
 Pela violação,
 D'esse Fogo sidereo
 Fez ao Deus-Mediador consagração.
 Por Agni, pelo Fogo protegido
 Desce o Arya a montanha
 Em migrações forçadas ;
 Elle adiante de si leva as manadas.
 Investe contra'a sanha
 Das rispidas nortadas.

Perdera a habitual inconsciencia ;
 Para a lucta caminha ! ante seus passos
 Desconhecida é toda a Natureza !

Não é a incerta empreza
 Uma vil decadencia ;
 Tem o triumpho no vigor dos braços,
 Pela industria, e na audaz intelligencia.

II

Gau, onde Sugda

Descem as grandes neves
 Dos pincaros altissimos aos valles
 N'uma invasão constante !
 E affrontando os ignorados males
 Desce para a planicie a passos breves
 O Arya Iesto adiante !

Na paragem primeira
 Em que assenta a lareira,
 O Sanctuario do Fogo estabelece!
 Pastagens bellas a campina offerece;
 Sorri-lhe a existencia
 De maneira
 Que ao calor das chammas
 Vê no Arani a Arvore da Scienzia
 Verdadeira.

Assim, aquellos
 Frios violentos
 Forçam o Arya a uma vida activa;
 Obrigam-no a trocar os alimentos
 Que dão os vegetaes, por carne viva,
 E a vestirem pelles.

Labor constante
 Cresce a cada hora;
 E cada qual em seus discursos varios
 Quer voltar outra vez á vida errante,
 Para diante
 Levando os gados.
 Outros querem tranquillos, sedentarios
 Voltar á vida agricola de outr'ora;
 Outro deplora
 Os costumes dos bons antepassados,
 Quando erguiam n'un côro ingenuo rogo,
 Junto ao Sanctuario do adorado Fogo.

Irrompem brigas fortes
 Do Arya louro contra o irmão trigueiro;
 Odios, mortes
 Ha entre o agricultor e o pegureiro.

Bellas,
Lindas,
Na tribu pastoral ha mais mulheres;
Competem-lhe os deveres
De tratar dos rebanhos — as Govindas.

E n'aquellas procellas
De insania,
Com impetos violentos
Nasce a forma espontanea
Dos casamentos!

Dos de pelle trigueira contra o louro
Ha um odio vehemente!
Vendo na uniao das tribus um desdouro,
Cada colonia adversa
Se dispersa
Para o ignoto Occidente.

Quando era a vida agricola risonha,
Monogâmica, activa, rica, estavel,
Uma praga medonha,
Terrivel, implacavel
De véspas e tabões assalta os gados!
Deixam o Gau os Aryas desvairados
Ante o terror da morte.
Fugindo de repente,
Á sorte
Vão incertos descendo para o Oriente.

III

Muru, a Sacrosanta

Em volta do sagrado
 Altar do Fogo,
As familias aryanas reunidas
 Em piedosa homenagem,
 Fizeram logo
 Nova paragem!

Foi em Muru, a que chamam poderosa!
 Ali cada um gosa
 Do Homa inebriante o doce trago!

Reluz na intelligencia um clarão vago
 De extasis divinos;
E improvisando os inspirados Hymnos
 De tanta suavidade
 Que os terrores lhes doma,
 Consideram o Homa
 A bebida da Immortalidade!

De outra vez
 Do Homa a libaçāo cultual produz
 Divina embriaguez!
 Vislumbres de loucura em vez de luz!
 Faz-se ante o Altar a dansa desvairada
 Da Orgia sagrada
 Com que ninguem se affronta!
 Peior do que uma praga
 De Dyonisos a hallucinaçāo, prompta
 Como um contagio novo se propaga.

Quem previra
 Na bebida do Homa o estranho imperio!
 Como os piedosos canticos inspira,
 Tambem suscita o Cordax, o improperio,
 Em que o homem com ira
 Audaz falla,
 E aos Deuses se eguala !

Oh discursos nefandos !
 Mais terrivel e atroz calamidade
 Fórça as tribus á marcha; vão em bandos
 Com pávida anciedade
 Procurando um refugio contra as furias
 De errantes tribus Turyas,
 Ladrões léstos, famintos, sanguinarios,
 Que assaltavam os campos e os armentos,
 Os lares sedentarios,
 E as mulheres em raptos violentos.

Contra essas tribus, ranchos desalmados
 Que surgiam de noite
 Como um mortal açoite,
 E se escondem nos cérros escalvados,
 A força militar se inventa; e quando
 Na defeza se emprega
 Contra os ladrões em bando,
 Exigiu o commando
 Obediencia cega !

Debaixo de ordem vão os Aryas ; deixam
 Os infestos logares ;
 Dos continuos azares
 Que soffrem, não se queixam ;
 Uma Cidade vão fundar distante,
 Inexpugnable, vasta, deslumbrante.

IV

Bakhdi

Refugio novo, assim bem se nomeia
 A Cidade famosa, a das bandeiras
 Hasteadas ao vento com orgulho !
 A Arvore a cuja sombra era o barulho
 Do Povo em assembléa,
 É agora o Aschérah,
 O poder das territoriaes fronteiras !
 Genio local, o Pilus, lá impéra.

Aqui em sceptro do commando a vara
 Do Pastor se converte ;
 E do Turan solerte
 É rara
 A tribu que vencida não ficára.

Mas n'este eterno antagonismo insano
 Entre o Bem e o Mal, surgem as feras
 Contra o povo aryano,
 Os chacaes, os leões e as pantheras,
 O carnivoro crudo
 Que devastava tudo.

A quem com mais coragem e destreza,
 Valentia e bravura,
 Essas feras matava,
 Da Realeza
 A investidura
 Se entregava.

Mas não basta
 A fera que devasta!
 Produziram-se as venenosas plantas,
 E tantas,
 Que invencivel terror as tribus vence;
 Nenhuma ali detem-se.

Do Sol seguindo o curso
 Para o Occidente, a sua sepultura,
 Fugindo ás duras provas
 Espalham-se outras tribus no percurso,
 Os Jávanas, colonias inda novas,
 E os Pelasgos ligeiros, em procura
 De um retiro de paz e de ventura.

V

Niçaya

Entre Muru e Bakhdi
 Fixa as tribus ahi
 O momento do accordo da defeza!
 Da Confederação as bases toma
 Para que uma e outra fique illesa.

A bebida do Homa
 Consagra a Ghild, os fraternaes concelhos;
 Mas não approvam os Patriarchas velhos
 Que a bebida votada ao sacrificio
 Santifique o inicio
 Da concordia em que assenta a sociedade;
 Chamam revolta e incredulidade.

O Sacerdocio isola-se, fazendo
 Da floresta sagrada o Templo augusto;
 Quer das Taboas da Lei, Carmen horrendo,
 Tornar-se unico guarda,
 Nas tribus imperando pelo susto
 Com que as acovarda!
 Quer tambem que a Justiça
 Se prove pelo Fogo, em vez da liça.

Os Incredulos vencem! Quem se lembra
 Da Theocracia conformar-se aos liames?
 N'este momento, inquieta se desmembra
 Cada tribu aos enxames:
 As fortes tribus Celtas
 Aguerridas, esbeltas,
 Vêm do oeste do lago da Margiana,
 Segundo para o Merv, terra hircana,
 E na carreira aéria
 Para o Mar Caspio, Caucaso e Iberia.

Com os Povos que tópa
 Vae fazendo connubio;
 Não cansa,
 Avança
 Para a Albania, o Mar Negro e o Danubio,
 Té ao centro da Europa.

O Arya, que do Sol o berço anceia,
 Para o Oriente vae n'aquella ideia;
 Se encontrar da agua pura a fresca veia
 Pára, e para sempre ahi se enleia.

VI

Haroya

Fez a abundancia de agua com que as tribus
 Ao fundar-se a Cidade, a cubram logo
 De casas! Que floresta!
 Os canticos dos Rhibus
 Sanctificam o Fogo
 Do domestico lar: em Estia ou Vesta.

Mas não descansa o Mal: o antagonismo
 Nas familias do Arya louro lavra
 Abrindo um fundo abysmo
 Contra o trigueiro Arya!
 Não ha Hymno de paz, boa palavra,
 Que vença uma aversão tão sanguinaria.

Dos campos os amanhos
 Ficam abandonados
 Nas mutuas dissensões, rixa odienta!
 Tresmalhados
 Os rebanhos
 Ninguem os apascenta.
 E da tediosa inercia que os consomme
 Redunda-lhes a fome!

Quem procura trazer uma donzella
 Á vida conjugal, em uma aldeia,
 Para obtel-a,
 Tem de compral-a ao pae por uma vacca!
 Chama-se então á noiva — Alphesibêa,
 Mas este dom das nupcias nada applaca.

Entre os odios insanos
 E ferinos destroços,
 Separam-se os Germanos
 E Slavos, para o Sul, ao longo do Oxus;
 No angustioso afan
 Pela Scythia se estendem 'té ás bordas
 Da Europa, comprimidos pelas hordas
 Do barbáro Turan.

Vão em sentido adverso
 Os outros ramos áryos,
 Sempre do Sol buscando o ignoto berço.

VII

Vaekereta

Com as tribus dos Turyas sedentários
 Occupados na vida da lavoura,
 (Triste fatalidade !)
 Fez o Arya união que o desdoura.
 Do Turya o tótem era
 A Serpente !
 Da sensualidade,
 Feminino demônio o morde e pica...
 Chamava-se Pairika ;
 Turbulento e abjecto em tudo impéra
 Com sedução provocadora e ardente !

Quem ha que ali resista
 Das mulheres turanas
 Aos olhos fulvos, calidos, bonitos,
 De que ellas são ufanás ?
 Toma a Religião phallicos ritos.
 Na sexual intriga
 Das Deusas-Mães o culto hetarista
 À prostituição sagrada obriga.

Sangrentos episodios
 Provoca a mestiçagem,
 Que se torna implacavel fonte de odios;
 E o Arya se quer
 Manter a estirpe pura,
 Emigrava á ventura
 Para estranha paragem.

Viu-se como a Serpente
 Seduzindo a mulher
 Fazia a perdição d'aquellea gente.

VIII

Urva

Campos de trigo cercam a cidade;
 Que pastagens extensas!
 Forte rivalidade
 Desmembra a sociedade
 Por causa das defensas
 Da individual propriedade!

Sobre aquellas fronteiras
 Foi um pastor sacrificado á Terra,
 A vêr se assim se aterra
 Os que andam por valles e ribeiras
 Os rebanhos pascendo.
 Marca a fronteira a sepultura agora;
 Mas desde aquella hora
 Ficou o crime horrendo,
 Inaudito,
 Justificando o hediondo rito,
 O inicio
 Do humano sacrificio.

D'esses sangrentos crimes os flagellos
 Dão as guerras privadas, e atropellos
 Quebrando os sociaes élos.
 O elemento errante e hetairista,
 O pastoral e o metallurgista,
 Ao paiz de Verkhana vão na pista,
 Aos remotos cancéllos.

IX

Khnenta

Erguem-se aqui os cippos e estelles
 Com symbolos escriptos
 A proclamar os ritos
 Da lei moral e da monogammia!
 Mas do sangue os conflictos
 Suggera aberrações, os vicios reles
 Da vil pederastia;
 O desdem pelo Lar puro e sereno,
 E do Phallus o culto hediondo, obsceno.

 O sonho de região mais venturosa
 O Arya incita; outra emigração ousa.

X

Haraquaiti

Fugiram de Urva as tribus desvairadas;
 Não têm os campos de verdura um pello;
 As pastagens queimadas!
 Mas vão fundar, distantes,
 Uma Cidade, sobre um sitio bello,
 Que é gosto vê-lo
 Cercado de collinas verdejantes.

Sobre os Dackmas, ou cimo dos outeiros
 Expõem o cadaver insepulto ;
 Mas o rito piedoso, aquelle culto
 Que aos mortos se presta,
 E as familias unira,
 Acorda agora a religiosa ira
 Que separa os irmãos e companheiros
 Na aversão manifesta.

Dos muros da Cidade estão em roda
 As sepulturas dos antepassados ;
 E a cidade toda,
 E o territorio estavel são sagrados.
 Eis a Patria querida, o chão dos mortos !
 De saudade e de amor nos traz absortos ;
 Só em sonhal-a e vêl-a, que confortos !

XI

Hoetumat

Os dissidentes seguem á ventura,
 Longe, fundam cidade magestosa ;
 Tem o nome da sua formosura !
 Entre espinhos a rosa
 Mais bella não parece.
 De Surya a adoração se estabelece,
 E da Arvore ideal dos Pômos de ouro !
 D'esse culto nasceu o sonho, o agouro
 Do Jardim das Hespérides, 'sperança
 De vir a encontral-o no Occidente,
 Para onde essa gente
 Á procura de abrigo
 Incansavel avança !

Contra a pureza d'esse culto antigo
 Apparece o peccado dos Yátus ;
 Rabdomancia, magismo,
 Oppõe-lhe o fanatismo
 O feroz Sivaismo,
 Da religião de Thugg — assassinatos.

XII

Ragha

Vão as tribus seguindo em seus erros ;
 Na região onde param
 Constituiram uma Triarchia :
 Sacerdotes, Guerreiros, Lavradores
 Os Poderes fundaram
 Para a Soberania.

Os canticos guerreiros,
 E do amor os suspiros,
 Os Hymnos religiosos,
 As Tradições cultuaes, sobre os papyros
 Colligem pressurosos !

O Direito commum é conhecido ;
 Dogmas naturalistas, dissolia
 A Dúvida culpavel — o sentido
 Da livre allegoria.
 Contra a veneração e obediencia,
 O orgulho, a irreverencia,
 Trazem revolta ás classes em pendencia.

XIII

Chakhra, a forte

Bem é que a doutrina
 De Zend se defina
 De Indra e Ahi — o Dualismo eterno ;
 Céo e Averno
 Clarão moral agora o illumina.

Entre as tribus a lucta é implacavel,
Alimenta-se a pratica culpavel
Da incineração aos mortos feita,
E maldições fulmina
A tribo mais perfeita.

XIV

Varena, a quadrada

Está fundada uma Cidade de ordem
 Sobre a separação das quatro Castas
 Em que o poder se encarna :
 Sacerdotes, Guerreiros, Mercadores,
 Os unicos senhores,
 E os escravos de côn, os Sudra ou Varna.
 Aqui as ambições subito mordem,
 Infrenes, vastas !

Aqui se viram os signaes funestos,
 Protestos
 Dos que luctavam pela Theocracia,
 Impondo o Sacerdocio !
 Os que batem a horda que irrompia
 Da Media,
 Garantia da Paz — a Espada impede-a
 De cimentar esse Poder obnoxio.

A Espada que duramente corta
 Funda o Iran despotico; que importa?
 Nem Sacerdocio, nem Imperio querem
 Outros; ser homens livres só preferem.

XV

Hapta-Hindu

No immenso val dos Sete-Rios entra,
 E por elle se mette
 Aquelle Povo livre, conduzido
 Por patriarchas de prudencia rara
 De valida estatura.
 O odio é que o separa
 Das tribus do Iran, e se reflecte
 No contraste dos Devas contra Ahura!

Fugindo ao calor máo o Arya louro
 No Decan se concentra,
 E cae sob o agouro
 Desolador, infesto
 Do Poder theocratico, no engano
 Do Brahmanato! Eis o signal funesto
 Identico ao do Imperio iraniano.

XVI

Ranha

Sob o marcial sceptro
 Cae o Arya trigueiro,
 Dos privilegios aceitando o crime!
 Peor do que o guerreiro,
 Da Theocracia o espectro
 O Arya louro opprime.

Contra estas seculares injustiças
Resistem tribus miserias, mestiças.

Emigram; vão fundar nas terras altas
De Rhaga ao occidente uma cidade;
É Ranha! e através de mil azares,
De tudo faltas,
Sem Reis sacerdotaes ou militares
Tem Liberdade!

É ali um Asylo para todos
Como foi Sinear, dos mesmos modos,
Cidade dos Espurios foragidos!
Ali do afflichto os brados são ouvidos;
Quem de amparo carece,
O mutuo interesse
O liga na defeza!

Viu-se nascer ali um Poder novo,
O governo do Povo pelo Povo,
Do bom senso a espontanea singeleza!
De maneira
Que elle affrontava o privilegio odiento,
Que tem por timbre o orgulho e nascimento
Da sacerdotal classe e da guerreira.

Por lá nas terras altas, d'onde descem
Com aprestos agricolas armados,
Ahriman combate esses desherdados,
Com granizo e invernos prolongados!
As laboriosas tribus mais florescem!

O tufão, nem o raio as desconcerta;
 Com a rasão liberta
 Do crédulo terror do inconsciente,
 Notando a successão dos meteoroſ
 Caminham para a frete
 Pela estrada da vida franca, aberta,
 Erguendo da Poesia eternos córoſ.

Assim um dia os Povos do Occidente
 Lá da abjecta cidade do Aventino
 Ouvirão proclamar canto divino,
 Meigo e crente
 Prégando a universal Fraternidade
 Entre a gente.

Emquanto Ahura e Devas
 Se combatem, tal como a Luz e as Trevas,
 E Ahriman contra Ormuz mais te sublevas,
 Em odio Osiris, Typhon se consommem...
 Através das miragens, desatinos
 D'esses mythos divinos,
 Busque em si seus destinos
 O Homem! »

IV

Escutando a revelação contida
 Nos Livros venerandos, nunca lidos
 Do Mago Zerethoschtro, comprehende
 Solon o sentido intimo olvidado :
 Chefes patriarchaes o povo envolvem
 Em odios religiosos, e aventuras
 De interminaveis guerras ! Uns se perdem
 No Septa-Shindu; o Iran outros absorve !

— Oh! quem sabe se a Grecia, um dia, ainda,
De um chefe militar seguindo ao mando
Será levada ao florido sepulchro
Do phantastico Oriente, na procura
De outro *Dscham*, da Salvação o Vaso?
Bem fez o povo que revel fundará
Nas terras altas a Cidade-Asylo,
Ranha, sem reis, nem chefes militares,
Fortificada na Egualdade humana! —

V

Solon viu como a Persia jaz escrava
Do despotismo militar, que absorve
E acorrenta ao seu carro a Theocracia!
Comprehendeu que a Grecia será grande
Confederando os Demos, afastada
Da Orgia religiosa e das conquistas.
O clarão das auroras do Occidente
Da Humanidade esboça-lhe os destinos!

Solon chegou a Athenas. A cidade
Perturbavam-na uns ventos de revolta;
Leis que ditára achavam-se esquecidas.
O grande instituidor congrega o povo,
Narrou as longas viagens, e revela
Uma ameaça terrivel, estupenda:

— A Theocracia militar da Persia
Tenta a Grecia invadir, escravisa-la,
Vindo extinguir aqui o unico fóco
Do pensamento e liberdade humana!
Defendamos a Patria d'essa ameaça
Do porvir tenebroso...

Ao povo ordena:
— Ajuntae vossos canticos heroicos,

Ensinae-os aos filhos ! Vigor n'elles
Achareis contra todas as violencias,
Quer irrompam da Persia ou do Egypto,
De escravas Theocracias ! Seja o vaso
Do Dscham a taça em que o Cidadão libe
Na Phraetria o vinho da aliança,
Taça da Ghild, o copo da amizade !
Que importa que entre o Dorio e o Jonio exista
Vetusto antagonismo ? Na defeza
Um dia unidos mostrarão ao mundo
Como a rasão domina a força bruta !
E libertando o homem das Chimeras
Das Religiões e Imperios oppressivos,
Dita o lemma : — Conhece-te a ti mesmo.

Então, essa ironia petulante
Que em Sais escutei ao Hierophante :
Oh Yávanas! sereis sempre crianças !
Oh Grecia ! não será mais irratoria ;
Quanto mais para a liberdade avanças,
Será essa verdade a voz da Historia.

IV

A SPHINXE

D'entre os fulgores da Visão divina,
Detraz dos véos dos Symbolos sumida,
Sob o terror da crença que hallucina,
No pesadelo tragico da vida,
Destaca-se uma ideia :

— D'onde veiu este mundo ?
De que germen fecundo
Se expande e patenteia ?

A taes perguntas respondera o Egypto :
« Nos séres — o identico elemento,
Principio occulto, Ammon, é o infinito,
Verbo de Ammon é Kneph, o pensamento,
A causa ideal, activa !
Athor, Materia inerte
Em séres se converte,
E Phtah a torna viva. »

Confusa Theogonia enreda, enleia
 O Homem, quando as Causas imagina!
 Oh mysterios obscuros da Chaldêa,
 Do Iran, Phenicia, Etruria, da India e China,
 De Eleusis, da Judéa;
 Abysmos da immanencia
 Onde incerta baqueia
 A humana consciencia.

N'essas sombras se fórm'a a Theocracia
 Na compressão sacerdotal, potente;
 Da embriaguez divina na apathia
 Absorve-se n'um extasis o Oriente.
 Como, o mysterio occulto
 De hieraticos emblemas
 Quebrar, — mostrando o vulto
 Do homem, livre de algemas?

Confucio, Zerethoschtro, Moysés, Buddha
 Em vão tentam a Synthese divina;
 E cada um as mil Chimeras muda,
 Baseando a ordem na moral doutrina.
 Bem fundo se penetra
 O Ideal e a Réalidade;
 Mas das Biblias a letra
 Extingue a liberdade.

Sabios da Jonia! em transcendentes ditos
 Vós rasgastes o Véo, que fecha o ambiente
 Do mundo oriental, — confusos Mythos!
 Sois a esplendida Aurora do Occidente!
 Da vida o pesadelo
 Tornastes sonho bello!
 E a realidade plena
 Luz da Ideia serena.

I

Na corte de Polocrates, em Samos,
Onde Ibico cantava e Anacreonte,
Entre poetas e artistas, que ahi vivem,
Appareceu Pythagoras; é joven,
Andará com o pae em longas viagens;
Mais que tudo, um problema o preoccupa:
É a origem das Cousas! As estrellas,
Terra, plantas e animaes, tudo isto
Quanto se vê, e a propria intelligencia
Do Homem, d'onde é que isto procede?

Na ancia de conhecer, soube que em Lesbos
Ensinava um Philosopho afamado,
Pherecydes! que em meditação funda
Chegára á comprehensão de que o universo
Um unico elemento o constituiria
Desde o Cháos até á Consciencia.

Fugiu da corte e foi ouvir o sabio,
Pythagoras, discipulo fervente,
Com tal penetração, que ao fim de dias
Pherecydes declara:

— O meu ensino

Nada mais te revela! Pelo gosto
Das viagens, que o animo te incita,
Tenta a viagem do Egypto; ahi sómente
Completarás do espirito a cultura,
Dos Collegios sacerdotaes obtendo
Que revelem o *Enigma da Sphinge!*

Pythagoras partiu; vae a Mileto;
 Ahi de Thales é patente a Eschola.
 Enchia o mundo a sua fama. O sabio
 Fôra o primeiro que pensára claro
 Sobre a origem das cousas; que elementos
 Constituem o plano do universo.

E o bom nonagenario venerando
 Lhe responde:

— Uma cousainda te falta.
 É o *Enyigma da Sphinge!* Este, o momento
 De entrares no Egypto. Quando ao throno
 Psammetico subiu, deram-lhe auxilio
 Os da Caria e da Jonia mercenarios!
 Era o Egypto fechado aos povos todos,
 Só para os gregos eil-o aberto agora.

Em Mileto ruidosa florescia
 De Anaximandro a Eschola. Quem, como elle,
 Dos astros explicava os movimentos?
 Elle á ideia de Causa audaz ascende
 Pela noção do infinito espaço.
 No vacuo os elementos se debatem
 Attingindo a harmonia, a Consciencia!
 Pythagoras escuta com assombro.
 E volve-lhe o philosopho:

— Ah, se eu fôra
 Como tu, moço e audaz, tomára a empreza
 Da minha vida e todo o meu destino,
 Ir desvendar o *Enyigma da Sphinge*.

II

Não resiste Pythagoras ! sedul-o
 Esse estranho problema; em sua audacia
 Para a Phenicia embarca, em Sidon entra,
 O Collegio sacerdotal visita,
 E embarcando no porto do Carmello,
 Ao fim de uma viagem de tres dias
 Chega à Naucratis, segue para Memphis.

Memphis! a alta cidade deslumbrante,
 Consagrada por templos assombrosos
 De Phtah, de Rá ou o Sol, de Isis, de Osiris !
 Da cidade dos mortos, que ladeia
 Ao oeste, as altas cimas se divisam
 Das Pyramides ! Pasma contemplando.

Mas como obter a confiança, a entrada
 No Collegio sacerdotal ? Sombrios
 Os Hierophantes vedam os mysterios
 Ao estrangeiro impuro ! E a sciencia
 Tradicional occultam-na trementes
 No impenetravel véo de allegorias.

Tratado de aliança intima existe
 De Polycrates e o pharaó Amasis,
 Que deve o throno aos mercenarios gregos.
 O tyranno de Samos recommenda
 Pythagoras ao rei, que prompto o envia
 A Hierápolis ! Quanto é afamado
 Pela sciencia o sacerdotal Collegio !
 N'esse manancial que o sabio beba
 Toda a sciencia do vetusto Egypto.

III

De Hierápolis o Grande Sacerdote
Ao enviado responde :

— A competencia,
O poder para iniciação tamanha
No Collegio de Memphis só existe,
Por ser o mais antigo ! Lá sómente
Poderão attender ao sabio jonio.

Pythagoras caminha para Memphis.
Não querem accolhel-o os Sacerdotes,
E com desdem respondem :

— Vae a Thebas,
Onde existe o Collegio mais augusto,
Onde se adora Ammon ! o Verbo puro.
Ahi a fonte da sabedoria.

Pythagoras a Dióspolis caminha ;
O templo de Karnac o amedronta
Pela estupenda magestade ! Sonchis,
O Sacerdote-Príncipe o accolhe
Pelo ar de intelligencia que irradia ;
Pergunta ao joven grego :

— O que desejas ?
« Soffrer todas as provas que me guiem
A ser iniciado ! Eu amo a Sciencia ;
Attrae-me o ter conhecimento um dia
Do *Enigma da Sphinge...* »

O Sacerdote
Tomou-o pela mão ; é admittido
No Collegio de Thebas. Começaram
Dos grãos da iniciação as duras provas ;
Com coragem a ellas se submette.

As fortes abluções sereno affronta,
Os jejuns prolongados soffre e vence ;
Do corpo os pêllos lhe raparam todos,
E a circumcisão alfim lhe infligem.

Chegou á iniciação religiosa :
Da Pyramide a fórmā se lhe explica,
Nas quatro faces que immutaveis olham
Aos quatro pontos cardeaes da Terra !
Eis cada face mysteriosa ostenta
Triangulo equilatero... Um momento
O Sol nos equinocios, coincide
Estavel sobre o vertice, esplendente.
Vê-se o disco do Sol pelo meio dia
No inaccessible vertice parado
N'um fugitivo instante. Á meia noite
Nos plenilunios do equinocio, incide
No vertice do triangulo, — da Lua
O disco argenteo : de Isis o Mysterio !
Assombram-no os excelsos Obeliscos,
Onde a palavra *Men*, a ideia exprime
Da estabilidade, e ao mesmo tempo
São do raio do Sol sagrado emblema !
A Sphinge ? Antes de olhal-a e contemplal-a,
A sciencia das fórmas lhe revelam
Da Geometria : agora as propriedades
Das parallelas, triangulos, polygnos ;
A Esphera e o Circulo ; as figuras
Similhantes. Tudo isto elle comprehende.

Na ala das Sphinges passeavam
Do templo de Karnac os Sacerdotes ;
Quando Sonchis fallou, ao iniciado
Desvendando o recondito mysterio :

« De Gizeh, sobre os areaes desertos
Destacava-se um blóco gigantesco
De uma pedra massiça. Como viera
Para alli ? Arrastado nos Diluvios ?
Ou cahido do céo, despojo de astro ?
Na impressão do terror dos estupendos
Cataclysmos da Natureza, o homem
Sentiu que havia uma vontade estranha,
Invisivel! Pensou em aplacal-a.
Como representar essa Vontade ?
E como dirigir-lhe a ardente prece ?
No chão prostrou-se como o vil escravo.
Eil-o, o primeiro Idolo inventado :
Talham no blóco uma cabeça enorme,
Semblante humano e triste, um olhar vago,
Fitando o horisonte, o infinito !
Como increpando o Céo, aquella fronte
Banhada pela luz do Sol que nasce,
Da vida á incerteza oppõe o espanto.
E as tribus que passavam, já de longe
Viam a Sphinge negrejar no espaço
Do deserto sem fim ! Passando perto,
Adoraram com medo o aziago vulto.
Deram-lhe o nome de *Hu!* a voz do susto
Era o *Pae do Terror!* Á sua sombra
Os sacerdotes construiram templos,
Os pharaós erigem os sepulchros,
As colossaes Pyramides, e em volta
A necrópole immensa, aonde a Sphinge
Entre os mortos a resurreição lembra !
Foi assim que o Terror creou a imagem
Do primitivo Deus ! Com o tempo, fica
A Sphinge olvidada; o olhar sinistro
Ninguem mais o comprehendeu ! Os ventos
Do deserto cobriram-na de areias...
Cheóps, o pharaó, foi de visita

Para o templo de Hermáchis; d'ahi perto
 Quer vêr as obras bellas de escultura
 Do sepulchro que para si prepara.
 A figura da mysteriosa Sphinge
 Deixou-lhe n'alma uma impressão de espanto,
 De um terror inexplicavel; manda
 No escalavrado bloco que se avive
 A expressão humana! e com instancia
 Aos Sacerdotes interroga anciado:
 — Dizei, que representa a grande Sphinge?
 Ninguem lhe soube responder. Do ignoto
 Tinha a consagração sublime, austera.
 As raças, que na successão de edades
 Passaram por alli, levam consigo
 Essa emoção terrifica: os Assyrios,
 Babylonios, chamaram-lhe *Yuv*, e passam!
Iaoth, os Moabitas e Phenicios,
 E o povo Hebreu, ante o terror divino,
 Chamára-lhe *Ihuá*, o Deus que impéra
 Solitario no espaço e em si absorto!

* * * * *

Que representa a colossal Sphinge?
 Do Symbolo assombroso os Sacerdotes
 Fizeram as imagens, que ante as portas
 Dos Templos estão postas, como guardas
 Do mysterio inviolavel que ha lá dentro.
 É a Sphinge dos Dogmas o segredo?
 Ou o Terror do ádito sagrado?
 As velhas Theologias explicaram-na
 Como a imagem de Hermáchis, Sol nascente,
 A ideia da vida inextinguivel,
 A noção da immortalidade da alma!
 Essa estranha figura representa
 No corpo de Leão força indomavel;
 A Intelligencia na cabeça de homem:

Dois Poderes — dois pólos do universo,
O Imperio e Sacerdocio sobre a Terra
Na synthese divina unificados.

Seja esta a explicação para os que mandam,
Seja esse o sentido dos que crêem;
Mas quem pensa, dá-lhe outro: A grande Sphinge
Na extensão do deserto ardente e infindo
É a cabeça do homem contemplando
No infinito espaço o universo,
E exclama a sós: *Conhece-te a ti mesmo!*

E como conhecer-se o homem? Como?
A esphera tellurica parece
A cabeça redonda. O que se passa
No interior do craneo, lá dentro
As ideias, as sensações, quem pôde
Profundar esse abysmo impenetravel?
De um modo simples — estudando a Terra,
Um globo esclarecendo um outro globo.
Eis o processo ascensional, seguro
Do mundo real ao mundo subjectivo.
Na formação da Terra, uma latente
Força levanta a crusta arrefecida,
Fórma os Alpes, os Pyreneus, o Caucaso,
O Hymalaya, as grandiosas cordilheiras;
Parece que esses pinçaros ergua
A Terra, para ahi ser o berço do Homem,
Dando-lhe á vista os largos horisontes,
E á fronte a altivez serena, erecta,
A aspiração que gera o pensamento.
Sim! foi o Pensamento a ignota força
Que elevou a fronte deprimida
Elevando-lhe a abobada craneana,

Tornada ampla e profunda! Dentro d'ella
 Cresceu a floração incomparavel
 Do cerebro — onde fulge a Consciencia.
 Desde essa hora o Homem teve uma placenta
 Que em contacto o poz com o universo,
 Da Natureza o imperio lhe assegura. »

IV

Vinte e dois annos volvem já passados
 Que Pythagoras vive e aos gráos ascende
 No Collegio sacerdotal de Thebas.
 Cambyses, de repente o Egypto invade,
 Destrona o pharaó, o culto affronta,
 E nas frementes vascas da loucura
 Os Collegios sacerdotaes persegue,
 Manda-os captivos para Babylonia.

Pythagoras lá marcha entre os escravos.

Sobre as margens do Euphrates, quiz a sorte
 Que achasse em Babylonia o sabio grego
 A Scienza dos Numeros! Na mente
 Viu que era a relação o unico aspecto
 Cogniscivel das cousas. Confundido
 Na multidão de escravos, conversava
 Co'os Sacerdotes babylonios; estes
 Andavam por Dario perseguidos,
 Mesmo os Magos do Iran se lamentavam
 De vêr de Ormuz e Ahriaman extinto
 O Dualismo, ante o tempo immensuravel
 O Zervan Akerene!

Em Babylonia,

Á grande capital, ahi convergem
 Os mercadores nómadas da Bactria,
 Da India e China; e do Thibet traziam
 As scintillantes pedras mais preciosas,
 O onix, o lapis-lazuli, as sardonias;
 Perolas de Ceylão, lás, marfim alvo,
 Vem da Mesopotamia os lóiros trigos,
 Vinhos da Armenia. Ahi o sabio grego,
 No calculo arithmetico empregado
 Encontrou o *Abaco*; e juntamente
 Viu o *Plano de areia*, em que se opéra
 Entre os numeros combinação facil.
 Pythagoras reuniu-lhe os elementos
 Da Sciencia geometrica do Egypto:
 O numero quadrado inventa, e o cubo,
 Primos ou *lineares*; Pares, impares,
 Emfim as *leis dos numeros*, que o levam
 Á *tétrade*, que explica o universo,
 O Ether, a Materia, o Tempo, o Fatum.
 Acha nos *tons* os quatro intervallos
 Que constituem base da Harmonia!

E quando o escravo em sua mente livre
 Se remontava á concepção do mundo,
 Soube que sobre as Tradições vetustas
 Das primitivas Religiões da terra
 A synthese consciente se formava!
 Na China era Confucio; Zerethoschtro
 No Iran; e na India préga Buddha!
 Novas religiões são propagadas
 Sobre o imperio da vontade humana
 Para a concordia universal!

« Comprehendo
 Que após a invasão da Força bruta,
 De Cyro, de Cambyses, de Dario,

Após carnificinas e conquistas,
 Deve o Espírito impôr o seu domínio!
 Eil-a Sphinge perante o universo. »

Pythagoras pensou na grande crise
 Em que era entrada a Consciencia humana.
 E quando ia passando confundido
 Na multidão de Babylonia, encontra
 Democédes, o medico afamado
 Do terrivel Dario:

— Ah! vem commigo
 Ante o excelso monarca; elle pretende
 Que lhe apontem um ignorado goso!
 Eu sei que tens soffrido o captiveiro
 Desde o Egypto; já vae para doze annos.
 Tu que tens a sciencia incomparavel,
 Vem commigo! um prazer ignoto indica
 Ao monarca esgotado e aborrecido!

V

Aborrecido e triste o Rei Dario
 Já farto de prazeres, esgotado
 Lança um Edito:

« Alguem ha que descubra
 Desconhecido goso? Um prazer novo,
 Que o potente monarca não provasse?
 O premio a esse, o meu favor e o mando. »

Juntam-se os Magos, Sátrapas, Videntes,
 Os sabios todos com fervor, a vérem
 Se dесobrem ao Rei prazer ignoto.

Que mais procura um Rei senão o goso ?
 As sensações egoistas ? Viver suino.
 Dario esvae-se n'um profundo tédio ;
 Nada o distrae ; conhece-se insensivel.

Traz Democédes o captivo grego,
 Conduzem-no á presença do monarcha,
 Elle sabe que existe um prazer novo ;
 Vem fazer a revelação estranha !...
 O que será ?

Eis que o captivo falla :

« Ha um prazer, Senhor, que não se exhaure,
 E se torna mais vívido e intenso,
 E nos eleva acima do homem ! Temol-o
 No intímo encanto de um dever cumprido !
 No goso da dedicação por outrem ;
 No sacrificio austero pela Patria,
 E na emoção de um acto de Justiça
 Que hade ficar na voz da humanidade.
 Quem se encontrar por uma ideia grande
 Possuido, exaltado, e entrega a vida
 Á realisação de um tal destino...
 Ainda mais : O que no ardente estudo
 De altas contemplações reconcentrado
 Descortinou as leis da natureza,
 E consciente a ellas se submette ;
 O que acha as normas da ideal Belleza
 Reflectida nos sons, na cõr, na imagem,
 Onde a Vontade e a Rasão se accordam,
 Esse, conhece o indefinido enlevo
 De uma cousa — o Prazer moral...»

Calado

Dario escuta e não comprehende nada.

Não comprehendera nada do que ouvira
 O prepotente; o egoista estava fóra
 Pela absoluta e irracional vontade
 Das condições normaes da natureza.
 Só lhe restava as emoções selvagens
 Do sangue e da vingança.

A voz do escravo

Fel-o pensar, veiu agitar-lhe a mente
 No torpôr sensual obscurecida,
 Visão tremenda de um porvir escuro :
 Um pequeno paiz, fóco do Bello,
 Que irradia as scientificas verdades
 A força bruta ao seu imperio quebra;
 Pelo impulso moral torna-se livre.
 Como a fronteira viva do Occidente,
 Salva os destinos da cultura humana,
 Iniciando essa força inquebrantavel
 Do poder espiritual da consciencia.

Dario succumbe ao desalento e tedio :
 Jaz como elle em torpor o Oriente inerte!
 Concedeu com desdem ao sabio grego
 Liberdade! Pythagoras respira,
 Democédes abraça e logo parte;
 Do Occidente o futuro o exalta e encanta :
 « No Egypto e Babylonia a *Theocracia*
 Vencida, exhausta, o militar *Imperio*
 Da Persia intenta avassallar o mundo!
 A *Democracia* ergue-se na Grecia
 Como barreira onde o Homem se defende.
 Na marcha ascensional, estes tres termos
 Tem implicito o quarto : esse o futuro
 Da sociedade humana transformada,
 Sob o poder espiritual da *Sciencia*,
 No racional, pacifico regimen! »

Pontifice inicial da Humanidade,
Veiu o sabio fundar na Grande Grecia
A memoranda Eschola d'onde emanam,
Desde Platão ao vago Illuminismo,
As doutrinas que a Consciencia elevam,
E tornam, obra de si mesmo, o Homem,
O *Enyrgma da Sphinge* ante o universo.

Sabios da Jonia! em transcendentes ditos
Rasgando o véo que fecha o ambiente
Do mundo oriental — confusos Mythos,
Sois a esplendida aurora do Occidente!
Da vida o pesadelo
Tornastes sonho bello;
E a realidade plena
Luz da Ideia serena.

CANTO TERCEIRO

ASPIRAÇÃO CONSTANTE À HARMONIA COMPLETA
SEM PODER OBTEL-A

ELENCO PHILOSOPHICO

DO

CANTO TERCEIRO

A TRINDADE SOCIAL

Depois da idealização da *Trindade natural*, a Terra, o Espaço e o Homem, segue-se ascensionalmente a *Trindade social*, que na sua sucessão, Família, Patria e Humanidade, encerra os elementos completos da harmonia humana. O sentimento da Família inspirou os primitivos hymnos domesticos e cultuaes; o sentimento da Patria suggeriu as grandes Epopéas nacionaes. O sentimento da Humanidade esteve sempre implícito nas manifestações da affectividade, e elaborado na acção do influxo universalista das Patrias ficou por longos seculos confundido com o ideal das religiões monotheicas. Eis por que se não pôde obter a harmonia completa d'esses tres sentimentos, que são o fundamento da vida social.

Procura-se dar expressão pittoresca a cada um d'esses sentimentos, que lentamente se foram subordinando, sem chegarem ainda ao seu acordo normal. Sob o titulo *As tres cordas da Lyra*, idealisa-se a Trindade affectiva, na Família, a Esposa, Filha e Mãe. Os hymnos do culto domestico inventados pelos paes ou Richis, deram á familia o vinculo religioso, por tal forma profundo, que esse typo familista prevaleceu em algumas das mais antigas civilisações. Pela reunião das familias sobre um cantão para a mutua defesa unificaram-se as fórmas cultuaes, e creou-se o nexo ~~omnium~~ da Patria, no territorio consagrado pelas sepulturas dos paes, como se vê no *Pomerium* de Roma. Foram realmente os Poetas que compuzeram os Hymnos (*sumna*) a palavra bemfazeja, e que formularam a *Carmen legis*, que harmonisava as relações civis, e pelos cantos epicos das lendas heroicas, estabeleccram a immortalidade

na especie. Mas as Patrias foram longos seculos hostis pela antinomia nacional; como fócos intensos de actividade, elevara-se da guerra de devastaçao á defeza, e da defeza ao trabalho, prevalecendo os costumes da paz. É n'esta phase, em que as religiões nacionaes se transformam em universalistas, que o sentimento de Humanidade transparece mal definido na encarnação da entidade divina; apresenta uma phase de *crença*, no proselytismo, de *dúvida*, na especulação metaphysica dissolvendo os dogmas, e por ultimo um estado de *consciencia*, que resulta da propria marcha historica das sociedades.

I

As tres cordas da Lyra**I. A Perola de Ophir**

Poema dramatico idealisando a Familia india, quando as tribus aryas tinham já chegado ás costas gangeticas, e creado a disciplina moral da monogammia, que motivou as civilisações progressivas. A concepção rudimentar d'essa disciplina está representada na submissão da Esposa até ao ponto de na viuvez acompanhar o marido lançando-se na fogueira funeralia.

II. Pobre Mãe

Quadro da maternidade no seu estado instinctivo, no meio de uma sociedade ainda em hostilidades naturaes, ou mesmo em um periodo de regressão.

III. Mater dolorosa

A expressão pittoresca de uma providencia domestica, que acompanha o homem desde a fraqueza do berço até ás grandes luctas da vida, com o mais surprehendente altruismo.

II

A Trindade activa**I. A devastaçao**

Descreve-se o instincto destructivo das raças e das individualidades barbaras, collocando o quadro em uma época em que se prevê o seu desaparecimento perante o desenvolvimento da actividade construtiva, que começa dando a esse instincto uma forma defensiva.

II. A grande Muralha

Symbolisação da immobildade da civilisação chineza, ou de typo familialista, não sómente pelo facto do isolamento material, mas sobretudo pelo excesso da auctoridade do costume obstante á circulação das ideias. Fred. Schlegel, na *Philosophia da Historia* (liç. III, p. 103 da trad.), escreve: «Esta grande muralha bem podia ser tomada como emblema, como symbolo do Estado que tem uma direcção propriamente sua, e que repele tudo o que é estrangeiro enquanto ás pessoas, aos costumes e ás ideias;...» A grande Muralha, destinada a defender o Imperio da China, essa muralha que se estende como uma serpente desde o golfo de Liaotung até aos verdes prados do Turkestan occidental, não cumpriu o seu destino: foi transposta pelos Tartaros, que se tornaram senhores do Imperio, mas ficaram moldados n'essa estabilidade familialista.

III. Anteo

Interpretação do mytho hellenico, em que se representa como do trabalho da terra resultou a liberdade individual, phenomeno social evidente na época medievica, em que da servidão da gleba sae o terceiro estado.

IV. O Pômo da Concordia

As Patrias são aqui representadas como fócos em que se desenvolve o sentimento ideal da vida collectiva, cuja expressão suprema é a Humanidade, e ao mesmo tempo cooperando historicamente para a sua realisação. E assim como a Discordia, no velho mytho, atirou á meza dos Deuses o pômo da belleza, com o distico: *Para a mais formosa das Deusas!* convulsionando o velho Olympo, o sentimento da solidariedade humana offerece o pômo da Concordia á mais bella das Patrias que serviram a comprehensão do sentimento de Humanidade. Athenas, Roma, Florença, Paris, qual d'essas Patrias nos preparou melhor o caminho para a edade normal?

III**Humanidade****I. O Deserto de Deus**

No isolamento das tribus semitas, que se desmembram no nomadismo e no cosmopolitismo, congrega-as o sentimento religioso, que coad-

juva a creaçao do ideal de Patria. Os Hebreus, em meio dos seus grandes desastres nacionaes, fortificam-se na concepção monotheica (*Iahveh*), mas desmembram-se desde que a universalism abrigando a especie humana sob essa ficticia unidade (*Adonai*).

II. A escada de Jacob

Visão subjectiva, ou sonho mystico da humanidade elaborando os seus Deuses, primeiramente personificados nos *Deuses-Natureza*, depois nos *Deuses-Homens* (anthropomorphismo) e por fim nos *Deuses-Mores*, synthetisando as doutrinas esboçadas pelos philosophos, e que constituem a consciencia da Humanidade.

III. Improperios de Job

Expressão do scepticismo oriental, pelo conflicto do Bem e do Mal, entre Iahveh e Satan, isto é, pela incongruencia de todas as noções absolutas, que afastando a intelligencia das relações criticas, lançaram-se na apathia de uma conciliação pela *Graça*. (S. Paulo).

IV. A ameaça de Prometheu

Expressão do scepticismo occidental, em que a fatalidade ou imutabilidade das leis naturaes, contrapondo-se ao capricho dos Deuses, conduz á concepção scientifica do universo esboçada pelo genio de Aristoteles. O Christianismo illudiu esta solução definitiva da Revelação da Humanidade no mysterio do Homem-Deus. Strauss explica a lenda christologica: «A Humanidade é o filho que nasce da mãe visivel, e do pae invisivel, isto é, do Espírito e da Naturcza». No mytho de Prometheu, segundo Eschylo, a lucta entre Deus e o Homem consiste na creaçao da *Justiça* em contraposição com a *Graça*; resistindo á crudelidade de Jupiter, Prometheu é levado pela piedade dos homens á proclamação da *Justiça*, e dotando-os com o Fogo emancipa-os do terror divino, tornando a especie a providencia de si mesma.

A TRINDADE SOCIAL

(*Família, Pátria e Humanidade*)

I

AS TRES CORDAS DA LYRA

I

A PEROLA DE OPHIR

(*Drama indiano*)

VIRUPA, velho eremita	UM EREMITA.
VAMADHEVA, sua filha	MENSAGEIRO.
MAGHAVAN, príncipe proscrito.	CÔRDO.

Nas margens do Cabul — Reino de Maghavan.

ACTO PRIMEIRO

A Pomba ferida

Na planicie do Pundjab, ao nascer do sol, VAMADHEVA, a virgem tímida aproxima-se da margem do Cabul para encher o seu cantaro.

Hymno da Virgem ao Sol:

Tudo se alegra e exulta,
Ao vêr como radiante
O Sol no espaço brilha!

Não sei que magoa occulta
Me toca n'este instante,
E a alma punge e humilha?

Olhar de luz acorda
O dia n'um relance;
Dá côn, dá graça e vida!

E eu d'este rio á borda,
Bem que a harmonia alcance,
Sou toada perdida...

Das tapetadas veigas
De vecejantes flores
Rescendem os matizes!

Resôam fallas meigas,
Segredos mil de amores,
Confidencias felizes.

Gemem ribeiras mansas,
Palram, gorgeam aves,
Os canaviaes ciciam!

Tecem os ramos tranças
Aonde as brisas suaves,
Brandas se adormeciam.

Nuvem sombria, infesta
Só para mim avulta
No edêlico recinto!

Tudo se alegra, e exulta;
Eu só na immensa festa
Não sei dizer que sinto.

Uma voz, d'entre os juncas:

Como é suave este canto! só o imita
 Um suspiro de amor. Oh não te escondas,
 Apsára encantadora do meu sonho;
 Escuta o grito em que minha alma vôa;
 Deixa vêr-te! Sê flor que desabrocha;
 Amar-te, como o aroma que se aspira,
 Morrer ferido por teus olhos vivos.

Vamadheva, para si, como suspensa e indecisa:

Que voz magoada e triste! Que segredos
 Virá dizer o frémito da aragem
 Nas ramagens flexiveis que baloiçam?
 Quem traduz a expressão d'esta verdura,
 Dos perfumes, do orvalho, do murmúrio
 Dos crystallinos rios? Sou, acaso,
 A irmã da natureza, a confidente
 De harmonias reconditas de amores?
 Como, esta luz que o Sol espalha, o encanto
 Da campina orvalhada, os sons eólicos
 De harpa remota que suspira longe
 Vêm responder ás vozes interiores?
 Sinto a alegria que a toada inspira,
 Ancia de vida, o riso, o amor, loucura....

Aproxima-se da margem do rio para encher o cantaro na corrente, e descobre entre os juncos deitado um jovem ferido e desfalecido.

Ensanguentado! e só?

(Deixa o cantaro e foge.)

A voz, extenuada:

Hora tão breve!
 Foi illusão da mente desvairada;
 Depressa me abandona. Ah, como é triste

Vêr as flores da vida desfolharem-se ;
 Por thalamo a frieza do sepulchro !
 Desfalleço, e á mingua de um consolo ;
 Rala-me o ésto da febre a ardente sêde.

Virupa, conduzido pela filha :

Ensanguentado ! e só ? Dize-me, filha,
 Aonde o viste ? O susto te desbota
 A côr da face candida, mimosa !
 Desamparado ? aqui ?

Vamadheva :

Leve suspiro
 Confunde-se com a aragem que cicia ;
 Não deixa ouvil-o a mûrmura corrente.

Virupa :

Deixaste aqui teu cantaro vazio ;
 Porque desmaias ?

(Descobre o moço desfalecido)

Filha, o peregrino
 Cansado e poento, em nosso lar conforto
 Encontra sempre ! E escondes tua face
 Agora ao triste, misero, ferido ?
 Vem; unamol-o ao seio. Inda respira...
 Debil, o peito bate...

Vamadheva :

Como é bella
 A pallidez mortal, que traz impressa
 No macerado rosto ! Os roxos labios
 São pétalas da flôr, quando emmurchece.
 Que lividez nos membros delicados !

Vão as aguas gemendo os seus pezares.
 Parece a pomba quando cae ferida
 Na torrente, e se vae perder ao longe,
 Longe do ninho, sobre a rocha alpestre.
 Tão criança, perdido! acaso as feras
 Na espessura da selva o accometteram?
 Cansado, nas fadigas da caçada
 Repousando talvez, adormecido
 Um áspide o ferisse aqui...

Virupa :

Oh, filha !
 Que importa d'onde volta o forasteiro?
 Quem pergunta ao orvalho quem o manda?
 Á andorinha d'onde vem? Escuta:

Hoá levava os annos da existencia
 Nas boas obras enlevado; ria
 Com intima alegria, ao vêr seu tecto
 Para o viandante extenuado, aberto.
 Nada abrandava o amor que o possuira!
 Sin, o deus, transmudou-se em peregrino,
 Quiz vêr sua constancia: o velho á porta
 Vem logo recebel-o, mas no encontro
 O deus conhece, e no transporte immenso
 Que a estranha vista causa, a alma lhe vôa
 Para a eternal mansão das primaveras,
 Onde em delicias de gandharbas lindas,
 Na eterna essencia, qual no oceano o orvalho,
 Sua alma se confunde!

Vamadheva, sobressaltada :

Ao longe, agora
 Um ruido de armas resôou; relincham
 Distantes os corceis....

Virupa, atento:

É ainda a guerra
 Nos plainos de Pundjab! árdidas filas
 De Maghavan o sceptro lá disputam.
 Deixal-as! Santa é a paz do eremiterio!
 Levemos o ferido; se ante o nume
 Fôr perfeita a intenção do nosso amparo
 Elle o hade acordar de novo á vida.

(*Levam-no.*)

ACTO SEGUNDO

O Convalescente

No eremiterio de Virupa, escondido entre magnolias, cercado de alegretes de flores.

Virupa, junto do mancebo:

Chora-me o coração, vendo-o prostrado,
 Planta mímosa que o tufão derriba!
 Nem os labios traduzem suas dôres.
 A fragil vida lhe devora a febre!
 Cedo a flor dos seus annos se desfolha;
 Dóe-te? Filha, lamenta o seu destino.
 Talvez que as tuas lagrimas sentidas...
 Como o orvalho alentando a flor que pende,
 Talvez que á vida o chame o doce pranto.
 Eu vou por esses valles á procura
 Das hervas mais balsamicas; com ellas
 Hâode curar-se tão profundos golpes.

O moço, em delírio:

Eii-as! no duro embate as hostes fremem!
 Sob os corceis alígeros retumba

A planicie... no estrépito das armas
 Confunde-se o estertor das agonias...
 Quero atirar-me ao férvido recontro !
 Meu sceptro brilha á luz do sol ardente ;
 Cae-me das mãos... Quem ha que o descubra
 Entre as lanças despedaçadas ?... Corre
 Em fuga o meu exercito aguerrido...
 Eu só, ferido ! em terra... O meu Imperio !
 Tenho ainda vigor no extremo lance !
 Quero avançar ! Quem me detem ?... Perdido.

Acorda no esforço que faz estorcendo-se, para erguer-se; depois cae outra vez desfalecido.

Vamadheva, aproxima-se d'elle, afasta-lhe o
 cabello do semblante, enxugan-
 do-lhe o suor :

Não posso supportar a magoa intensa
 Que o seu delirio causa ! Desfalleço,
 Morro do amor que dôr tamanha inspira.
 Ferido na batalha mortalmente !
 Ah, dera a vida para tel-o salvo,
 Criança, e no vigor da edade alegre ;
 Lê-se a expressão da infantil candura
 Nos labios retalhados pela febre ;
 Que fogo lhe incendeia a face linda !
 Bate o peito apressado ; ouço lá dentro
 Ralo de angustia acerba que o confrange.
 Como estas mãos tão brancas, delicadas
 Puderam sustentar a lança crua !
 Como o ferro brandido com violencia
 Veiu-o tocar-lhe o corpo, pômo de ouro
 Que sobre a sarça cae tocado ao leve !
 Suspira ! em vão sacode os froixos braços ;
 Exangue ao peito os leva ! Que demora,
 Meu pae sem vir ? e abandonado expira !

(*O mancebo abre os olhos magoados e fita os da donzella*)

Um riso doloroso nos seus labios
Transparece de subito. Procura
Com vista desvairada.....

O mogo, com pasmo, vendo-a :

É ella ! a mesma
Que me acordou, cantando, do lethargo !
Como não heide amal-a !

(*Alto.*)

As tuas fallas
São balsamo saudavel, que mitiga
O frenesim do vágado que prostra.
Tu me chamas á vida novamente,
E me levas contigo a esses mundos
De indizivel ventura, e me arrebatas,
Ditosa narteguí que no ár volteias.
Córas ? temes ? Não sou impio que toqæ
E turve o espelho da agua crystallina
Que em si reflecte o céo, o azul immenso ;
Nem tão duro, que sobre o chão sacuda
Gôta de orvalho que baloiça n'haste
A mirar-se na luz do sol brilhante.
Não córes ! é a mente que desvaira ;
O soffrimento o juizo me aniquila !
É sonho, acaso, quanto sinto e vejo ?
Foi-se-me um sceptro ; mas o amor, da vida
Renova a flor que eu via a definharse.
Tenho sède...

Vamadheva, aproximando-lhe dos labios uma taça de agua; enquanto bebe so-fregamente, a donzella para si:

Estas fallas me endoudecem !
 Sinto um langor suave que me prostra,
 Uma alegria inquieta que me impelle :
 Será amor, que o coração ad'vinha ?
 Desata-se-me o pranto irrepressivel.

O moço, afastando a taça :

Porque choras assim ? Mais bella ainda
 Na tua dôr, que importa o meu estado ?
 Junto de ti já nada soffro ! Agora
 A vida me trasborda ! É tão risonha
 A luz do sol que a face te illumina.
 A dôr é sombra que esse olhar enubla ;
 Sinto vigor, não soffro. Porque deixas
 As silenciosas lagrimas cahirem ?

Vamadheva, deixando ir as suas mãos aper-tadas entre as do moço :

Choro, por vêr que os dias passam breves,
 E te esqueces de mim quando te fôres ;
 Como as brisas que correm doidas, leves,
 E não tornam atraz a vêr as flores.

Das virações que vão, se ouvir não deves
 A mensagem que envio aos meus amores !
 Choro, por vêr que os dias passam breves,
 E te esqueces de mim quando te fôres.

Ella desprene as mãos e esconde a face, timida ; o silencio prolonga-se entre ambos. Vamadheva indo a sair :

Vou tecer-lhe a grinalda mais virente
 Das flores exquisitas do meu horto ;
 Talvez que no salém melhor traduza
 O sentimento ignoto. A voz me falta.

Ouve-se o canto de um rouxinol entre as magnolias do eremiterio interrompendo o silencio. Vamadheva apparece entrançando uma grinalda :

Meu rouxinol sentido,
 Descança ! que é tão alto
 Teu doce gorgear ;
 N'esses trilos vibrantes
 Não causes sobresalto
 Ao mimo dos amantes,
 Que sonha adormecido
 Sonhos de arrebatar.

Fui eu com meus arpejos
 Que o quiz adormecer ;
 De amor, de amor perdida,
 Com meus ardentes beijos
 Chamal-o-hei á vida,
 Matando seus desejos,
 Tornando-os a accender !

Suspendo o teu delirio,
 Meu rouxinol pequeno,
 Não cantes mais assim !
 No rosto seu, moreno,
 Vou pôr um branco lirio
 Colhido em meu jardim !
 Cingindo-lhe o semblante
 A flor o acorda logo,
 E assim com meu amante
 De amor se extingue o fogo.

Põe a grinalda na cabeça do moço, que parece adormecido ; elle acorda.

O mogo :

Se te não vejo, sinto o atroz desgosto,
 O desespero, o tedio da existencia !
 Envelheço na flor da adolescencia,
 Como a flor pende quando o sol é posto.

Que divina expressão brilha em teu rosto,
 E reluz n'essa vaga transparencia,
 Que faz sentir estranha confidencia
 Como o diaphano azul de um céo de agosto.

Sem ti o mundo é solidão escura !
 Sem ti o riso é ancia de estertor ;
 Por isso a alma sedenta te procura.

Sem ti a esperança é sempre dôr !
 Sem ti.... se não parece isto loucura,
 Como se hade chamar, se não amor ?

Virupa, trazendo as plantas balsamicas :

Filho ! começa a amar hoje a existencia ;
 Ri ; n'este lar és a alegria nossa ;
 O passado, que á mente se afigura
 Feio, horrivel, da tua mente afasta.
 As nuvens do teu céo passam lixeiras,
 Myriades de estrellas o recamam ;
 Tenue vergontea que o tufão desfolha
 Reverdece tambem, florí com vida.
 És tu como ella ; sim ? Bem vinda a hora
 Que o tecto meu sanctificaste ! filho,
 Porque estás sempre triste, e absorto scismas ?

O mogo :

Sinto uma dôr que me enlouquece e encanta ;
 Eu não morri, mas desampara-me a alma.
 Desmaio ante a luz que me dá vida !
 Fujo da sombra que ao deserto imploro.
 Não sei o que me inquieta e contraria
 A vontade suspensa !...

Vamadheva :

Talvez...

Virupa :

Amas ?

A C T O T E R C E I R O

O anel de Rei

VIRUPA, adormecido. MAGHAVAN e VAMADHEVA brincando distraídos.

Maghavan :

São teus olhos, quando brincam,
 Doida lagrima infantil !
 Trémulas gotas de orvalho
 Na vergontea a mais gentil.

Inquietas na haste flexivel
 A brisa as vem confundir ;
 E a dôr as lagrimas soltas
 N'um collar as sabe unir.

Assim teus humidos olhos
 São, se fito a negra côr !
 Elles, são gotas de orvalho,
 Estes, lagrimas de amor.

Teus olhos a amar me ensinam,
 Os meus gostam de aprender;
 Quanto mais te vou amando
 Mais sei que cousa é viver.

Vamadheva :

Dá-me a conta das estrellas,
 Dar-te-hei outros tantos beijos!

Maghavan :

São tantas, e tantas, elas,
 Como eu sinto de desejos!

Vamadheva :

Conta as areias dos mares,
 Dou-te outros tantos abraços!

Maghavan :

São milhares e milhares,
 Como a ti me prendem laços!

Vama-iheva :

Ganhaste a aposta, devéras?

Maghavan :

Porque não sorris, e córas?

Vamadheva :

Nos abraços dilaceras,
 Com teus beijos me devoras!

Sonhei contigo. Um sonho delicioso !

Maghavan :

Lembras-te ainda ?

Vamadheva :

O amor nunca se esquece !

Adormecido n'um vergel de flores

Fui encontrar-te ! — Ai, noite silenciosa ! —

Ao clarão do luar saudoso e vago,

Sobre teu peito, pérola brilhante

Tremeluzia vívida ! Pergunto

Receiosa a mim mesmo — um deus por certo

Veiu honrar nosso albergue ?

Maghavan :

O amor illude.

A pérola, que a vista te deslumbra

É d'este annel....

Vamadheva :

Annel de rei....

Maghavan, *completando a phrase:*

Vencido !

Irmãos crueis do reino me despojam ;

Na batalha sangrenta derrotado,

Junto ao Cabul me acoito perseguido.

Dilacerado occulto-me entre os juncos ;

Foi ali que te vi ! Se um dia o throno

Reconquistar de novo, acceita o élo

Que hade cerrar de amor nossa cadêa.

(Dá-lhe o annel.)

Virupa, acordando :

Sois Maghavan ? o rei em nosso albergue ?
 Ah, não ter braço para as armas prompto,
 Não ter o fogo dos virentes annos,
 Para dar hoje em prol de vós a vida !
 Velhice vergonhosa, que me prostra,
 Que me redobra mais o desespero
 De não poder brandir na dextra o gladio,
 E dominando as árdidas phalanges,
 Dar-vos patria e um throno merecido.

Maghavan, para a virgin :

Occulta-lhe o mysterio das palavras
 Que ao dar-te o annel eu disse. Se o descobre,
 Repentino desgosto a tua vida,
 O thalamo, o porvir, a ideal ventura
 Enluctará de subito ! Triumphas ?

(Fica pensativo.)

Vamadheva :

Porque estás triste ? O sol que resplandece
 Offusca-se entre os nimbo do occidente ;
 Que magoa assim te enubla essa alegria
 Que tinhas junto a mim, se ambos scismando
 A mudez exprimia intimo anceio ?
 Essa alegria, que era o enlevo da alma,
 Loucura de esperança fugitiva,
 Expressão de um sentir que se não falla ?
 Porque estás triste ?

Maghavan :

É a hora da partida.

Virupa :

Vae, como a sombra siga-te a ventura !
 Ave que emigra de região distante,
 Assim na tua patria aches abrigo !
 O throno, o sceptro alcançarás, e a gloria.
 Ante os teus pés o oásis sempre encontres,
 Onde mates a sêde abrasadora,
 A fresquidão da palma do deserto,
 O repouso no sonno passageiro ;
 O conforto no lar onde te albergues,
 O carinho na mão que te receba !
 És como haste arrancada do seu tronco,
 Que vae florir bem longe transplantada ;
 Eu choro ! Pobre filha, ella nem falla.

Maghavan, *para o velho* :

Oh santo Purohita, as tuas bençãos
 Têm os poderes da Gayátri excelsa !
 Em horas de agonia e desalento
 Aqui déste-me a vida, a esperança ;
 Era o que tinhas. Que mais ha no mundo
 Que alimente a aspiração anciada ?
 Ferido, abandonado, achei teus braços
 Abertos para mim, estremecidos !
 Ao meu gemido um cantico responde,
 Voz sentida de amor, voz que adormece
 Pungir acerbo de cruciantes dôres !
 Para os golpes um balsamo saudavel,
 Lagrimas puras foram orvalhadas
 Na planta debil que o tufão quebrára.
 E eu vou deixar-te. Instante passageiro
 Que gera a immensidade da tristeza !
 Vou, como a folha que o nordeste arranca,
 E pelo chão arrasta e vae perdida !

Bem vés, sou como a flámmula ondulante
 Que a hoste impelle, e para traz acena;
 O destino me leva! Para onde?
 Quem sabe? busco um sceptre que hei perdido.

Vamadheva:

Sem ti, como serão tristes os dias
 De tanta soledade em que nos deixas!
 O rouxinol saudoso e confidente,
 Que á noite, ao luar, cantava no arvoredo,
 Preludiando o sonho em que embalavas
 Minha alma n'essas fallas que dizias,
 Não mais virá soltar a endecha ociosa,
 Nem lembrar-me horas breves que passaram
 Como uma estrella errante em noite estiva.
 As flores engracadas, vicejantes
 Que em meu horto nasciam rescententes,
 Com que eu tecia as candidas grinaldas
 Para ornar-te a cabeça, que pendia
 Em meu regaço ás vezes... murchas hoje,
 Não mais hâode exhalar tantos perfumes,
 Embalsamar o ambiente, onde sósinhos
 Scismando nos voava a existencia.
 Foste o froixel de uma ave, a aza do vento
 Trouxe-te aqui distante; haste flexivel
 Prendeu-te a si, e o vento hoje te leva;
 O mesmo sôpro essa vergontea esfolha!

Maghavan, *para si*:

E não ter fallas com que a dôr exprima!
 Não ter nos olhos lagrimas copiosas!
 Eu sinto o phrenesim d'esta agonia.
 O que posso eu dizer com que a console?
 Como ella cásse dolente entre meus braços.

Querida, eu parto para longe, longe;
 Ah não te esqueças de quem te ama tanto,
 Ah não te esqueças d'este amargo pranto
 Da despedida!

Na despedida eu emmudeço e choro;
 Ah não te esqueças de um feliz passado,
 Ah não te esqueças d'este amor jurado
 Por nós, querida!

A vida um dia hade sorrir-nos, creio;
 Ah não te esqueças do que chora ausente,
 Ah não te esqueças da afflição pungente
 D'esta partida.

Cumprida crê minha promessa, breve,
 Ah não te esqueças d'esses bellos dias,
 Ah não te esqueças... Se te esquecerias
 Que és minha vida!

(Enxugando as lagrimas de Vamadheva)

Um dia perguntavas-me: « Que dores
 Te fazem triste? ou que presentimento
 Se afigura de longe ao pensamento
 Interrompendo o sonho dos amores? »

Lembra-se-me o porvir! lembram-me as flores
 Que não têm sol, em ermo estiolamento;
 Lembra-me o adeus do nosso apartamento,
 O horror da vida, se esquecida fôres!

Duas palmeiras quando estão distantes
 Remota viração da soledade
 Leva a casta mensagem, são amantes.

Nós temos uma igual felicidade!
 Para alentar o amor como era de antes
 Une as almas o élo da saudade!

Bem vés, querida,
 Na despedida
 D'esta partida,
 Que és minha vida.

ACTO QUARTO

Veni Sponsa mea

1.^º QUADRO: *Na solidão do Eremiterio*

Vamadheva :

Quando o tinha a meu lado, ria, louca ;
 O amor me entontecia; era um folguedo
 Cada instante da vida! Hoje a tristeza
 Enlucta quanto vejo : o Sol que nasce
 Não traz a rutilante luz tão bella ;
 A lympha que suspira, não exprime
 O som mavioso de um faminto beijo:
 Não sei para onde vôa alheada a mente
 Desvairada, perdida. Para onde olho,
 Tudo me infunde tedio, o desalento.
 Fujo do meu jardim, languescem tristes
 Sem a amiga solicita essas flores,
 Que o thalamo aromatico teciam ;

Pendem á mingua de agua ; sou como elles,
 Desbota-se-me a face, foge o riso
 Dos labios... Que será o que em mim sinto ?
 Como são longos estes dias ! Triste
 Esta campina ! atroz a soledade !
 E o passado, feliz, que desespéra.

Virupa :

Que tens, filha ? sempre erma e pensativa,
 Não descobres a dôr que te amortece,
 Nem ouves as palavras que consolam ?
 Não te escondas de mim. Conta-me, filha,
 Que desgosto recondito te punge ?
 Bem vés, vendo-te triste soffro tanto !
 É o amor que te faz andar sósinha,
 E te leva perdida pelas brenhas ?
 E solta de teus olhos mudo pranto
 Que n'um scismar gracioso te embevece ?

Vamadheva :

Se é amor o que faz pensar só n'elle,
 E acordar d'este sonho a cada instante,
 Sentir o desespero do passado,
 Amo tanto...

Virupa :

Não chores, doce filha !

(À parte, e com tristeza :)

Não sei se alimente uma esperança
 Impossivel ! Um principe como hade
 Vir entregar-lhe aqui a realeza ?
 Mas pôde tanto a força de um destino !

(Alto:)

Ah, não chores assim! Dize-me, filha,
Elle amava-te?

Vamadheva:

Deu-me o annel de esposa.
Vêde-o: prende-nos intima lembrança
A cada instante da angustiada vida.

(Para si:)

Descobri o segredo!... Atroz desgraça
Agora me perseguirá; se o golpe
Sobre mim cae de subito!... Esmoreço!
Bem m'o dissera Maghavan um dia
Mettendo o annel no dedo!

Virupa:

Contra a sorte
Eu sei uma Oração que o mal quebranta;
Heide ensinar-t'a, filha!

(Com surpresa:)

Um eremita
Cansado e poento vem; a recebel-o
Filha, corre! no teu regaço leva
Dos fructos mais saudaveis, odorantes.

O Eremita:

Ancião, a quem os annos já cercaram
A fronte de uma auréola divina,
A teu lar me conduz a boa nova!

Virupa :

Oh, dil-a !

O Eremita :

Aqui um principe proscripto
Achou amparo e amor no teu albergue !
De novo ha conquistado o excelso throno.
Elle hoje a ti me envia. Ouve a mensagem,
Das boas obras colhe cedo o fructo.
Atraz de mim já chega uma Embaixada,
Para aqui vim guiando-a sollicito ;
Vimos buscar de Maghavan a esposa.

Vamadheva, *lançando-se nos braços do pae:*

Ah, não posso ir sem ti. Quem ha no mundo
Que me possa arrancar d'entre teus braços
Sem me levar a vida ? Choras ! Dize,
É a alegria que o teu rosto alaga
De lagrimas copiosas e ferventes,
Por vêr que ascendo o promettido throno ?
É a tristeza o cruel presentimento
De que heide abandonar-te, só, á mingoa
Na velhice cansada e veneranda,
Que inunda os olhos teus roxos, magoados ?
Não me aparto de ti !

Virupa :

Acceita, filha,
O convite do teu real esposo.

(Entra a Embaixada apparatusa.)

Eu sigo-te ! seguir-te, para onde ?
Como posso deixar meu tecto, abrigo
De tantos peregrinos ! Onde, agora,
Terá conforto o misero viandante ?

Como posso deixar o eremiterio
 Que este arvoredo silencioso ensombra,
 Que eu vi nascer, por minha mão plantado ?
 Quem hade ouvir as aves quando cantam
 Nas ramagens, ao pôr do sol, á tarde ?
 Quem virão despertar os passarinhos
 Sobre o côlmo deserto gorgojeando ?
 A serpe despe o envolucro mosqueado,
 E serei eu tão perfido como ella ?
 Deixar-te, filha, ir só é impossivel,
 O coração estala sob o peso
 Do inesperado lance. Eu vou contigo.
 O peregrino, o arvoredo denso,
 O manso arroio, a ave que suspira,
 Hâode entender a dôr que um pae supporta,
 Perdoar-me, sentir a despedida.
 Sitios da minha infancia, e dos amores
 Que a vida aqui tranquilla me embalaram,
 Rio plangente que trépido deslizas,
 Adeus ! minha alma vôa n'este grito.

(Choram olhando para o Eremiterio; a Embaixada leva a donzella deslumbrante de graça.)

2.^º QUADRO: Entrada de Vamadheva no reino do Esposo.

Oôro :

Quando a rútila aurora além desponta,
 Recamada de aljofres matutinos,
 Por virações travessas ladeada,
 Que adiante vão graciosas derramando
 Os perfumes das pudibundas flores,
 Para enfeitar-lhe a rapida passagem,
 Não vem tão bella, como a real Esposa !

Outro côro :

Vamadheva ! que amor seu nome inspira !
 Irmã de Sacuntala, a flor mais linda
 Dos palmares gangeticos ! Uma ave
 Quando parte de algum paiz distante,
 E traz ao cólmo aonde poisa a nova,
 A boa nova da estação das flores,
 Não vem tão bella como a real Esposa !

Outro côro :

Vem languida, das calmas do deserto ;
 Como se inclina sob o oppreso seio
 Do venerando ancião, que lhe dá sombra
 Como um vetusto cedro á tenra planta !
 Vem triste ! é desalento da fadiga.
 Alegra-te ! hoje em teu semblante puro
 Hade fulgir coroa diamantina ;
 Para ti Maghavan conquista um sceptro ;
 Alto valor, a liberdade, a gloria
 N'esses sonhos de amor tu lhe inspiraste ?
 Como um orvalho que a abundancia espalha,
 Assim nos traz ventura a real Esposa !

Vamadheva :

A anciedade de vel-o me enlouquece !
 Não vem ? Porque será demora tanta ?
 Ah, não pôde esquecer-me ?

Virupa :

Porque choras ?

Vamadheva :

Fatal presentimento!

Virupa :

Falla!

Vamadheva :

Tremo....

Revelei meu segredo! atroz desgraça
Se me afigura já.

Um Mensageiro :

Negro destino!

Não volta o rei do campo da batalha
Ao desfilar dos esquadrões ovantes;
Não se encontra o seu corpo entre o destroço
Dos recontros cruentos! Talvez morto?
A noite desce; inda ninguem o ha visto;
Desde que o sol é nado, anda perdida
A célebre quadriga em que voava!

Vamadheva :

Se é morto o meu esposo!... Vou segui-lo.
Duas gotas de orvalho crystallinas
Se se confundem trémulas, unidas
Cáem ao chão que sequioso as bebe.
Tal é a morte para amor tão firme!
Vou na chamma apurar esta alma triste
Para fundir-se n'uma mesma essencia.
A labareda rubra seja a purpura
Que o magnanimo rei dá hoje á esposa.
É rico, excenso throno a ardente pyra.

(*Vae a precipitar-se na chamma; o pae levanta os olhos ao céo para dizer a Oração omnipotente.)*

Virupa :

Perder meu lar ! e vêr-te morrer, filha !
Oh Gayátri que a sorte escura vences,
Eu te proclamo com vehemencia e assombro :

— Fatiga o pensamento,
Dá cansaço o labor !
Mas nunca um só momento
Pede repouso o amor.

O amor sempre carece
Que em effusão se diga,
Por mais que se confesse,
Sem n'isso achar fadiga.

O amor dá vida, alento,
Só vence a morte o amor !
Ame-se o sofrimento,
Ame-se mesmo a dôr. —

*O Côro, vendo caminhar para a fogueira
a Sati :*

Como ella sobe aéria deslumbrante !
Parece a prateada borboleta,
Não a amedronata o crepitar do fogo ;
A luz dá-lhe expressão fascinadora,
Das gandharvas as fórmas vaporosas !
Lá vae cahir....

(Gritos da multidão, que a contempla :)

Vozes :

Detem-te, Vamadheva !
Eis teu Esposo que aparece ao longe.
Rasteiro ao chão vem seu corcel na brida ;
É elle ! vôa em rapida carreira !

Maghavan, sustendo a Sati :

Oh Vamadheva ! oásis na existencia,
Desce a meus braços ! chama-te a agonia
De vêr-te assim da sepultura ás bordas.
Vem abrasar-tę n'esta chamma viva
Do amor em que os teus olhos me inflammaram.

Todos :

Ame-se o sofrimento,
Ame-se mesmo a dôr.
O amor dá vida, alento,
Venceu a morte o amor !

II

POBRE MÃE

Como era triste o vél-a! a mãe afflita
 Junto á praia do mar;
 Pobre negra, ululando, á não maldita
 Dolorosa a acenar.

Roubaram o seu filho! Ao seio ainda
 O trazia; arrancaram-n'o do peito,
 Seu amor!
 Roubaram-lh'o... Enlouquece! delirante
 Na rocha solitaria a vér se o via
 Se vae pôr.

Ao pôr do sol, á tarde, na agua viva
 Da corrente, banhava com disvelos
 O seu bem!
 Orgulhosa de o vér, de vér-se um dia
 Retratada nas faces da criança,
 Ria a mãe!

Sorrindo, olhava em roda! Nos seus ninhos
 A prole tenra e nova taes afagos
 Gosa assim?
 E banhava o seu filho na corrente;
 Sorria a natureza, estava o dia
 Já no fim.

Aqua acima, remava barca leve,
 Era a náyade inquieta a espriguiçar-se
 Pelo rio;
 A mãe sorriu mostrando-lhes o filho,
 Os que vinham, levaram-n'o! seus prantos
 Quem ouviu?

E foi a mãe nadando após a barca ;
 Sem saber proferir a voz dos impíos,
 Suspirou ;
 Suspirando, cansada, n'um penhasco
 Que á flor de agua desponta, olhando ao longe
 Se assentou.

Como era triste o vél-a, assim afflita
 Junto á praia do mar,
 A filha do deserto, á não maldita
 Dolorosa a acenar !

« Senhor ! por que me deste uns braços debeis
 Se o não posso apertar, e se m'o roubam ?
 Dôr fatal !
 Por que me deste uns olhos para vél-o ?
 Labios para beijal-o, se consentes
 N'este mal ?

« Licôr de uma palmeira que emmurchece,
 De que serve este leite agora, filho,
 Já sem ti ?
 De que vale esta luz que tudo inunda ?
 Este céo estrellado para onde ólho,
 Se o perdi ?...»

Longo tempo gemeu ! por fim, cansada
 Sumiu-se n'agua; ai n'agua que mysterios
 Ha tambem !
 Descia a noite negra, escondeu tudo ;
 Assim na fria vaga ella se esconde,
 Pobre mãe.

III

MATER DOLOROSA

Restruge a grossa chuva,
Espalha o raio o brilho !
Da mãe erma e viúva
Nas águas anda o filho.

Os troncos susurrando
No vendaval sonoro,
Fingem o rir de um bando,
Finados n'algum côro.

O mar freme na vasca
Da tétrica procella !
E aos silvos da borrasca
A mãe na angustia véla.

Eis pallida se prostra
Da Virgem-Mãe diante ;
Que é mãe, assim lhe mostra,
Que soffre n'esse instante.

A alampada lhe accende
No horror do temporal ;
De lagrimas lhe pende
Dos olhos um ramal.

Não é, mãe, necessário
Teu voto. Se amas tanto !
São contas do rosario
Aljófares do pranto.

II

A TRINDADE ACTIVA

I

DEVASTAÇÃO

Ávido de gloria, audaz e violento,
O Duque de Krok, o joven guerreiro,
Movido de instinto bestial, carniceiro,
De sangue sedento,
Um dia pergunta exaltado a sua mãe :
— Dizei-me o que faça meu braço iracundo,
Para que o meu nome se espalhe no mundo
Com fama, que nunca o esqueça ninguem ?

Responde a mãe velha, como uma Sibylla
Que observa o presente na marcha fatal,
E vê do futuro o fulgor que scintilla,
E vago se esboça na linha ideal :
« Tu tens dois caminhos ! Segue o que te apraz :
Ou como um flagello do céo destróe tudo ;
Ou torna-te o escudo
Da ordem, justiça, harmonia e da paz ! »

O seu bruto instinto segue o Duque logo ;
 Ajunta homens de armas, ladrões, assassinos !
 Cidades gaulezas a ferro e a fogo
 Sessenta devasta nos seus desatinos.

Terrivel, valente,
 Seu braço iracundo
 Espalha o terror; e seu nome no mundo
 Repete execrando a memoria da gente.

Quando elle até Arles levava o destroço,
 Inflige-lhe prompta, implacavel derrota
 A Legião romana, invencivel colosso
 Que sae ao encontro da horda e a amarrotta.
 D'aquelle flagello terrivel e serio
 Liberta-se a Gaula ;
 E ao Duque, mettido nos ferros da jaula,
 Como uma alimaria
 Feroz, sanguinaria,
 Mandaram mostral-o por todo o Imperio.

Quão longe se estava da accão constructiva
 Da obra da paz !
 Por isso, Estratéges, Reis e Generaes,
 A gloria das grandes batalhas campaes,
 Aonde do sangue corre a onda viva,
 Seduz-vos e apraz.

Da Humanidade
 Ouvir não quizestes conselho de mãe !
 Um dia entrareis n'essa jaula tambem,
 Tereis o desprezo da vil crudelade,
 Expostos a opprobrio de edade em edade.

II

A GRANDE MURALHA

O sabio Hoang-ti, depois de um longo
Governo de justiça e de ventura,
Não quer que a morte lhe arrebate o sceptro
Sem firmar paz eterna em seu reinado.

Chama os ministros todos a conselho :

« Tem meu Celeste Imperio, com certeza,
Nas regiões do mundo a primazia !
Quem proclamou moral igual á nossa ?
Aonde mais immemoriaes costumes ?
A nossa paz, d'esta semente fructo,
A nossa paz os barbaros invejam.
Almejam de meus povos a ventura !
E com que pressa não virão render-se
Do meu cutelo á paternal justiça ?
É por isso que os barbaros nos cercam,
Como as ondas a um baixel ovante ;
Longe, ao longe, vêm para nós crescendo,
Não nos podem vencer pela prudencia,
Serve-os a força bruta, e rudes contam
Triumphar por insolitos costumes !
É dever meu erguer um dique immenso
Contra a onda violenta que se enrola,
Fechar olhos á luz fascinadora
Com que vêm desvairar nosso juizo ;
Quero manter a tradição dos éuos,
O thesouro ineffavel, puro, illeso
Da ventura que os povos meus distingue.
Qual de vós põe remedio a mal tamanho ? »

Os ministros fallaram de supplicios,
Sonharam guerras, propuzeram mortes,
Delinearam conquistas estrondosas !

Em nada achou recursos o Monarcha.
Por fim rompe o silencio; illuminado
Pelo clarão de generosa ideia,
Logo Hoang-ti, o paternal, o sabio
Exclama :

« Achei um infallivel plano,
O céo m'o inspirou, é o diadema
Que circumda de gloria o meu reinado.
Os seculos dirão : — Hoang-ti foi grande !
Que um amplissimo cinto de muralhas
Cerque o Celeste Imperio. Contra elles
Quebrem-se as ondas da invasão selvagem.
É este o meu decreto: o Imperio o cumpra ! »

Sublime empreza, digna em todo o sempre
Do maior dos Monarchs que ha na terra !

Do vasto Imperio os povos são chamados
A pôrem mãos á obra; honram-se os livres
Carreando os blocos da Muralha espessa;
Elevam-se os escravos dando o sangue
Para a argamassa que cimenta as pedras.
A Muralha imponente altiva cresce,
Como a perder de vista se prolonga;
Descommunal serpente, o mundo espanta.
Os Cyclópicos muros nada podem;
Do Egypto as Pyramides reunidas
Que ficam sendo ao pé d'esta Muralha ?
Venham Tartaros, Scythas, venham todas
As raças mais sanguisedentas do orbe
Quebrar o impeto ante real fronteira;
A paz do Imperio está inabalavel.

Quando um dia a Muralha ficou prompta,
O velho Imperador, mais sabio ainda,
Ladeado de subditos attentos,
Saíu a visitar a obra gigante !
Regorgita de jubilo o Imperio.
Que festa universal ! Triste o monarca
Baixou ao chão o olhar que sentenceia,
Os ministros attonitos o cercam ;
Mas Hoang-ti não falla ! Pois quem ousa
Interrogal-o então ? Li-ssé, o astuto,
Seu primeiro ministro, talvez possa.
Li-ssé fallou com singular cautela.
Previdente o Monarca lhe devolve :

« Segura é a Muralha, com verdade !
Não poderá transpôl-a horda estrangeira ;
Porém, eu sei que existe uma outra força
Mais poderosa do que as duras armas,
E do que os braços que brandil-as sabem :
Chama-se a essa força — o Pensamento !
Transpõe os diques materiaes que encontra,
Revolta os povos, como o vento rijo,
Quando sacode a secular floresta.
Do Pensamento o impulso desvairado
Dispersa as crenças, tradições, costumes,
Como o uragão no sáfaró deserto ;
Quem sabe d'onde vem ? Ante o seu vôo
Baqueiam thronos, glórias se dissipam.
Contra elle o que pôde a grã Muralha ? »

Ninguem previra um mal tamanho e ignoto !

O primeiro ministro, então sorrindo,
Com o tino que o trouxe a tanta altura
A sós fallou ao paternal Monarca.

Estava salva a paz do vasto Imperio.

Promulgou-se n'aquelle dia mesmo
Um energico Edito :
— As Bibliothecas
Sem escolha serão pasto das chamas ;
Morte a quem sequestrar ao fogo um livro ! —

Pôde o sabio Hoang-ti, após um longo
Reinado de justiça e de ventura
Pôde expirar tranquillo ; a paz do Imperio
Fóra o sonho de gloria seu, constante.
Mais alto que a Muralha impenetravel,
Levantou-se do incendio o espesso fumo,
Que envolve a China e fecha-lhe o horisonte
Á luz do Pensamento que progride.

III

ANTÉO

Era n'uma outra edade
 O homem do homem escravo!
 Rojando abjecto, ignavo
 Na crassa obscuridade
 Das Ficções, com que o astuto Sacerocio,
 Explorando a boçal sinceridade,
 Vivia inerte no ocio.

E era, n'outra edade,
 O homem servo do homem !
 Da sua actividade
 A força lhe consommem
 Privilegiadas Castas da nobreza,
 Que fruiam pela arbitrariedade
 Opulencia e grandeza.

Ficções da Theologia
 Ao bom senso se esváem ;
 Idiotas, na apathia
 As Castas regias cáem !
 E esse ente abjecto, ignaro, ente maldito,
 O escravo do irmão, que o irmão servia,
 Á gleba fica adstricto.

A Terra é sempre Mãe! dá força a quem a toca :
 Quando Antéo succumbia exhausto na batalha,
 Se elle a terra toucou — vigor novo o provoca
 Para a lucta: assim fez ao que a terra trabalha.

Foste o moderno Antêo, oh servo adscrito á gleba;
A terra te insuffiou esse vigor activo,
E a gargalhada alvar! Quem ha que a não perceba?
Com ella dissipaste o terror oppressivo!

Fizeram Religiões do trabalho uma pena,
A maldição de Deus imposta á Humanidade!
A Nobreza reagiu ao dogma que condenna,
Faz da devastaçāo marcial heroicidade.

Os Dogmas separaram entre si as Raças,
O Privilegio fez perpetuar o abuso;
Mas o Trabalho, então, moralisando as massas
Trouxe a concordia, a paz; o Direito entra em uso.

Homem! que buscas mais na via dolorosa,
Onde ao nascer te achaste envolto na mortalha?

— Fazer do Templo escuro
E Chimera divina
A Eschola luminosa!
No esplendido futuro
Fazer da Officina
O campo da batalha.

IV

O POMO DA CONCORDIA

I

Epulae solemnes

Ficou sagrada a terra
 Onde teve a Familia primitiva
 Dos seus paes a adorada sepultura!
 Ah, como a Patria encerra
 O lar inextinguivel, chamma viva
 De uma familia ideal, grande e futura
 Que de edade em edade
 Se expandiu n'um sér novo — a Humanidade.

E foi cada cidade
 Uma Patria, elevando o sentimento
 Á concepção universal fraterna!
 Quando ahi, n'um commum ajuntamento
 Se funda a igualdade
 Que as familias governa,
 A união que o triumpho á paz promette
 É jurada entre todos n'um banquete.

Não sonha Sparta em bellica perfidia
 Que n'Andria, no festim que junta o povo,
 Nem Creta, nos manjares da Phytidia,
 Nem no Convivio popular de Roma,
 E Ghilds da Germania,
 Da grei humana como a união assoma
 Instinctiva, espontanea
 No esboço que inicia um pacto novo.

Cada conviva em Roma entoava um canto
 Em honra dos heroes e antepassados,
 Que são da Patria o nexo !
 Hoje, os Povos chamados
 Ao festival immenso do progresso,
 Sejam a voz de um côro augusto e santo
 Do hymno do porvir
 Que no abraço fraterno os hade unir.

No Olymbo, á mesa excelsa e apparatosa
 Dos numes no festim, nefasto dia !
 Lança a Discordia um Pômo, onde se lia :
 « Para aquella das Deusas mais formosa ! »
 D'ahi eterna guerra
 Entre os Deuses se ateia ;
 A crença se dissipá á luz da ideia,
 E ao celeste odio oppõe-lhe a paz a terra.

No convivio dos Povos, a Harmonia
 Da Arte e Philosophia
 O Pômo da Concordia alegre atira :
 « Á mais bella das Patrias, para aquella
 Que em sua actividade
 Mais no mundo infundira
 E esplendido revela
 O sentimento da Humanidade ? »

II

Athenas

Do rochedo da Acrópole, no alto
 Vasta planicie existe, como asylo
 De populaçao fraca e foragida.

Ali, nas priscas éras se acoutavam
 Pastores e agricolas; a medo
 Desciam á planicie, ao vir da noite
 Ou quando a costa infestam os piratas
 Ao planalto se accolhem. Quem se lembra?
 Era a vetusta e prística Cecrópia,
 Fundada na defeza e no trabalho!
 A protecção da primordial cidade
 Disputam entre si Deuses supernos!
 Qual sobre ella hade vir a ter dominio?

Athenéa e Neptuno ambos disputam,
 Pretende cada nume enriquecel-a
 Com um dom generoso.

Abre-se a lucta:
 Com o tridente, audaz Neptuno fere
 Uma rocha, d'onde uma fonte brota,
 E exclama:

— De Cecrópia aos habitantes
 Dou-lhe o sceptro dos mares, e esquecidas
 As navegações grandes dos Phenicios
 Hão-de ficar. Subjuguem, triumphantes,
 Carybedes, Sympélages, e altivos
 Dos Argonautas ao heroico cyclo
 De expedições longinquas dêem inicio! —

Por sua vez tambem falla Athenéa;
 Crava no chão a lança, e faz-se logo
 Oliveira florente. A Deusa exclama:

« Da priméva Cecrópia os moradores
 Iniciarão no mundo a actividade
 Da paz, e pela luz do pensamento
 Através das edades serão guia

Da grei humana da verdade em busca,
 Rompendo a nevoa dos sombrios dogmas.
 E assim como no mar os navegantes
 A dez leguas a minha lança avistam
 Na limpidez do mar azul, de longe,
 Tal o homem n'este oceano immenso
 Das edades, aqui verá o fóco
 Da irradiação da luz da intelligencia.»

Qual d'estes dons merece mais estima ?

Erechtheo logo a dadiva prefere
 De Athenéa; e no alto do rochedo
 Levanta á Dèusa da Sabedoria
 Uma estatua. E desde essa hora Athenas
 Pela marcha da historia austera e grande
 Tornou-se a Patria do homem sér-pensante.

III

Roma

A cidade fechada nos seus muros
 Estava circumdada
 Das sepulturas dos antepassados.
 Essa veneração que impõem mortos,
 Á defeza commum obriga os vivos !
 Tal o poder que do *Pomoerium* nasce.

Quando, apôs, a cidade mais se alarga
 Por conquistas de vastos territorios,

O *Pomoerium* se amplia, consagrando
 O novo solo, e o dever impondo
 De sustentar da Patria a integridade.
 Cede o direito de cidade, Roma,
 Ao orbe inteiro! Desde aquelle instante
 O *Pomoerium* a humanidade abrange.
 Religiões, que os povos embalaram
 No sonho da existencia; odios de raça,
 Privilegios pessoaes, soberanias,
 Apparatos da força, o egoismo
 Das nações que se invadem, tudo fica
 No imo do alicerce sepultado
 Do alto muro, onde o homem se defende
 Contra as forças fataes do ignoto cosmos
 Pela rasão e pela liberdade.

Quando na Roma decahida, escrava,
 Crimes imperiaes tudo atropellam,
 No *Pomoerium* se inscreve alta divisa:
Pax ubique! A concordia em toda a parte.
 Roma, então, poder novo recupera
 Pela acção do Direito; e presentindo
 A aspiração ideal da Humanidade,
 O costume da paz impõe ao mundo.

IV

Jerusalem

Fiz de Iahveh, o Deus tremendo e forte
 Solitario no espaço,
 Um Pae universal e previdente
 Da humanidade inteira!

No socego das tendas do deserto,
 Nas noites estrelladas
 Eu tive o sonho da Esperança infinda:
 Vi Adonai! Seu templo é o universo;
 Que as almas se unam pela mesma crença.

Jerusalem! logar de segurança,
 Sion! a fortaleza inquebrantavel
 Diante das miserias da existencia,
 Nos desastres sociaes, nas agonias
 De quantos têm soffrido e têm chorado:
 Sou a cidade santa, unica Patria
 Onde as aspirações todas se encerram.
 Assim me viu o anonymo Propheta
 De Babylonia, na hora da ruina,
 Como o Reino de Deus na terra aberto!
 O Vidente de Páthmos na velhice
 Viu-me! o sonho dourado e ledo do homem,
 Nos sibyllinos cantos proclamado
 Ao ruir de um mundo! Grito de esperança
 Nos cataclysmos que as nações derrubam!
 Eu affirmei: — Seja o universo um templo,
 Una um Deus unico a Familia humana. —

V

As Patrias

O Poeta que uniu na mente, um dia,
 A Arte, a Sciencia e a Philosophia,
 Foi chamado a proferir sentença.
 Illumina-lhe a fronte a luz intensa
 Que destaca a Verdade da Chimera,
 E diz assim, com magestade austera:

— No mundo oriental
 Prepondera
 A chimera
 Da terrivel trindade:
 A Dôr, a Morte e o Mal,
 Na divina e cruel Fatalidade!

No Occidente predomina a lucta
 Contra a lei bruta
 Que arrebata n'um vórtice a existencia ;
 E na conquista da realidade
 Jámais interrompida,
 Proclamou-se o imperio da consciencia
 E o prazer da vida!

Ao apagar-se o consagrado Fogo
 Sobre os altares de colonia grega
 D'Asia Menor, mandavam buscar logo
 Do Prytaneo de Athenas ao recinto
 Fogo que se lhe entrega
 Para a renovação do Fogo extinto.

Tal por vezes se encontra a Humanidade.
 São colonias do grego pensamento
 Hoje as nações da terra ! E em cada edade
 Se esse clarão se apaga, n'um momento
 Fulgor de Renascença as illumina
 Tirando-as da barbárie e da ruina.

E a pobre terra que serviu de asylo
 Ás tribus perseguidas dos Pelasgos,
 De Heráclidas e Jonios em mil penas,
 Sempre orientada por humanos rasgos,
 (Quem não hade n'um hymno proferil-o ?)
 É o templo ideal do Bello — Athenas !

Da Humanidade és tu Patria primordia ;
Como aurora do dia da consciencia,
 Será teu seio o engaste
 Do Pômo da Concordia !
Porque só tu, oh Héllade, sonhaste
O mais alegre sonho da existencia.

III

HUMANIDADE

I

O DESERTO DE DEUS

Escolheu Iahveh um Povo, e fel-o
D'entre as nações da terra o seu eleito!
Deu-lhe a Lei, deu-lhe a graça, a benção pura.
E Israel encontra-se entre as gentes
Pela excepção divina — solitario,
Com esse isolamento dos malditos.

Não quiz que o sangue impuro de outras raças
Girasse nos seus filhos! Odios fundos
Quebraram-lhe as fecundas allianças;
Não quiz que outras riquezas, por iniquas,
Se trocassem pelas que tem no seio,
E assim ficam estereis seus thesouros.

Lançou a maldição sobre as cidades,
 Pois que só Israel possue Prophetas
 Para exaltarem de Adonai o nome!
 Mas as nações, crescendo como as ondas
 De um grande mar, o immenso mar da vida,
 Na enchente envolvem o escolhido Povo.

Como nuvens caliginosas, densas,
 Colossos militares nas fronteiras
 Rugem tremendos com feraes ameaças!
 Como rue a procella sobre o cedro
 Que tem por pedestal o monte, e as aguas
 O arrastam na indomita torrente,

Que de vezes succumbe o Povo eleito!
 Nos captiveiros Israel chorava
 Nos dolorosos threnos dos prophetas;
 Das tradições a Arca é profanada,
 Sob a terra nefanda do estrangeiro
 Têm sepultura os velhos patriarchas.

Mas dissera Iahveh, na voz sublime,
 Que ao Povo seu daria a liberdade,
 E elle crente a aguarda sob algemas!
 Em vez da escravidão do Egypto antigo,
 Deu-lhe a soltura e o tedio do deserto,
 A promissão, a Esperança infinda.

Foi livre no deserto quarenta annos,
 E no esteril deserto errante á mingua
 Divagou proseguindo uma miragem!
 Emquanto o facho aério o conduzia,
 E suave maná lhe vinha do alto
 Fôra andando, mas sem cuidar para onde.

Eis, que os povos da terra amaldiçoados
Subjugam com trabalho a natureza,
Fundem metal, sulcam a terra, os mares,
Levam a toda a parte obra, riquezas,
Dão vida ao pensamento pela escripta,
Tomam posse do mundo, e fraternisam!

O deserto é sem fim, sem fim o tedio;
Faz regressar ao bruto! O Povo eleito
Decae inerte em condição ignava.
Quando alfim promettida terra avista
Só não pôde entrar lá o duro guia,
Porque á rasão subordinára a Esperança!

Oh Povo eleito entre as malditas gentes,
Preferiu-te Iahveh, deus solitario,
Para tornar-te o eterno vagabundo.

II

A ESCADA DE JACOB

Errante nos desertos, com cansaço
 Pobre pastor caminha;
 De além das terras vinha
 Das campinas de Harran. No incerto passo
 Entra em Bethel, exhausto de fadiga!
 Isolada palmeira á sombra o abriga,
 E cae, entregue á sorte, em abandono
 N'um prolongado sonno.

O sonno! elle é a vida inconsciente,
 Como um lago sem margens reflectindo
 As apparencias e o aspecto lindo
 Do universo infinito, suprehendente.

Teve o pastor adormecido um sonho
 Deslumbrante, risonho,
 N'uma visão esplendida, indecisa,
 De uma grandeza que o enlouquecia!
 Desde a terra, onde misero agonisa,
 Até ao céo azul que o cobria,
 Até tocar do empyreo excelsa crypta
 Ergue-se Escada mystica, infinita!

As torres de degráos de Ur-Casd antiga,
 Os templos colossaes, nenhum imita
 Essa Escada que aos céos a terra liga!
 Vê por ella o pastor immerso em sonno
 Subirem jubilosos
 Os Elohim gloriosos,
 Espíritos que cercam de El o throno.

Do pastor a visão tambem abarca,
 Ascendendo sem ouras,
 As gerações vindouras
 Das tribus que o terão por patriarcha,
 Até se confundir sua existencia
 De Deus na immanencia.

*

Oh sonho encantador! visão intensa
 Que esperanças encerra
 Para o pastor errante que vivia
 Por asperos desertos, sem destino!
 Assim a Humanidade sonha um dia
 Na peregrinação triste da terra,
 Phantastica visão de intima crença
 Na Escada mystica do ideal divino.

Como um baixel submerso,
 A Humanidade contra o mal que a aperta
 Nas luctas em que lida,
 Das impressões complexas do universo
 Ascende a Escada mystica, liberta
 Da agonia fatidica da vida!

Na ingenua admiração a Terra adora,
 Os montes, mares, rios, as estrellas,
 As trevas e a aurora,
 O sol, as cousas bellas,
 Quanto ostenta do espaço a redondeza!
 Expressão mysteriosa do ignoto
 Elevou no seu voto
 Culto ao *Deus-Natureza*.

Da Natureza ás forças e ás fórmas
Dá-lhes a vida que em si mesma sente !

Do universo no ambiente
Tudo segue da acção patentes normas.
E dos Fetiches o grosseiro cipo
Que os séculos consommem,
Personifica-o no humano typo
Até chegar ao culto do *Deus-Homem.*

Oh Deuses-Homens ! Athys e Thammuz,
Mithra, Zagreus, Osiris e Jesus,
Nasceste para a dôr e para a morte !

Vós reflectis a sorte
Da Humanidade em lucta contra o mal,
Entre risos e lutos !
Sois a expressão dos altos atributos
Do nosso sér, tornado *Deus-Moral.*

Vós sois de inextinguivel energia
Emanação remota
Da lei do Sér, que não destróe nem cria,
De uma transformação na infinda rótâ !
Na ascensão d'este sonho almo, divino,
Após ritos e dogmas e mysterio
No fim da Escada mystica, em seu tino
Attinge o homem da consciencia o imperio.

Como Jacob pelo deserto errante,
Tambem Baruch o santo, pensativo
Subiu a Escada mystica triumphante :

Identifica em seu esforço activo
A Virtude com a Felicidade ;
A Vida transitoria e vacillante
Do universo com a Eternidade !

Com a Vontade incognita divina
A harmonisar ensina
A humana Liberdade !

III

OS IMPROPERIOS DE JOB

Deitado sobre o monturo,
 Todo coberto de chagas
 Vertendo pús,
 Da sorte no transe escuro,
 Encara as dôres, as pragas
 O varão de Hus.
 Firme sempre em sua crença
 Inabalável resiste
 Á atroz sina,
 Vendo na sua presença
 Dos filhos a morte triste,
 Da casa a ruina!

E das ancias na agonia,
 Na angustia sereno e crente,
 Com piedade
 Conformado repetia:
 « Faça-se do Omnipotente
 Sua vontade!
 Dá o bem, e o mal adverso,
 Já nos exalta, ou degrada
 Dando o castigo!
 Deus é tudo no universo;
 Que é o homem? cinza, nada!
 A Deus benéfico ».

*

De Iahveh junto do throno
 Apressado Satan chega
 Com ruim nova:
 — Job soffre ao abandono
 Crente em ti! Hoje m'o entrega
 A outra prova.
 Está resignado á sorte,
 Ao vêr a casa, sem queixas,
 Que se incendeia;
 Dos filhos a horrivel morte...
 Do corpo as chagas... Mas deixa
 Sondar-lhe a ideia? —

Disse Iahveh a Satan,
 No trovão que o espaço abala:
 — Desce! Eu observo
 Tua teimosia vã;
 Sincero e recto, se falla,
 É o meu servo. —
 Eis que a Job de repente
 Vem a esposa desolada,
 O rosto esconde;
 E pergunta tristemente:
 « É Iahveh tudo, o homem nada!
 Mas tu responde:

« Porque é que Deus mortifica
 Ao varão justo, e ante os passos
 Lhe põe a pedra?
 E a quem sempre o mal pratica
 Ante elle, impios e devassos
 Tal gente medra? »

E como a mulher insista
 Com um sorriso ferino
 Com que blasphema,
 Até ao chão baixa a vista
 Job, e do humano destino
 Sente o problema:

— N'este mundo, passageiros
 Nos achamos arrojados
 Sem ter abrigo!
 Ante Deus somos herdeiros
 Dos nossos antepassados
 Para o castigo. —
 Eis que chega de Thaman
 Eliphaz, homem que pensa
 Sobre taes cousas;
 Vendo o amigo em tal affan:
 « Crêr do justo a recompensa
 De Deus inda ousas? »

Job, tornou: — Porventura
 Nossa corpo resuscita
 Em outra vida;
 E lá na mansão futura
 Nós teremos melhor dita,
 Quem o duvída? —
 Vem de Suhit outro amigo,
 Bildad, assim era o nome,
 Mudo, ali, pára!
 Vendo de Job o castigo
 E quanto a lepra o consomme,
 Lhe perguntára:

— « Porque é que o Mal coexiste
Com Deus, que é o Bem summo ?
Isto perscruta !
Qual dos dois por si subsiste ?
Ou são dois Deuses, presumo,
Na eterna lucta ? » —
Job respondeu sereno :
— No mundo o Mal é a prova
Da segurança
Com que de Deus o aceno
No homem justo renova
A confiança.

Chega Tsophar o Naamita,
Vê Job em tanta miseria,
No esterquilinio !
Para o chão se precipita,
Com fronte sombria, séria,
N'um raciocinio :
— Se o universo celebra
Impenetraveis mysterios
Do Omnipotente,
Que em sua vontade quebra
Homens, thronos e imperios,
Todo o existente ?

De que vale o nosso esforço
Nas veredas da justiça
E da piedade ?
Não ha gloria, nem remorso,
Pois nos vence n'esta liça
Fatalidade !

Deixemos nossa alma inerte
Na corrente em que fluctúa
 Vogando á sorte,
Sem que do sonho desperte,
Até vir a garra crúa,
 Fria da morte.

Dizes que Deus dá e tira ;
E edifica a tua crença
 Reino immortal ;
No fundo, a rasão admira
A apáthica indifferença
 Perante o Mal. —
E quando assim feras chovem
Sugestões, com que Satan
 Maior mal faz,
Appareceu Elihu, o joven
Que é da geração de Ram,
 Fino e sagaz :

— « Como entrou o Mal na obra
D'esta Creação perfeita
 De Iahveh ?
Ou o espirito suspeita,
Que erros, defeitos de sobra
 Estão de pé.
Se a Lei fatal sempre impéra
E por vontade latente
 Tudo acontece ;
Bem ou Mal, simples chimera,
Dever, absurdo evidente,
 Mais me parece !

O Mal só entrou no mundo
 Por via da Intelligencia,
 Quando a Rasão
 Quiz vêr sentido profundo
 Na universal existencia
 Sempre em' baldão.
 Vivia n'um torpôr doce,
 Passividade animal
 Sem ter cuidado
 O homem! Mas arrancou-se
 Da inconsciencia terreal
 Por tal peccado.

O Mal é errado conceito,
 Se ás eternas harmonias
 Acha incerteza!
 Tudo o que existe é perfeito
 Da transformação nas vias
 Da Natureza.
 Das palavras o sentido
 Figurado e absoluto
 E sem verdade;
 Deu corpo ao sonho mentido,
 Pondo em ethereo reducto
 Méra Entidade.

São assim o *Deus* do crente,
 O *Dogma*, que nos engana
 A piedade;
 Dos codigos *Lei* vigente,
 Mesmo a *Ordem* soberana
 Da Auctoridade.

Symbolos, doutrinas, mythos
 Expressões do Mal se tomem
 Por absolutas:
 Pois seus continuos conflictos
 No Livre-Arbitrio do homem
 Só lá escutas.

Busque o homem pela Sciencia
 Lei immutavel que rege
 O orbe a esmo!
 Seja unica Providencia,
 Embora o accoimem de hereje,
 Para si mesmo. » —
 Assim Elihu fallára,
 O pensador atrevido,
 Por intuição
 Da credulidade ignára;
 Mas longe sôa o ruido
 De um trovão.

Fogem os tres companheiros
 Que a Job davam conforto,
 Como temendo
 Que cáiam montes e outeiros,
 Cada um ficando morto
 No orco horrendo.
 E como se o despertasse
 De um terrivel pesadelo
 Intima voz,
 Illumina-se-lhe a face,
 Quebra Job o ignoto élo,
 E exclama apôs:

— Eu vivi na inconsciencia
 Da minha felicidade ;
 Eis que ella muda !
 E fico sem resistencia,
 A vér quando por piedade
 Iahveh me acuda !
 Cahí na abjecta miseria,
 Achei-me no horror submerso
 Da afflição !
 Mas de uma Vontade séria
 Quem já notou no universo
 A intervenção ?

Rasto de luz sempre deixa
 Quando se perde uma estrella
 Por esse espaço !
 Sómente o homem se queixa,
 Porque a morte o atropella
 Ante o seu passo.
 Que é mais o homem, diante
 Das leis que regem o mundo,
 Que o vil insecto
 Que esmaga o pé do viandante ?
 Folha, que o vento iracundo
 Leva do abeto ?

D'entre as vagas e estilhaços
 Da vida n'este naufragio,
 A salvação
 Para o que conta com os braços
 Tem mais seguro presagio,
 Que na oração...

Senhor do proprio destino
Seja o homem, — de si um dia
A Providencia!
Esvae-se o sonho divino
Que nos lançou na apathia
A existencia. —

*

E Job, o varão constante
Desce ao rio pelo atalho
Que lá conduz;
Lavou-se; e n'aquelle instante
Voltou activo ao trabalho
O justo de Hus.
Reconstitue a riqueza,
Filhos, familia, alegrias
Qual mais suprema!
E morreu, conforme reza,
Velho e farto de dias,
O grande Poema.

IV

A AMEAÇA DE PROMETHEU

PROLOGO

Eschylo, antes de entrar em scena para representar o typo de Prometheu, e observando a multidão :

Eu não venho buscar ufano o aplauso
Da multidão! Sessenta e cinco annos
Não querem disputar palmas, corôas
Aos noveis genios. Quem, ferido um dia
Se achou em Marathona, e viu o sangue
De seus irmãos correr em Salamina,
Na hora ingente, quando esteve em risco
Da Grecia a liberdade, e do Occidente
Todo b porvir, que era o futuro humano,
Não o assustam rumores estridentes
Da turba em desagrado! Ella proclama
Quem da lisonja com o aroma a embriaga...

Eu devo-lhe a verdade inteira e crúa!

Vou dar de alarme o aviso, desvendando
De um futuro tremendo a negra ameaça!
Nemesis implacavel traz a ruina
Da gloria, do esplendor que cerca Athenas.

As creações sublimes da Poesia,
 Da Eloquencia; o Bello realisado
 Na Architectura e na Estatuaria;
 Do philosopho as syntheses supremas,
 Tudo quanto revela o individuo
 No pensamento e acção, vae cahir tudo
 Na abjecção da lisonja dos tyrannos !

Vencêmos os exercitos da Persia ;
 Mas os Cultos da sensualidade
 Da Orgia divina vêm-nos da Asia
 Como uma lethal brisa que adormenta.
 É esse amor erotico da Syria,
 Da Phrygia a pia e estolida vertigem,
 As coréas da Thracia que enlouquecem !
 Vêm quebrar-nos as forças, dissolvendo
 Do espirito a máscula energia,
 E para a escravidão nos amollentam.
 Dyonisos arrebata os séres fracos,
 Escravos e mulheres, na loucura
 De um phrenesim, na hallucinação santa.
 Ante este Salvador todos se rojam ;
 Elle faz esquecer Eleusis, Delphos,
 Os Mysterios e Oraculos antigos.
 O Deus novo Dyonisos é o typo
 Do Tyranno divino ; a sua morte,
 Sua resurreição que a Grecia adóra,
 De longe triumpho ovante bem prepara
 Ao despota, que um dia se erga altivo
 E ao sepulchro do Oriente a arroje !

Mal haja quem do pranto faz delicias,
 E faz da dor sensualidade abjecta,
 Chamando a Deus — Senhor, rojando a fronte.
 Deuses-novos ! trazeis-nos o fermento
 Da servidão de Babylonia e Egypto !

Embora a multidão arrebatada
 Vá nas Dyonisiacas ruidosas,
 Ante os seus olhos ponho a lucta do homem
 Fundando a egualdade na *Justiça*
 Contra o *Arbitrio* de Deus ou dos Tyrannos.
 Quero mostrar-lhes como á Liberdade
 O Trabalho nos guia e torna fortes;
 E que a Dôr, não conduz ao desalento
 Mas á Revolta — onde o porvir humano....

.....

(*Ouve-se um concerto de Lyras como preludio. A multidão de trinta mil espectadores dd signal de impaciencia, que se accalma com uma marcha flangente de Flautas. Eschylo atira-se para o palco :)*

I

A dadiva do Fogo

Prometheu, acorrentado a um fraguedo do
 Caucaso, vendo a aguia a di-
 lacerar-lhe as entranhas :

Esta mudez das solidões do espaço
 Bem mais terrivel é, que o meu suppicio.
 Nada me escuta aqui! Ninguem conhece
 Meu sofrimento, e o ignorado crime.
 Melhor!... A compaixão de indiferentes,
 A pena dos covardes me humilhára.
 Dos páramos o aterrador silencio
 Faz que meu brado audaz se reperecta
 Pela mansão olympica, e perturbe
 O banquete dos Deuses. Frente a frente
 O algoz e a victima, hoje estamos.

Oh Zeus! a mim te vejo agrilhoado,
 Mais do que eu ao granitico rochedo,
 Porque eu sei o segredo do Destino,
 Eu só, sei o futuro que te aguarda.
 Sobre mim caia a Dôr excruciante,
 Desafio as angustias mais pungentes!
 Pois se eu sou immortal para soffrel-as,
 Eu sou igual a ti, Zeus! Mais, ainda,
 Porque heide rir-me, ao vêr-te do alto solio
 Precipitado. Tu distraes os ocios
 D'essa immortalidade em aventuras
 Com virgens e casadas, distribuindo
 O bem e o mal segundo teu capricho.
 Vivo eu na Dôr, e acceito-a como minha,
 Como o fructo que os Deuses não provaram.

Sempre cada progresso que se attinge,
 Cada capacidade que se adquire,
 Maior poder para sentir se alcança.
 Moral delicadeza, que nos torna
 Mais susceptiveis para o sofrimento.
 Deuses, sois a immutabilidade
 Da perfeição extrema e absoluta;
 Insensiveis, extacticos, egoistas!
 Foi isto o que me fez sentir piedade
 Da geração do homem!

Sobre a Terra

Com outros animaes se revolvia;
 E eu vi que persistente procurava
 Sahir da inconsciencia; vi-lhe as pedras
 Lascar, fazer punhaes, e defender-se
 Frente a frente contra os colossaes monstros;
 Arrancar-lhes a pelle, e contra os frios
 Cobrir-se, e excavar lóbregas furnas.
 Ente misero e pobre! Eu, condoido,

A piedade a Justiça me revela:
Fui justiceiro; eis do celeste Fogo
Raptei uma faísca, e instantanea
No meu nártex a trouxe e dei ao homem.

Como do Fogo a dadiva agradecê!
Mostrou-me quanto o valor todo alcança
D'essa força divina que as mãos lhe arma!
Desde que o homem soube atear o Fogo,
Sáe da humida sombra das cavernas,
Onde se confundira a par dos brutos;
Cortou as grandes arvores, que espéta
Sobre as margens dos lagos, onde funda
As cidades incolumes de assaltos.
Da casa o Lar é o centro, onde a Família
Com o poder dos paes se estabelece.
Sobre a Pedra focal, a labareda
Libertou-o das especreas chimeras
Dos terrores nocturnos; vae, distante,
Á exploração das regiões mais frias,
E descobre os Metaes, fundindo o cobre.
Eis que as armas mortiferas fabrîca,
Invencivel se torna, e audaz derruba
Os monstros, que ora ataca destemido.
Instrumentos de industria seu trabalho
Tornaram-lhe mais rapido e perfeito,
Oppondo a lucta contra a Natureza!
Fez os carros, arados, os navios,
O moinho, a serra, o bem estar seguro!
É tudo isto a creaçao humana,
De que é ciosa a creaçao divina.

Quanto a pósse do Fogo eleva o homem!
Tornou-o previdente; e meditando
Sobre o Fogo que ardia no altar de Estia,
No Prytaneo, no Lar e na Cidade,

Dos céos a Luz descobre em sua origem,
 O clarão racional espanta os Deuses.
 Bem haja o sofrimento que deriva
 De um acto tão fecundo! Feliz culpa;
 Porque colheu a mão ousada minha
 Da Arvore universal o pômo de ouro,
 Esse pômo da vida e da sciencia.

Oh Zeus! tiraste o homem lá dos lodos
 Com outros animaes, alalo e triste,
 A revolver-se inerte. Eu vou mais longe:
 O pensamento para a acção lhe insufflo!
 Eu só fui creador; este o meu crime.

II

A consolação das Oceanides

(Aproximam-se de Prometheu as bellas Callirhoe, Rhodia, Ianthe, Climene, Tiche, e outras filhas do Oceano, e cercam-no compassivas.)

As Oceanides:

Nós ouvimos na solidão gemidos....
 Dissemos: Alguem sofre? Mais descanso
 Sobre o leito das aguas não achámos.
 Vimos vér quem por consolação clama.
 E és tu? filho da Terra, e irmão querido;
 Para que é que assim luctas contra a força
 Da vontade de Zeus inquebrantavel,
 Sendo a favor do homem, mortal ente?
 Um sér fraco, e caduco, transitorio,
 Nada te pôde dar....

Prometheu :

Santas mulheres!
 Por vosso instincto affectuoso e meigo
 Soubeste achar a via dolorosa
 Do meu flagicio! Vós, melhor que todos,
 Sabeis comprehender meu sentimento.
 A fraqueza e caducidade do homem
 D'esse ente miseravel, despertou-me
 A profunda Piedade; e assim tocado
 (Não vos trouxe ella aqui?) achei-me erecto
 Vindicando a Justiça para esse ente
 Des valido de tudo. É a Justiça
 Sem interesse: dá, nada recebe.
 Eu á Justiça dei no mundo inicio.

As Oceanides :

Ante o solio de Zeus, elle hade ouvir-nos,
 Nós iremos rojar-nos lá. Por certo
 Breve terás quebradas as algemas!

Prometheu :

Santas mulheres! Zeus só o fizera
 Pelo preço da prostituição vossa!
 Julgaes-vos na éra do Naturalismo,
 Quando todos os seres igualmente
 Eram divinos! Hoje um só existe
 Com poder absoluto no universo.
 A Lei é uma só, — sua Vontade;
 É por isso implacavel no orgulho,
 No arbitrio com que dá castigo ou premio.

Santas mulheres! ide em paz, já basta
 Contemplar tanto horror; eu vos bemdigo,
 Porque em todos os tempos, n'esta lucta
 Com que o homem subjuga a Natureza,
 Vosso animo bondoso e puro sabe
 Levantar-lhe o espirito, e entendel-o!

As Oceanides:

De Zeus um mensageiro agora chega.
 Não nos é dado ouvir suas palavras;
 Que ellas sejam de paz e esperança.

(Sáem.)

III

O ecco da ameaça no Olympo

Hermes, baixando junto de Prometheu:

Zeus envia-me a ti; quer que se acabe
 O conflicto entre os Deuses; o perstigio
 Ante os mortaes nos tira; ás paixões d'elles
 Nos eguala. Mantenha-se conveniente
 Serenidade plena no alto Olympo!

Prometheu:

Eu detesto o perdão; é degradante,
 Rejeito-o por indigno. A Zeus declara
 Que não pense applanar o abysmo aberto
 Entre o algoz e a victima. É infindo.

Hermes :

Como pôr tréguas a tamanhos maies?

Prometheu :

Entre Zeus e mim não ha conflicto,
Como crêem no Olymbo, amesquinhando
Esta lucta, na adulação abjecta
Ao Senhor universal. A lucta
Dá-se entre dois principios : a *Justica*,
Creada pelo esforço lento humano,
E a *Graça* dos *Deuses* arbitrarria.
O conflicto na terra se repete
Dos Despotas coroados no capricho.
Embora Zeus em seu rancor me abafe
Como Encéiado ao peso de montanhas,
Hade sempre até elle ir o meu brado,
Porque é o grito eterno da Consciencia.
Revolução de encontro ao *Privilegio*
Que ao sér moral a dignidade affronta.

Hermes :

Afasto-me do fim do meu mandato ;
O attentado inaudito Zeus perdôa
Do roubo do sidéreo Fogo do alto,
Com tanto que se sirva d'elle o homem
Para destruição propria em suas guerras,
No incendio de cidades, nos inventos
Do sumptuoso orgulho e mil loucuras.

Prometheu :

Rancor de Zeus tamанho contra a triste
Misera especie humana, mais a eleva
Na minha sympathia.

Hermes :

Contra o homem
Não é bem o rancor... outro motivo....

Prometheu :

Qual seja?

Hermes, *maliciosamente* :

Está no implícito segredo
Com que ameaças o céo quando bravejas.
No estertor do teu atroz flagicio
Bradas aos quatro ventos: *Deuses novos*
Hão-de vir lançar Zeus do throno abaixo!
Bem vés, trata a divina Magestade
De conservar-se; e, é natural, procura
Descobrir esse usurpador vindouro.

Prometheu :

Vae-te! Se a angustia e a dôr não quebrantaram
Meu animo até hoje, o teu discurso
Não consegue arrancar-me um tal segredo.
Vae! És guia das almas dos que morrem,
Deves ter que fazer por esse mundo;
E eu estou fóra, vés, da lei da morte!

IV

Colloquio á Mesa dos Deuses

Poseidon :

Vago rumor distante.... Será Hermes;
Traz rapido a resposta da mensagem?

Arés :

Parece-me antes o ranger de dentes
Nas regiões tartáricas. No entanto,
Hera, enche-me o calix de ambrosia...

Zeus :

Silencio por instantes! Longe escuto...

Poseidon :

A voz de Prometheu, que se harmonisa
Com o rumor profundo do Oceano.

Zeus :

É a dôr que o confrange! Mas ouçamos!

*(Os Deuses conservam posições extáticas, silenciosos. Nos penetraes do Olympo
estremecem as mezas.)*

A voz de Prometheu:

Que importa que o alto Zeus omnipotente
 Alegre se compraz em trucidar-me,
 No goso egoista do absoluto imperio,
 Se as dôres que accumula em mim, um dia
 Se mudarão n'um prazer vivo, quando
 O vir lançado abaixo do seu throno !

(Rumor entre os Deuses que se entreolham.)

Oh Zeus! nada ha immovel no universo.
 Tudo o que existe se transforma! Os Deuses
 Não podem escapar á lei suprema.
 O *Cahos* primigenio, que imperava
 Absoluto no espaço, na accão lenta
 Do tempo foi por *Chronos* destronado.
 E quando parecia inabalavel
Chronos, pelo triumpho, vem *Saturno*,
 Inflige-lhe a derrota, e funda o imperio,
 Da paz no orbe! Por sua vez, mais tarde
 É destronado pelo proprio filho!
 Tornou-se Zeus o arbitro do mundo,
 O Deus universal, vencendo os Títans.
 Da previsao o dom faz-me vêr longe:
 Zeus vae já na fatidica corrente,
 Häode vir destronal-o os *Deuses novos*....

Zeus, rompendo o silencio temeroso dos Deuses :

Incommoda-me esta atrevida ameaça!
 Chocalha-me aos ouvidos noite e dia.
 Não haverá quem possa desvendar-me
 O segredo de Prometheu?

Uranos :

Eu penso,
Que voltando o universo tarde, embora,
Á primordial conflagração, impera
De novo o *Fatum* !

Hades :

Eu por mim, explico
Por outra fórmā: Ha quem adore Chronos
Pela ideia do tempo sem limites,
De *Zervan-Akerene* sob o nome.
Magos da Persia o culto lhe propagam.

Poseidon :

Os que esperam que sobre a terra voltem
Do reino de Saturno os aureos dias,
Fallam nas lustraes aguas, no mysterio
Da incarnaçāo viva de um Deus-Homem !

A voz de Prometheu, retumbando no Olympo :

Entretenham-se os Deuses com chimeras;
Esqueçam o futuro, e vão gosando
Omnipresentes a embriaguez celeste !
Eu guardo inquebrantavel meu segredo.
Trago-te á incerteza acorrentado,
Zeus! mais que a tua victima ao rochedo.
Aquelle a quem communiquei o Fogo,
Dos terrores divinos se emancipa;
Saberá dirigir o raio um dia,
Raptal-o ao céo, e tel-o ao seu serviço.
Ficará providencia de si mesmo !

(Os Deuses emborcaram grandes taças de ambrosia para se esquecerem e aturdirem.)

V

O Mediador

(No meio do banquete celeste entram as Deusas.)

Vesta :

Trago um alvitre; creio, me parece,
 Que entre o céo e a terra a paz implanto.
 Não se applaca o conflicto pela força.
 Eu, feminino eterno, reconheço
 Que a concordia a consegue o sentimento.
 O Fogo, que é o movel da contenda,
 Do antagonismo entre o Céo e a Terra,
 Seja o Mediador, Agni, bem vindo,
 Entre Deus e o Homem ! Mensageiro
 Que ao empyreo as orações eleva.

Todos os Deuses :

É bem achada a solução honrosa.
 O homem, grato ao accender o Fogo
 Santificou a Casa, fel-a um templo,
 E da Pedra focal a ára augusta.
 Presta ao Fogo do lar um culto ; é Estia,
 Que traz celestes bençãos, e lhe eleva
 Contemplativo o espirito ao ignoto !

Zeus :

O laborioso accordo entre a Vontade
 E a Rasão, achou-a o Sentimento.

Os Deuses :

Mas quem será o Mediador ?

Zeus:

Por certo,
Um *Homem-Deus* ! E seja então meu filho,
Heracles, o glorioso heroe, nascido
De Alcmena a mortal ! Que elle mostre
Sua origem divina, libertando
A Prometheu com nunca vista audacia !

VI

Flebunt euntes

(Os Deuses novos)

*Heracles, encontra no seu caminho Melkart
phenicio e Sandan lydio.*

Com força e com coragem pude, em lucta,
Vencer os grandes monstros que infestavam
A terra, e devoravam o homem fraco !
Dos charcos estagnados rompi diques,
Juntei mares ; destruo os prepotentes
Que, ao uso canibal das suas terras,
Roubavam e matavam o estrangeiro !
Hoje, no meu caminho me apparece
Um trabalho maior, nunca previsto :
Não é, não é phantastico Centauro,
Ou Cerbéro tricephalo do Averno,
Ou Leão de Nemêa.... Ante meus passos
Vós vos alevantaes, Deuses do pranto,
Do delirio da sensualidade,
Da hallucinada, feminil vertigem !

*

Onde quer que passaes deixaes o vento
 Da Orgia sagrada e da loucura,
 A morbidez doentia, resignada
 Na volupia da morte, que alimenta
 O mentiroso sonho de outra vida!
 Eu sou a acção, a lucta e o trabalho;
 Fiz a terra habitavel. Vós, dolentes,
 Só quereis pranto em volta de um sepulchro.
 Melkart, Sandan, seguis-me como a sombra,
 Procuraes confundir-vos no meu vulto.
 Engano! Haja entre nós eterna lucta.
 Vós sois incarnação de Baccho, o Oriente
 Dos aromas lethae, crenças passivas;
 Eu sou do Occidente a imagem franca,
 A energia, a acção, o pensamento.
 Cada um de nós siga o seu caminho!

(Hercules avança para as bandas do Caucaso. Ouve lamentos, e parte n'esse sentido. Encontra Prometheu acorrentado a uma rocha, e a Aguia a dilacerar-lhe as entradas.)

Nunca em minha presença hade a injustiça
 Campear impune! tens a teus pés morta
 A aguia faminta que te rasga os seios!

Prometheu, com espanto:

És tu Heracles, vencedor de monstros?
 Com a clava pujante tu limpaste
 A Terra dos carnivoros sangrentos;
 Bem conheço que as tuas mãos afogam
 O urso das cavernas, e atassalham
 O primigenio boi, o leão e o urus!
 Impuzeste o respeito pela vida
 Ao canibal Geryon. Tu és Heracles.

Heracles :

Não sou ninguem, emquanto ante meus olhos
Existir sofrimento! Dá que eu quebre
As algemas que os pulsos te roxeam!
Agora... Sou Heracles; estás livre!

Prometheu :

Eu te abraço na funda emoção da alma,
Como eu, victima inerme da injustiça
Dos Deuses! Pois nascido da virtude,
Por perfidia de Zeus foste gerado;
Sacrificado aos fracos, dão-te em paga
Emboscadas de perdição. Triumphas,
E mais te elevas. Nada tenho a dar-te
Senão do odio o segredo inviolavel:
— Deuses novos da Orgia e do delirio
Prestes vêm supplantar o velho Olympo!
Mas, antes que te assalte essa vertigem
Eu te ensino o caminho do Occidente:
Lá, os Jardins de Hesperides desvenda,
Dá a meu irmão Atlas liberdade!
Elle sabe os mysterios dos oceanos,
Elle te ensina as navegações grandes,
Com que da terra inteira tomes posse.
Só pela actividade do trabalho
Triumpharás da embriaguez divina
Dos Deuses-Salvadores do Oriente!

(Prometheu e Heracles vêm de mãos dadas ao proscenio, e começa o concerto final das Lyras. A multidão grita exigindo a marcha hallucinante das Flautas.)

EPILOGO

Eschylo, sózinho detrás da scena, depois da representação :

Não percebeu o povo o austero aviso !
Fatalidade ! Deuses e Reis da Asia,
Vindos pelo delírio religioso,
Pela servil bajulação aos grandes,
Minam da Grecia a força creadora !
Que me resta em Athenas de hoje em diante ?
Alastrá-se a vertigem ! Parto em breve,
E transporei o mar para bem longe,
Longe d'esta loucura que se infiltrá.
Mas, apesar de tudo, que saudade !
Em Athenas, é onde existe o homem
Do individuo na altivez completa,
Contra a dôr, na doutrina do stoicismo,
Contra os tyrannos, na demagogia !
Quando a razão humana em seus collapsos
Precisar libertar-se dos absurdos
Hade vir reaccender-se n'este foco.
Tu és, oh Prometheu, no mytho e n'arte,
Revelação do Individualismo ;
Sidéreo Fogo que trouxeste ao homem
Deu-lhe menos poder, que o teu exemplo
Na revolta contra a Fatalidade.

ÍNDICE

	Pag.
Dedicatoria: <i>A Theophilo e Maria da Graça</i>	V
— <i>Aos Poetas da Maior Dôr Humana</i>	VII
Proemio.....	XI

VISÃO DOS TEMPOS

Canto preliminar: Caracterisando successivamente todas as phases da existencia preparatoria.....	1
Elenco philosophico do Canto preliminar.....	2
O Tempo! O Tempo!.....	9
I. EVOCAÇÃO.....	11

Preludio lyrico

Carmen seculare.....	15
1. A voz da Tradição.....	15
2. Elaboração ideal.....	16
Melica.....	17
Epos e Gestas.....	18
Em volta do Thymele.....	18
3. Synthese affectiva.....	20
4. Clarté de tout.....	21
5. Canticum novum.....	22
6. Arte moderna.....	22

Preludio epico

	Pag.
Os Diorthuntes.....	25
1. O ideal de Patria.....	25
2. O Grande Sér.....	26
3. Côro dos Sabios.....	28
4. Côro dos Philosophos.....	30
Pascal.....	31
Leibnitz.....	31
Condorcet.....	32
Comte.....	32

Preludio dramatico

Os magna sonaturum.....	33
1. A missão dos Poetas.....	33
Mananciaes de vida.....	33
A Fonte de Jovence.....	34
Voz da Fraternidade.....	35
2. Virgilio.....	37
3. Dante.....	39
4. Camões.....	42
5. Os insubmissos (Byron, Goethe, Victor Hugo).....	45

Crescendo e rinforzando

O Psalterio (<i>Como harmonia da Edade theocratica</i>). Modo Lydio.....	47
A Flauta (<i>Como a harmonia da Edade guerreira</i>). Modo phrygio.....	48
A Lyra (<i>Como a harmonia da Concordia civil ou Democracia</i>). Modo dorico.....	48
 II. A LINGUAGEM DOS MYTHOS.....	51
I. O cahos das Edades.....	52
II. As Folhas da Sibylla.....	53
III. Paraíso perdido (<i>Judeia</i>).....	55
IV. O primeiro amigo (<i>Judeia</i>).....	57
V. O Fogo sagrado (<i>Iran</i>).....	58
VI. O Bétylo (<i>Chaldéa</i>).....	61
VII. Nectar e Necros (<i>Aram</i>).....	65
VIII. A Canção de Lemek (<i>Assyria</i>).....	68
IX. Quando as Pedras fallavam (<i>Chaldéa</i>).....	69
X. O Centauro (<i>Hellade</i>).....	70
XI. A columna de Fogo (<i>Israel</i>).....	73

	Pag.
xii. Os Deltas (<i>Egypto</i>).....	74
xiii. Babel (<i>Babylonia</i>).....	75
xiv. O Escudo (<i>Grecia</i>).....	76
xv. A Montanha (<i>Lacio</i>).....	77
xvi. O Pantheon (<i>Roma</i>).....	80
xvii. Nascitur ordo (<i>Roma</i>).....	82
xviii. Nirvâna (<i>India</i>).....	84
xix. O grande Calvario (<i>Europa occidental</i>).....	86
xx. O raio (<i>Germania</i>).....	89
xxi. Primus in orbe fecit Deos timor.....	90
xxii. O Lago.....	90
xxiii. Lux eterna (<i>Renascença</i>).....	91

PARTE I

Cyclo da Fatalidade

Idealização da unidade cerebral (acordo entre a subjectividade e a objectividade) a qual quando perturbada produz a retrogradação, alterando o estado synthetico, isto é, conduzindo da Lei para a Causa.....	92
Elenco philosophico do Cyclo da Fatalidade.....	94
A Tradição.....	97
Canto primeiro : Descensão mental e moral do relativo para o absoluto...	107
Elenco philosophico do Canto primeiro.....	108
A Trindade natural :	
I. Deméter, ou a revelação pela Mulher.....	111
II. O Céo, ou a revelação pela Luz.....	133
III. Carmen, ou a revelação pela Palavra.....	148
Kheder.....	169
Canto segundo : Perstigio do absoluto monotheico, polytheico e fetichico....	179
Elenco philosophico do Canto segundo.....	180
I. Os Seculos mudos.....	183
II. A Chimera oppressiva.....	224
III. Migração das Raças.....	240
IV. A Sphinge.....	270
Canto terceiro : Aspiração constante à harmonia completa sem poder obtel-a.....	287
Elenco philosophico do Canto terceiro.....	288
A Trindade social.....	293

	Pag.
I. As tres cordas da Lyra :	
I. A Perola de Ophir.....	293
II. Pobre Mãe.....	320
III. Mater dolorosa.....	322
II. A Trindade activa.....	323
I. Devastação.....	323
II. A grande Muralha.....	325
III. Antéo.....	329
IV. O Pomo da Concordia.....	331
III. Humanidade.....	339
I. O deserto de Deus.....	339
II. A Escada de Jacob.....	342
III. Os improperios de Job.....	346
IV. A ameaça de Prometheu.....	355